

O papel dos técnicos do Programa Escolhas na intervenção social com crianças, jovens e famílias de etnia cigana do distrito de Braga. A teoria e a prática da mediação intercultural.

Dissertação de Mestrado

Volume II

Micaela da Silva Veiga Lopes

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Ana Maria de Sousa Neves Vieira

Leiria, novembro 2021

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

# ÍNDICE DE APÊNDICES

Abreviaturas .....	iv
Apêndices .....	1
A.1. Elementos do consórcio.....	2
A.2. Consentimento informado .....	5
A.3. Guião das entrevistas semiestruturadas .....	8
A.4. Transcrições das entrevistas.....	12
A.4.1. Entrevista TPE1.....	13
A.4.2. Entrevista TPE2.....	25
A.4.3. Entrevista TPE3.....	48
A.4.4. Entrevista TPE4.....	68
A.4.5. Entrevista TPE5.....	89
A.4.6. Entrevista TPE6.....	106
A.4.7. Entrevista TPE7.....	121
A.4.8. Entrevista TPE8.....	145
A.4.9. Entrevista TPE9.....	161
A.4.10. Entrevista TPE10.....	174
A.4.11. Entrevista TPE11.....	184
A.4.12. Entrevista TPE12.....	199
A.5. Sinopses das entrevistas.....	211
A.5.1. Sinopse TPE1 .....	212
A.5.1. Sinopse TPE2 .....	222
A.5.3. Sinopse TPE3 .....	239
A.5.4. Sinopse TPE4 .....	258
A.5.5. Sinopse TPE5 .....	275
A.5.6. Sinopse TPE6.....	287

A.5.7. Sinopse TPE7 .....	299
A.5.8. Sinopse TPE8 .....	314
A.5.9. Sinopse TPE9 .....	330
A.5.10. Sinopse TPE10 .....	342
A.5.11. Sinopse TPE11 .....	351
A.5.12. Sinopse TPE12 .....	363

## ABREVIATURAS

ACAB – Associação Cantoral e Atunal de Barcelos

ACM – Alto Comissariado para as Migrações

APAC – Associação de Pais e Amigos da Criança

CASFIG – Coordenação de Âmbito Social e Financeiro das Habitações do Município de Guimarães

CERCIFAF - Cooperativa de Educação e Reabilitação para Cidadãos mais Incluídos

CLDS – Contratos Locais de Desenvolvimento Social

CPCJ – Comissão Proteção de Crianças e Jovens

EFA – Educação e Formação de Adultos

EMAT – Equipa Multidisciplinar de Assessoria aos Tribunais

IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional

IPCA – Instituto Politécnico Cávado e Ave

IPDJ – Instituto Português do Desporto e Juventude

PE – Programa Escolhas

PEAC – Programa de Distribuição Alimentar às Pessoas Mais Carenciadas

PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação

RSI – Rendimento Social de Inserção

SASE – Serviço de Ação Social Escolar

TPE – Técnicos do Programa Escolhas

# APÊNDICES

## A.1. ELEMENTOS DO CONSÓRCIO

**Tabela 1- Elementos do Consórcio do Programa Escolhas da 7ª geração do distrito de Braga<sup>1</sup>**

<b>Projetos – E7G</b>	<b>Elementos do Consórcio</b>
<i>B! Equal – E7G</i>	Agrupamento de Escolas de Maximinos
	Associação de Moradores de Maximinos
	BragaHabit - Empresa Municipal de Habitação de Braga
	Câmara Municipal de Braga
	Colégio S. Caetano
	Comissão Proteção de Crianças e Jovens - CPCJ
	Contrato Local de Desenvolvimento Social - CLDS
	Instituto Português do Desporto e Juventude - IPDJ
	Junta de Freguesia da Sé, Cividade e Maximinos
<i>Ei! Educação para a Inclusão – E7G</i>	Agrupamento de Escolas de Montelongo
	Comissão Proteção de Crianças e Jovens - CPCJ
	Cooperativa de Educação e Reabilitação para Cidadãos mais Incluídos - CERCIFAF
	Cruz Vermelha Portuguesa, delegação de Fafe
	Junta de Freguesia de Arões Santa Cristina
	Junta de Freguesia de Fafe
	Município de Fafe
<i>Eurobairro Underground – E7G</i>	Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco
	Agrupamento de Escolas Dona Maria II
	Agrupamento de Escolas D. Sancho I
	Associação de Moradores das Lameiras
	Comissão Proteção de Crianças e Jovens - CPCJ
	Município de Vila Nova de Famalicão
<i>Galo@artis – E7G</i>	Agrupamento de Escolas de Barcelos
	Associação Cantoral e Atunal de Barcelos - ACAB
	Associação de Pais e Amigos da Criança - APAC
	Instituto de Emprego e Formação Profissional - IEFP
	Instituto Politécnico Cávado e Ave - IPCA
	Junta de Freguesia de Arcozelo de Cristelo, Barqueiros, Paradela, Fornelos

<sup>1</sup> A tabela contempla os projetos analisados e os elementos do consórcio, por ordem alfabética.

<i>Geração Tecla – E7G</i>	Agrupamento de Escolas Dona Maria
	BragaHabit - Empresa Municipal de Habitação de Braga
	Câmara Municipal de Braga
	Comissão Proteção de Crianças e Jovens - CPCJ
	Inovinter - Centro de Formação e de Inovação Tecnológica
	Instituto Português do Desporto e Juventude - IPDJ
	Reis e Arantes Centros de Estudos
<i>Incluir em Synergia – E7G</i>	Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio
	Agrupamento de Escolas André Soares
	BragaHabit - Empresa Municipal de Habitação de Braga
	Câmara Municipal de Braga
	Comissão Proteção de Crianças e Jovens - CPCJ
	Instituto Português do Desporto e Juventude - IPDJ
	Junta de S. Lázaro e S. João de Souto
<i>Porta 7 – E7G</i>	Agrupamento de Escolas Francisco de Holanda
	Agrupamento de Escolas Fernando Távora
	Agrupamento de Escolas de Pevidém
	Associação Clube Alma Branca
	Associação de Moradores da Urbanização da Conceição
	Câmara Municipal de Guimarães
	Casa de Saúde de Guimarães - Clínica Paulo VI
	Comissão Proteção de Crianças e Jovens - CPCJ
	Coordenação de âmbito Social e Financeiro das Habitações do Município de Guimarães - CASFIG
	Instituto Padre António Vieira
	Instituto Português do Desporto e Juventude - IPDJ
	Jovens de Guimarães
	Tempo Livre Físico - Centro Comunitário do Desporto e Tempos Livres
Sol do Ave - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Vale do Ave	

## A.2. CONSENTIMENTO INFORMADO

## **Termo de Consentimento Informado**

*“As práticas de mediação intercultural dos técnicos do Programa Escolhas da 7ª geração, do distrito de Braga”*

Micaela da Silva Veiga Lopes, que exerceu funções na 6ª geração do Programa Escolhas, vem solicitar a sua participação no seu trabalho de investigação, no Mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria, subordinado ao tema *“As práticas de mediação intercultural dos técnicos do Programa Escolhas da 7ª geração, do distrito de Braga”*.

O objetivo do estudo é analisar as práticas de mediação intercultural realizadas por técnicos do Programa Escolhas, da 7ª geração, na intervenção social com crianças, jovens e famílias ciganas.

O estudo em questão trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, e conta com uma amostra de dezasseis técnicos. Esta amostra será constituída por dois técnicos de cada projeto do distrito de Braga que exerceram funções na 7ª geração do Programa Escolhas e que aceitem participar no estudo. A recolha de dados será efetuada através de entrevistas semiestruturadas gravadas e, posteriormente os dados obtidos serão analisados.

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que fui informado(a) do objetivo e metodologia da investigação intitulada: *As práticas de mediação intercultural dos técnicos do Programa Escolhas da 7ª geração, do distrito de Braga*. Estou consciente de que em nenhum momento serei exposto(a) a riscos em virtude da minha participação nesta investigação e que poderei em qualquer momento recusar continuar sem nenhum prejuízo para a minha pessoa. Sei também que os dados da entrevista semiestruturada, por mim respondida serão usados somente para fins científicos e destruídos pela investigadora após o estudo. Aquando do tratamento dos dados, estes serão codificados mantendo assim o anonimato. Os resultados do estudo serão por mim consultados sempre que solicitar. Fui informado(a) de que não terei nenhum tipo de despesas nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela minha participação nesta investigação. Depois do anteriormente referido, concordo, voluntariamente, em participar no referido estudo.

---

**(Participante)**

**Data** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Investigadora:**

Micaela da Silva Veiga Lopes



## A.3. GUIÃO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

## Guião de Entrevista Semiestruturada

O presente guião de entrevista semiestruturada surge no âmbito da dissertação de *Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social* do Instituto Politécnico de Leiria e tem por objetivo analisar e aprofundar os conhecimentos relativamente às práticas de mediação intercultural dos técnicos do Programa Escolhas da 7<sup>a</sup> geração do distrito de Braga.

Trata-se de uma entrevista para utilização académica e por isso garantimos o seu anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos.

Desde já agradecemos a sua disponibilidade.

<b>Entrevistado</b>	
<b>Projeto</b>	
<b>Data</b>	
<b>Local</b>	

Tópicos problemáticas	Objetivos	Questões
Apresentação dos projetos e dos técnicos do Programa Escolhas	Conhecer os técnicos e os projetos do Programa Escolhas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contextualize a criação do projeto;</li> <li>- Indique a missão e objetivos do projeto;</li> <li>- Fale-nos da sua área de formação referindo de que modo ela é uma mais valia para o êxito do projeto.</li> </ul>
Identificação do contexto de intervenção social dos técnicos do Programa Escolhas	Caracterizar o contexto onde ocorre a intervenção social dos técnicos do Programa Escolhas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em que contexto costuma realizar a sua intervenção?</li> <li>- Como caracteriza o público-alvo da sua intervenção?</li> </ul>
Identificação das práticas de intervenção social dos técnicos do Programa Escolhas	Perceber a forma como é realizada a intervenção social dos técnicos do Programa Escolhas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- De que modo chegaram ao público alvo do projeto e como garantem a sua continuidade?</li> <li>- Descreva sumariamente as suas práticas de intervenção social.</li> <li>- Quais as situações mais recorrentes com que se depara na sua prática?</li> <li>- Descreva uma situação que considere um caso de sucesso.</li> <li>- No seu entender o que foi preponderante para esse sucesso?</li> <li>- Descreva uma situação que considere um caso de insucesso.</li> <li>- No seu entender qual terá sido a principal razão para esse insucesso?</li> </ul>

<p>Identificação das práticas de mediação intercultural dos técnicos do Programa Escolhas</p>	<p>Identificar e tipificar as práticas de mediação intercultural desenvolvidas pelos técnicos do Programa Escolhas no apoio às crianças, jovens e famílias de etnia cigana</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Se tivesse que definir a sua intervenção, que <b>palavras chave</b> utilizaria e porquê?</li> <li>- A vossa intervenção é centrada apenas na criança e/ou jovem, ou, pelo contrário, é alargada ao seu <b>núcleo familiar</b>? Como descreveria a sua intervenção com a família?</li> <li>- Que importância atribui à <b>comunicação</b> no processo de mediação?</li> <li>- Face aos objetivos do projeto, fale-nos, contextualizando, de que modo a sua intervenção se pauta por uma ação mais <b>preventiva</b> ou mais <b>remediativa</b>.</li> <li>- Fale-nos de uma situação em que teve de atuar perante um <b>conflito</b>, tendo em vista a sua resolução.</li> <li>- Como classificaria a <b>relação do seu público alvo e a sociedade maioritária</b>, e de que modo o seu papel constituiu uma mais valia nesta relação.</li> </ul>
<p>Identificação dos obstáculos às práticas de mediação intercultural dos técnicos do Programa Escolhas</p>	<p>Conhecer obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural dos técnicos do Programa Escolhas com jovens e famílias de etnia cigana</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quais as maiores <b>dificuldades, obstáculos ou desafios</b> vivenciados na sua prática profissional com os jovens e as suas famílias?</li> </ul>

## A.4. TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

## A.4.1. ENTREVISTA TPE1

## **Transcrição da Entrevista - TPE1**

**Data** - 9 de fevereiro de 2021

**Hora e local** -17horas, via ZOOM

**Duração**- 33 minutos e 18 segundos

**Investigadora (Inv) – Boa tarde. Estamos aqui reunidos com uma técnica do Projeto *B!Equal E7G*, a quem eu vou dar a palavra já de seguida. Olá, boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *B!Equal E7G*.**

**TPE1** - O projeto surgiu do término do *Tetris*, ou seja, o *Tetris* de Santo Adrião terminou em 2019 e na altura a professora Teresa contactou a *Cáritas*, mesmo em cima da altura de entregar a candidatura e disse-nos para ficarmos com o projeto, que aquela zona era uma zona muito carenciada e que precisava mesmo de intervenção, pois nunca tinha sido trabalhada, pronto. Então a *Cáritas* abraçou este projeto e com a ajuda da Bárbara, na altura, conseguiram avançar e conseguiram a aprovação da candidatura. Entretanto começaram a intervenção e perceberam que tudo aquilo que estava em diagnóstico não tinha nada a ver com aquilo que era supostamente expectável, ou seja, apareceu uma população que nunca tinha sido trabalhada em circunstância alguma. Parte desta população, principalmente a do acampamento do S. Gregório vive em condições pouco dignas, em acampamentos, sem as mínimas condições e que não estava disponível nem aberta para receber ninguém fora da comunidade. Pronto, foi um trabalho muito difícil durante dois anos. Tivemos vários constrangimentos mesmo a nível de alteração da equipa, porque no primeiro ano do projeto houve uma equipa, no segundo ano do projeto houve mais três equipas, portanto houve aqui, muitos, muitos constrangimentos, mas a nível da população só este ano, já mais no final do ano porque depois também se meteu aqui o *Covid*. Ano 2019, 2020 o *Covid* e só no final do ano 2020, já quase no término da candidatura é que foi possível interagir mais com a comunidade, ou seja, nós neste momento já estávamos com a população toda a participar nas nossas atividades. Depois tivemos também aqui a divergência cultural. As famílias não se entendem muito bem, porque umas são Ribeiro, outras são Monteiro, outras são Fonseca e então acabam por não se darem muito bem o que causa ali alguns

constrangimentos, ali no bairro. E depois também temos a família dos Navarros que também é uma família que é rejeitada por toda a comunidade cigana e neste momento a nossa intervenção é muito por aí.

Terminou a 7ª geração, fizemos candidatura à 8ª geração e recorremos ao nosso consórcio e expusemos aqui as novas dificuldades e as nossas limitações todas. A parte da escola do Agrupamento de Escolas de Maximinos apoiou-nos a 100% nesta nova candidatura. E muitas das nossas ações são em parceria com o agrupamento de escolas. Podemos dizer que temos neste momento, a grande parte das atividades que nós colocamos em candidatura, serão feitas no agrupamento de Escolas, até porque a nossa sede tem um espaço muito limitado. Nós não podemos ter mais do que três miúdos dentro da sede, portanto aqui a parceria com a escola foi a 100%. Esqueci-me de dizer que no ano passado reduzimos, conseguimos reduzir o número do absentismo escolar através do nosso mediador intercultural que fazia a ponte entre a escola e a comunidade. No sentido em que se havia um miúdo que estava a faltar às aulas três dias seguidos, o nosso mediador entrava em contacto com a família, falava com eles, explicava a importância de eles não faltarem à escola, porque depois havia uma série de consequências juntas a essas faltas e pronto conseguimos aqui diminuir o absentismo escolar, pronto. Na mediação propriamente dita fizemos algumas intervenções na escola para mediar os conflitos, com o mediador da câmara, porque estavam a existir conflitos de famílias rivais, não vamos falar de rivais, de famílias opostas na escola. Entretanto fizemos lá uma ação de sensibilização e fizemos aí a mediação entre a escola, a comunidade e famílias da comunidade, pronto resultou muito bem. Dessa ação saíram algumas propostas a criação de um grupo de música, um grupo de dança e uma oficina de estética para as meninas, portanto isto aconteceu assim tudo muito rápido como eu disse, foi mesmo no final do ano, ou seja, estamos a falar de outubro até dezembro e aconteceram essas situações todas. Portanto, poderia ter acontecido muito mais e daí esta nossa candidatura, esta nova parceria com a escola a 100%, para ver se conseguimos aqui trabalhar ainda mais esta comunidade.

**Inv- Fale-me agora um bocadinho dos objetivos do projeto.**

**TPE1-** A diminuição do absentismo escolar, a integração no mercado de trabalho da população, o aumento de competências. Este ano vamos também ter outra parceria com o *Incorpora* e com o *CLDS* que vão ajudar aqui nesta ponte para arranjar trabalho para a comunidade, porque sabemos que é difícil. Falta-me um, que é, está-me a faltar o nome.

Igualdade de género, só me lembrava do nome da atividade que era a *cidadania*. Igualdade de género, onde nós propomos a criação de *workshops* para promover aqui um bocadinho a igualdade de géneros, porque nós sabemos aqui que nas comunidades ciganas as mulheres, a mulher cigana é muito marginalizada, é muito deixada para trás, o homem é que decide, o homem é que vai. E também sabemos que muitas delas têm baixas competências, porque infelizmente não sabem ler nem escrever e este ano apercebemos disso quando tivemos que fazer o pedido manuais através dos *Vouchers*. Em que elas não sabiam sequer a data nascimento, não sabiam sequer como procurar no bilhete entidade o número do cartão de cidadão, por exemplo. E isso veio tudo aqui fazer com que nós nesta candidatura criássemos uma série de propostas para colmatar estas dificuldades, portanto os objetivos passam muito por aí, igualdade de género, aumento de competências, promoção do sucesso escolar, redução do absentismo escolar, pronto, e mais algumas, que agora não me estou a recordar. Só me recordo do *apoiar+* que é formar para as competências, para as *TIC*, que nós sabemos que neste momento é uma mais valia, portanto criamos aqui um projeto também, um projeto não, uma atividade no sentido de informar os pais para conseguirem acompanhar os alunos, os filhos nas aulas, portanto.

#### **Inv- Como caracterizam o vosso público alvo?**

**TPE1-** Neste momento a população que nós temos é maioritariamente cigana, não só. Temos alguns miúdos que são da comunidade brasileira, mas a maioria, a maioria é mesmo da comunidade cigana. Muitos deles estão integrados na sociedade, mas ainda temos alguns que não estão e são marginalizados. Temos muitos que são vistos mesmo pela própria comunidade cigana, que são vistos como, eles usam uma palavra para isso e agora não estou a conseguir dizer, como é que se chama aquela porcaria? Eles usam um termo, não é o calão, eles têm outro nome para dizer que aqueles ciganos são os mais pobres, ou seja, está-me a faltar o nome. Nós em Braga trabalhamos com o S. Gregório e Penedo, e no Penedo estão realojadas famílias que vieram de Vila Verde. E então eles dizem que eles não estão tão integrados na sociedade, que estão um bocadinho à parte da sociedade. Então ali o público alvo da Praceta diz que os do Monte S. Gregório e do Penedo são Galegos. Estava-me aqui a faltar o nome. São Galegos, portanto não são muito aceites pela sociedade, mesmo pelo aspeto físico, a forma de vestir e acabam por ficar um bocadinho à margem. E então a nossa função neste momento, a nossa intervenção passa por criar mais competências a estes indivíduos,

porque sabemos que são aqueles que são mais marginalizados, neste momento, então o que nós fazemos é ir ao bairro duas a três vezes por semana. Estávamos a contar com o autocarro da *Braga Brinca* que é um autocarro adaptado, em que podemos dar aulas, que tem computadores lá dentro, só que este ano o autocarro já não existe e atendendo ao *Covid* não se vai poder usar, então temos que reajustar e a ideia vai passar por levar esta população separadamente, claro como é óbvio nós temos um espaço pequenino, à sede para podermos formar, ou seja, criar competências a essa população. Uma vez mais aqui a escola salva-nos um bocadinho porque criou cursos de competências para quem não sabe ler nem escrever, ou seja, vamos conseguir integrar aqui alguns destes participantes nestas oficinas de competências que a escola está a promover. Já temos alguns escritos, mas atendendo ao *Covid* não pudemos avançar.

**Inv- E a vossa intervenção ocorre em que contexto?**

**TPE1-** Felizmente a nossa intervenção é mais bairro, porque a nossa sede é muito pequenina. Então nós temos que estar diretamente no bairro, até mesmo por recomendações da delegação de saúde, nós temos que fazer um trabalho mais no bairro. O que é mais gratificante e nos dá mais ferramentas para trabalho, porque acabamos por estar diretamente com a população, no sítio em que eles se sentem mais à vontade e acabámos por trabalhar mais com eles. Porque conseguimos estar ali com eles mais em convívio, já conseguimos estar num grupo de quatro ou cinco, mais afastados, mas ali a conversar sobre várias temáticas. E não há ali aquela coisa de “*elas estão aqui*”, “*elas estão a ver que eu estou com elas*”, “*oh fogo vou-me embora*”. Isso acontece muito na sede, se nós pedirmos a alguém para ir à sede, eles acabam por fugir. Porque associam sede a ajuda. Eles pensam “*os outros vão pensar que eu estou a ter ajuda*”. Isso acaba por dificultar também aqui a nossa intervenção, por isso trabalho e terreno com esta população é mais fácil.

**Inv- Falando agora da tua área de formação, ela tem sido preponderante para o trabalho e intervenção com esta população alvo.**

**TPE1-** A área de formação foi uma mais valia para o trabalho com esta comunidade, porque nunca tinha trabalhado antes, mas as ferramentas que nós adquirimos ao longo do nosso percurso académico ajudaram-nos, ou neste caso ajudaram-me a conseguir ter uma intervenção diferente. Eu brincava muito com os colegas e dizia “*sempre disse que não queria trabalhar nesta área*”, mas elas diziam, “*mas tu tens um jeito natural para trabalhares com eles*”. Porque durante o curso nós vamos aprendendo a lidar com

diversas situações. O percurso académico vai-nos colocar uma série de situações e eu nunca tinha trabalhado com a comunidade cigana, e o chegar, e eles, a primeira coisa que eles me perguntaram quando cheguei foi *“tu és casada?”*. E eu assim *“porquê?”*, foi logo a resposta e eles não estão habituados à aquela resposta imediata. As mulheres não podem responder desta forma, tem que ser mais calmas a responder, pronto. E nós isso vamos aprendendo ao longo do percurso profissional e não só, mas também ao longo da nossa vida e eu digo isto muitas vezes, que foi, eles colocaram-me à prova muitas vezes, mas quando digo muitas vezes foram muitas vezes mesmo e se eu não tivesse aqui o estofa, ou a bagagem que nós temos, nós enquanto educadores sociais. Porque acredito, e eu tinha uma colega na equipa que era psicóloga e para ela era sempre mais difícil fazer o trabalho de campo, ela tinha sempre muitas mais dificuldades, nós educadoras sociais somos mais disponíveis, nós estamos sempre um passo à frente, a colega já estava a dizer *“ai eu não quero ir porque está haver confusão”* e nós *“não, vamos, vamos lá tentar perceber o que é que está aqui a acontecer, vá”*. Chegávamos lá e lá dávamos duas brincadeiritas e lá conseguimos perceber o que é que tinha acontecido, ou seja, são coisas que são vistas provavelmente de forma diferente por cada área do trabalho. Enquanto que eu brincava com as situações, a colega enquanto psicóloga ficava mais reticente e não tinha aqui interação mais à vontade. Portanto, é fácil para quem vem de uma área como é a de educação. Também tivemos uma colega de educação, que é muito mais fácil, porque eles têm uma prática diferente de intervenção comunitária. Porque eu acho que eles têm essa cadeira na universidade e eles têm uma disposição mais fácil para intervir com esta população, enquanto que outras áreas não a têm e, portanto, acho que sim, que ser educadora social me facilitou aqui a vida no trabalho com esta comunidade. Sim, sem dúvida alguma.

**Inv- Sendo um projeto recente que tipo de estratégias adotaram para atrair o público alvo ao vosso projeto.**

**TPE1-** Foi muito trabalho porta a porta. E isso foi muito trabalho feito pela coordenadora e pela equipa antiga, em que eles foram bater à porta, muitas portas fechadas como é óbvio. Mulheres, num bairro diferente, com uma população diferente, não foram bem aceites como é óbvio no início. Elas tiveram aqui um trabalho muito árduo de porta a porta, muito trabalho também feito nas escolas, em que as colegas estavam nas escolas nos intervalos, faziam aqui um contacto de maior proximidade com os miúdos, falavam do projeto e depois os miúdos levavam um documento para casa,

para informar. Levavam um panfleto para casa, a informar o que era o projeto, se tivessem interessados para os pais passarem para fazerem a inscrição, mas pronto, foi muito trabalho de desbravar terreno, porque era um trabalho que ainda não tinha sido feito. As colegas tinham tido, as colegas de Santo Adrião com o projeto *Tetris* tinham feito essa intervenção, mas no *Monte S. Gregório* e tinham iniciado no *Penedo*, ou seja, a *Praceta* tinha ficado muito aquém da intervenção. Portanto foi um trabalho difícil e como eu disse só foi possível esta aproximação mais no final do projeto. Foi quando eles já estavam mais disponíveis para nos receber. Nós fazemos também essa menção no relatório de avaliação, que foi muito difícil aqui esta intervenção com esta população tão específica.

**Inv- E quais são as práticas e as estratégias que utilizam para a vossa intervenção no dia a dia.**

**TPE1-** Eu acho que tudo parte de um bom trabalho de equipa, nós reuníamos sempre antes de qualquer intervenção e eu acho que isso é uma mais valia para tudo, para termos umas práticas concertadas. Porque se eu agir da mesma forma que o meu colega e o meu colega agir da mesma forma que outro colega as coisas vão correr de forma diferente e bem relativamente a esta comunidade. Então o que nós fazíamos, tínhamos todas as semanas uma reunião, planeávamos e dividíamos as tarefas. O nosso mediador era cigano e ele fazia aqui a parte mais chata que era a interação com as famílias, o “*olha tu hoje não vieste ao projeto, porquê que não vieste ao projeto?*”. Usávamos aqui o contacto, a nossa prática era mais o contacto direto, o ir bater à, nesta fase do *Covid*, era bater à porta diariamente, “*tens máscara? Precisas de álcool?*” e pronto. Também a dinamização de atividades mais práticas, não tão teóricas, porque nós sabemos que esta faixa etária dos 6 aos 18, neste caso, é sempre mais exigente. Então nós, tínhamos muita atividade prática, mas mesmo muita atividade prática. Lembro-me perfeitamente de num dia termos planeado uma caça ao tesouro e eles terem chegado lá e “*não queremos jogar à caça ao tesouro, queremos outra coisa*” e tivemos que inventar ali na hora, que foi o *slime*, fazer o *slime* ali na hora, ou seja, nós não podemos ter um plano de atividades estanque, tem que ser mutável, ou seja, todas as nossas práticas têm que ser adaptadas a cada dia, porque eles não têm dias iguais, todos eles têm dias diferentes. E todos os dias são diferentes com esta comunidade e não só. Mesmo com os nossos filhos, eu não os tenho, mas mesmo com os nossos filhos acaba ser assim que nós temos que estar a trabalhar. Que é conseguirmo-nos adaptar a cada situação. Usamos também

aqui muito a intermediação escola-família e família-escola, fizemos aqui uma coisa que se chamava, quando os miúdos são suspensos e ficam três dias em casa, esses três dias eles têm que fazer um plano de recuperação. Então os miúdos vinham fazer o plano de recuperação connosco e criávamos aqui um plano de recuperação alternativo, ou seja, fazemos mais chamada de atenção, para que eles não voltassem a fazer e fizessem os trabalhos, ou seja, cada caso é um caso e nós fomos nos adaptando a cada situação e a cada miúdo. Porque acaba por ser mais fácil para nós enquanto técnicos fazermos desta forma. Se calhar não é a mais adequada, e se calhar não é a que está no manual, mas para nós foi a que fez mais sentido.

**Inv- Relativamente às famílias, não sendo elas o público direto do vosso projeto, há alguma preocupação no envolvimento deles nas atividades. Como é essa vossa relação?**

**TPE1-** Os participantes diretos são dos 6 aos 25, que são os nossos participantes diretos, mas depois temos os participantes indiretos que é família, mas a família próxima. Nós com os miúdos fazemos as atividades e procuramos sempre que os pais estejam envolvidos também nas atividades, ou seja, se nós hoje vamos ter uma aula de música, vamos chamar os pais para que venham para a aula de música também e nós temos aulas de música e tivemos aulas de dança em que os pais puderam acompanhar os filhos e participar também nessas atividades. É claro que há atividades em que nós ajudamos mais os pais como, por exemplo, na procura ativa de emprego. Temos atividades direcionadas para isso, para a procura ativa de emprego, temos atividades direcionadas para o apoio que são as, nós chamamos a *AEC* que é apoio extraordinário para as competências. Portanto, nós temos atividades direcionadas para as famílias que são os nossos participantes indiretos e para os miúdos que são os nossos participantes diretos e nós conseguimos através destas chegar aos dois, mas o nosso maior objetivo é envolver os pais e as crianças sendo que as crianças são sempre as mais privilegiadas, sim, nas nossas atividades.

**Inv- E a comunicação onde é que entra aqui, em toda a intervenção. Que importância atribui à mesma?**

**TPE1-** A comunicação é, foi uma das coisas mais difíceis. Para mim enquanto profissional foi difícil, porque a comunicação tem que ser muito clara com esta população. Eu não consigo dizer que isto é verde dizendo só que isto é verde, ou seja, eu tenho que explicar todo o processo antes de chegar ao verde, ou seja, a comunicação

tem que ser muito clara, muito concreta e clara ao mesmo tempo, ou seja, nós comunicamos com estas famílias sempre com outro colega da equipa presente para que não houvesse aqui uma confusão, porque é muito fácil criar confusões com, com esta população em específico. Então aqui a nossa comunicação era direita, clara, simples e objetiva, porque se fosse de outra forma não ia correr bem.

**Inv- E relativamente à intervenção ela era mais remediativa ou preventiva, como a caracterizavam?**

**TPE1-** Foi mais preventiva agora nesta fase *Covid*, mas antigamente tinha sido a remediativa. Vamos remediar aqui esta situação e depois logo vemos como é que vamos agir, mas nesta fase *Covid* foi mais preventiva, sem dúvida alguma.

**Inv- Pedia agora para nos falares de um caso de sucesso e o que consideras ter sido preponderante para esse sucesso e um caso de insucesso.**

**TPE1-** Olha vou dar o exemplo de dois irmãos, em que consegui o sucesso com um e o insucesso com outro. Basicamente nós tínhamos dois alunos em absentismo escolar, em que o pai não os deixava ir à escola porque dizia que o *Covid* estava em todo lado e que ele tinha sérios problemas de saúde. Pronto, então nós começamos a trazer o miúdo para o projeto e fazer com ele uma intervenção diferente, ou seja, acompanha-lo nas aulas à distância. Encaminhamos o pai para que este fosse ao centro de Saúde e falasse com o médico para perceber se era possível o miúdo ter um atestado tendo em conta todas as doenças do pai. Pronto foi possível este miúdo ter atestado então ele passou a ter aulas connosco e isso levou-o ao sucesso escolar e conseguimos que esse miúdo ficasse integrado e que neste momento já nem estava a ter aulas connosco no projeto, já estava na escola novamente, ou seja, foi todo um trabalho feito com este pai de desmistificar o *Covid* e levar este miúdo à escola. No entanto, o mesmo pai para uma menina não nos facilitou a vida, portanto não conseguimos. Fizemos todo o trabalho que fizemos com o irmão, mas não conseguimos que esta menina regressasse à escola. O pai não deixou mesmo a filha regressar à escola, a filha tem 14 anos e não a deixou regressar à escola. Sabemos que não foi pelos mesmos motivos, sabemos que foi por motivos de casamento ou comprometimento como eles dizem. E não conseguimos, apesar de todos esforços, mesmo pedindo para que ela tivesse aulas online, para que ela ficasse em casa e nós conseguíssemos ajuda-la em casa. Não conseguimos que ela regressasse à escola e, portanto, ela está em absentismo escolar.

**Inv- Em casos como o que acabou de ser relatado não comunicam à CPCJ, por exemplo?**

**TPE1-** Nós tentamos sempre, mas nas reuniões que nós temos com *CPCJ* o que nos é pedido é para esgotar todas as possibilidades antes de encaminharmos o processo. Com o irmão nós conseguimos que ele não fosse encaminhado para *CPCJ*, mas com a menina foi encaminhada, teve de ser. Neste momento continuamos a trabalhar para que ela regresse à escola. Será mais fácil agora nesta altura do *Covid*, que terá o computador e terá as aulas em casa. O que nós tentamos fazer com a *CPCJ* é nós próprios entrarmos no acordo que a *CPCJ* elabora juntamente com o pai e tentarmos aqui ser a ponte ou elo de salvação aqui do pai. Que ele vem nos pedir ajuda aqui para a miúda e nós conseguimos ajudar. Portanto nós temos esta articulação direta aqui com a *CPCJ* e também com *EMAT*, as equipas multidisciplinares dos tribunais também temos aqui uma ligação direta, somos colocados nos acordos.

**Inv- Existe alguma situação de conflito que te recordes. Conta-nos uma por favor focando a parte da resolução, ou a forma como procuraram resolver o conflito.**

**TPE1-** Sim, relativamente a duas famílias rivais os Monteiro e os Navarro tivemos aqui uma situação muito complicada que envolveu polícia e a polícia não conseguiu resolver. Na altura foi cada um para o seu canto, mas, entretanto, eles voltaram a pegar-se e nós conseguimos acalmar os ânimos. Tínhamos noção que isso não deu nada e que posteriormente voltou a acontecer confusão, mas conseguimos através do nosso mediador cigano fazer aqui a ponte entre uma família e a outra para que eles fizessem as pazes. Mas como houve um juramento e para eles o juramento não pode acontecer, porque o jurado de morte para eles é o pior que pode acontecer. Portanto, foi difícil e nós não conseguimos a 100% resolver, mas conseguimos atenuar na altura as coisas através do nosso mediador cigano, porque se fossemos nós éramos duas mulheres na equipa e não iríamos conseguir como é óbvio, porque tem que ser aqui uma figura masculina e de preferência da comunidade a conseguir fazer esta ponte entre as duas famílias.

**Inv- Então o facto de haver um dinamizador comunitário, neste caso da comunidade é um fator chave do projeto?**

**TPE1-** Sim, o facto de haver um dinamizador comunitário é uma mais valia para intervenção com esta comunidade sim, sem dúvida alguma.

**Inv- Como é a relação das comunidades que apoiam e a sociedade majoritária? Qual é o vosso papel nessa relação?**

**TPE1-** A relação da comunidade cigana com a comunidade não cigana é quase inexistente. Nós conseguimos aqui a integração de uma participante no mercado de trabalho, foi para uma empresa privada, foi para um banco privado. Fazer a limpeza de um banco privado, mas pouco tempo depois acabou por ser colocada à parte por ser cigana. Portanto e isto tudo faz com que eles tenham. Eles já são fechados e esta postura que tiveram com este elemento da comunidade deles fez com que eles ficassem ainda mais fechados. Portanto, não existe ou é quase existente a relação da comunidade cigana, com a comunidade não cigana. Nós estamos a tentar potenciar e o nosso objetivo enquanto projeto também é muito por aí, envolver a comunidade cigana com a comunidade não cigana através das comunidades práticas, da dinamização de oficinas de competências, mas temos noção que é um caminho que ainda tem muito para ser percorrido.

**Inv- E quais os principais obstáculos e dificuldades que sentem no dia a dia e na vossa intervenção? Existem alguns que de alguma forma dificultam atingirem os vossos objetivos.**

**TPE1-** Nós neste momento uma das maiores dificuldades que nós temos é o *Covid*, que nos tirou aqui a presença no bairro e temos noção que quando regressarmos será diferente, porque tivemos muito tempo ausente. Estamos a falar de dezembro e estamos em fevereiro e se calhar só regressaremos em abril, portanto é muito tempo ausente e isso é um obstáculo porque esta é uma comunidade que precisa de sentir esta presença, precisa de estar, temos que estar ali, ou temos que estar disponíveis todos os dias. Outra das nossas dificuldades neste momento é mesmo a cultura deles, que está assim tão enraizada e neste momento temos alguns entraves e algumas dificuldades que são meninas grávidas com 13 anos e, portanto, isso é uma das nossas maiores dificuldades neste momento. É tentar aqui colmatar esta necessidade que temos que é o planeamento familiar e evitar a gravidez precoce. Portanto, isso é uma das nossas maiores fragilidades neste momento. Nós temos cerca de 8 meninas nesta situação, são muitas, são muitas meninas, portanto é uma das nossas maiores dificuldades neste momento. Um dos entraves é a cultura, o enraizamento desta cultura que eles têm é um entrave à nossa intervenção.

**Inv- Para terminar será que me podes identificar palavras chave para caracterizar o projeto.**

**TPE1-** Resistência, muita resistência, dificuldade de intervenção e como é que eu digo isto por outras palavras simpáticas? [risos] Não desistir da comunidade, continuar a incluir a comunidade.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.4.2. ENTREVISTA TPE2

## **Transcrição da Entrevista - TPE2**

**Data** - 19 de maio de 2021

**Hora e local** -18 horas, via ZOOM

**Duração**- 1 hora e 12 minutos

**Investigadora (Inv) – Boa tarde! Estamos aqui reunidos com uma técnica do Projeto *B!Equal E7G*, a quem eu vou dar a palavra já de seguida. Olá, boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *B!Equal E7G*.**

**TPE2-** No nosso caso, lá está Braga tem uma comunidade cigana bastante ampla e na altura pelo aquilo que eu percebi porque eu não estive na base da elaboração da candidatura. Aquilo que eu percebi foi que houve um pedido por parte de algumas escolas, que era o agrupamento com qual nós trabalhávamos e com a câmara municipal para darmos um suporte em duas zonas muito específicas de *Braga* que não estavam cobertas pelos outros projetos. Então o que acontece foi, nós naquela altura nós fomos para a *Praceta Padre Sena Freitas e o Monte S. Gregório* que eram populações extremamente complicadas. A situação de *S. Gregório*, foi muito custosa para mim a primeira vez que lá fui, porque eu não tinha essa, essa perceção. Então inicialmente começou este projeto por ser um pedido que a *Cáritas* na altura abraçou e integrou e desenvolveu. Era realmente uma população que não tinha qualquer tipo de retaguarda neste tipo de projeto e lá está, acaba por ser um projeto que abarca muitas áreas desde a parte da educação, à saúde, à parte mais, mais da cidadania e que havia aquela, aquela necessidade. Acho que já me perdi, estou um bocadinho cansada hoje, peço desculpa.

**Inv - Não há problema, é sempre uma pergunta aberta eu faço novas questões. Será que podes falar da missão e dos objetivos de uma forma geral.**

**TPE2-** Ora bem, eu tenho aqui um rascunho que era o nosso panfleto e não tenho muito mais do que isso. Na realidade um dos principais objetivos era criar algumas regras comunitárias, principalmente nos dois locais. Aquilo que na altura me era mais solicitado era exatamente isso, era o apoio, ali na parte das habitações tanto do *S. Gregório*, como da *Praceta* e o apoio a nível escolar porque o absentismo, o insucesso

escolar e o abandono era muito, muito elevado. Principalmente das crianças que tinham comportamentos de risco bastante acentuados com grandes referências na *CPCJ*. Então aqui era um bocadinho o terem um apoio a nível quer na parte mais educacional, na parte mais escolar, no próprio local de habitação para evitar várias situações de conflito que era muito recorrentes naquela altura. Então o objetivo principal naquele momento era dar esta resposta e começar a envolver estas crianças no projeto, ter uma maior estruturação em todos os níveis que aquilo estava bastante desestruturado. Eu depois acabei por conhecer outros projetos e verifiquei bem a diferença daquela população que já tinha intervenção e aquela que não tinha tido intervenção até então. Mas estes foram os principais objetivos que eram mais exigidos, agora nós temos um, nós até éramos dos programas que tínhamos menos atividades, mesmo porque também era uma questão muito inicial, só tínhamos duas medidas que eram a medida 1 e a medida 3. Nós não tínhamos a medida 2. Nós tínhamos então atividades que iam desde o apoio escolar, tínhamos também a mediação, um bocadinho com o objetivo de fazer esta mediação intercultural com os professores e agentes educativos. Também tínhamos a capacitação destes, porque nós pretendíamos fazer uma capacitação intercultural com os agentes educativos e outros *stakeholders*. Nós, por exemplo, uma das atividades que nós tínhamos da medida 3, deixa-me recorrer ao meu folheto, como é que se chamava? Era as nossas *comunidades práticas*. O que é que acontece? Para mim foi uma daquelas, também era eu que dinamizava a *comunidade prática* e nós na realidade tentávamos juntar todos os elementos que trabalhavam com estas comunidades e fazer ali uma *comunidade prática*, isto é, tentar ali encontrar objetivos, métodos e estratégias para nós intervirmos de forma coesa e em parceria com todos estes elementos. Das poucas que eu fiz houve uma mudança, pequena, mas já se via uma mudança de comportamento, uma mudança do discurso destes elementos e uma preocupação um bocadinho diferente, isto é, o foco inicial, da preocupação inicial foi-se dissipando e foi-se alargando. Na minha perspetiva foi positivo porque as pessoas muitas vezes focam-se só naqueles dois ou três problemas e esquecem-se que aqueles dois problemas resultam de muitas outras situações que existem à volta. Então estas comunidades ajudaram-nos a pôr em cima da mesa quais eram as problemáticas, quais eram as perspetivas, quais eram as soluções e trabalharmos bastante estas dinâmicas de interação com esta população. Depois também tínhamos atividades de lazer, também para ocupar um bocadinho os tempos das crianças principalmente quando saíam do horário escolar e depois tínhamos muita a questão para trabalhar a igualdade de género quer era um dos principais focos, que em particular eu

tinha, porque é uma das áreas que eu tenho muito interesse, porque anterior a isto era com a problemática da violência doméstica que eu estava a trabalhar. Tínhamos também muita a questão do empoderamento das mulheres e das meninas que era outro foco muito importante que nós tínhamos no nosso projeto porque havia uma discrepância brutal. Depois também tínhamos a intervenção com a comunidade porque uma das coisas que eu mais repetia, quero eu dizer, que é que nos adianta nós mudarmos a percepção ou as competências destas comunidades se depois no terreno elas não são aceites na mesma? Nós acabávamos muitas vezes por capacitar pessoas, por exemplo, para ir a uma entrevista de emprego. As pessoas, o empregador estava extremamente recetivo até perceber qual era a comunidade a que ela pertencia e capacitar uma pessoa para desenvolver um trabalho e depois não é aceite só porque pertence a uma comunidade, o impacto que isto tem é uma revitimização brutal e isto era uma das coisas que nós gostamos, queríamos muito trabalhar. Era a percepção dos empregadores e trabalhar com esta comunidade para tentar perceber que por mais que às vezes essas pessoas se esforcem e tenham competências muitas vezes nem sequer lhes é dada a possibilidade de cumprir isso e eu tive duas situações dessas, em que as pessoas e era só aqui a questão de limpezas, isto é, não é um trabalho até de interação com outro, que exige muitos recursos académicos, mas só porque eram comunidade cigana já disseram que estava ocupado, quando me tinham dito anteriormente, no dia anterior que não. Isto era daquelas coisas que eu sentia muito a necessidade de intervir nestas áreas, tirando o foco com as crianças, a nível mais global esta era daquelas coisas que mais custava, porque depois os próprios miúdos diziam-me assim *“o que é que me adianta estudar, eu posso estudar, vai-me acontecer isto”* e nós precisávamos de desmistificar e alterar todo este processo e esta lógica que existia e que infelizmente ainda existe muito.

**Inv- Caracterizar agora as duas comunidades, é possível? Falar um bocadinho das duas comunidades, neste caso dos bairros. Depois vou pedir para caracterizar as comunidades, o público alvo, ou seja, qual o nível de escolaridade, situação económica, relação entre as populações. Enfim o que achares relevante falar.**

**TPE2-** O que é que acontece? Com as comunidades o nível de escolaridade era muito baixinho em ambas, se bem que no *Monte S. Gregório* eram ainda mais baixas e aqui aproveitando e fazendo um bocadinho também aqui a contextualização desta população eles vivem no alto de um monte, completamente isolados e aquelas situações de frio, como muitas vezes eles tinham e não sei se têm. Muita gente conhece, mas depois não

conhece a realidade lá dentro, eles não têm água quente, nem tinham água e fizeram uma extensão, as casas eram abertas, cheias de buracos. Por acaso acabei por tirar várias fotografias que até o presidente da Cruz Vermelha de Braga chegou a utilizar num seminário e ele fez uma atividade muito gira que foi colocar uma fotografia a preto e branco e perguntou de que ano é que achavam que aquilo era referente. Aquilo tinha sido tirado dois dias antes e toda a gente dizia que tinha 50 anos e não, aquilo era a realidade de dois dias anteriores àquilo, isto é, com chuva, era chuva, era vento, era cobras, pronto, aquelas habitações sem o mínimo de condições mínimas para que uma criança de manhã pudesse tomar um banho quente, comer e poder ir para a escola. Muitas vezes o que acontecia é que eles não iam para a escola porque tinham de ir à chuva, porque estavam cheios de frio, porque a descida é muito íngreme e aquilo com gelo é quase impossível de descer. Aquilo com carro uma pessoa tinha muitas dificuldades, numa situação a pé ainda era mais complicado, então estas crianças acabam muitas vezes por não ir. Uma das coisas que também tentamos fazer foi arranjar transporte que os pudesse ir buscar ao local, na altura fizemos um abaixo assinado, mas, entretanto, não sei como é que ficou a situação. Ali a escolaridade acabava por ser muito menor e eles acabavam por estar muito mais isolados, todos eles acabavam por ter algum tipo de apoio, quer seja do rendimento de inserção social, mas trabalho na comunidade de *S. Gregório*, muito poucos, eu penso que um de vez em quando faziam espetáculos, mas não passava muito disto e depois havia a questão das feiras que muitas vezes eles também me diziam que o valor que eles ganhavam atualmente nas feiras era muito baixo. Até me lembro de eles darem o exemplo de abrir muitas lojas com roupas baratas que lhes tiraram o que eles ganhavam nas feiras e eles sentiam muitas vezes esta situação porque lá está, as pessoas muitas vezes iam às feiras porque era mais barato e neste momento haviam lojas que lhe proporcionavam o material se calhar mais barato do que aquilo que aqueles forneciam em feiras. Já na *Praceta* eles acabavam por ter um bocadinho, principalmente os homens um bocadinho mais de escolaridade e até tinham uma melhor qualidade de vida mesmo porque viviam em apartamentos e tudo isso, tinham água, tinham luz, tinham água quente e saneamento que são três coisas extremamente básicas o que lhes dá logo outra comodidade de vida, sem dúvida alguma. Em relação à forma como eles se davam, não havia uma boa relação entre as duas comunidades, tanto que no início foi muito complicado quando eu coloquei a situação de os poder juntar. Automaticamente as duas partes rejeitaram, então tive que arranjar estratégias. Os da *Praceta* eu atendia-os e recebia-os na Praça e os do *Monte S.*

*Gregório* eu recebia-os na Junta de Freguesia para eles nem se cruzarem, porque havia rivalidades bastantes acentuadas entre algumas famílias. Havia muita discriminação de uma, isto é, da *Praceta* para com o *S. Gregório* e era notório porque eles, se não estou em erro, eu acho que eles os chamavam de chulé, porquê? Porque os miúdos não tomavam banho, iam bastante sujos para a escola então usavam, eu posso estar enganada, mas eu tenho ideia era assim que acabavam muitas vezes por mencionarem a população de *S. Gregório*. Quando eu penso que ainda havia relação familiar com alguns elementos da Praça, mas havia esta discriminação própria entre eles.

**Inv- Não eram os galegos?**

**TPE2** - Também, também os tratavam, porque eles falam o galego, os de *S. Gregório*, sim. Eles às vezes quando não queriam que eu percebesse [risos] começavam a falar em galego, principalmente os mais velhos. Havia lá uma senhora já com bastante idade que ela falava, quase sempre falava em galego e depois a filha é que tinha que traduzir para ela, mas sempre fui muito bem recebida, tanto num sítio, até mais no *Monte S. Gregório* do que até na *Praceta*, mas havia aqui esta discriminação. Em relação ao resto da comunidade para com eles era bastante acentuada, tanto que quando, muita gente sabia que eu ia começar a trabalhar na *Praceta* deitavam as mãos à cabeça e diziam “*nem a polícia entra lá sozinha, tu vais para lá, tu vai estar lá?*”, estava muita gente muito preocupada, assim como quando eu ia para o *S. Gregório* porque eu não tinha problemas de ir lá sozinha, porque o objetivo era mesmo criar uma relação de empatia e confiança com eles. Na Praça, lá está, como também era uma dimensão um bocadinho maior havia muita esta ideia de “*aí vais ficar lá no meio daquilo tudo, cuidado*”, pronto e havia um bocadinho este preconceito do perigo e das agressões que eram recorrentes na altura na *Praceta*, espero que agora estejam mais calmos, mas na altura era bastante recorrente.

**Inv- E criminalidade há, havia nos dois bairros?**

**TPE2** - O que acontece é, no *Monte S. Gregório* o patriarca disse-me que a criminalidade ali tinha terminado porque quem era, na altura penso que foi por tráfico de droga tinham sido presos e então aquilo tinha terminado. Não era aquilo que se ouvia depois na comunidade, ok? Eu provas não tenho, por isso são apenas especulações e aquilo que era transmitido. Relativamente à *Praceta* desde tiros dentro de casa, violência doméstica, tráfico de estupefacientes.

**Inv- Agora caracterizando a população alvo. Desculpa, já está respondida, enganei-me.**

**TPE2-** O nosso projeto na altura quando eu saí tinha uma debilidade, que era imposta um bocadinho pelo comportamento daqueles que eu já tinha comigo. Era a não aceitação de outros elementos que não da comunidade cigana. O nosso, o nosso projeto abarcava também descendentes de imigrantes e migrantes e eu não conseguia integrar nenhum elemento. Às vezes até a questão, até lá está, mesmo dentro da própria comunidade eles não queriam sequer que os de S. Gregório viessem até à nossa sede para poder interagir com eles, isto notava-se de forma bastante acentuada.

**Inv- No início acho que é característico de todos os projetos, o primeiro trabalho a ser feito como não há qualquer tipo de relação com a comunidade é o de procurar esta proximidade que já foi falada, esta empatia. O que é que eu quero saber? Portanto o que é que vocês fizeram para cativar o público alvo às vossas instalações ou para vocês conseguirem de alguma forma intervirem com eles e também, não sei se apanhas essa questão devido à saída do projeto, mas que fizeram para os manter. Fala um bocadinho sobre isso, por favor.**

**TPE2-** Para os cativar inicialmente tentei perceber junto de outros, que já intervinham com eles, as principais necessidades e as principais características deles, para ir um bocadinho preparada para aquilo que poderia encontrar e também preparada para aquilo que poderia cativa-los e ter para oferecer. Inicialmente apresentei-me, apresentei o projeto, a não obrigatoriedade, mas a relevância do mesmo. Tentei explicar que era um projeto novo, fiz muito uma situação de comparação com os projetos, porque alguns miúdos que estiveram connosco às vezes iam, por exemplo, ao *Geração Tecla*, ao GT, e acabavam por conhecer um bocadinho o que é que era feito e então acabei por os cativar dessa forma. Deles perceberem qual era o trabalho que nós íamos fazer, quais eram os nossos principais objetivos e o que é que nós lhes podíamos oferecer. Esta foi a primeira abordagem, tentar cativa-los com o trabalho que nós poderíamos fazer em conjunto. Posteriormente nós fomos criando também atividades que os cativassem, para isso e de acordo com aquilo que eles me identificavam mesmo como necessidade ou aquilo que eles gostariam de fazer. Esta primeira fase foi tudo muito nessa perspetiva, tentar perceber o que é que os podia cativar, o que é que os motivava, quais eram as necessidades e tentar dar resposta às necessidades mais básicas, porque sem as necessidades básicas respondidas é quase impossível trabalhar o que quer que seja, a

não ser que sejam coisas que efetivamente eles gostam e aqui funcionou muito bem a questão da música, a questão das artes, a questão do desporto e então conseguimos, às vezes, um bocadinho por aí começar a cativar e depois isto aqui é um bocadinho *snowball*. Depois um vem, traz um primo traz não sei quem e foi assim que nós fomos crescendo aos pouquinhos, tivemos, lá está, a dificuldade de integrar outros que não fossem da comunidade cigana, mas aos poucos e poucos fomos cativando. Eles foram conhecer o projeto, participar. Havia muito no início aquela reticência, vinham um dia, depois já não vinham, mas depois começamos a ter aqueles meninos mais certos. Quando chegou o verão foi um bocadinho mais fácil, as atividades de verão acabam sempre por cativar um bocadinho mais, acabam por ser um bocadinho mais lúdicas e acabamos por conseguir cativar um bocadinho também nessa fase. A geração começou em março. Foi março, abril, arrancar e não arrancar então basicamente foi quase no verão que nós começamos a trabalhar com a comunidade. Eu penso que depois acaba por ser mais ou menos fácil os manter se continuar na mesma linha, isto é, a tentar dar resposta às necessidades e aos interesses de cada um, mas depois como digo, entretanto, também perdi um bocadinho ali e não tenho bem essa perceção.

**Inv- Quanto tempo ficaste no projeto? Quantos meses?**

**TPE2-** Março, abril, maio, junho, junho, agosto, setembro, outubro, nove, nove meses?

**Inv- Nesse nono mês, como era a relação com a comunidade? Já era de proximidade?**

**TPE2-** Com alguns elementos sim, com outros acabava por ser um bocadinho mais difícil porque lá está, nós tínhamos lá casos bastante complexos e umas das principais dificuldades era nós conseguirmos conciliar esta confiança e empatia e depois todos os processos que muitas vezes existem na *CPCJ* e a nível criminal. Pronto, então nós tínhamos que ter ali, como eu costumava dizer um bom *swing* muitas vezes para conseguir tornar e manter estas situações. Porque em alguns casos é muito complicado, porque acaba por vir uma situação, por exemplo de uma criança em perigo. Com tudo aquilo que nós construímos durante oito, nove meses que se poderia desmoronar apenas com uma conversa e depois às vezes acabavam por haver aquelas situações de mal-entendidos de que poderia ser dito algo a alguém que poderia condicionar. E ali eles às vezes criavam aquela situação de mais conflito, mas aquilo no dia seguinte eles voltavam [risos]. Eu ali já tinha criado uma relação com eles, com alguns já havia ali uma relação de empatia com a maioria dos miúdos que iam com frequência e com

vários pais, que foi uma das coisas que mais me custou ao ter saído, foi ter este, esta quebra. Entretanto apareceu o covid que me impediu de voltar lá. Por acaso foi uma daquelas coisas, porque eu dizia “*quando vocês derem por ela eu estou aqui a chatear-vos*” e o contacto com eles não foi possível por causa do covid, infelizmente.

**Inv- Aproveitando que se falou das famílias, como é que era a relação e que tipo de trabalho se fazia, se é que se fazia, porque alguns projetos não contemplam, poucos, mas alguns não contemplam. Como era esse trabalho com as famílias? Como era essa intervenção com as famílias, se é que existia.**

**TPE2** - Existia, foi mais difícil até do que propriamente com as crianças. Os adultos acabam sempre por ser muito mais desconfiados e resistentes àquilo que nós pretendemos fazer, muitas vezes até bastante desconfiados daquilo, das pretensões que nós tínhamos, daí ser muito necessário demonstrar realmente como é que era o projeto, quais eram os objetivos reais, quais eram os nossos limites e também a questão da confidencialidade. Mas criou-se relação com vários, com várias famílias. Nós trabalhávamos diretamente com as famílias, mesmo porque nós não acreditamos que trabalhar apenas com as crianças fosse funcional neste tipo de intervenção. Pelo menos esta é a minha perspetiva muito pessoal, nós temos que trabalhar em ecossistema, não adianta nós estarmos a trabalhar uma parte quando depois tudo o resto não responde da mesma forma. Então nós tentamos envolver toda a comunidade, lá está como eu estava a dizer na parte inicial desde professores, familiares, colegas de bairro, isto é, nós tentávamos envolver o máximo de pessoas que estavam em volta deles, por aquele motivo que disse. Estar a trabalhar as competências de um, mas depois nós não conseguimos fazer com que estas competências sejam valorizadas e respeitadas. Bem pelo contrário acho contraproducente fazermos uma situação destas, capacitar pessoas que depois não vão poder usufruir destas situações. Nós trabalhamos com eles, a relação foi lenta e numa fase inicial tivemos alguns pais que aderiram e praticamente estavam muitas vezes connosco, acompanhavam-nos para muitos sítios e foi-se criando uma boa relação com eles. Uma das coisas que nós também tentávamos ajudá-los era, por exemplo na procura ativa de trabalho, fazer ações de sensibilização, trabalhar questões de parentalidade saudável. Tão simples como por exemplo a questão alimentar que era uma das debilidades muito grandes que identificamos quando lá chegamos. A alimentação daquelas crianças era, como é que eu posso dizer isto, errada [risos] era muito errada, do almoço ser gelados de gelo, os pequenos-almoços de crianças com

meses ser café. Coisas que às vezes nem me passava pela cabeça que fosse possível haver crianças com este tipo de alimentação e então também fizemos um bocadinho esta sensibilização. É óbvio que eles têm as características e as próprias limitações económicas que às vezes dificulta ter uma boa alimentação, mas também procurávamos sensibilizá-los que existiam respostas por exemplo a alimentação escolar e tudo mais, que poderia auxiliá-los nestas situações, assim como também muitas outras instituições e aí o trabalho do ecossistema. Muitas outras instituições que os podiam auxiliar numa alimentação mais saudável, por exemplo porque a entidade gestora do projeto fornecia alimentos por exemplo às famílias carenciadas e poderia ser um recurso que eles poderiam utilizar, isto é, para além de lhes mostrar e sensibilizar, também mostrar quais eram os recursos existentes na comunidade a que eles poderiam recorrer para melhorar as suas qualidades de vida. Eu acho que foi um bocadinho assim que nós conseguimos cativar e trabalhar com estas famílias, foi através da sensibilização, da empatia, da compreensão das dificuldades e tentar em parceria com eles, isto sempre em parceria com eles tentar encontrar a melhor solução, porque muitas vezes tenta-se impor soluções que nós achamos que são corretas. Lá está o facto de eu achar que comer um gelado de almoço não é funcional. Eu também não posso dizer “*olha não podes comer um gelado*”, nós temos que arranjar alternativas em consonância com a família que sejam adequadas, mas também sejam viáveis. Pronto então nós tentamos muito trabalhar neste, neste formato, em parceria com eles, mostrar aquilo que poderia ser melhorado e quais os recursos e nós como parceiros quais os recursos que eles queriam utilizar para melhorar a sua qualidade de vida.

**Inv- E a relação destas comunidades com a sociedade maioritária, eles estão integrados? Não estão integrados? Que tipo de relação mantém esta comunidade com a sociedade maioritária?**

**TPE2-** A comunidade de S. Gregório estava completamente segregada, muitas vezes diziam “*deixaram-nos aqui no meio do monte porque aqui ninguém nos vê, então ninguém quer saber de nós porque nós estamos aqui escondidos*”. Então havia ali uma segregação, até lá está, porque com a própria comunidade da *Praceta* existia aqui esta separação muito acentuada. Alguns elementos da *Praceta* já se encontravam um bocadinho mais integrados mesmo porque já viviam ali naquele local há algum tempo. Mesmo assim, lá está as tais perspectivas que me passaram antes de eu ter iniciado, quando estava a iniciar o projeto mostra muito a perceção que a sociedade maioritária

tinha em relação àquela comunidade, a questão do perigo, a questão da violência, todas estas questões mostram um bocadinho a separação que existia e a pouca integração que estes elementos tinham, mas muitas vezes também não era facilitado por eles, porque eles muitas vezes também rejeitavam a integração de outros elementos. Agora se nós pensarmos um bocadinho com tanta rejeição é muito normal que eles acabem por rejeitar mesmo para evitar voltar a sentir aquilo que sentem. Porque muitas vezes dizem *“aí eles não querem” e eu costumava dizer “passem vocês pelo que eles passaram e depois perguntem-se se querem voltar a passar por essa discriminação consecutivamente”*. É muito delicada esta situação, daí nós tentamos muito trabalhar com a comunidade não cigana, com comunidade maioritária para sensibilizar exatamente isso, porque muitas vezes lá está, pensam *“aí, mas eles não querem”*. E muitas vezes nós tentávamos criar este elo e empatia e tentar pô-los no lugar do outro *“ponham-se nesta situação, vocês passaram por isto? Durante séculos, porque isto não é uma coisa de agora, estamos a falar de uma história enorme que eles têm de discriminação, de vivências e de mecanismos de defesa que eles encontram para sofrer menos. Perante uma situação destas muitas vezes é ao não se exporem que evitam muitas vezes este tipo situações, porque é o background que eles têm, de uma vivência enormíssima de discriminação e não integração”*. E às vezes quando apareciam aquelas aberturas, existiam situações como a que contei à bocadinho chegavam ao local e porque parecia ser cigano já não servia para o cargo. E, e isto é muito complicado por isso muitas vezes esta não integração não é responsabilidade apenas de uma parte é de todas e é isto que é preciso trabalhar e é isto que é preciso sensibilizar todas as pessoas com quem nós nos cruzámos no dia-a-dia. Eu já deixei o projeto há muito tempo e é um trabalho que eu faço diário. Eu sempre que ouço uma coisa dessas eu salto da cadeira, porque muitas vezes eu digo *“nós passamos?”*. *Eu muitas vezes brinco com isto e digo “tu és um homem e és branco, tu és rico e vives numa casa e sentes discriminação, agora põem-te no lugar deles”*. Nós tínhamos uma das atividades exatamente por causa disso, ponham-se nos sapatos destas pessoas, vivam durante 24 horas sobre isto, agora imaginem séculos disto, é difícil eles se integrem? É, como é natural.

**Inv- Cruzando agora porque acaba por estar ligado com as questões culturais, fala-me um bocado agora das questões culturais próprias e características da comunidade cigana. Até que ponto elas foram um entrave, ou não à vossa intervenção. Gostaria de uma opinião pessoal sobre estas questões culturais e a**

**forma como eles as vivem e o que é que isso condiciona, ou não, esta integração ou não integração ou mesmo a nível do projeto. Fala-me um bocado destas questões culturais. Se é que eles as preservam, deduzo que sim.**

**TPE2-** Preservam sim, muito mais a comunidade de *S. Gregório* lá está, mais fechada em si, mas as questões culturais foi uma ferramenta porque nos permitiu aproximar, criar empatia e criar mecanismos de respostas, por exemplo, integra-los em atividades, ou aulas relacionadas com música. Agora eu acho que os principais entraves que nós tivemos a nível cultural é o patriarcado que existe na comunidade, eu acho que esta foi, pelo menos para mim, eu acho que foi a maior dificuldade. Primeiro como disse também era uma das áreas, uma das minhas áreas de interesse, é realmente uma problemática a nível mundial, mas nesta comunidade é muito mais patente e a tal questão de eu conseguir facilmente falar com uma mãe quando ela está sozinha comigo, mas essa mãe não fala comigo quando o pai está ao lado. Tentar desmontar um pouquinho esta situação, para mim acho que foi das situações mais complexas. Eles têm várias questões culturais, umas foram facilitadoras, outras nem tanto, mas lá está, acabaram por mais vezes estarem as mães presentes no acompanhamento das suas crianças do que os pais, mas nós tínhamos pais e mães dentro do nosso projeto a interagir e a trabalhar connosco. Várias atividades que muitas vezes nós fizemos também para cativar estas crianças foi trabalhar a partir da descoberta deles da própria cultura. Porque uma das coisas que eu me apercebi é que haviam algumas coisas que eles sabiam que era uma coisa tradicional, mas eles não sabiam, porquê, de onde é que vinha, porque é que aquilo era assim. Então o *Geração Tecla* ajudou-me muito com os vídeos que eles fizeram lindos de morrer, há um vídeo que eu vi três vezes e das três vezes emocionei-me. Porque são vídeos que é muito bom para lhes contar a própria história deles, que está integrada neles, mas que eles desconhecem a sua origem. Então também foram algumas das atividades que nós fizemos, foi utilizar a própria cultura deles para os educar e para os cativar. Por isso tinham algumas características e eu acho que estas duas foram aquelas mais marcantes, o patriarcado pelo lado mais negativo e a parte artística pelo lado mais positivo, foi muito fácil trabalhar essa parte com eles.

**Inv- Que tipo estratégias, práticas, atividades de intervenção social tinham no dia a dia.**

**TPE2-** Pronto a primeira que era aquela que se calhar tínhamos diariamente mais meninos era o apoio escolar e depois nas atividades mais lúdicas, artísticas e desportivas

tínhamos várias atividades diárias. Relativamente às duas partes quer na parte mais lazer, quer na parte mais da educação não formal, no auxílio aos trabalhos de casa, na elaboração de trabalhos para a escola, até dinamizar algumas atividades em parceria com a escola. Uma das atividades que nós fizemos que não é bem uma atividade foi uma dinâmica que nós fizemos com as escolas para toda a comunidade escolar que foi uma peça de teatro de fantoches relacionada com a igualdade de género e a violência de género, que acabou por de certa forma não se notar tanto esta discrepância entre as comunidades e foi muito giro e isto também acabou por ajudar a envolver todas as crianças, mas também os agentes educativos. Também tínhamos depois, mas aí já era com os adultos, a questão da empregabilidade. Tentar encontrar emprego, articular com as empresas e integrar em formações ou especializações para que os pais pudessem desenvolver trabalhos ou eventualmente alguns projetos individuais que eles pudessem ter interesse. Eu lembro-me que havia um que gostava muito de fazer um disco, de gravar músicas e foi uma das coisas que nós estamos a trabalhar. Uma das coisas que eu não sei se eles conseguiram, mas isto da pandemia deve ter condicionado muito. O que nós estávamos a tentar fazer, era chamar o Nininho Vaz Maia para ir lá, mas era muito complicado na altura, nós estamos na fase inicial e era muito complicado mesmo porque ele tinha algumas restrições, mas era um elemento, era uma figura de referência para eles e nós trabalhamos muito através disso, dos elementos de referência e infelizmente nós não temos assim tantos que eles reconheçam como tal. Atenção que uma coisa é aquilo que nós reconhecemos, porque eu cheguei a falar de alguns da comunidade cigana que eles não sabiam quem era, como por exemplo, a Maria Gil, muita gente não sabia quem era [risos] e eu na altura achei um pouco estranho, mas toda a gente conhecia o Nininho, o Quaresma e pronto estas figuras mais emblemáticas. Então nós também tentávamos um bocadinho utilizar estas imagens e estas figuras de referência deles para motivar o trabalho e a integração, quer no mundo, quer depois no desenvolvimento de outro tipo de competências, por exemplo a questão desportiva. Tínhamos também depois diariamente um serviço que estava disponível que era o apoio às comunidades para as necessidades que eles tinham, às vezes simplesmente ler uma carta ou interpretar uma carta, preencher um formulário, mandar um e-mail. Tínhamos sempre este serviço de apoio à comunidade e isto era um serviço nós tínhamos todo o dia para os auxiliar. Tínhamos as *comunidades práticas*, mas aqui era mais com *stakeholders*, com aqueles elementos que eram cruciais para a intervenção efetiva desta comunidade. Tínhamos também um intermediário e aqui também tínhamos, mas eu

pensei e aqui não era diário, já não tenho a certeza, mas também era um serviço isto era, resolver e mediar um bocadinho os conflitos que existiam muitas vezes entre a criança, os pais e a escola. Era outro dos serviços que nós tínhamos, nós estávamos, se não estou em erro uma manhã em cada escola, por isso acho que estávamos basicamente quatro dias na escola, mas qualquer situação nós fazíamos articulação e mediação entre a escola, muitas vezes até com a *CPCJ* e os técnicos de *RSI*. Havia muitas situações que nem eram conflito, muitas vezes era não compreensão do outro lado. Então nós muitas vezes tentávamos mediar e a tentar comunicar de outra forma que fosse mais acessível para estas pessoas perceberem. Porque às vezes eles pensavam que era uma repreensão e às vezes era só um alerta e então isto gerava logo ali uma tensão, muitas vezes de conflito onde bastava esclarecer a situação. Lembro-me de uma situação de uma vez na escola de um professor que não entendeu o porquê do comportamento de uma menina e bastou-lhe explicar o que é que tinha acontecido, muito vagamente e a pessoa até se ficou a sentir um pouquinho mal por ter reagido daquela forma. Então fazíamos também um bocadinho esta mediação entre alguns serviços e a comunidade. Deixa-me ver aqui, pronto a parte da capacitação dos professores fomos tendo algumas reuniões e explicando algumas das estratégias que deveriam ser utilizadas, eles recorriam muitas vezes e acho que isto é um bocadinho geral a vários projetos, que é o facto de eles quererem ter sempre um técnico na sala para coordenar estas crianças. Eu cheguei a estar em algumas situações principalmente na época mais de avaliações ou revisões para tentar auxiliar as crianças. Não para os controlar, mas para tentar auxiliar na execução de algumas das tarefas. E depois tínhamos aquelas atividades semanais ou quinzenais que eram relacionadas com a questão da igualdade que procurava pôr a comunidade maioritária nos sapatos da comunidade cigana e o contrário. Muitas vezes também fazia esta, principalmente com os adolescentes, aquela reflexão de *“vamos também nos por do outro lado, tu respondes assim e assim. O que é que aconteceria?”*. Então muitas vezes fazemos um bocadinho *rol play*, eu fazia muitas vezes, principalmente com os adolescentes, situações de *rol play* com eles, para também eles poderem perceber qual era o outro lado da comunidade maioritária e o porquê. Muitas vezes a falta de conhecimento que a comunidade maioritária tem relativamente à cultura deles também é um problema bastante acentuado, porque não compreendem. Eu lembro-me que há relativamente pouco tempo tive uma conversa com um familiar e expliquei-lhe que quando discriminam aquela pessoa, principalmente homens ciganos com o cabelo comprido, com a barba e não sei quê, digo *“quando vocês discriminam é quando mais*

*ajuda eles precisam*”. A pessoa ficou a olhar para mim e disse “*porquê?*”, “*porque essa pessoa está de luto e muitas vezes as pessoas discriminam ainda mais porque têm mau aspeto e não sei quê, quando não tem a percepção que aquilo é um sinal de luto e de dor*”. A pessoa ficou em choque a olhar para mim e disse “*esta falta de informação faz com que às vezes nós tenhamos preconceitos e comportamentos completamente desadequados àquilo que é real*”. E isto era um dos meus principais objetivos e do projeto, sensibilizar e mostrar muitas vezes ambas as partes. Intervir com todos, porque isto lá está, não pode ser apenas uma parte, tem que ser um todo.

**Inv- A relação com a escola, já que se falou agora muito da escola, como é que era a relação do projeto com a escola? Qual era o vosso papel aqui no meio?**

**TPE2-** Pronto, na questão da escola, eu penso que a relação inicial não foi assim muito fácil, porque era tudo muito novo, era uma comunidade que dava, como eles me diziam muitas dores de cabeça aos professores e era uma comunidade que não se sentia minimamente integrada na escola. A nossa função ali foi exatamente perceber as dificuldades dos professores, perceber a percepção que as crianças e os pais tinham da escola e começar a criar aqui uma mediação, quer através da nossa presença lá, quer através de outros meios, porque muitas vezes acontecia um problema e a escola ligava connosco e nós tentávamos mediar. Às vezes, pelo menos na minha comunidade era muito comum os pais mudarem de telefone ou de número de telefone de semana para a semana, então não havia sequer às vezes forma de entrar em contacto e nós como tínhamos uma maior proximidade acabávamos muitas vezes por conseguir fazer esta mediação. Se não fosse mais íamos a casa da pessoa ou chamávamos ao projeto e acabava por ser um bocadinho mais fácil. Inicialmente os professores também olhavam para nós de uma forma muito desconfiada sobre aquilo que nós poderíamos efetivamente fazer com aquela comunidade. O que nós éramos para eles enquanto recursos, porque eles também não entendiam muito bem, tanto que fizemos algumas sessões de sensibilização a explicar o projeto, a apresentar as nossas ideias e as nossas atividades e com eles fomos ajustando as atividades que iríamos fazer. Depois de estarmos lá dentro e eles perceberem que nós éramos um auxílio tanto para um lado como para o outro a relação acho que melhorou e bastante. Tanto que esta interação depois aumentou significativamente, muitas vezes conseguimos fazer esta mediação de forma muito mais célere e eficaz. Mas acho que inicialmente foi difícil, mas depois eu acho que foi melhorando, como é normal em qualquer projeto [risos].

**Inv- A comunicação. Qual é o papel da comunicação, ou era. Que importância é que vocês atribuem à comunicação?**

**TPE2-** Mas a comunicação com as pessoas ou a comunicação para o exterior?

**Inv- As duas, portanto quer a comunicação com a comunidade, quer com o exterior.**

**TPE2-** Eu acho que de certa forma já fui respondendo um bocadinho a isso. Eu acho que é do mais importante, porque muitas vezes os conflitos que surgem é por uma má comunicação, uma má interpretação na comunicação. Então muito do nosso papel passava um bocadinho por isso, facilitar a comunicação porque muitas vezes é difícil. As pessoas e aqui vou dar um exemplo muito prático, por exemplo, os professores que são formados, que tem uma licenciatura e falam com pessoas que às vezes nem escolaridade têm e é difícil utilizar determinado tipo de vocabulários até porque, por exemplo, para as pessoas do *S. Gregório* que falam galego, é difícil perceberem efetivamente o que é que aquela frase daquele professor quis mesmo dizer. Então muitas vezes esta comunicação, o desmontar e explicar de forma acessível à compreensão deles era extremamente importante e era o que eu estava a dizer ao bocadinho. às vezes brincava e dizia “*vamos traduzido*”, ok? Mas era a comunicação, eu sempre defendi isto, eu acho que a comunicação é a principal fonte de consenso entre as pessoas. Se a comunicação falha, pode eventualmente, muito facilmente criar um conflito, um distanciamento, uma segregação. Então eu acho que a comunicação é o mais importante e era aquilo que muito tempo nos ocupavam pelo menos numa fase inicial. Era comunicar entre todos os elementos e fazer com que a mensagem, a verdadeira mensagem chegasse corretamente ao outro lado. A comunicação para o exterior quando eu sai ainda estava um pouco limitada, eles tinham muita dificuldade em transmitir, mesmo assim já faziam algumas atividades com o intuito de demonstrar aquilo que pretendiam mostrar à comunidade maioritária. Tanto que um dos objetivos era nós fazermos exposições sobre as ideias e os preconceitos que eles entendiam, aquilo que eles vivenciavam e tentar passar para a comunidade maioritária. Eu espero que isso também tenha conseguido ser realizado, mas o covid também não veio ajudar nada a quem ficou lá depois, porque ficaram muito limitados com estas questões. Agora eu a nível de comunicação daquilo que era feito, por exemplo no meu caso como eu estava muito focada na intervenção direta com eles, por exemplo, nas redes sociais era um bocado desleixada nessa parte. Eu achava que a comunicação para fora, eu preferia

fazê-la naquela fase mais inicial diretamente com as pessoas que eram de interesse, mais do que fazer publicações no *Facebook*. Uma das exigências também do *Escolhas* é a comunicação através das redes sociais e tudo mais, mas numa fase inicial como também ainda não tínhamos um, por exemplo eu comparava-me muitas vezes com o *Geração Tecla*, nós éramos um o embrião. A nossa capacidade de comunicação e aquilo que nós tínhamos para mostrar era extremamente reduzido. Nós fazíamos uma comunicação mais diretiva, falávamos com as pessoas, apresentávamos os trabalhos a quem nós considerávamos que poderiam ser relevantes, mas a comunicação sem dúvida nenhuma eu acho que é o principal ponto de partida com esta comunidade. Facilitar esta comunicação porque lá está, o exemplo que eu dei do professor é muito fulcral, porque um professor às vezes diz uma frase e ele não tinha interesse, não tinha o intuito de dizer aquilo, mas foi interpretado pelo pai daquela forma e isto às vezes criava um *pé de vento* de uma coisa que não tinha qualquer tipo de significado. Às vezes eles diziam “*é só isso?*”, “*é, era só isso que o professor queria dizer*”, por isso é extremamente importante a comunicação, sem dúvida.

**Inv- Quería agora dois exemplos, um caso considerado de sucesso e outro num caso de insucesso.**

**TPE2-** Eu não vou falar de um caso em específico, mas por exemplo eu que gostava de dizer que quando saí tinha pequenas vitórias, eram coisinhas muito minúsculas que muitas vezes eu dizia “*isto nem sequer entram nos números do Escolhas*”, “*nos relatórios isto não vai aparecer*”, mas o simples facto das crianças ao fim de um mês ou dois já não me atirarem tudo para o chão, tudo quanto era lixo. O facto de lavarem as mãos, antes do covid, porque muitos deles chegavam completamente sujos e o facto de eles aceitarem que uma das primeiras coisas que faziam quando entrava lá era lavarem as mãos. O facto, por exemplo, de eles já se sentarem e ouvirem, porque isto foi uma das principais dificuldades que eu tive, foi eles ouvirem, eu começava a falar para eles e automaticamente desapareciam todos, iam logo cada um para seu lado [risos]. Isto é, estas pequenas coisinhas que uma pessoa foi conquistando para mim é muitas vezes, lá está, uma pessoa num relatório do *Escolhas* não consegue colocar, mas a realidade é que isto são sucessos diários que nós íamos alcançando. A minha alegria quando os mais resistentes de colocar o lixo no caixote se levantavam e apanhavam da mesa e colocavam no caixote, eu nesse dia vou-te ser muito sincera, eu fiquei emocionada e eu pensei “*isto é um bocado estúpido, uma pessoa se emocionar com uma coisa destas*”,

mas isso mostra que o trabalho está a ser feito, por isso acabou por haver esta proximidade que foi criada com os pais, estes pequenos passinhos que se foi dano para mim eram vitórias enormíssimas que tínhamos. Agora também houve, mas aí eu vou especificar mais um caso, houve um caso que acabamos por não conseguir ter pelo menos aquilo que eu tinha planeado a curto prazo para aquela criança. Era uma situação muito, muito, muito, muito complicada com violência extrema em casa. Foi um insucesso porque nós não conseguimos integra-lo onde queríamos, mas eu por outro lado consigo ver ali um bocado de sucesso. Nós tentamos integrar aquela criança, ele jogava muito bem futebol, integra-lo no Braga. Ele é um miúdo extremamente problemático tanto que normalmente em Braga quase toda a gente o conhece e ele rejeitou ir para Braga. Quando conversei com ele pensei que havia alguma imposição familiar e ele disse uma frase que na altura fiquei mesmo emocionada a olhar para o miúdo, ele disse, *“não porque se eu até agora estive com esta minha equipa, eu vou acabar com esta minha equipa, eu vou ajudar os meus colegas”*. Um miúdo que normalmente andava em rixa constante com toda a gente dizer-me esta frase? Apesar de nós não termos conseguido porque provavelmente ele ali ia ter uma outra formação, estando numa equipa um bocadinho maior, mas o facto de dele não ter ido e a justificação que ele me deu sendo o miúdo que era, que me pintavam, literalmente diziam que ele era o demónio antes de eu conhecer e ele dizer-me esta frase eu pensei *“ok, podemos não ter conseguido que ele fizesse melhorias na escola e tudo mais, mas o facto de ele ter esta sensibilidade para com os colegas de equipa que não são da comunidade cigana para mim foi um sucesso ele ter-me dito aquilo”*. Isto é, quer dizer que alguma coisa ali dentro estava a mexer também, ok? E muitas vezes é esta, esta comunicação, a imagem que me passaram dele era de um demónio, só que aquela criança não passava de uma criança com imensas dificuldades, com um sofrimento atroz e que não sabia o que era carinho e é isto que muitas vezes as pessoas não entendem.

**Inv- Falando agora da formação académica, qual é a tua formação académica? Essa formação académica foi fundamental para a intervenção no terreno ou os anos no terreno foram mais importantes? É importante o perfil?**

**TPE2** - A formação académica para os objetivos e as atividades que estavam implementadas e foram planeadas para o *B!Equal* era importante. Eu sendo de psicologia a questão da compreensão a nível de comportamentos é extremamente importante principalmente numa fase mais inicial. A minha experiência no terreno

acabou por ser um bocadinho curta, mas é óbvio que o contacto com a realidade faz desenvolver competências que nenhuma universidade ensina. E isso é certo a formação académica dá-nos potencialidades para nós depois desenvolvermos competências muitas vezes na prática. Para este tipo de projetos em específico eu acho que é preciso realmente um perfil muito característico. A resiliência é um deles, é preciso ter uma capacidade de resiliência muito grande, uma grande capacidade de adaptação, o tal bailar nestas situações. Isto é, é preciso mesmo ser uma pessoa com abertura de mentalidade muito grande, com uma capacidade de resiliência e vontade e acima de tudo uma compreensão muito grande pelas necessidades desta população. Acho que isto é fundamental, acho que se não tiverem isto lá está, a rotatividade das equipas é muito frequente, porque é um trabalho muito exigente. A maioria das pessoas que ouve falar do *Escolhas* não tem noção da exigência que é no terreno e depois na parte administrativa. Eu como coordenadora tive de passar por essa parte que é extremamente densa, extremamente massuda e que tendo intervenção incluída sobra muito pouco tempo. Os meus fins de semana eram passados à volta de burocracias, os meus fins de semana e as minhas noites para poder compensar com o tempo das atividades diárias. Por isso é um trabalho extremamente exigente e tem que ter mesmo perfil próprio já com essas competências que é auxiliado obviamente pela formação. A minha formação sendo em psicologia acho que é uma mais-valia se bem que áreas como a educação são extremamente importantes também, por isso acho que não há um curso específico para aqui, acho que é muito mais. A formação ajuda, mas eu acho que é muito mais relevante a experiência de campo e o perfil da própria pessoa para desenvolver este trabalho. Eu acho que inicialmente a minha área de formação foi um auxílio, mas a experiência e as minhas características, porque tendencialmente mesmo no mal eu tento sempre ir buscar o melhor e muitas vezes brinco e utilizo o humor para ultrapassar determinadas situações e isso acho que foi um dos mecanismos de defesa [risos], que eu utilizei para continuar a fazer o trabalho e me manter motivada para isso. Porque é extremamente importante neste tipo de trabalhos, acho que a maioria das pessoas deveria conhecer um pouquinho mais o que é este trabalho para compreender as exigências das funções.

**Inv- A vossa intervenção identificava-se mais com uma intervenção remediativa ou preventiva, ou as duas?**

**TPE2-** Numa fase inicial acho que era mais remediativa, porque lá está, nós tentamos muito inicialmente dar resposta às necessidades mais prioritárias, mas com tudo aquilo

que nós tínhamos planeado para o futuro era sem dúvida preventivo. Nós queríamos remediar aquilo que já estava mal, mas evitar que coisas mais graves pudessem decorrer depois daí, mas numa fase inicial, ou melhor o projeto foi pensado preventivo, mas depois isto é totalmente diferente principalmente num projeto novo. Porque as informações que nós recebemos são as informações de outrem, isto é, nós não tínhamos informação num terreno, então as informações iniciais como quase em todos os projetos tiveram um reajuste nos primeiros meses às necessidades. É um bocadinho nesse sentido, uma coisa é aquilo que nós idealizamos, depois é aquilo que nos efetivamente encontramos no campo e como havia tantas lacunas e tantas necessidades básicas a serem cumpridas acho que numa fase inicial foi muito remediativa, mas depois o objetivo era criar um mecanismo muito mais preventivo, uma prevenção muito mais primária e neste aspeto acho que mais cedo a intervenção também seria adequada.

**Inv- E quais foram os principais obstáculos à intervenção que encontraram no terreno?**

**TPE2-** Foi a resistência, a desconfiança por parte da comunidade, a resistência que eles têm, tinham principalmente aos elementos da não comunidade. Em particular eu tive algumas barreiras extra, o facto de ser mulher e coordenadora do projeto, o facto de ser muito pequenina e muito magrinha, eles disseram-me verdadeiramente isso “eu não gosto de gajas magras”. E depois o facto de ter o cabelo curto fazia-lhes muita confusão, chegando ao ponto de ouvir várias vezes “*porque é que queres ser um rapaz?*”, e eu dizia, “*mas eu não quero ser um rapaz*”, “*então o que é que tu fizeste? Traíste o teu marido? Porque tens o cabelo cortado?*”. Mas lá está, isto tanto pode ser um entrave como pode ser um desbloqueador e eu muitas vezes utilizava isso para desmontar um bocadinho essas ideias. Mas eu acho que as principais barreiras foram mesmo essas a desconfiança que eles têm muitas vezes deste tipo projetos e a resistência que têm a aceitar e a compreender. É um trabalho mesmo de partir pedra. Aos poucos ir mostrando que efetivamente nós estamos ali para os auxiliar e não adianta dizer, nós temos que mostrar efetivamente que estamos disponíveis, que estamos ali, que os ajudamos efetivamente e foi aí que eles foram sendo cativados. Quando nós efetivamente conseguimos mostrar que conseguíamos fazer algumas coisas por eles, o documento que precisa de ser preenchido, uma carta que eles não entendiam, tudo isto conta para que se consiga quebrar estas barreiras iniciais como a resistência da parte deles. Acho que essa foi principalmente e depois todas as resistências na comunidade

maioritária, que muitas vezes também é ali uma grande barreira porque dificultam a passagem de um lado para o outro.

**Inv- Existe sucesso escolar, insucesso ou absentismo no público alvo do vosso projeto? Houve melhorias nesse sentido, ou ainda não porque era um projeto recente?**

**TPE2-** Nós começamos em março, o que acontece é que já apanhamos o final do ano letivo e quando nós começamos efetivamente a ter maior número de população foi nas férias de verão. Então começou depois novamente em setembro, que é sempre uma fase muito crítica para eles, de integração novamente na escola. Eu fiz a avaliação de dezembro e houve alguns casos em que as notas realmente melhoraram um pouquinho, conseguimos que alguns deles tivessem menos ausência nas aulas, agora se foi estatisticamente significativo se calhar não, mas o facto de se calhar em vez de terem, como eu tinha alguns casos que tinham oitenta faltas só no primeiro período e terem quarenta é positivo, lá está.

**Inv- E o insucesso e sucesso.**

**TPE2-** É insucesso porque eles têm quarenta faltas na mesma, mas comparativamente com os dados que eu tinha dos anos anteriores acabava por ser sucesso. Não sei e houve alguns que acabaram, por exemplo, o facto de uma menina não pegar num lápis e depois já pintar e já me pedir desenhos para pintar, isto são vitórias. Então há aqui esta questão do sucesso, por mínimo que seja acabamos por ir tendo algum. Obviamente que não tivemos os resultados que eu pelo menos tinha idealizado que era melhorar bastante, mas houve uma redução. Uma das coisas que na altura me foi dito é que setembro e o final do ano são sempre as épocas mais críticas na falta às aulas por parte da comunidade com a qual eu intervinha, por isso em dezembro nós tínhamos ali algumas melhorias significativas incluindo notas e a questão da frequência das aulas.

**Inv- É possível a neutralidade neste tipo de trabalho?**

**TPE2-** Nós devemos ser neutros. Nem sempre é muito simples, porque lá está, a questão da gestão emocional e a resolução de conflitos exige que nós muitas vezes sejamos neutros ou pelo menos tenhamos aparentemente uma estabilidade mais neutral. Mas uma das características que eu também me apercebi bastante é que essa neutralidade incomoda muita gente, tanto de um lado como do outro. Principalmente na comunidade porque se não estás comigo estás contra mim. E inicialmente senti um

pouquinho, um bocadinho isso, mas tentava sempre ser o mais neutra. Depois tenho, nós temos depois o momento em casa em que podemos aliviar essas situações, por isso é que eu acho que este trabalho de certa forma deveria por parte dos técnicos ser mais acompanhado, havia de haver mais supervisão emocional e eu nem estou a falar das questões do projeto. Porque isso é muito monitorizado, agora a nível de gestão emocional, resolução de dilemas éticos que possam surgir como estávamos a falar há pouco. Isto é extremamente importante para o sucesso do projeto, mas também para o bem-estar dos técnicos que conseqüentemente vão levar para a população alvo. Ser totalmente neutro acho que só uma pessoa sem qualquer tipo de emotividade é que consegue ser totalmente neutro, mas é importante a neutralidade, mesmo para conseguirmos mostrar a ambos os lados a relevância dos dois.

**Inv- Existia a figura do dinamizador comunitário?**

**TPE2-** Foi uma dificuldade muito grande encontrar dinamizador, inicialmente a menina que integrou vivia lá na *Praceta*, mas só passado um mês de ela lá estar é que ela soube que tinha tido um avô que era de etnia cigana, porque ela nem tinha conhecimento, mas depois foi na exploração da história dela que nós acabamos por descobrir. Foi uma dificuldade muito grande por causa dos requisitos que exigem para o dinamizador. Como a nossa comunidade tem uma escolaridade muito baixa, nós não tínhamos ninguém com aquela, dentro daquela faixa etária com a escolaridade mínima que eles exigiam. Chegamos a submeter pedidos para dois ou três casos que foi recusado pela questão da escolaridade e, entretanto, incluímos essa menina e essa menina saiu na mesma altura que eu. Eu acho que eles acabaram por integrar alguém da comunidade cigana.

**Inv- Que diferença o projeto faz na vida destas famílias, crianças e jovens. Portanto o que é que este projeto trouxe e traz a esta população alvo.**

**TPE2-** Além de todo o suporte que possam ter nas atividades diárias que se fazia a nível escolar, a nível de procura de apoios e de recursos, procura ativa de trabalho, sensibilização. Eu acho que acima de tudo acabava por ser muitas vezes um elo da comunicação e da ligação com a comunidade maioritária. Como eles ainda estavam demasiadamente fechados, acabou por ser ali um bocadinho a porta para eles começarem a perceber e a conseguirem fazer uma ligação para a parte externa, por exemplo a ligação com a escola. Depois já era possível ver que alguns pais já falavam de forma mais tranquila com os professores. Algumas dessas reuniões eu estava

presente, mas o objetivo era que depois deixasse de estar presente e que houvesse ali uma boa comunicação. Por isso eu acho que acima de tudo além de tudo aquilo que nós tínhamos planeado e projetado para o projeto, eu acho que era basicamente criar uma linha que eles começassem a unir e interligar com a comunidade majoritária, isto é, todos a os serviços que eles necessitavam e que muitas vezes recusam. Para criar exatamente essa confiança. Nem toda a sociedade majoritária os vê da mesma forma e às vezes basta nós nos posicionarmos ou tomarmos determinados comportamentos ou atitudes um pouco diferentes que nos podem ajudar no restante. Eu acho que acima de tudo essa era uma das principais mais-valias do projeto, começar a criar uma ligação.

**Inv- Consideras que houve transformação?**

**TPE2** - Ligeira enquanto eu lá estive, mas significativa. É a tal questão, se nós fossemos a utilizar os dados e colocássemos, passássemos ali um SPSS provavelmente não era estatisticamente significativo, mas é mesmo de partir pedra e de pequenas vitórias diárias. **Inv- Última pergunta. Diz-me uma palavra chave que descreva o projeto.**

**TPE2-** O projeto todo? Para mim?

**Inv- Sim, sim.**

**TPE2-** Eu acho que a empatia. Empatia acho que é a palavra que mais senti e precisei de criar com todos. Tentar perceber um bocadinho e colocar-me sempre um bocadinho no lugar do outro, tanto com os jovens, como com os pais, com a comunidade majoritária. Era um bocadinho isto, era tentar criar ali uma ligação de empatia que pudesse proporcionar todas as outras questões, quer a comunicação, quer a afetividade, quer a relação. Muitas vezes começava-se a partir por aí, criar esta relação de empatia para depois conseguirmos construir todo o restante, por isso eu acho que no período que lá estive, acho que era assim que eu definiria de certa forma o projeto. Acho que era, foi aquilo que eu mais tentei [risos].

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

### A.4.3. ENTREVISTA TPE3

## **Transcrição da Entrevista – TPE3**

**Data** - 18 de fevereiro de 2021

**Hora e local** -17horas 30 minutos, via ZOOM

**Duração**- 1 hora e 09 minutos

**Inv-** Boa tarde! Estamos aqui reunidos com um técnico do projeto *Ei! - Educação para a Inclusão E7G*, a quem vou dar a palavra já de seguida. Boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *Ei! - Educação para a Inclusão E7G*.

**TPE3** - Então o projeto, ele foi criado por assim dizer a génese foi em 2015. O território para qual o projeto foi desenhado foi o *Bairro da Cumieira* e na altura, quando foi desenhado ele não tinha, ou seja, não tinha sido especificamente pensado única e exclusivamente para trabalhar com a comunidade cigana, ou seja, não foi de todo aquele o público que tinha sido, que fazia ali parte do diagnóstico que foi feito, que pelo visto foi mal feito. Depois veio-se a provar que foi mal feito, que uma das maiores necessidades era o trabalho com a comunidade cigana. Depois com a ida do projeto para o terreno, a 5ª geração não foi fácil, o início do projeto. Estamos a falar de um bairro que era tido para todos em *Fafe* como um bairro bastante problemático, existia ali um preconceito inicial de toda a gente, por assim dizer da cidade para com o *Bairro da Cumieira* que era muito associado a tráfico de droga principalmente e a atividades ilícitas. E é um bairro feio, ou seja, é um bairro muito sombrio que agora está completamente diferente, mas a imagem do Bairro quando chegamos lá inicialmente era sombria. Eu disse 2015 Micaela?

**Inv- Sim.**

**TPE3-** Mas está errado, 2013. Pera ai, deixa-me fazer as contas, está bem? 2013, 2015, sim 2013, a 5ª geração foi em 2013, depois a 6ª geração e a 7ª é isso, era 2003, ou seja, na altura nós não tínhamos qualquer experiência com este tipo de público, é verdade. A *Sol do Ave* ainda que tenha sempre atuado em vários projetos de âmbito social, mas não eram com comunidade cigana. Por isso foi uma experiência nova para toda a equipa. Inicialmente a equipa estava tão desadequada que o próprio mediador, aliás o próprio

dinamizador comunitário embora fosse do bairro não era da comunidade cigana [risos]. Por isso não conseguiu efetivamente fazer ali grande dinamização inicial do projeto e por isso é que os primeiros 6 meses do projeto foram bastante complicados, com a desistência da própria coordenadora, que abandonou o projeto e o dinamizador comunitário também saiu, ficou apenas uma das técnicas. Foi aí que eu entrei para o projeto como monitor *CID*, eu já fazia parte da *Sol do Ave* e fui simplesmente porque, quase em SOS. Até porque eu fui em regime de voluntariado, nem sequer era pago para estar lá, aquilo era horas que eu acabava por dar a mais e fazia o favor à instituição, nem sequer era pago para fazer o trabalho que comecei a fazer no projeto. Depois, entretanto, foi contratada outra coordenadora. O projeto começou a funcionar, de forma lentamente, mas a entrar nos eixos e efetivamente apercebemos logo que as pessoas que iam até nós eram quase exclusivamente de etnia cigana. Tanto o público mais velho e na altura na 5ª geração nós trabalhamos com pessoas dos 6 aos 30, não tínhamos a limitação que temos agora dos 6 aos 24. E pronto, basicamente começamos a perceber que aquilo que tínhamos no diagnóstico inicial não correspondia efetivamente ao que tínhamos ali no terreno, que o que existia efetivamente era uma grande falta de apoio na questão escolar. Porque os miúdos faltavam imenso à escola, havia um absentismo escolar e os pais efetivamente não valorizavam de todo o ensino escolar. Achavam que para a vida dos filhos o irem para a escola ou não irem não iria ter uma grande diferença, até porque grande parte dos pais ainda que tivessem pelo menos o 4º ano tinham analfabetismo funcional, ou seja, não conseguiam ler, nem escrever e pronto foi este cenário que nós acabamos por encontrar. Começamos a apostar numa ligação bastante grande com a escola e com o Agrupamento de Escolas de *Montelongo*, que era com quem, que era onde grande parte dos miúdos, onde eles estavam a ter aulas e começamos a trabalhar também com a rede social para perceber efetivamente onde é que podíamos atuar e adequar o nosso plano de atividades e alterar algumas das atividades, grande parte. O primeiro ano quase que foi perceber o que é que fazia ou não sentido e alterar tudo aquilo que tinha definido inicialmente para dar resposta às necessidades daquelas pessoas. Pronto no final da 5ª geração efetivamente já tínhamos público fidelizado, já percebíamos efetivamente onde éramos necessários, já estávamos a articular com a escola, já estávamos dentro da escola, ou seja, uma coisa que nós começamos a fazer a partir da 5ª geração foi a estar dentro de algumas aulas, ou seja, nós uma vez por semana, um técnico do projeto estava numa das turmas em que os nossos participantes estavam, para perceber em primeira mão quais eram as dificuldades

efetivas que existiam e para podermos de alguma forma ajudar de forma mais eficaz a tentar resolver essas fragilidades e a servir de veículo de mediação entre a escola, as crianças e os próprios pais, porque não existiam efetivamente relação, ou seja, a relação era muito insípida, a comunicação era quase nula, de parte a parte. Depois na 6ª geração começamos basicamente a reforçar as nossas atividades de apoio ao estudo, só na 6ª geração, nós na, na 5ª geração tínhamos 5 medidas que era a medida 1, a medida 2, 3, 4 e a 5, ou seja, tínhamos todas as medidas do *Programa Escolhas*. Nós estávamos a dinamizar, porque era permitido, depois percebemos que não fazia qualquer sentido. Principalmente trabalhar as questões de empreendedorismo e as questões da empregabilidade naquele contexto. Faria sentido posteriormente na fase inicial não, ou seja, tínhamos que fazer muitas coisas antes de começarmos a trabalhar o empreendedorismo [risos] e o emprego. Na 6ª geração focamo-nos efetivamente na medida 1 e na medida 3, ou seja, medida 1 questão da educação e medida 3 a dinamização comunitária e foram os eixos em que atuamos. E também tínhamos a medida 4 que tinha a ver com a questão das tecnologias. Basicamente foi nestes eixos que acabamos por atuar. Durante a 6ª geração quais foram as coisas que foram alteradas? Nós conseguimos efetivamente trabalhar como toda a população do bairro, ou seja, para além de trabalharmos maioritariamente com a população de etnia cigana conseguimos criar pontes e trabalhar também com o resto da população do bairro. Tivemos várias atividades de dinamização comunitária em que envolvemos todos os habitantes do *Bairro da Cumieira*. Foi bastante positivo porque havia ali umas relações de vizinhança que por vezes eram complicadas e acabaram por se criar ali dinâmicas interessantes e que até hoje continuam a acontecer e que estão a dar frutos até porque o próprio bairro vai passar a ter uma Associação Moradores um bocado fruto destes laços que foram sendo criados. Relativamente à relação com a escola, aquilo que tem acontecido é que a relação é cada vez mais forte e a metodologia que nós fomos tendo inicialmente foi cada vez mais fortificada e efetivamente nós somos sempre consultados parte a parte para mediar qualquer situação mais complexa que esteja ali a decorrer no seio da escola. Muitas famílias não têm mesmo telefone, ou seja, o contacto que as famílias têm é o do projeto e nós fazemos sempre a ligação entre uma parte e a outra tentando facilitar ali os processos principalmente quando existem questões relacionadas com faltas, ou com problemas ao nível, por exemplo existiam várias, agora ultimamente não porque os livros também são oferecidos, mas antigamente os pais tinham que os adquirir e nem sempre tinham como, porque mesmo quando existia, quando tinham

escalão acabava por haver livros que não eram oferecidos, os livros de fichas não eram oferecidos, agora são, agora dão tudo. Nessa altura nós também tentávamos de alguma forma, mesmo diante da ação social do município, fazer essa aquisição para fazer com que todas as crianças tivessem efetivamente, estivessem munidas de livros para poderem estar na escola como estão os outros colegas. Não sei se me estou a perder um bocado Micaela, se quiseres dizer alguma coisa.

**Inv- Não, tudo é importante e acaba por se cruzar com outras questões que eu tenciono fazer. Portanto nesta introdução, já se focou aqui várias questões, mas quais os objetivos da vossa intervenção?**

**TPE3-** É assim o objetivo primário da intervenção acabou por ser o combate ao absentismo escolar. Quando chegamos ao bairro tínhamos o absentismo escolar à volta de 95% dos miúdos estavam em situação de absentismo e posso-te dizer que no final desta geração quando fizemos o nosso relatório final ele estava abaixo dos 5%.

**Inv- Isso é ótimo.**

**TPE3-** Efetivamente há outras coisas que têm que ser trabalhadas porque não chega combater o absentismo, nós também queríamos combater o insucesso escolar. Não adianta as crianças irem à escola se não apropriarem competências, o ir por ir. Para essa questão do combate ao insucesso escolar nós o que fizemos foi o reforçar imenso todas as atividades que têm a ver com a aquisição de competências escolares e tentando de alguma forma também fazer a abordagem dessas competências de uma forma diferente. Tirando-as um bocado do contexto escola e trabalhando-as de uma forma diferente e criamos uma ferramenta Escolhas que faz parte da *ToolBox* e que foi o *laboratório Ei* que permite de alguma maneira.

**Inv - Que é qual?**

**TPE3 -** Diz desculpa.

**Inv- Como é que se chama a ferramenta?**

**TPE3 -** *Laboratório Ei*, tem o nome do projeto e laboratório porque é uma abordagem das componentes científicas de uma maneira diferente, fazendo com que eles aprendam experimentando. Basicamente é um conjunto de experiências que foram desenvolvidas em parceria com os professores e que depois nós desmontamos para trazer para o ambiente do projeto e fazer com que eles apropriassem as competências sem perceber

sequer que estavam ali a apropriar competências escolares e temos tentado fazer isso com tudo, ou seja, tentar que eles aprendam sem perceber que estão a aprender por assim dizer. Combater a ideia que a aprendizagem tem que ser uma coisa chata e aborrecida, ou seja, trazer aqui uma dinâmica diferente aos processos educativos. Daí nós apostarmos desde sempre nas tecnologias de comunicação. As *TIC* estiveram sempre presentes mesmo quando na 7ª geração as *TIC* deixaram-me de fazer parte, deixaram de ser obrigatórias por assim dizer. O *CID* nós nunca deixamos de ter porque sempre achamos que efetivamente sobretudo para a população que nós estamos ali a dar apoio as *TIC* são fundamentais e isto infelizmente este último ano, estes últimos 2 anos têm-nos vindo a dar razão, porque se não fosse efetivamente o trabalho que nós temos tido, com esta população seria impossível eles agora por exemplo estarem a ter aulas online. Porque não tinham competências para tal e os pais nunca teriam investido sequer em ter internet em casa porque não a sabiam usar, ou seja, há ali, obviamente que o trabalho que foi ali sendo feito acaba por ser mostrado agora e por facilitar alguns dos processos que estão a acontecer. Mas efetivamente isto para colocar na questão que fizeste o nosso grande objetivo era combate ao absentismo escolar, sendo que depois isto acabava por desagregar em vários. Tínhamos aqui o combate ao insucesso escolar e também a questão da dinamização comunitária e esqueci-me de dizer um que era importantíssimo que é a corresponsabilização dos pais no processo educativo. Este também era um dos nossos focus, foi desde o início, que foi envolver os pais e traze-los para dentro do processo, ou seja, eles fazerem parte do processo educativo dos filhos, não se manterem à margem e com isso eles próprios sentiram necessidade e isto aconteceu com muitos de irem estudar novamente, ou seja, despoletaram vários processos e aí tivemos obviamente a parceria da *Cruz Vermelha* que acabou por nos ajudar inicialmente na comunicação com a *Associação Comercial*. Acabou depois por se criar ali vários grupos em que ainda que as pessoas, porque nós tínhamos várias pessoas que estavam, que são certificadas ao nível do 4º ano, mas que tinham ativamente analfabetismo funcional. E então, por isso não podiam ter outra vez, não podiam frequentar outra vez um processo para o 4º ano. Então teve-se de criar ali uma forma diferente de fazer com que efetivamente eles apropriassem competências efetivas ao nível do 4º ano ainda que não precisassem de as certificar porque eles já tinham o 4º ano, mas aconteceram vários processos desses. Temos também nos últimos anos apostado muito na questão da formação profissional dos jovens, tentando que quando eles acham que a escola normal já não lhes faz muito sentido acabar por os encaminhar

para processos de formação profissional para áreas com que eles se identifiquem. E não é fazer formação por fazer, ou por acharem que é mais fácil a formação profissional, mas sim tentar sempre fazer este processo de acompanhamento e perceber desde o início qual é a área com que eles se identificam, onde é que eles se vêm a trabalhar mais tarde o que é complicado. Se pensarmos, se, quando tínhamos a idade deles o chegar à conclusão de qual é que é a área que eu me vejo a trabalhar é complicado. Se calhar nós ainda hoje podemos ter dúvidas e podemos não trabalhar só numa área, mas foi feito esse trabalho com eles e tem sido feito principalmente desde a 6ª geração. Trabalhar esta questão de criar objetivos e eles irem concretizando estes objetivos sempre com vista ao futuro e pensar se eu quero ser mecânico eu tenho que fazer isto, isto e isto, se eu quero ser cabeleireira, como algumas miúdas diziam e dizem, eu tenho que fazer isto, isto e isto, ou seja, eles comecem a fazer parte e a construir. Aquilo que querem para o futuro e perceberem que as coisas são feitas, passo a passo e que existe um percurso que tem que ser seguido e lá está, tanto os miúdos se aperceberam disso, como os pais perceberam isso e efetivamente com base nisso ainda que nós não tenhamos a questão do emprego e da empregabilidade como objetivo ou meta, nós ao longo deste tempo temos efetivamente conseguido encaminhar para emprego um número já bastante significativo de pessoas de etnia cigana que agora trabalham e que acharam que nunca iriam ter um trabalho que não fosse na feira, por exemplo.

**Inv- Recuando agora um bocadinho como é que, qual é, portanto já percebi que a vossa população alvo é a etnia cigana, maioritariamente.**

**TPE3** - Agora sim Micaela, agora é completamente etnia cigana, ou seja, o que nós temos que não é de etnia cigana é residual são para aí 5% dos nossos participantes.

**Inv- Então como é que caracterizam essa população alvo na sua maioria? E que tipo de relação vocês projeto, técnicos têm com eles?**

**TPE3-** Queres que faça uma caracterização em termos etários?

**Inv- Sim resumidamente de tudo, pode ser etário, económico, as condições em que vivem.**

**TPE3** - Ok, nós estamos a falar e agora temos que falar em termos maioritários. Porque maioritariamente estamos a falar de uma população que têm alguns analfabetos ainda, ou seja, diria que 10% da população é analfabeta, situação que tem, que se tem estado a tentar trabalhar. A tentar pelo menos que as pessoas aprendam o básico, nem que seja só

assinar o nome delas que para algumas pessoas já faz toda a diferença e estamos a falar de uma população que não é, que não é muito envelhecida, ou seja, maioritariamente nós estamos a falar de... Eu podia ter aqui dados mesmo percentuais corretos, mas vou falar em termos de número de pessoas, nós temos 125 pessoas, certo? Destes 125 os nossos participantes diretos são 60, ou seja, são crianças e jovens que têm idades entre os 24 e os 6 anos, sendo que destes jovens entre 6 e 24 anos os que se encontram na escola são apenas dos 6 aos 18. Uma questão que nós não temos conseguido contornar é que quando chegam aos 18 anos abandonam a escola. Agora o que temos conseguido é que este abandono se torne o mais tardio possível e que efetivamente tenham conseguido atingir já, coisa que nunca atingiram antes. Já temos alguns jovens que acabaram o 12º ano e pronto o 11º ano já é relativamente usual, 9º ano é a grande generalidade, ou seja, quando abandonam com 18 anos o 9º ano quase todos têm.

Em termos económicos estamos a falar de famílias que dependem maioritariamente do RSI. Estamos a falar de 80% destas famílias que são beneficiárias do Rendimento Social de Inserção e só os 20% restantes à partida trabalham ou estão incapacitados para o trabalho, basicamente é isto.

**Inv - Quando iniciaram o projeto, há alguns anos atrás que tipo de estratégias, técnicas utilizaram para atrair este público? Acredito que não fosse fácil esta questão inicial e gostaria também de saber com fazem para os manter.**

**TPE3** - Foi mais fácil mante-los que atraí-los, acredita. Foi mais fácil manter, porque depois as pessoas, porque é assim o manter é muito a questão de criar relação com as pessoas. E as pessoas perceberem que efetivamente toda a gente gosta de ser respeitada, toda a gente gosta de ser bem tratada e efetivamente foi o que nós fizemos com as pessoas e por isso não custou muito, ou seja, o mais difícil foi fazer com que as pessoas fossem até nós principalmente porque a Sol do Ave não tinha histórico de funcionamento no *Bairro da Cumieira*. O nosso projeto caiu de paraquedas no bairro, ou seja, inicialmente não tínhamos qualquer histórico, a equipa que trabalhava no *Bairro da Cumieira* era a equipa da *Cruz Vermelha Portuguesa* que fazia parte do nosso Consórcio e que foi fundamental inicialmente para criar esta ligação. E se nós pensarmos bem nós iniciámos o vínculo com as pessoas efetivamente foi junto dos projetos da *Cruz Vermelha* que já estava no terreno e nos quais as pessoas já confiavam porque já havia uma relação de trabalho de muitos anos com o *Colorir o Sábado*, que era o projeto que envolvia as crianças nos sábados e que até hoje nós mantemos também

em parceria com o projeto e com o qual nós temos muito carinho porque reconhecemos que foi efetivamente fundamental para esta entrada inicial no bairro. Para as pessoas perceberem que nós éramos de confiança porque é uma comunidade fechada. O bairro é fechado, aliás esta questão da dinamização comunitária como objetivo que nós temos na medida 3 é efetivamente por nós estarmos a tentar abrir o bairro à comunidade *fafense*. Haver aqui esta permuta de experiências que têm acabado por acontecer com várias atividades que temos feito e por isso é que a dinamização comunitária continua como um dos grandes objetivos nesta 8ª geração nesta nova candidatura, porque ainda há muito para fazer nesta, neste âmbito agora. Nós pensamos numa atividade de captação de público, que foram as atividades do *CID*, o *CID* foi fundamental para atrair as pessoas, toda a gente gosta, ou toda a gente tem curiosidade de aprender sobre informática e principalmente ali naquela comunidade onde as pessoas não tinham recursos para ter computadores em casa, nem telemóveis, nem nada tecnológico. Poder utilizar um computador aparece ali como um grande chamariz por assim dizer, por isso foi o *CID*, a estratégia foi apostar no *CID*.

**Inv- E como é que é hoje a vossa relação com este público alvo, com os participantes diretos do projeto?**

**TPE3** - A nossa relação é, pronto eu posso-te dizer que é uma relação de extrema confiança mesmo, ao ponto de, e é isso que custa mais nestes períodos de interregno porque as pessoas continuam a ligarmos quase todos os dias. Quando precisam de resolver um problema, não conseguem resolver sozinhas continuam a ligar para as pessoas. É uma relação ao ponto de quase toda a gente no bairro ter os nossos números pessoais, não os números de trabalho. É a relação de mesmo muita proximidade. Grande parte dos miúdos que agora têm 18 anos nós conhecemos novos. Os que tem agora 6 nós conhecemos quando eles eram bebés ou ainda não tinham nascido, por isso acabam, nós sentimos que somos parte daquela comunidade e efetivamente é uma relação de total confiança. Nós nunca tivemos, eu tive um único problema no bairro, um único problema e foi comigo, ainda bem, em que houve ali um conflito, mas que não foi conflito, uma questão que tinha a ver com o facto de ser sempre complicado esta questão das idades porque efetivamente nós não podemos ter crianças com menos de 6 anos no projeto, até por questões de seguro e pronto. E na comunidade cigana há muito esta questão, principalmente nas férias. Acaba por haver muita gente que vem e se calhar no vosso projeto acaba por acontecer a mesma coisa, ou seja, há muita gente que

vem de *Famalicão* para *Fafe*, ou de *Santo Tirso* para *Fafe* que são familiares das pessoas que vivem lá no bairro assim como as pessoas que vivem no bairro acabam por depois ir para *Santo Tirso*. Há este passar férias junto dos familiares. Depois houve ali uma questão com um familiar, porque havia uma criança que não podia estar no projeto e eu disse que não podia estar no projeto, que não tinha idade e depois o pai veio ali tirar satisfações comigo. E foi assim um bocadinho mais agressivo, não houve problema nenhum, mas de repente o que aconteceu foi que as pessoas, o resto da comunidade percebeu e efetivamente foram todos para lá e rapidamente a coisa acabou e eles queriam inclusive que a pessoa me pedisse desculpa, eu é que disse que não, que não queria que isso acontecesse, mas, ou seja, nós sempre nos sentimos muito seguros naquele ambiente. Eles zelavam efetivamente por nós e pelo projeto. Ao ponto Micaela de haver uma altura que eu não sei como uma janela do projeto ficou aberta e nós estamos no rés-do-chão. Agora como o bairro neste momento está em obras, nós estamos num primeiro andar, mas na altura estávamos no rés-do-chão e o que eu sei é que ligaram para aí às 11 da noite a dizer *“olhe vocês têm uma janela aberta, não se preocupem é só para dizer que está uma janela aberta, não vai acontecer nada, mas está uma janela do projeto aberta, mas já lá está o pessoal. Já lá está pessoal a guardar por isso não se preocupe”* e eu *“mas então não vai agora ficar aí uma pessoa toda a noite [risos] a guardar”*. Efetivamente depois fui lá para fechar e para teres noção eles efetivamente sempre zelaram pelo projeto e viram o projeto como uma coisa deles, da comunidade.

**Inv- Sentem-vos como família. E como é esta relação com os pais? Agora se calhar já conhecem os pais, já foram vossos participantes diretos há uns anos.**

**TPE3-** Sim, mas mesmos os mais velhos, mesmo os mais velhos Micaela sempre houve muito boa comunicação, porque nós, nunca impusemos nada, ou seja, as pessoas sempre vieram até nós porque queriam vir. Nunca foi porque tinham que ir, foi sempre uma escolha. Por isso nunca foi nada imposto, não era porque tinham. Imagina, nós efetivamente fazemos parte do *NLI* e isso até podia estar no contrato de inserção, mas nós fizemos sempre questão que não estivesse, que as pessoas tivessem livre arbítrio para estar, porque querem estar e porque percebem que é uma mais-valia para eles. E nesta questão os pais sempre estiveram, ou seja, efetivamente os pais não são os nossos participantes diretos muitos, porque nem tem idade para o serem, mas sempre foram envolvidos em todas as atividades. Nós sempre fizemos formação, nós por exemplo

tínhamos uma atividade que era *TIC famílias* exatamente porque era, principalmente para os pais. Para eles terem o tempo deles e tentávamos de alguma forma adequar as horas das atividades à disponibilidade também deles, sempre tivemos essa preocupação porque alguns faziam feiras e tentávamos articular de forma a conseguirmos conjugar as nossas atividades com a disponibilidade do público. Também ouvi-los e isso aí também foi sempre fundamental as associações, as assembleias de jovem, ouvir aquilo que eles queriam também. Dar a voz efetivamente às pessoas e perceber aquilo que elas efetivamente querem, porque aquilo que nós achamos que elas querem não é necessariamente o que elas querem. E depois conciliar com aquilo que nós achamos que são as necessidades deles. Sempre tentamos fazer um equilíbrio entre uma coisa e outra e funciona, porque é assim e nós sempre tivemos as pessoas lá.

**Inv- E quais foram ou são, pode sempre falar-se no presente, as maiores dificuldades que vocês vão sentindo ou o que é que é mais difícil para vocês fazer e atingir.**

**TPE3** - É assim, o mais difícil para nós, sempre foi a falta de recursos humanos. Os *Projetos Escolhas* têm orçamentos limitados, as equipas são pequenas e a nossa equipa sempre foi muito pequena. Eu posso dizer que na *6ª geração*, nós tínhamos um técnico, um coordenador, um monitor *CID* de vinte horas e um dinamizador comunitário de vinte horas, na *6ª geração* nós tínhamos apenas isto. Na *5ª*, na *6ª* era a mesma coisa, na *7ª geração* tínhamos um técnico, um coordenador e uma monitora a tempo parcial, por isso eram duas pessoas e meia. Por isso a maior dificuldade era tentar fazer face a todas as necessidades daquele público com tão pouca gente e aí tínhamos que nos socorrer sempre do consórcio. Foi fundamental esta articulação e é assim que eu acho que estes projetos podem funcionar dado que os recursos humanos são finitos. E aí nós tivemos que articular com os outros projetos nomeadamente com o projeto dos *Mediadores Intermunicipais* e dividir aqui um bocado as coisas, perceber o que é que eles podiam fazer e o que é que nós podíamos fazer. Tentando nunca deixar, ou seja, não colidir com a missão de cada um dos projetos, porque têm missões diferentes, a missão de um projeto de mediação intercultural é diferente da que nós temos ali. Porque nós não fazemos só isso, enquanto que os mediadores efetivamente fazem mediação, e o nosso papel ali também é o de mediar, mas não é só esse. Mas o maior constrangimento é sempre o constrangimento financeiro, que resulta na falta de recursos humanos porque depois o resto, por exemplo, podia dizer ok também há constrangimentos financeiros,

mas aí é mais fácil junto do consórcio conseguirmos que efetivamente nos apoiem na dinamização de determinada atividade pontual para as férias. Acho que o mais difícil é efetivamente os recursos humanos.

**Inv- E não sentem dificuldade em atingir determinados objetivos que vos são impostos?**

**TPE3-** Não Micaela por uma razão. É assim, nós sempre temos e mesmo que isso até nos possa penalizar em termos de candidatura, nós sempre fizemos candidaturas em que os objetivos fossem o mais realistas possíveis. Tivemos uma péssima experiência quando foi da primeira candidatura que efetivamente as coisas não estavam. No 1º ano o diagnóstico não tinha sido, foi efetuado da forma como foi possível e efetivamente não estava muito de acordo e nós sentimos isso na pele efetivamente e aí sim os objetivos que nos, que estavam em candidatura eram irrealistas e aprendemos [risos]. E aprendemos, o que nos tem acontecido e isso também é uma questão do *Programa Escolhas* é que sempre que nós atingimos os objetivos existe aquela questão de nos proporem objetivos mais altos. Porque as metas são sempre aumentadas e existe sempre esse, esse ajustar das metas e efetivamente sempre conseguimos atingir as metas com as quais nos propusemos mesmo quando tivemos que as alterar, porque as alterações que nós fizemos nunca foram demasiado grandes. Mesmo o próprio *Escolhas* não tem interesse que nós não consigamos atingir as metas.

**Inv- Sim e qual é o papel da comunicação entre vocês, entre o projeto, entre a sociedade maioritária, ou que importância atribuem à comunicação enquanto projeto e enquanto técnicos.**

**TPE3 -** A comunicação em que sentido Micaela.

**Inv- A comunicação mais especificamente com a comunidade, com o vosso público, com as pessoas que intervêm.**

**TPE3-** É fundamental, ou seja, acho que a comunicação é base do trabalho que nós desenvolvemos no dia a dia, ou seja, nada se consegue sem se comunicar de uma forma clara e verdadeira acima de tudo, ou seja, nunca faltar à verdade porque quando isso acontece dessa forma mesmo quando a verdade não é aquela que as pessoas querem ouvir eu acho que tem que ser dita. É importante a forma como é dita obviamente, mas tem que ser dita e a partir do momento que nós partimos de uma base de entendimento claro e de uma base de confiança que eu acho que é fundamental neste

processo de comunicação é que o canal de comunicação também é mantido. A partir desta relação de confiança que depois acaba por se estreitar porque as pessoas percebem que efetivamente que as pessoas são confiáveis.

**Inv- E sentem que essa comunicação é fácil entre vocês e eles?**

**TPE3** - É fácil, é assim, num primeiro momento, eu neste momento nem penso, para mim é muito fácil e sempre foi clara. Inicialmente eu tive alguma dificuldade porque alguns elementos principalmente os mais velhos falam muito *Ibenrian Calon*. Não falam em português corrente, principalmente as pessoas acima dos 50, mesmo quando se tentam expressar em português, existe ali alguma barreira de comunicação. A verdade é que eu também aprendi. A minha primeira fase no projeto foi sobretudo com e, quando nós começamos na 5ª geração, as primeiras pessoas que vieram até nós, foram os mais novos, 6, 7, 8, 9 anos e eles ensinaram-me, por isso também falo o dialeto, por isso comunico facilmente com eles.

**Inv - Houve uma adaptação fácil neste caso?**

**TPE3** - Houve, obviamente que eu podia dizer, que se nós se tivéssemos dinamizador comunitário, o dinamizador comunitário serve efetivamente para mediar este tipo de comunicação que possa ser mais complexa. Na 5ª, na 6ª geração ele existia e obviamente que foi útil nesse sentido, ou seja, eu acho que na 5ª e na 6ª geração ainda que na 5ª geração depois nós tínhamos estado o resto da geração sem mediador, mas existiram ali miúdos que fizeram esse papel ainda que não estivessem formalmente como dinamizadores comunitários, eles eram dinamizadores comunitários. Eles tinham esse papel no projeto e eram eles que faziam a ponte entre a equipa e as famílias. A partir do momento em que as famílias e que se estabeleceu uma relação de confiança com a equipa e por isso é que eu também acho que é fundamental que as equipas sejam o mais estáveis possíveis, que não exista uma grande mudança porque sempre que é introduzido um novo elemento, há laços que acabam por ser quebrados e coisas que tem que ser novamente criadas e construídas. As pessoas não confiam de um dia para o outro e efetivamente para fazer aquilo que nós fazemos no dia-a-dia de uma forma eficaz as pessoas tem que confiar no trabalho que nós estamos ali a fazer. E por isso é que as equipas efetivamente deviam permanecer o mais fixas possíveis e efetivamente recorrerem a elementos externos para atividades específicas, mas o núcleo duro da equipa devia permanecer o mesmo. Eu sinto que ali também o facto de não termos mexido com a equipa em termos estruturais. Houve sempre o técnico e o coordenador, o

coordenador e o técnico foram sempre os mesmos ao longo dos 5 anos praticamente, por isso há ali pessoas com as quais efetivamente nós já temos uma relação de confiança grande, por isso hoje em dia o comunicar é fácil.

**Inv - E a vossa intervenção acaba por ser mais preventiva ou remediativa.**

**TPE3** -Temos os dois tipos, se bem que nós tentamos sempre atuar de forma preventiva. Acaba por haver situações em que já é uma situação paliativa e não preventiva. Na questão da escola nós apostamos desde o início no 1º ciclo, atuar de forma preventiva, ou seja, fazer com que as crianças desde do, alias eu estou a dizer do 1º ciclo porque é onde nós, de forma formal podemos atuar. Sendo que nós temos intervenção a partir da pré e nós começamos a fazer a ligação com a comunidade a partir da pré, fazendo a ligação entre a educadora e a família ainda enquanto os miúdos andam na pré, porque também achamos que é fundamental e também foi uma questão que nos deu alguma luta, mas que agora é pacífica. Inicialmente as famílias não percebiam que se grande parte das pessoas não trabalham porque é que tinham de colocar as crianças na pré, as mães achavam que elas estariam muito melhor com elas do que com alguém estranho na escola e nós fomos explicando que efetivamente era fundamental que as crianças fossem mais estimuladas, que depois iam e ia ser mais fácil na escola. As pessoas foram-nos ouvindo e efetivamente hoje em dia toda a gente, todas as crianças vão para a pré, já é um dado adquirido e algumas delas até começam antes por causa dos pais estarem efetivamente a trabalhar. Começam e antecipam a entrada, por isso é assim temos tentado atuar de uma forma preventiva ainda que em algumas questões tenhamos que também atuar à posteriori.

**Inv- E como é que é esta relação entre, ou melhor, vocês servem de ponte entre a comunidade, os serviços e a escola. Portanto qual é a vossa relação e qual o vosso papel? A própria comunidade já é autónoma?**

**TPE3** - Nós o que tentamos fazer é autonomizar as pessoas ao máximo, ou seja, não queremos criar uma relação de dependência entre a comunidade e o projeto. A ideia é que as pessoas não precisem que nós estejamos ali. A verdade é essa, o ideal era as pessoas já terem, criarem o canal de comunicação e depois as pessoas autonomamente conseguirem resolver os problemas delas. Em alguns casos isso já acontece. Em alguns casos foi criado, há pessoas que efetivamente tem mais, que é lhes mais difícil resolver algumas questões e nós estamos lá sempre para dar esse apoio. Tentamos sempre, mesmo quando estamos a dar o apoio ser a pessoa em primeira mão a tentar resolver a

questão, nem que seja, por exemplo, numa questão tão simples como marcar uma consulta. Era muito mais fácil para nós pegar no telefone, ligar para o centro de saúde, marcar a consulta à pessoa. Tentamos que isto fosse gradual, porque as pessoas primeiro diziam “*ai a pessoa do outro lado não me vai perceber*”, “*então, mas se eu percebo a pessoa que está do outro lado também vai perceber*”, ou seja, há aquele medo de fazer e tentamos devagarinho ir dando essa responsabilidade à pessoa, até porque quando somos nós a marcar a taxa de falta às consultas é muito maior do que quando é a pessoa a marcar. A pessoa quando marca responsabiliza-se automaticamente. Nós também fomos vendo isso, a nossa experiência também nos foi dizendo isso e efetivamente tentamos ao máximo quando as pessoas conseguem ter autonomia para, mesmo quando não conseguem, nós tentamos que parte do contacto seja sempre com a intervenção da pessoa, intervenção direta e tentamos ao máximo que isso depois vá passando totalmente para a responsabilidade da pessoa, quer a nível do contacto com os serviços, quer a nível de contacto com a escola. Muitas vezes o que nós fazemos ali é dizer “*olhe a professora do*”, vamos imaginar “*a professora do Daniel quer falar consigo, quando é que consegue, quando é que consegue estar com a professora?*”. A pessoa diz-nos, nós marcamos a reunião e depois se a professora disser que gostaria que nós estivéssemos presentes por uma questão de facilitar a comunicação, nós estamos presentes. Se a professora acha que não vale a pena, nós não estamos. Se o pai acha que nós devemos de estar, ou a mãe, nós estamos. Se acha que não é necessário nós não estamos. Há casos em que efetivamente as pessoas neste momento são completamente autónomas, há outros em que efetivamente ainda há situações em que pedem a nossa ajuda.

**Inv - Falando agora aqui em exemplos, gostava de ouvir um caso que seja de alguma forma considerado sucesso e qual foi o vosso papel neste caso específico. Pedia o mesmo para um caso de insucesso.**

**TPE3** - Há casos efetivamente de insucesso porque efetivamente o sucesso e o insucesso são inerentes à prática, só quem não trabalha é que não tem casos de sucesso e de insucesso. É assim, sucesso são todos, nós temos vários graças a deus, se bem que este sucesso é relativo porque nós temos sempre a querer mais do que aquilo que conseguimos atingir. Para mim o sucesso seria eu neste momento, as crianças que nós começamos a acompanhar na 5ª geração neste momento estarem na universidade. Sobre essa perspetiva não tenho nenhum caso de sucesso, percebes? São todos de insucesso. É

uma triste realidade, mas é a realidade que temos. Agora casos de sucesso eu também te posso dizer que essas crianças que nós começamos a acompanhar neste momento estão todas a trabalhar, por isso sobre essa perspectiva são casos de sucesso. Agora eu gostaria que esse sucesso fosse maior do que aquele que foi. Sentir-me-ia mais realizado se eles neste momento em vez de estarem casados, a trabalhar, porque ainda há esta questão que pesa bastante. Chegam aos 18 anos e grande parte deles e delas casam, e o facto de ser com 18 anos, já é uma questão, porque aquilo que eu via quando nós chegamos lá é que havia vários jovens, para não dizer crianças casados com idades bem inferiores, com 15 anos. Isso neste momento não está a acontecer, o que eu acho que também demonstra algum sucesso na intervenção. As pessoas perceberem que efetivamente que assumirem um relacionamento numa fase em que, em que já têm uma idade maior será mais positivo, ainda que nem todas as famílias neste momento o entendam, mas pelo menos mesmo não entendendo é uma prática que está a acontecer, ou seja, só se estão a casar quando atinge a maioridade. Pronto, e basicamente é isso, agora o facto de as crianças estarem também a integrar na generalidade no ensino pré-escolar para mim também acho um caso de sucesso. O facto de termos neste momento um número muito reduzido de crianças em absentismo também acho que é sucesso. O existir muito pouca, ou seja, aquelas discussões que eram tão comuns no bairro e situações assim um bocado mais complicadas, neste momento são quase, eu diria, eu já não me lembro de ver sequer uma situação de discussão entre famílias. O nosso bairro era um bocado, existia ali uma segregação entre os de cima e dos de baixo ainda que as famílias fossem de etnia cigana, tanto em cima como em baixo, mas não comunicavam muito bem e o projeto começou a permitir que as crianças de cima e baixo pela primeira vez comunicassem, brincassem juntas e isso acabou por passar também para os pais. Neste momento acho que já não existe essa segregação, é um ganho dentro do próprio bairro.

**Inv - Desculpa, estava absorvida nos casos de insucesso e sucesso, porque a minha tendência é sempre de comparação pela realidade que vivi, por muito que.**

**PTE3-** As realidades *não* devem ser muito diferentes. Uma coisa também, desculpa, estava a esquecer-me de uma coisa que é o facto das experiências que nós podemos dar a estes miúdos todos ao longo do tempo, ou seja, coisas que eles nunca tinham feito e que fizeram porque estavam no projeto e que para nós são um bocado banais. Do género, mesmo essa ida a Lisboa que para nós pouco representou, para eles representou muito. O facto de nós fazermos várias colónias de férias com eles, mas colónias não no

sentido normal da colónia de férias. Nós optamos sempre por fazer coisas estruturadas por nós, à nossa medida e que os envolvessem e que os preparassem um bocado para a vida. Tentamos sempre dividirmo-nos em equipa por assim dizer, responsáveis por o aluguer ou de casas, ou de bungalows, ou que em cada casa ficava um grupo constituído por um técnico e um número de jovens e que depois tinham um orçamento que era atribuído e com qual se tinham que gerir durante o tempo que iam estar lá. Tinham a responsabilidade desde a alimentação, tudo tinha que ser gerido através daquele orçamento e gerido por aquelas pessoas e tentamos fazer isso todos os anos, ou seja, para lhes dar também ferramentas para eles aprenderem de alguma forma também a gerir o orçamento deles. E pronto, todas essas experiências que lhes fomos proporcionando, que eles não teriam tido, eu acho que também foi, acabou ser também bastante interessante e acaba por depois verter naquilo que eles se tornaram hoje. Porque tiveram acesso a muita coisa que a família não teve e puderam compreender o mundo de uma maneira diferente e por isso é que também estão a fazer as coisas de uma forma diferente, ou seja, não deixando as tradições que têm, não renegam obviamente a cultura que têm, mas percebem que podem fazer respeitando a cultura, que podem fazer as coisas de uma maneira diferente.

**Inv- No fundo esta parte final acabou por responder à pergunta seguinte que era que diferença faz o projeto na vida destas crianças, destes jovens.**

**TPE3-** Sim é um bocado, é um bocado isto. O projeto eu acho que funcionou sempre como catalisador para fazer coisas e foram sempre eles que nos foram dizendo as coisas que queriam fazer. Porque nós não nos lembramos de ah agora vamos fazer para o *Azibo* uma colónia de férias durante uma semana com os miúdos. Foram eles que nos disseram “*nós gostávamos de sair daqui, nós nunca podemos estar sem os nossos pais estarem connosco*”. Principalmente as raparigas diziam-nos isto “*é impossível*”, aliás para nós a maior demonstração de confiança que nos deram foi permitir que nós as levássemos, porque nós fizemos sempre questão de levar grupos que fossem completamente heterogéneos, 50% rapazes e 50% raparigas. Tinham de ter exatamente a mesma oportunidade para uns e outros. “*Podes ir*” para mim essa foi a melhor demonstração de confiança que aquela comunidade nos poderia ter dado.

**Inv- E é, sem dúvida que é.**

**TPE3 -** Claro que se alguma coisa tivesse corrido mal, olha éramos mortos [risos], estou a brincar [risos]. Não, mas aí foi mesmo, acho que o grande ponto de viragem

para mim foi esse, porque nós tínhamos tentado anteriormente para outras atividades em que as pessoas não iam dormir fora, iam voltar ao fim do dia e era sempre muito complicado. Com os rapazes nunca foi muito complicado, mas com as meninas era sempre muito complicado fazer atividades que tivessem que ir e quando isso começou a acontecer para nós foi o indicador que efetivamente havia confiança.

**Inv- Achas que é possível haver a questão da neutralidade, sermos neutros na intervenção que fazemos?**

**TPE3** - É complicado sermos neutros. Nós temos todos quadros de valores que nos são impressos desde criança. É bom termos a noção que temos que ser neutros, termos sempre isso bem, eu acho que quando não pensamos nisso é que é perigoso. É importante mantermos esta neutralidade, é aquela questão de a ponte não faz parte de nenhuma das margens [risos]. Se estamos num processo de mediação e se formos a ponte ela não faz parte nem da margem direita, nem dá margem da esquerda, mas efetivamente, principalmente quando estamos tão envolvidos com a comunidade a neutralidade é complicada. Quanto mais enraizada é esta relação é complicado mantermo-nos neutros porque algo nos vai puxar sempre para aquilo que é a comunidade com a qual nos estamos a identificar. Eu não, é complicado eu estar a mediar uma situação, mas tenho a noção que tenho que manter o meu papel neutro, sim.

**Inv- Penso que de já se foi falando de tudo aquilo que pretendia, só me esqueci de te perguntar qual a tua formação académica e qual o seu papel na tua intervenção no terreno.**

**TPE3-** Eu posso-te dizer, eu sou a pessoa mais estranha em termos de formação académica e isto porque e também já te disse que eu comecei no projeto como formador, neste caso como monitor *CID*, por isso a minha formação é na área das *TIC*. Eu aliás, eu sou formado em engenharia electrotécnica ramo de electrónica e instrumentação e computação com especialização em robótica. Por isso a minha formação base é de engenharia, depois para além disso eu tenho uma pós-graduação em educação, que fiz posteriormente porque eu estive durante muitos anos ligado a processos de educação, principalmente com cursos de educação e formação de adultos, desde a génese dos cursos EFA, ou seja, desde 2003. Trabalhei, inclusive na criação dos próprios, ou seja, toda a gente que esteve envolvida em formação foi co-elaborador por assim dizer dos referenciais de competências chave, porque antigamente existiam alguns momentos em que todos nós podíamos dar alguns contributos para isso. Dai

acabei por achar que deveria investir algum do meu tempo também a fazer formação na área da educação, por isso fiz uma pós-graduação em educação com especialização em educação de adultos.

**Inv - E até que ponto esta formação foi importante para esta intervenção que se faz no terreno, ou seja, achas que as estratégias que vamos adotando vem muita da prática do terreno e das pessoas, ou vem de uma formação académica?**

**TPE3** - É assim, no meu caso vem das duas coisas, ou seja, vem do meu contato com, é assim eu antes de começar ali eu já tinha uma experiência de 15 anos como formador, e trabalhei sempre com aquilo que eram formações de eixo 5, ou seja, os meus públicos eram sempre públicos bastantes fragilizados. Ainda que, a minha preferência pessoal fosse trabalhar com público adulto, também trabalhei com alguma formação na área de formação de jovens, mas eu preferia trabalhar sempre com, com adultos. Por isso é que também a minha pós-graduação foi em formação, em especialização em educação de adultos e não em educação de jovens. Aliás eu tive que aprender muito na relação com os mais jovens, que era onde eu tinha menos experiência. Agora em termos de formação académica obviamente que foi muito importante, eu tive algumas cadeiras de educação intercultural que foram fundamentais neste processo. Facilitaram bastante este trabalho com a população, neste caso estamos a falar da comunidade cigana, mas podia não ser, podia ser outra qualquer, ou seja, sempre que fazemos a intervenção com públicos que de alguma forma são múltiplos desafiados, que estão fragilizados é sempre importante adequarmos aqui o nosso *mindset* a esta intervenção, por isso foi fundamental sim. Tanto a experiência que eu já tinha como a formação, sim claro.

**Inv - Para terminar eu costumo perguntar sempre uma palavra chave que caracterize toda esta intervenção. Indica, por favor, uma palavra ou várias que possam caracterizar a vossa intervenção.**

**TPE3** - É complicado. É assim, relativamente àquilo que os jovens, a forma como eles sentem o projeto, eu sei porque também já lhes perguntei. É uma das coisas que nós fazemos. E utilizam muito, dizem que o projeto é a casa deles, grande parte. E quando eles dizem, isto é, porque efetivamente eles passam mais tempo no projeto do que em casa, maioritariamente acabava por acontecer isto. Infelizmente no último ano, nos últimos, em 2020 e 2021 isso não tem sido possível, dado aquilo que está a acontecer, mas era o que acontecia. Para nós agora dizer o que é que a nossa intervenção, como é que nós, como é que é que eu posso sintetizar isto? Por parte das equipas eu acho que o

que nós vemos e que melhor acaba por transmitir aquilo nós fazemos no dia a dia é a entrega, entrega total mesmo. Até porque para quem trabalha ou já trabalhou num *Projeto Escolhas* sabe que têm que existir isso, porque não existem praticamente horários, quase que nos anulamos durante o período que trabalhamos no *Escolhas*. Também é um bocado por isso que por norma os coordenadores de projeto e mesmo as equipas acabam por mudar bastante. Porque não é compatível com muitas outras atividades que a pessoa queira fazer no seu dia-a-dia. O *Projeto Escolhas* é um projeto, estes projetos são projetos a tempo inteiro, quando digo tempo inteiro também incluímos fins de semana e férias. Eu posso-te dizer uma coisa, eu durante o tempo que trabalhei no *Escolhas* nunca gozei mais de 12 dias de férias. Não, conseguia porque a equipa era pequena, por isso acho que a entrega. Relativamente ao trabalho o que eu vejo é sobretudo transformação, foi o que eu vi naquela comunidade, mas uma transformação que não é aculturação, foi mesmo transformação, porque se nós tivéssemos a falar aqui de aculturação, muito das pessoas deixavam de ser o que são para ser outra coisa. Elas passarão a integrar outras coisas, não deixaram de fazer o que já faziam, ou seja, aumentaram um bocado aquilo o horizonte que tinham nas suas vidas. Ampliaram e acabaram por apropriar e trazer novas coisas. É

um bocado isto, não sei.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.4.4. ENTREVISTA TPE4

## **Transcrição da Entrevista - TPE4**

**Data** - 23 de fevereiro de 2021

**Hora e local** -17 horas, via ZOOM

**Duração**-1 hora e 20 minutos

**Inv-** Boa tarde! Estamos aqui reunidos com uma técnica do projeto *Eurobairro Underground E7G*, a quem vou dar a palavra já de seguida. Boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *Eurobairro Underground E7G*.

**TPE4-** A *PASEC* que é a entidade gestora do projeto, promotora e gestora já fazia intervenção no terreno com estas comunidades antes de existir o programa, a candidatura ao *Programa Escolhas*. Fizemos a primeira candidatura ao *Programa Escolhas* na sexta 6ª geração em 2016, penso eu. Foi a primeira vez que fizemos uma candidatura. Eu acho que já tinha existido uma candidatura, já tínhamos tentado uma vez uma aventura em *Famalicão* através de uma outra associação em algumas das primeiras gerações do *Escolhas*, mas não foi aprovado porque *Famalicão* não é à partida um território considerado, de forma geral, nacional de máxima prioridade. Mas, entretanto, quando fizemos a candidatura à 6ª geração conseguimos efetivamente que o projeto fosse aprovado e até com alguma pontuação relevante. Pronto fizemos depois a candidatura à 7ª geração que foi basicamente um projeto de continuidade com alguns upgrades para a 7ª geração e também foi aprovado. Agora fizemos a candidatura para a 8ª geração, ainda não sabemos que é que vai acontecer, esperamos sinceramente que seja aprovado, porque as problemáticas acentuaram-se muito nos últimos meses por causa, principalmente por causa da questão do *covid*. Pronto o programa, o projeto assim de forma geral, o objetivo é um bocado o objetivo comum a todos os projetos que se candidatam ao *Escolhas*. Nós temos um grande número de crianças e jovens e famílias de etnia cigana no concelho. Nós somos uma equipa de 4 técnicos, mas há sempre envolvência de outros técnicos da plataforma da *PASEC* que neste caso também estão envolvidos de forma indireta no projeto e que também trabalham no terreno conosco, mas afetos ao *Programa Escolhas* nesse caso só estão 4, 4 técnicos neste momento. Pronto de forma geral o projeto pretende trabalhar sobre a temática de fundo

que é a exclusão social. E nós estamos a trabalhar em 4 contextos de bairro social. Uma chama-se *urbanização das Bétulas* que é se calhar o território com mais problemas que nós temos, a *urbanização das Bétulas*, o *complexo habitacional da Cal*, o *bairro das Lameiras* e um acampamento. Não é um bairro é um acampamento ilegal em *Meães* que já não é aqui bem no centro do concelho é mais na periferia. Vou começar pelas *Lameiras* que é o mais conhecido, é o bairro maior. Não é um bairro exclusivamente de etnia cigana tem cerca de, no bairro deve ter cerca de, só para aí uns 30% é que são de etnia cigana. É um bairro que está situado numa zona boa da cidade, numa das avenidas principais da cidade de *Famalicão*. É um bairro que tem uma associação que se chama a *Associação das Lameiras*, que é muito dinâmica e que promove ali no bairro todo um contexto favorável à inclusão social também. Essa associação de moradores inclui inclusivamente pessoas de etnia cigana e é essa associação que gere o bairro e funciona muito bem, mas é uma associação que já tem muitos anos, que foi criada pelos próprios moradores há muitos anos e que tem um sem número de respostas para o próprio bairro. Tem um centro de dia para pessoas idosas, tem a parte dos ATL, têm uma escola primária mesmo colada ao bairro e o próprio bairro, o bairro é enorme, tem um campo dentro, um campo de basquete, um campo de futebol, tem, tem, está-me a falhar o nome, onde as crianças vão brincar.

#### **Inv - Um parque infantil?**

**TPE4** - Sim, um parque infantil, tem um gabinete de Ação Social próprio para gerir essas questões diretamente com os moradores e pronto, é um bairro diferente e é um bairro que está bem encaminhado já há alguns anos. Depois o *Bairro da Cal* é um bairro que também tem associação de moradores, mas que não é tão dinâmica como a *Associação de Moradores das Lameiras*, é um bairro muito mais pequeno e que tem que cerca de, de etnia cigana é capaz de ter uns 60% mais ou menos. É um bairro mais pequeno, tem algumas problemáticas enraizadas, algumas relacionadas com a questão da própria cultura cigana, alguns problemas relacionados com a criminalidade, tráfico de droga, etc... Mas é um bairro que dentro destes 4, não é o ideal, mas também não é o contexto pior que nós temos. Depois temos a *Urbanização das Bétulas* que é relativamente recente. Naquele sítio existia um acampamento há muito tempo, só de etnia cigana. Entretanto a câmara fez uma intervenção, concorreu a um projeto inovador Urbanístico e construiu um bairro social só para aquelas pessoas do acampamento. Então essas pessoas do acampamento passaram todas a residir nesse bairro. É um bairro

que não está muito longe do centro da cidade, até está num sítio relativamente bom porque é junto a uma estação de comboios, mas é um bairro com muitos problemas, a comunidade não se adaptou ao local. E uma comunidade que até era muito unida enquanto acampamento, agora é uma comunidade com muitos conflitos, entre eles inclusivamente e tem muita criminalidade associada àquele bairro, desde tráfico de armas, tráfico de droga e roubos. Há muitas rugas frequentemente lá, vários familiares dos nossos participantes estão presos e um cem número de jovens que não tem qualquer ocupação, não trabalha, não estuda e que se dedica ao crime essencialmente. E pronto, já para nem falar daquelas outras problemáticas todas ligadas à cultura cigana que não deve ser novidade nenhuma para ti, relacionadas com a questão do afastamento daquilo que é o contexto escolar, nomeadamente problemas relacionados com o absentismo, com o abandono precoce, com a gravidez precoce das raparigas de etnia e muitas outras problemáticas. Depois, por fim, temos o acampamento, como te disse, que é um bocadinho mais na periferia, é um acampamento ilegal. O município já tentou algumas vezes reunir com os moradores para ver se era possível fazer lá alguma intervenção porque é um sítio que não tem saneamento, nem luz legal, nem água. Então a câmara já tentou fazer lá alguma intervenção, algumas obras, mas não é possível porque aquele espaço, ou melhor aquele terreno é um terreno privado e pertence a um elemento da etnia cigana que já morreu. E pronto houve algumas questões depois com essa situação porque, entretanto, aquilo passou a ser dos filhos, porque como tu sabes os casamentos de etnia cigana muitas vezes não são legalizados, são os casamentos deles e então a mulher não é herdeira porque não está casado, ou seja, não lhe pertence o terreno e então aquilo passou a ser dos filhos. Os filhos até há bem pouco eram menores, agora já não são, mas como ali havia muitos problemas relacionados com tráfico de droga, houve ali algumas desavenças nesse sentido e basicamente ele, a pessoa morreu, mas o terreno passou a ser de outras pessoas como forma de pagamento a dívidas que havia desses negócios, ou seja, é uma coisa que é falada entre eles e que está assim destinada entre eles, mas que legalmente não tem qualquer fundamento. E, entretanto, por causa dessas coisas, não passam o terreno, não o legalizam, não vendem e então é impossível fazer lá qualquer tipo de intervenção a esse nível. Só existe etnia cigana nesse acampamento e tem lá cerca de 17 agregados familiares que vivem em condições muito, muito precárias. Entre os bairros existem sempre muitos familiares, ou seja, são 4 bairros diferentes, mas há sempre ligações familiares entre eles. Pronto, assim de uma forma geral, caracterizando mais ou menos os bairros, é isto. Pronto, o projeto

*Eurobairro* então iniciou em 2016 como principal objetivo trabalhar com as crianças e jovens, dos 6 aos 30 anos, neste caso depois passou a ser 25, porque o *Programa Escolhas* reduziu um pouco a idade e nós começamos a trabalhar. Havia contextos que a *PASEC* não estava antes, por exemplo *Meães* e *Bétulas* ninguém estava a trabalhar nesses contextos. Nas *Lameiras* já havia alguma intervenção e na *Cal* também, mas, entretanto, depois o *Escolhas* permitiu que existisse mais técnicos no terreno, mais orçamento, mais atividades, mais tudo e então começamos a trabalhar com esses 4 contextos. Pronto de uma forma geral é esta a história do início do projeto. Nós temos como parceiros o município desde logo à partida e os agrupamentos de escolas, uma vez que nós trabalhamos muito com a questão escolar, alias um dos objetivos do projeto é mesmo esse é fazer a ponte com os agrupamentos para conseguir ter aqui um encaminhamento mais efetivo das respostas educativas para essas crianças e jovens. E temos também a *CPCJ* que também é nossa parceira pelas razões óbvias de sinalizações e encaminhamento de situações e de jovens e temos a *Associação das Lameiras* também como parceira e penso que agora é tudo. Agora temos mais dois novos, entrou mais dois novos parceiros agora para a 8ª geração, mas como ainda não foi aprovado também não vale a pena estar a falar. Pronto em *Famalicão* existe, eu considero que existe até uma boa interação entre associações, entre agrupamentos, entre pronto, entre os vários parceiros considero que existe algum trabalho de articulação que é fundamental embora muitas vezes esse trabalho também falhe. Pronto assim de forma geral acho que é isto, o que é que pretendias mais saber assim concretamente?

**Inv - Já foi bastante pormenorizado. Ora bem, então por partes, se calhar falar do início do projeto, ou seja, já percebi que são 4 bairros, mas como é que é a vossa intervenção junto desta população? Têm uma sede? Em princípio sim. Portanto, que tipo de intervenção, estratégias vocês utilizam no dia-a-dia e se calhar também recuando como é que vocês fizeram para os tornar participantes do projeto e os manter.**

**TPE4** - Então nós temos uma sede, mas que não é próxima desses bairros, é um bocadinho afastada, é na cidade, mas é um bocadinho afastada que é a *Casa das Ideias* e é onde nós, ou seja, é a sede da *PASEC*, da *Plataforma de Animadores de Socioeducativos e Culturais*, da entidade gestora. Mas o que é que nós temos? Temos em cada local que eu te disse, nós temos uma espécie de *animateca*, uma sala, pelo menos uma sala. Há sítios que temos mais do que uma sala, mas são locais, dentro dos

próprios bairros, onde nós podemos trabalhar com eles, ou seja, raramente os trazemos para aqui, para a sede, só em atividades muito específicas ou atividades que impliquem algum material que nós não temos, alguma dinâmica que não seja possível fazer no próprio bairro é que os trazemos para aqui para a sede. Nós também temos carrinhas, a *PASEC* tem carrinhas, não são financiadas pela *Escolhas*, mas que nós usamos para fazer esse tipo de mobilidades. Mas tirando isso nós trabalhamos dentro dos próprios bairros. Tirando o acampamento de *Meães* que lá obviamente não há nenhuma sala, nem nenhum sítio específico para trabalhar. Aquilo, pronto, aquilo parece quase sem querer ser muito má parece quase uma mini Síria, porque aquilo têm casas construídas com tijolos e tudo mais e em pedra, mas com muito poucas condições e assim. Mesmo o espaço exterior está degradado, é terra, é água por todo lado, ou seja, não há ali um espaço mesmo exterior que nos permita trabalhar com eles lá dentro. Então o que é que acontecia? Existe lá uma escola, uma EB1, uma escola primária muito perto, que é numa rua acima e em que nós trabalhávamos lá com essa população. Essa escola, entretanto, também teve um problema grave, porque essa escola só tinha alunos de etnia cigana e isso foi uma coisa que foi aconteceu ao longo do tempo, porque a comunidade restante afastou-se, deixou de inscrever os filhos naquela escola e repente a escola só era frequentada por alunos que eram do acampamento. E então depois houve uma queixa a essa escola, porque não era inclusiva, só tinha alunos de etnia cigana e, entretanto, fecharam essa escola. Isto foi há um ano e tal penso eu, mais ou menos há um ano, este ano letivo já não houve aulas nessa escola. Eles foram integrados noutras escolas, mas isso também acabou por ser um problema, porque o facto que eles terem sido integrados noutras escolas mais longe fez com que os pais deixassem de os levar à escola, ou por falta de meios ou por todas as outras questões que já sabes que são relacionados com a falta de valorização daquilo que é a escola para estas comunidades. Pronto, fazemos, aliás fazíamos antes de existir o *covid* bastantes dinâmicas que implicavam a interação entre bairros. Tínhamos vários, por exemplo, o desporto, as artes, fazíamos várias mobilidades entre bairros, várias competições, várias coisas que implicasse a interação entre os bairros. Como te disse nós temos carrinhas o que facilita e então conseguíamos muitas vezes levar os participantes de uns bairros para os outros para fazer algumas dinâmicas de interação. Como é que nós fomos para o terreno? Olha isto foi, o *Escolhas* foi aprovado, aliás já antes do *Escolhas* ser aprovado nós já começamos a ir para o terreno e isto foi um trabalho de porta a porta, de proximidade, de chegar à porta bater, apresentar “*sou o X, tenho um projeto, gostava de inscrever a*

*sua criança para participar nesta ou naquela atividade? ”. Começamos assim a ganhar alguma confiança, não foi assim logo de início, eles não vieram todos, não foi assim, foi aos pouquinhos e, entretanto, eles foram confiando. Depois ainda fomos tendo alguns problemas com alguns pais, mas ao longo do tempo fomos passando por cima disso e ao longo do tempo estabelecemos uma relação de confiança, um vínculo de confiança muito interessante com as famílias. Neste momento somos muito, eu considero que somos muito bem recebidos em todas as comunidades felizmente. Somos o ponto de ligação de outras entidades que muitas vezes têm um papel mais repreensivo do que nós, para conseguir que haja aqui um equilíbrio, porque é óbvio que nós quando vamos ao bairro eles já sabem que nós não vamos para lhes fazer nada de mal, pelo contrário vamos lá para lhes dar coisas boas, para lhes proporcionar momentos, para lhes proporcionar mais condições, para envolver os filhos em coisas interessantes, que eles gostam, porque isso também foi importante. O plano de atividades também ser enquadrado com aquilo que nós sabemos que eram os gostos deles e a forma como iríamos chegar a eles tinha que ser com as coisas que eles gostassem. E então também foi muito por aí e pronto e ao longo do tempo foi-se desenvolvendo aqui uma confiança. Os três primeiros anos do projeto foram mais difíceis, no terceiro ano já estávamos num bom nível e agora já é muito mais fácil. Agora com a questão do *covid* é que veio piorar muita coisa que tínhamos conseguido e que agora tem piorado, nomeadamente o nível de participação, mas isso considero que é normal, embora eu acho que não sofreu assim tanto tendo em conta, por exemplo comparando com o nível de absentismo e abandono escolar que existe nestas comunidades agora. Agora estão todos em casa, mas tínhamos um nível de absentismo e abandono destas comunidades quase a rondar os 80% e a nossa participação não decresceu assim tanto, mas decresceu um bocadinho, mas tínhamos muitos participantes, por exemplo a virem às nossas atividades e a faltar à escola, porque os pais consideram que é mais seguro estar connosco nos nossos espaços e com as nossas atividades, do que estar no contexto escolar. Muitas vezes o não ir à escola acho obviamente que é um bocadinho também desculpa, mas por outro lado também entendo porque nós técnicos vimos de um contexto diferente e eles entre eles também estão no bairro uns com os outros, e nas dinâmicas acaba por ser assim. Por isso, por esse lado até entendo, no entanto, acho que é um bocadinho desculpa para aquilo que já não é algo que normalmente eles gostam que é ir à escola e que os pais valorizem.*

## **Inv - Pois**

**TPE4** - Deixa-me só dizer isto antes que me esqueça. Eu começo a dispersar, mas espero que estejas a apanhar tudo aqui no meio desta confusão de ideias [risos]. Como é que nós nos organizamos em termos de equipa? Rede de tutores e mentores, ou seja, nós técnicos somos como mentores e temos alguém, ou seja, dentro da nossa equipa há sempre um elemento, um mentor que está mais diretamente ligado a um bairro. Por exemplo, eu estou mais ligada ao acampamento de *Meães*, ou seja, sou a figura principal da equipa ligada ao acampamento e é comigo que estabelecem a maior parte das ligações. Outro técnico está mais referenciado nas *Bétulas*, outro mais na *Cal* e outro mais nas *Lameiras*, porque senão isto em termos de comunicação ia ser uma confusão, ou seja, acho que é importante eles terem uma figura principal de relação, embora nós trabalhamos em todos os bairros dependendo depois também das atividades. Porque nós técnicos também somos especialistas uns mais direcionados para umas áreas, outros para outras e consoante as respostas que queremos dar a cada bairro. Nós acabamos por trabalhar quase todos em todos os bairros, mas existe uma figura, um mentor mais diretamente relacionado com cada bairro. E depois existem tutores que isto é algo que se calhar te interessa mais para aquilo que é a tua tese de investigação. E o que é que são tutores? São jovens que podem ser da comunidade, ou não, mais velhos que nos acompanham sempre nas atividades e que facilitam um bocadinho também a dinâmica das próprias atividades e que também servem um bocadinho de referência para eles, umas referências positivas, estás a entender? Pronto nós procuramos ter em todas as atividades e dinâmicas um técnico, pelo menos um técnico, às vezes temos dois, e sempre jovens tutores, por exemplo, nós começamos na 6ª geração, ou seja, nós na 7ª geração já tínhamos como tutores participantes jovens que eram somente participantes na 6ª geração, ou seja, à medida que eles foram crescendo e se envolvendo no projeto depois tornaram-se tutores. Pronto, basicamente é mais ou menos assim que nós nos organizamos.

## **Inv- Esses tutores são voluntários?**

**TPE4** - São voluntários, são jovens que eram participantes do projeto, ou não, ou participantes, por exemplo, de outros projetos da *PASEC*, da plataforma, porque nós depois temos outros projetos na *PASEC*, entendes? Não temos só o projeto *Eurobairro* e pronto esses jovens quando já começam a ter alguma idade, ali aos 15, 16, 17 anos começam a ficar envolvidos com a *PASEC* de forma geral. Depois consoante também o

perfil deles, quando vemos que são jovens que têm perfil para estar em contexto de bairro social e que até gostam desse tipo de contexto nós convidamos para fazer parte das nossas atividades, também consoante aquilo que eles têm para nos oferecer. Alguns são mais ligados às artes, alguns mais ligados à música, alguns mais ligados ao desporto e nós vamos encaminhando para as nossas atividades, ou seja, podem ser jovens dos contextos onde nós estamos a trabalhar, jovens mais velhos e que são participantes do projeto e que passam principalmente de participantes a tutores como outros voluntários da *PASEC* em geral e de outro tipo de projeto e dinâmicas que temos.

**Inv- Falando agora um bocadinho da vossa relação com os pais, qual é a vossa relação? Que trabalho fazem com eles? Qual a relação com os pais e com as famílias?**

**TPE4** - Eu considero que temos uma boa relação com praticamente todas as famílias, obviamente que já tivemos alguns pequenos problemas durante esse percurso todo, é normal, mas no geral não temos qualquer problema, confiam em nós, temos uma relação direta de porta a porta. Nós procuramos sempre resolver as coisas e falar sempre diretamente nas casas deles, batemos à porta. Nós passamos muito tempo na rua, nas casas deles mesmo agora nestes períodos de pandemia e tudo mais e nós vamos muitas vezes a casa deles, perguntarmos como é que estão as coisas. É mesmo uma relação muito próxima e direta e de confiança. Fazemos algum trabalho com os pais, mas não é o objetivo principal do projeto.

**Inv- E vocês nesse trabalho apelam, por exemplo, à corresponsabilização dos pais no processo educativo dos filhos e na promoção do sucesso, ou a diminuição do absentismo. Há aqui algum esforço da vossa parte nessa corresponsabilização? Ou simplesmente acabam por substituir esse papel?**

**TPE4** - Essa é uma das principais lacunas que o projeto tem. Não posso dizer que é uma lacuna, porque o objetivo do projeto não é trabalhar diretamente com as famílias, mas ao longo da *6ª geração*, porque nós na *6ª geração* não tínhamos previsto praticamente trabalho nenhum com as famílias a não ser a partir das *TIC*, não sei se tu te lembras que na altura era obrigatório a medida 4.

**Inv- Sim, eu era monitora CID.**

**TPE4** - Pronto, nós na *6ª geração* também tivemos e na altura também tínhamos atividades que eram com adultos nesse sentido, nas *TIC*, mas reparamos ao longo da *6ª*

*geração* que era uma lacuna grande do projeto que nós não tínhamos nenhum trabalho direto. Porque nós fazemos esse trabalho de sensibilização, mas é tudo porta a porta, aquilo que nós até chamamos de *gabinete itinerante* que é um bocadinho para isso. É um bocado o bater à porta, o dizer “*olhe o seu filho não está a ir à escola*” e também ajudar noutra tipo de questões familiares que muitas vezes existe e de conflitos. Mas assim diretamente trabalho de formação parental na *6ª geração* não tínhamos nada e nós reparamos que estávamos um bocadinho a trabalhar com as crianças e jovens e depois sentíamos que eles iam para casa e depois em casa não havia continuidade naquilo que eles aprendiam connosco. E nós começamos informalmente cada vez a ter mais aproximação com esses familiares. Na *7ª geração* nós criamos uma atividade diferente que era as nossas *assembleias de pais*, ou seja, não sei se vocês tinham as *assembleias de jovens* também definidas de 2 em 2 meses, que é uma coisa que o *Programa Escolhas* obrigada.

**Inv- Sim, sim tínhamos.**

**TPE4** - Pronto, nós também tínhamos as *assembleias de jovens* e temos. Então nós criamos as *assembleias de pais*, para quê? Precisamente para isso, para serem momentos em que juntávamos alguns familiares dos bairros, dentro dos bairros e que fazíamos uma espécie de reuniões informais onde refletíamos sobre algumas questões, nomeadamente estas questões relacionadas com o absentismo e o abandono escolar, estas questões relacionadas muito com a cultura com te falei há pouco, da gravidez, desse tipo de situações, dos conflitos que existiam no bairro, refletir um pouco sobre a dinâmica do próprio bairro. E, entretanto, começamos com essas assembleias precisamente para serem momentos de trabalho com os pais, familiares. Nós achávamos que ia ser muito difícil convencer as famílias a estarem nestas sessões, inicialmente não foi, ainda conseguimos alguma participação no 1º ano. Foi só o 1º ano e, entretanto, começou a existir esta questão do *covid* e deixamos de fazer essas dinâmicas. Agora para a *8ª geração* pretendemos continuar com esses momentos e ainda fizemos aqui também um ou dois *upgrades* também para trabalho com famílias. Prevemos uma ou outra atividade a que chamamos *SHS* que tem a ver com segurança, higiene e saúde, também para trabalhar diretamente com os pais. E pronto, vamos ver se vamos para a frente com isso ou não, depende da aprovação ou não do projeto, porque nós continuamos no terreno efetivamente, mas estamos a fazer as coisas mais essenciais e

algumas coisas de continuidade mais essenciais nestes meses de interrupção. Depois se o projeto for aprovado vamos para a frente com todas as outras atividades previstas.

**Inv- E se ele não for aprovado, continuam no terreno?**

**TPE4-** Provavelmente sim, mas não com todos os meios que temos agora.

**Inv- Que dificuldades sentem, ou foram sentindo na vossa intervenção, por outras palavras quais são as maiores dificuldades, obstáculos ou desafios.**

**TPE4** - Então deixa-me lá pensar sobre isso, as maiores dificuldades. Acho que o comprometimento, acho que às vezes há um bocadinho falta de comprometimento, era mais no início, por acaso sentíamos mais isso que havia alguma falta de comprometimento. Nós planeávamos muitas vezes grandes atividades, atividades que implicavam muita logística, muita coisa e às vezes havia participantes que falhavam à última da hora e nós ficávamos frustrados, mas sinto que ao longo do tempo isso foi acontecendo cada vez menos, ainda acontece, mas foi acontecendo cada vez menos. Mais dificuldades? Olha criar esta noção de que a escola é muito importante, tem sido muito difícil, há uma i muito grande daquilo que é a escola, da expectativa que eles têm em relação à escola e isto tem sido difícil de trabalhar, então agora que aconteceu a situação do *covid* está cada vez mais difícil e acho que agora estamos a tentar ao máximo arranjar soluções com os agrupamentos de escolas para estas comunidades que neste momento estão sem nenhuma resposta ou uma boa resposta pelo menos, uma boa solução para esta população que não tem meios para isto. Mais coisas? A própria cultura, temos tido muita dificuldade nas nossas jovens, que começam ali a chegar aos 13, 14, 15 anos a ficar prometidas. Até são, são antes disso, mas que começam a casar e pronto o casamento de etnia cigana. E que automaticamente uma vez isso acontecendo deixam de participar nas atividades ou participam, mas de forma muito pouco frequente e também desistem logo da escola, deixam de ir e temos tido muita dificuldade com essas jovens dessa faixa etária porque são muito pressionadas pelas regras da própria cultura e isso tem sido muito difícil de trabalhar. E às vezes acontece de nós estarmos a achar que estamos ali a chegar a um bom caminho com algumas e às vezes acontecem umas surpresas de repente e pronto, isso faz-nos ficar um bocadinho frustrados neste caso. Mais questões? A questão que muitas vezes eu sinto e isso é o que nós também tentamos trabalhar. Nós trabalhamos a inclusão social com eles, mas que há toda uma inclusão social que deve ser trabalhada não com eles, mas com a restante sociedade, neste caso comunidade, sociedade em geral, entendes? Não adianta, nós às vezes

achamos que até estamos a conseguir abrir horizontes no trabalho que fazemos com eles e depois a restante comunidade não corresponde. Por exemplo, dou-te o exemplo de jovens que querem por exemplo trabalhar e que ninguém facilita isso. Vão à entrevista de emprego e são excluídos automaticamente porque são ciganos, por exemplo, já tivemos essas situações. Nas próprias escolas existe exclusão, as próprias respostas educativas muitas vezes são pouco inclusivas quando vemos aquelas turmas de *PIEF*. Não sei se vocês aí também têm, são constituídas por alunos de etnia cigana e isso não facilita nada, mas são as próprias escolas que fazem essas turmas, que fazem esses grupos isso dificulta tudo.

**Inv- Pegando no tema *PIEF*, há quem veja o *PIEF* como uma medida alternativa e de discriminação positiva, qual é a vossa opinião relativamente ao *PIEF*? Qual é o impacto da medida?**

**TPE4-** Eu acho que não tem resultado nada, pelo menos naquele que é a nossa realidade. Eu não sei se em outros sítios funciona muito bem, aqui não tem funcionado muito bem. Resultou no sentido em que os alunos iam à escola, iam mais vezes à escola porque sabiam que se iam sentir bem na turma em que estava, ou seja, porque gostavam da turma, ou seja, pela parte social, mas efetivamente não aprendiam nada, não adquiriam competências nenhuma nesses contextos. Porque os alunos não facilitavam nada a intervenção dos professores, eram alunos super desinteressados e acabava por existir ali uma contaminação negativa entre eles. Nesse sentido de não estudar, de não se esforçarem nas aulas, de não prestarem qualquer atenção, ou seja, efetivamente se calhar foi bom nesse sentido de eles virem mais vezes à escola, mas por outro lado ele acabam o ano e qual é o sumo daquilo? O que é que eles aprenderam? Muito pouco, entendes? Muito pouco. Os *PIEFs*, por exemplo, são respostas alternativas porque as aulas são completamente adaptadas, são mais informais, mais práticas, mas o absentismo tem sido muito grande na mesma, seja em *PIEF*, ou não seja em *PIEF*. O absentismo, não mudou nesse sentido, eu acho que continua igual. Portanto considero que no geral acaba por não ser uma resposta eficaz, eficiente.

**Inv- E nessa relação que ainda falaste da discriminação da sociedade maioritária em relação à comunidade cigana. Vocês sentem que de alguma forma são ponte nesta relação para uma melhor e maior integração dessas comunidades.**

**TPE4 -** Sim. Isto é assim, nós acabamos por ser um projeto de intervenção, nós estamos em muitas reuniões de parceiros locais e pedem muitas vezes a nossa opinião e nós não

somos uma associação, mas quase que representamos entre aspas a comunidade cigana aqui em *Famalicão*, ou seja, somos nós que defendemos os interesses deles nesse tipo de situações, neste tipo de reuniões políticas e somos sempre nós que damos um bocadinho a voz por eles e tentamos desta forma abrir um bocadinho a mente dessas pessoas que estão à frente às vezes de instituições, das pessoas que fazem as políticas, que fazem as regras. E realmente eu acho que nós somos, e também não só nós, porque nós também procuramos muitas vezes levar alguns jovens connosco para fazer esse trabalho, para terem voz junto destes órgãos políticos. Olha ainda há pouco tempo, há pouco tempo não, mas houve um seminário aqui em *Famalicão* que era sobre a etnia cigana e não convidaram elementos da etnia cigana para estarem nesse seminário e fui convidada para ser oradora. Então levei um jovem de etnia cigana, ninguém sabia, mas eu levei e po-lo a falar. Porque acho que é isso que falta um bocadinho, sabes? É um bocadinho auscultar, eles terem alguma representatividade. Não temos muitos elementos com essa capacidade infelizmente, mas o que temos estamos a tentar aproveitá-los. Ainda agora o município vai-se candidatar aos mediadores municipais e nós claro que fomos logo consultados para identificar dois elementos que fossem positivos e de etnia cigana, que fossem referências positivas para mediadores. Pronto já estamos a fazer, a planear esse projeto, a escrever esse projeto e temos felizmente dois, duas referências positivas nesse sentido. Temos um rapaz e uma rapariga que já concluíram o 12º ano e que estão a trabalhar e vamos tentar que eles entrem nesse projeto. Já fugi um bocado à tua questão, já nem me lembro qual é que era [risos].

**Inv- Não, está bem. Tinha perguntado em que medida vocês serviam de ponte, se sim ou se não, entre a comunidade cigana e a sociedade maioritária. E acho até que acabaste por responder a uma que eu pergunto sempre que é para falarem de um caso de sucesso. Fica a faltar um caso de insucesso.**

**TPE4** - Infelizmente os casos de insucesso são muito maiores do que os casos de sucesso, eu acho que todos os técnicos que vêm trabalhar para esta área e com este tipo de público tem que se habituar um bocadinho à frustração e a trabalhar com poucos resultados porque efetivamente são muito mais as desilusões do que aqueles jovens que conseguem realmente chegar aonde nós pretendemos que eles cheguem, mas temos, por exemplo, temos esse caso. Temos dois jovens referenciados agora para esse projeto como eu te disse, mas vou falar do rapaz neste caso, porque foi um jovem que esteve sempre envolvido com o projeto desde que começou como participante, depois como

tutor, como voluntário e depois fez estágio profissional conosco dentro do próprio projeto e fomos nós que o encaminhamos na altura para conseguir ajudá-lo a arranjar um emprego. Foi muito difícil, foi um daqueles casos que eu estava a falar, ele deve ter ido para aí a oito entrevistas de emprego ou nove, em que saiu de lá a achar que tinha corrido muito bem e que supostamente até era o candidato mais indicado e foi excluído sem nenhuma razão aparente a não ser o facto de ser de etnia cigana. E embora ele nunca tivesse dito que era de etnia cigana, pronto visivelmente o aspeto, pronto, era difícil de enganar. E pronto ele neste momento está a trabalhar, não está a trabalhar na área dele, na área que ele tirou formação, ele tirou formação em animação numa escola profissional, mas, entretanto, não conseguiu trabalhar na área de formação e está a trabalhar numa espécie de confeção, não sei explicar muito bem, mas sei que é. E agora estamos a ver se através do município conseguimos que ele entre para esse projeto de mediadores municipais e daí trace um bocadinho o seu futuro profissional na sua área. É um caso de sucesso, não só pelo sucesso profissional, mas também como pessoa. É uma referência para os jovens, ele é do bairro da *Cal* daquele bairro que eu te disse que não é nem tão bom, nem tão mal, mas ele está num contexto, tem um agregado familiar muito grande. Tem muitas crianças pequenas que estão na casa dele e ele vive num T2, salvo o erro, onde vivem, sei lá, para aí umas treze pessoas, quatorze, nem sei bem e muitas delas são crianças pequeninas. E nesse sentido ele apesar de ter um contexto familiar super desestruturado, historial de crime, pai preso, irmão preso, tráfico de droga, mãe vítima de violência doméstica, ou seja, um caso que tinha tudo para dar errado e que tanto como pessoa, como a nível de integração social e profissional é um caso de sucesso. Casos de insucesso? Tenho muitos [risos], mesmo muitos. Não sei, mas por exemplo nós estávamos a trabalhar, quando nós começamos a trabalhar com o acampamento de *Meães*, que é aquele acampamento ilegal que eu te falei, tem lá algumas jovens que são quase todas da mesma faixa etária e nós começamos com elas na primária, na tal escola que eu te disse que só tinha alunos de etnia cigana. E nós fizemos ali um trabalho de continuidade desde o 1º, 2º, 3º, 4º ano. Depois no 5º e no 6º perdemos algumas porque eles vão para outras escolas e muitas vezes nós não conseguimos acompanhar as turmas todas para onde eles vão, mas tentamos sempre fazer a intervenção com as turmas e privilegiamos a continuidade. E pronto, conseguimos mais ou menos acompanhar algumas delas, algumas fizeram parte de uma turma que eu te disse e nós fazíamos intervenção nessa turma, ou seja, acompanhamos aqui ao longo de alguns anos e trabalhamos muitas questões com elas. Elas diziam “*não*

*eu não me vou prometer, eu não vou casar cedo, eu quero estudar, eu quero*”, muitas vezes tivemos este tipo de conversas com elas, trabalhamos estas coisas com elas, com a família inclusivamente e tínhamos pais a disseram-nos “*não a nossa família, a nossa filha vai estudar até quando ela quiser, não vou, não vamos pressionar nada*”. Tínhamos pais a dizer isto, mas de um momento para o outro houve uma jovem que aos 15 anos, foi aos 15 anos? Exatamente que aos 15 anos, tinha nada, foi antes, tinha 13 anos, penso eu. E de um momento para o outro apareceu-nos grávida e foi assim um choque, não estávamos mesmo nada à espera e foi complicado sabes porquê? Porque a partir do momento que essa jovem engravidou, foi uma, mas elas eram todas muito próximas umas das outras, vivem no mesmo sítio, andavam sempre juntas e a partir do momento que aconteceu a uma, não estão todas grávidas, mas estão várias, foi assim aos poucos. Depois houve mais uma que se prometeu, mais uma que casou e agora não estão todas ainda. Ainda tenho ali esperança numa ou duas, mas efetivamente foi aqui uma espécie de contaminação. Houve uma que engravidou e começou a partilhar isso com as outras, já saiu de casa, foi morar com o jovem, com o pai do filho e depois as outras começaram também e acabam todas por estar nesse trajeto e não era aquilo que nós queríamos porque o que é que acontece? Efetivamente ela engravidou e a partir desse momento deixou de frequentar a escola e ela é menor. E depois entra aqui outras questões que nós também não entendemos, que é a parte das *CPCJ*. Porque é que não acontece nada a este tipo de situações? Porque é que não andam para a frente com esse tipo de processos? Aqui em *Famalicão*, pelo menos desde que eu estou a trabalhar aqui, durante estes anos todos nunca houve uma medida, a não ser uma medida de sensibilização normal aos pais de tentativa de mudança. Nunca houve, nunca aconteceu nada em nenhuma família, com nenhuma criança ou jovem.

#### **Inv - E as equipas de *RSI*?**

**TPE4** - Existe alguma pressão nesse sentido de cortar o *RSI* se efetivamente faltam à escola, mas do que eu sei e até hoje vi efetivamente nunca aconteceu. Acontece às vezes cortes de *RSI*, por outras questões, às vezes burocráticas ou então descobrirem que a família tem mais rendimento do que devia, ou esse tipo de situações, mas efetivamente por causa de absentismo e abandono escolar não temos conhecimento nenhum até hoje, de ter acontecido isso até hoje. Depois há aqui um descrédito. Um descrédito normal que acontece e é complicado lidar com isto. Nós também fazemos alguma pressão nesse sentido, às vezes há situações, ainda agora, por exemplo, uma criança que sabemos que

está numa situação mesmo muito complicada e que não entendemos como é que não é feito nada naquele caso. É um caso de negligência pura com uma criança que tem um problema grave psicológico, que não vai à escola e estão a deixar passar, a deixar andar. Olha não sei onde é que vai parar.

**Inv - A vossa intervenção é mais remediava ou preventiva?**

**TPE4** - É uma boa questão [risos]. Nós queríamos que fosse mais preventiva e é para isso que nós trabalhamos, por isso é que nós começamos a trabalhar com as crianças desde que elas têm 6 anos, isto também porque não pode ser antes. O *Escolhas*, pronto sabes que exige que seja dos 6 anos embora eu acho que esse trabalho já podia ser feito numa idade antecipada. Mas efetivamente é a partir dos 6 e a partir dos 6 a maior parte das crianças desses contextos começa a estar connosco e nós efetivamente trabalhamos com eles para que seja um trabalho de prevenção. No entanto, tendo em conta que os problemas já estão enraizados nas famílias e o problema não pode ser olhado só de forma individual para o participante, para criança neste caso e por isso já não é só um trabalho de prevenção, entendes? Nunca é só um trabalho de prevenção.

**Inv - E a comunicação no meio de toda esta intervenção, qual é o seu papel comunicação?**

**TPE4** - A comunicação está presente em tudo, existe efetivamente. Da nossa parte como eu te disse é uma comunicação muito informal, muito próxima das comunidades, muito próxima das famílias e resulta. Acho que efetivamente a comunicação entre outras entidades, nomeadamente entre as entidades mais repressivas e estas comunidades não é afetiva não existe, ou a que existe falha. Porquê? Porque não é feita da forma que te estou a dizer, ou seja, eles não vão falar com as pessoas, não vão ao terreno, ou seja, convocam através de cartas, cartas que às vezes chegam, às vezes não chegam, eles também não ligam às cartas. Ou então tentam telefonar, mas eles estão sempre a mudar de telefone, de números, porque muitas vezes não tem saldo e aquelas coisas todas e não conseguem entrar em contacto e é uma confusão. Então o que fazem muitas vezes é que nós somos a ponte dessa comunicação. Às vezes ligam para nós “*olha não consigo falar com a família do X, vais lá ao bairro? Se vais diz isto, ou faz isto*”. É claro que sendo uma comunicação indireta há mais risco de falha, é normal. E nós fazemos o que podemos e sempre que nos pedem este tipo de situações nós fazemos e mesmo das famílias quando precisam de alguma coisa, por exemplo para resolver questões que são mais ligadas com a ação social ou coisas relacionadas com

alimentação, ou coisas relacionadas com o *RSI*, esse tipo de coisas. Nós tentamos sempre fazer essa ponte de contacto, mas obviamente que não é a ideal. Não é igual do que se as coisas fossem tratadas diretamente, há mais fuga de informação. Nós tentamos estar sempre muito próximas dos nossos parceiros também e fazemos várias reuniões, não só as de consórcio, mas outras, outras mil e nessas outras mil também há muita coisa que se diz e que fica ali na reunião e não é posta em prática. Isso acontece, muitas vezes, pronto, há entidades que são muito pouco proativas, entendes? E isso às vezes é complicado, mas é assim, eu também estou aqui a queixar, a queixar, a queixar e se calhar até nem é assim tão mau comparativamente a outros sítios, eu não sei. Estou-te a dar aqui a conhecer um bocadinho a nossa realidade e parece que está tudo assim a funcionar muito mal [risos]. Tipo não é nada disso, também não é assim tão mau [risos], mas efetivamente há lacunas, há falhas.

**Inv - Fala-me agora de um conflito que tenha existido e a forma como procuraram resolver, pode ser?**

**TPE4** - Sim, vou-te dar uma das situações que já foi para aí há, no primeiro ou segundo ano do projeto, penso eu. E foi comigo diretamente e foi com uma criança que foi a uma das nossas atividades. Era uma atividade algo dinâmica e na altura, eu já não sei como é que se chamava a dinâmica sinceramente, mas sei que implicava algum movimento e houve um miúdo que na situação em si gesticulou qualquer coisa, acho que tinha a ver com roupa até. Eu acho que tinha a ver, era uma dinâmica que tinha a ver com roupa, não sei se tinha a ver com vestir o maior número de roupa possível num determinado tempo, era assim qualquer coisa mais dinâmica e sei que no meio disso o miúdo estava meio que distraído. Eles também são um bocadinho agressivos nalgumas situações, quando implica assim competição eles ficam um bocadinho mais agitados e agressivos. E, entretanto, aconteceu ali qualquer coisa e o miúdo ficou muito chateado, porque eu lhe disse qualquer coisa, eu já não me lembro muito bem, ou porque disse para ele tirar qualquer coisa, não sei. E sei que ele disse qualquer coisa do género “*vou dizer à minha mãe que me bateste*”, qualquer coisa assim e na altura estavam os miúdos todos e mais uma técnica comigo. Pronto isto foi numa fase muito embrionária do projeto eu própria fiquei ali do género, “*vou ver como é que vou lidar com isso*”, até a minha cabeça já estava a desenhar montes de situações, mas o que aconteceu? Ele disse “*ai vou dizer à minha mãe que me bateste*” e tu sabes que as pessoas de etnia cigana têm aquela fama de serem muito agressivas e quando se juntam e quando se trata dos filhos que aquilo é

uma confusão e eu ainda não conhecia assim muito bem aquela comunidade e pensei *“olha vou chegar lá e ele vai dizer ao pai, ou à mãe o que ele quiser e eles ainda se vão virar a mim”* foi logo o que eu pensei. Mas eu pensei *“olha isto tem que ser resolvido, frontalmente, sem medo”*. Porque eu acho que quanto mais medo tu mostras ou quanto mais fragilidade mostras, mais tendência tem a vir para cima de ti. Desculpa lá esta expressão meia, mas é um bocado assim que funciona. E então eu pensei *“não, eu vou tratar esta questão frontalmente, vou chegar lá, vou expor, vou dizer tudo o que tiver a dizer e olhe, seja o que Deus quiser”*, na minha cabeça foi o que eu pensei. Pronto e o miúdo continuava a dizer *“quando eu chegar a casa vou dizer”* e eu *“está bem, pronto vais chegar a casa e vais dizer isso efetivamente, mas vais dizer à minha frente”*. E então cheguei lá, bati na porta, porque nós batemos sempre à porta para chamar os miúdos e também como os fomos levar ao bairro, porque na altura nós estávamos numa sala que era próxima do bairro, mas não era dentro do bairro mesmo. Era uma sala ali na vizinhança. E então nós fomos com eles para o bairro e cheguei, bati à porta do senhor e disse-lhe *“olhe o seu filho tem uma coisa para dizer”* e ele ficou olhar para mim *“uma coisa para me dizer?”*, eu *“sim o seu filho tem uma coisa para dizer”*, e eu disse *“diz lá ao teu pai o que tu querias dizer”* e ele disse, ficou assim tipo a olhar para o pai, a olhar para mim e disse assim muito rápido *“ela bateu-me”* [risos]. O pai ficou assim confuso, a olhar para mim, a olhar para ele e o que é que ele pensou? *“Então se ela tivesse batido, ela não estava aqui a pedir para ele dizer isto e aqui à frente da minha porta. Isto não fazia sentido nenhum”*. E então ele ficou assim muito confuso, olhava para o miúdo e disse *“ela bateu-te, como assim?”* E eu sempre à espera, e eu *“diz Ricardo, o que é que eu fiz?”* E ele começou ali a ficar atrapalhado porque estava a mentir. Quando as pessoas mentem ficam assim atrapalhadas, e umas crianças que também estavam lá no grupo de atividades disseram assim alto *“ela não bateu nada, ele está a mentir e não sei quê.”* E o pai olhou para mim e perguntou-me *“o que é que se passou, bateu-lhe?”* E eu disse-lhe, *“olhe, claro que não, claro que não bati no seu filho, como nunca bati em nenhuma criança, não ia ser agora no seu filho”*. Penso que já estava há cerca de um ano mais ou menos, não sei se já tinha feito um ano e disse *“você já me vem conhecendo, eu nunca fiz isso a uma criança, não ia ser agora que ia fazer, muito menos ao Ricardo. Olhe o seu filho está a mentir e como ele está a mentir eu vou castiga-lo e ele não vem durante 2 meses às atividades, ok?”* E ele ficou a olhar para mim e disse *“está bem”* e eu disse *“percebeste?”* para o miúdo e ele disse que sim, entrou em casa e a situação resolveu-se assim. Depois comecei a pensar se eu não

tivesse feito aquilo, se eu não tivesse ido lá falar com o pai e mostrar a situação efetivamente como foi, porque isto é um exemplo de comunicação também e provavelmente o que é que ia acontecer? Ele ia chegar a casa, ia dizer uma coisa e eu não ia estar lá, o pai ia falar com não sei quem e ia tentar saber se era verdade e se calhar até havia alguém que dizia alguma coisa que nem tinha nada a ver e acrescentar à situação. E ia se calhar causar ali um problema muito maior e se calhar quando eu fosse ao bairro, no dia seguinte se calhar efetivamente aí poderia me acontecer alguma coisa, não sei [risos]. Até hoje não sei, mas na altura foi assim que eu resolvi essa situação e a partir daí é sempre assim que nós resolvemos as situações. Acontece alguma coisa em alguma atividade, algum problema com alguma criança, algum jovem e nós a primeira coisa que nós fazemos é quando chegamos ao bairro falar com a família e dizemos “*olha ele hoje fez isto, está assim*”, percebes? Fazemos sempre essa partilha direita na hora, não esperamos para o dia a seguir, nem para a semana a seguir. Se tivermos que implementar alguma regra, algum castigo fazemo-lo logo na hora, que é para não haver aqui nenhuma fuga e também para não acharem que nós também tratamos de maneira diferente uns de outros. Pronto é um bocadinho isso que nós fazemos diariamente.

**Inv- Eu no início da entrevista costumo questionar a área de formação e peço para relacionar com a intervenção que é feita no terreno, ou seja, o que pretendo saber é qual é a tua formação e qual a importância da mesma no trabalho que é feito no terreno, ou se efetivamente o que vão aprendendo no trabalho no terreno e as formações paralelas têm sido mais importante na tua intervenção.**

**TPE4-** Agora é a parte em que ficas surpreendida, acho eu [risos], porque eu sou de criminologia, tirei criminologia. Eu sei que não é muito comum, pelo menos quando eu entrei para a 6<sup>a</sup> geração que não havia nenhum criminólogo ligado ao *Programa Escolhas*, pelo menos coordenadores não havia.

**Inv- Entrevistei uma por acaso.**

**TPE4 -** Sério? Não sabia, boa. Por acaso a minha área é criminologia, na minha equipa tem pessoas com outras áreas, mas a minha é criminologia. Se efetivamente tem alguma coisa que me ajude a criminologia com o meu trabalho efetivamente agora? Tem e não tem. Imagina ao contrário do que a maior parte das pessoas pensam, embora se calhar a outra rapariga já te explicou a criminologia não é um trabalho de CSI, como muitas vezes as pessoas pensam que é, não é. A criminologia baseia-se muito na questão da prevenção criminal, na prevenção da delinquência juvenil. E nesse sentido sim, tem

tudo a ver com este projeto, mais no âmbito do desenho do próprio projeto e não tanto naquilo que eu faço diariamente no terreno, porque o trabalho que eu faço diariamente no terreno é mais relacionado com educação social do que propriamente com a criminologia em si. A parte da Criminologia ajuda-me em tudo o que é, no desenho, no diagnóstico, na parte mais ligada se calhar à resolução de conflitos, de mediação, à questão de se calhar me facilitar mais a questão de perceber e sinalizar alguns casos e encaminhar. Isso tem a ver com o meu curso efetivamente. O trabalho em si que desenvolvo nas atividades com as crianças e jovens não têm propriamente a ver diretamente com o curso, é um trabalho mais de educação social e eu acho que, sinceramente eu acho que a experiência é o mais importante, isso e a as características individuais que também são fundamentais. Por exemplo, o perfil do próprio técnico não tem só a ver com a formação que fez, a formação universitária que fez. Acho que isso é o mais importante, é o perfil dos próprios técnicos. Há coisas que são fundamentais e a formação claro que ajuda, e as formações que fui fazendo desde que também estou a trabalhar nesta área. Mesmo o próprio *Escolhas* como tu sabes promove muitas formações nesta área. E depois a experiência que vais adquirindo, como é óbvio, é o mais importante como te digo. Mas o mais importante para mim, é mesmo o perfil e a experiência que vais adquirir ao longo do tempo também.

**Inv - Estamos mesmo a terminar. Qual é, ou melhor, que diferença o projeto faz na vida destas crianças e jovens? Se o projeto por algum motivo terminar que diferença irá fazer na vida destas famílias, destas crianças?**

**TPE4** - Eu acho, eu acredito [risos] que ia fazer muita diferença, acredito que ia mesmo fazer muita diferença. Primeiro porque, agora não falando das crianças, jovens e das famílias, pelo menos para os nossos parceiros eu acho que nós temos sido fundamentais para eles. E eles estão sempre a dizerem-nos isso e acho que não é de graça por assim dizer [risos]. Acho mesmo que nós neste momento somos muito importantes. Por exemplo, nós agora nesta situação fomos fundamentais para os agrupamentos de escolas, sem nós eles não conseguiam estabelecer metade das ligações, metade das redes de contacto, metade das soluções educativas, mesmo não sendo as melhores nem as ideais. Não conseguiam sem nós, sou te sincera. E para as próprias crianças e jovens e eu sei que faria muita diferença, primeiro porque quando nós não estamos no terreno isso sente-se logo, por exemplo, nós agora com estas paragens, nós deixamos de estar no terreno e quando voltarmos já parece que já estão diferentes, estás a perceber? Parece

que já há mais problemas, já há mais conflitos, já os miúdos estão mais fechados em casa, já não tem dinâmica. É muita a diferença de quando nós estamos no terreno e de quando nós não estamos. Por isso eu acho que sim, que o projeto ia fazer mesmo muita diferença. Por exemplo, uma das coisas que nós avaliamos frequentemente com eles nas *assembleias de jovens* que são momentos maiores de avaliação, que nós fazemos com eles, sobre a importância do projeto para eles. Já fizemos algumas entrevistas nesse sentido, de procura de testemunhos, da diferença que fez no trajeto deles e na importância que o projeto teve no projeto de vida deles e de facto eles referem isso como uma coisa muito positiva e mesmo muito, muito especial. Portanto tudo me leva a crer que sim.

**Inv - Descreve-me o projeto ou a vossa intervenção numa palavra-chave ou várias. Qual era palavra chave que melhor descreveria a vossa intervenção?**

**TPE4** - É difícil, mas eu acho que, eu acho que escolhia proximidade. Não sei, se calhar há, há muitas outras que se encaixariam, mas eu acho que o fundamental é isso. É o trabalho de proximidade que nós temos, a confiança que nós temos, o porta a porta. Isso é o fundamental. Porque imagina tu podes ter uma atividade toda *XPTO* de futebol, uma atividade *XPTO* de dança ou do que quer que seja, mas no fundo são tudo atividades que são apenas um meio para eles estarem envolvidos. Tudo bem que a partir daí conseguem adquirir competências e que podem ser soluções futuras. Podem, mas grosso modo o importante é a envolvência. E acho que isso, pronto, é mais do que esse tipo de soluções e atividades que nós temos. São muitas, nós temos muitas atividades mesmo, algumas delas são marca do projeto, mas acima de tudo essas atividades são apenas coisas apelativas, porque no fundo o mais importante é este trabalho de porta a porta que nós temos de confiança, de proximidade, de resolver as coisas cara a cara, de dar resposta no momento, de comunicação direta. É um bocadinho por aí.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.4.5. ENTREVISTA TPE5

## **Transcrição da Entrevista - TPE5**

**Data** - 25 de fevereiro de 2021

**Hora e local** -14 horas, via ZOOM

**Duração**- 56 minutos

**Inv-** Boa tarde! Estamos aqui reunidos com uma técnica do projeto *Eurobairro Underground E7G*, a quem vou dar a palavra já de seguida. Boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *Eurobairro Underground E7G*.

**TPE5** - O objetivo principal do projeto na 6<sup>a</sup>, na 7<sup>a</sup> geração passa um bocado também da integração também social. Depois o projeto tem vários objetivos, nós temos a parte da integração social como é óbvio, candidatamo-nos à parte das TIC porque nós notamos muito que existe muita falta de formação das TIC por parte dos pais principalmente e dos novos participantes. De uma 6<sup>a</sup> geração para uma 7<sup>a</sup> sentimos a necessidade de envolver os pais, porque nós na 6<sup>a</sup> geração tínhamos mais atividades direcionadas para os participantes diretos, mas de uma 6<sup>a</sup> para uma 7<sup>a</sup> geração notamos que de facto deveríamos envolver aqui os pais de outra forma e então houve aqui uma criação, por exemplo, da *assembleia de pais* que nós não tínhamos, uma parte de sensibilização. Por exemplo, fizemos uma atividade que se chama *gabinete itinerante* eu falo com eles e estou sempre no apoio da interpretação do correio, ou marcações para o apoio social, mesmo a nível de gestão doméstica, a parte dos tribunais e assim. Mas isso foi uma atividade que veio da 6<sup>a</sup> geração, mas na 7<sup>a</sup> geração existe aqui um reforço, mesmo também numa parte de prevenção. Mas muitas vezes eles têm uma questão já cultural enraizada entre eles, mas muitas vezes temos que fazer esse trabalho de prevenção e temos que começar pelos pais, porque não adianta trabalhar com os participantes e depois temos, neste caso os pais que são as pessoas exemplos deles muitas vezes a praticarem coisas contrárias. E assim de uma forma geral é isso, uma parte mais de integração social, mas aqui há outra coisa que eu considero importante, que é, eu acho que até fazemos um trabalho de prevenção e de inclusão, contudo também temos que trabalhar a questão da comunidade em si. Porquê? Porque eu tenho vários casos, eu ajudo muita gente a ir a entrevistas, por exemplo de emprego, contudo à

partida porque são de etnia cigana não são logo contratados e nós fazemos este trabalho. Temos aqui um bairro, eu vou falar mais do bairro em que estou a fazer mais intervenção, porque nós quase que estamos divididos. Eu já estive em todos, menos em *Meães*, mas vou falar de um caso recente. Tenho uma cigana que não se nota, porque há ciganas que a nível de aspeto, o cabelo e assim, pela fala dizem logo que são de etnia, mas ela por acaso, não, não se nota assim muito, mesmo pela fala. Ela própria treina a fala, para falar de forma diferente para conseguir arranjar emprego. Entretanto eu marquei uma entrevista, mas ela pediu por favor para dizer que não era cigana, porque senão à partida não a iam integrar e de facto aconteceu. Ela não disse que era cigana. Do bairro onde eu trabalho, eu falo mesmo com a população à volta. É um bairro que tem muitos problemas, muito tráfico, a polícia está sempre lá, os miúdos muitas vezes partem os vidros dos carros e assim, mas eu à volta também tento mudar um bocado a mentalidade, mesmo do comércio que está lá à volta, muitos restaurantes fecharam por causa daquele bairro e acho que o projeto também, um dos objetivos também do projeto, uma coisa que nós falamos mesmo agora para esta nova geração, que era a questão de trabalhar, não só a comunidade específicas da etnia cigana, mas sim toda a comunidade no geral, porque acho que não adianta nós fazermos um trabalho de prevenção no bairro sendo que à volta a mentalidade é ainda outra.

**Inv - Como é a vossa relação, como é que se caracterizam a relação que têm com estas comunidades, com os vossos participantes diretos.**

**TPE5-** [risos] É assim eu, a minha relação já acaba por ser um bocado especial como eu costumo dizer. Porquê? Eu sou convidada para tu teres noção para casamentos, eu participo nas festas deles de vez em quando, eu bato à porta e já nem é preciso esperar que alguém dê autorização. Eu só digo “*venho tomar café*”, tenho este tipo de brincadeiras “*então podes entrar*”. Depois tenho uma relação bastante próxima e isto pode ser bom, mas pode ser mau ao mesmo tempo, com todas as famílias. Como é óbvio no bairro das *Bétulas* que é o que eu estou mais, basicamente estou lá todos os dias, a relação é outra, mas eu em todas as casas, mesmo aqueles pais que eu até nem conheço muito bem. Mas acho que isso tem a ver com a minha forma de estar, porque eu sei me adequar a vários contextos, por exemplo, eu de manhã comecei com uma roupa, entretanto já mudei de roupa para ir para os bairros. Não estou a criticar os meus colegas, mas por exemplo eu não vou com uma calcinha de fato e com um blazer para o bairro, a forma de eles me verem já é outra, portanto eu meto-me mais informal e

pronto. E sempre fui assim, desde os meus 15, 16 anos, eu acho que o facto de também ser interessada por isto de culturas e assim. Já fiz voluntariado mesmo noutras associações e foi uma coisa que percebi desde início, a forma de nos estarmos e a nossa linguagem corporal, a forma como nós comunicarmos tem-se que se adaptar mediante, lá está as situações e os contextos que nós estamos. Portanto a minha relação com eles acaba por ser muito especial, mas lá está, eu neste momento estou a trabalhar como é que hei de explicar? Com os filhos e os pais já foram os meus participantes [risos].

**Inv - E que tipo de estratégias vocês adotaram no dia a dia para que esta aproximação fosse possível ou para esta intervenção. Que tipo de estratégias, ferramentas?**

**TPE5** - É assim, nós fazemos muito trabalho de porta a porta e acho que o facto de muitas vezes de, por exemplo, a minha colega começou em *Meães* com o projeto, foi fazer o porta a porta, apresentar o projeto. Dar um bocado aquilo que os participantes queriam mediante as necessidades deles é aqui uma primeira abordagem que eu acho essencial, que é o quê? A apresentação, quem é que nós somos, depois “*olhe precisa por acaso de alguma coisa?*”. É um bocado aquilo que eu faço. Não sei se também a minha colega contou, por exemplo, eu estou a fazer um bocado o trabalho da *CPCJ*, ou da segurança social, ou das escolas. Pronto o facto de muitas vezes também apoiar a este nível, também já criamos aqui um reforço de confiança e depois como obtemos a outra parte que é, o facto de nós termos facilidade e alguns recursos e meios, permite uma melhor cativação por parte dos participantes, isto é muitas vezes nós damos acesso a outras atividades de grande escala, por exemplo intercâmbio entre bairros, entre outro tipo de atividades mesmo do concelho, que acabam por cativar os nossos participantes.

**Inv - Eu ia questionar precisamente isso, é difícil ter participantes nas atividades, ou, entretanto já os conquistaram?**

**TPE5-** O projeto não está só nos bairros, nós temos, por exemplo, nós estamos integrados nas escolas e depois temos a parte de teatro e da oficina de meditação, e a parte de espetáculos e assim, portanto nós temos imensos grupos. Falta de participação não temos a nível geral, agora existe algumas falhas de participação sim, em certas atividades, principalmente nos bairros sociais porque eles às vezes têm muita falta de compromisso. Mas é assim eu não vou falar pelos meus colegas, mas lá está onde eu estou tem que haver [risos] pelo menos o mínimo de 13 participantes. Eu sou chata o suficiente, às vezes eu começo só com 2, mas no fim acabo para aí com 20. Agora como

é óbvio existem dias que são mesmo muito difíceis, mas às vezes tem a ver com uma parte cultural deles, ou porque morre alguém, ou até porque está a chover e nós não temos sala. Neste caso no *Bairro das Bétulas* nós temos que andar uns três minutinhos a pé e quando está a chover bem há muitos não lhes apetece ir. Na parte do apoio ao estudo aí já é um sacrifício, mas eu lá está transformo o apoio ao estudo numa parte engraçada para eles, mas há dias que não é fácil, que eu própria fico frustrada. Agora com esta situação do *covid* com a situação de participação dos bairros sociais nas atividades, mas isso tem a ver com a falta de acesso às *TIC*, porque nós continuamos a fazer muita coisa online e no ano passado eu ainda consegui fazer umas oficinas de dança. Eu também estou na dança, no teatro eu estou em tudo quase [risos]. Em todas as atividades eu ainda consegui, mas este ano eu vou ser sincera, a parte do bairro social eles só estão mesmo comigo quando eu vou ao bairro. De resto a nível digital às vezes participam num desafio ou outro que nós pomos no *insta*, mas aí eu tenho que pedir ao irmão mais velho para emprestar o telemóvel, mas a nível de dança, do teatro e assim não consigo fazer online.

**Inv - Então a vossa intervenção nesta fase acaba por ser nas escolas e de ser uma forma de chegar a eles?**

**TPE5-** Muitos não estão a ter aulas online, por exemplo, ainda hoje de manhã fui ao bairro porque que as escolas estão a dar os trabalhos de casa e nós estamos a ir entregar e na próxima semana vai haver professores em sala de aula e quem quiser ir lá vai ter aqueles computadores fixos, mas está tudo muito separado e tem que ser tudo muito bem combinado para não haver contacto de aluno com aluno e o município está a pensar fazer isso, porque nós temos imenso miúdos, principalmente dos bairros sociais em que os computadores não chegaram aí.

**Inv - Relativamente à tua formação, queria saber qual é a tua formação e se de alguma forma ela foi importante e preponderante para a intervenção no terreno ou se de facto o que aprendeste no terreno é mais importante para ti?**

**TPE5 -** A minha formação, eu nunca acabei nenhuma licenciatura [risos]. Eu comecei, a minha área foi área social na altura. Vou-te ser sincera eu no meu 10º ano mudei 6 vezes de curso. Eu fui para ciências das tecnologias, depois eu só não queria era ir para cursos profissionais, porque na altura a ideia dos cursos profissionais era para alunos que não eram capazes, mas depois achei interessante o curso de técnico de apoio psicossocial que tinha aqui uma vertente de apoio social, mas também podia estar à

frente de equipas, desenhar projetos e eu pronto “isto até parece interessante”. Eu já fazia voluntariado nos bairros e pensei “isto aqui deve ser um bocado a minha onda e vou, pronto vou fazer o curso”. Depois na universidade, eu tive na *Universidade do Minho* a tentar entrar em educação, mas não sei porquê entrei em sociologia, antes também tinha entrado em psicologia. Entrei em sociologia, mas lá está com sou eu que tenho que arcar com todas as minhas despesas, com o ordenado mínimo na altura e estudar na *Universidade do Minho*, acho que na altura as propinas não eram o que são agora e pronto por questões económicas não acabei a minha formação. Mas eu sou a favor que primeiro é importante sim, uma formação na área, mas por exemplo eu tenho uma colega minha médica e dá-se muito bem na área social. Eu acho que a experiência do terreno acho que é mais importante, mas lá está porque eu comecei assim, porque o que é que eu vejo? Eu vejo muitas pessoas, muitos tutores nossos que vêm da universidade, que têm muita teoria e tentam que a teoria se torne na prática e seguem o exemplo pior e eu sou a favor que devemos conciliar as duas. Por exemplo, depois continuei outras formações e assim, mas eu muitas vezes sinto que me falta uma parte técnica, mas se for a ver tem a ver com uma parte mais burocrática. Sei fazer os meus encaminhamentos de uma forma correta e eu vejo, porque quanto mais não seja, eu acompanho pessoas que estudam, por exemplo educação, ou educação social no Porto e muitas vezes acompanho e ajudo mesmo alguns, alguns alunos a estudar. Sei que é importante, tem lá coisas que sim fazem sentido e que eu também estudei enquanto estudei sociologia, mas acho que é muito trabalho de terreno e ainda vou mais a fundo, não é qualquer pessoa, acho que é necessário ter perfil. O perfil ou é como um ator tenta-se ter, ou é natural e muitas vezes quando se tenta ter e se torna muito forçado pode ser prejudicial no nosso trabalho, porque nós trabalhamos com pessoas. Mas lá está eu sou a favor que o trabalho de terreno acaba por ser a nossa formação.

**Inv - Qual é que achas então que deveria ser o perfil, ou que características são importantes e que ajudam neste trabalho no terreno e neste tipo de intervenção.**

**TPE5** - Primeiro acho que tem que ser uma pessoa que saiba se adaptar, digamos que seja uma pessoa adaptada, adaptar ao contexto, adaptar à linguagem, adaptar-se a tudo, que seja uma pessoa que saiba improvisar e que tenha uma grande capacidade de resposta rápida. Eu digo, isto é, porque muitas vezes nós, eu falo por mim, eu digo nós porque pronto. O projeto muitas vezes depara-se com situações de última hora e se nós não formos uma pessoa desenrascada e que não sabemos comunicar o nosso trabalho

vai por água abaixo. Tem que ser sem dúvida um mediador, temos que ser mediadores nem que seja, por exemplo, com os restantes parceiros. É isso que é essencial, tem que ser um bom comunicador, um bom mediador e uma pessoa de resposta rápida.

**Inv- Aproveitando que falaste da comunicação, qual é a importância da comunicação na vossa intervenção?**

**TPE5** - É o que eu digo a comunicação está presente em tudo, se nós não formos bons comunicadores, não há trabalho. Seja com os miúdos e muitas vezes torna-se difícil a comunicação com os miúdos, eu digo isso porque muitas vezes levam-nos a problemas e eu já tive alguns [risos]. Sem a comunicação seja ela formal ou não formal. Formal mais por uma questão de parceiros que muitas vezes tem de ser. Eu acho que é o essencial é a base de tudo. Como eu costuma dizer eu não sou uma boa comunicadora na parte mais formal, porque esqueço-me dos conceitos, mas numa parte não formal. Eu se não fosse uma boa comunicadora a nível de contexto informal eu não conseguiria ter um trabalho de proximidade, por isso, e mesmo a minha forma de comunicar, porque para mim a comunicação não é só verbal. A forma como eu comunico com o corpo e os meus gestos acho que diz muito, mas isto também tem a ver que eu tive aí um semestre em psicologia e se for a ver também tenho outras.

**Inv- Engraçado que agora falaste por duas vezes, se não estou em erro, de conflitos, será que me podes descrever um conflito que tenhas tido e a forma como o procuraste resolver?**

**TPE5**- Sim, não faltam conflitos. Vou dizer aquele conflito que me aconteceu e que foi logo no início e que eu acho que tive muito bem e até o meu patrão diz *“nota-se que tu andas nesse meio já há muito tempo”*, porque que eu desafiei a comunidade inteira basicamente. Na altura em que eu acho que estava a começar a trabalhar, sendo que eu já tinha experiência antes, quiseram por um estagiário comigo e eu disse *“é melhor não, porque eu só estou cá há um ano e tal e eles só agora é que começam a ver-me como alguém igual”*. Aquele trabalho de aproximação que eu fiz com eles, que tinha autoridade sobre eles. Pronto deram-me com o estagiário e eu mediante a minha observação disse *“eu acho que é melhor não colocar nenhum estagiário, eu compreendo que os estagiários têm que ter oportunidades, eu em tempos também fui estagiária, mas neste contexto não, porque eu já sei qual é a postura do estagiário e alguma coisa vai correr mal”*. E assim foi, na altura, neste caso foi a estagiária que disse qualquer coisa ao miúdo tipo *“tens que pintar e ponto final, porque estás aqui é*

*para fazer os trabalhos de casa e assim” e na altura o miúdo levou isso como “esta paelha está-me a enfrentar”, ou seja, esta senhora está-me a enfrentar e disse assim “tu não és ninguém, a única pessoa que manda aqui é TPE5 e tu vais ficar marcada” e eu disse “acabou esta conversa para ti”. O miúdo saiu-me disparado da sala, na altura a sala era mesmo à frente ao bairro, foi ao bairro, chamou os irmãos, chamou a mãe, contou uma história diferente. Eu tinha sem exagero 20 e tal miúdos, acho que para aí 27 miúdos numa sala, tinha uma estagiária e tinha outra pessoa que estava a começar a trabalhar e ainda estava a observar, só me ajudava. Eu tive que, lá está foi a resposta muito rápida, direcionei “tu vais levar estes miúdos ao bairro, enquanto tu vais-te esconder” neste caso a estagiária e “eu vou dar a cara por ti, vou explicar”. Fui ao bairro e fui logo agredida com um ferro, sim porque o miúdo não disse que era a estagiária, eles pensaram logo que era eu. Depois, entretanto, quando eu dei conta a estagiária estava atrás de mim, porque ela veio preocupada e eu como é óbvio para ela não levar meti-me à frente dela, porque eu não tenho esse tipo de problemas e levei. Fiquei marcada nos braços e nas pernas e eu deixei que aquilo acontecesse, fui agredida. Depois, entretanto, houve um pai que se meteu à frente e disse “Sai daqui, já sabes o que vai acontecer” e eu disse “isto não fica assim, amanhã venho aqui para falar”, e eles “não metes nada que já vais ficar marcada” e eu “não me interessa, eu venho explicar a situação”. Eles ameaçaram-me de morte e fizeram-me juras e eu disse “e vocês essas juras ainda me vão tirá-las à minha frente”. Pronto a preocupação era a estagiária, a estagiária estava nervosa e, entretanto, eu meti-me num café, porque eu pensei “eles vão-me rodear”. A polícia fica mesmo ao lado e eu pensei logo que eles vão pensar que eu vou fazer queixa à polícia, mas não o fiz como é óbvio. No dia a seguir era para ir ao bairro, mas antes fui ao espaço e o espaço estava completamente partido, destruíram-me tudo e ainda escreveram na placa a identificar o nome. Foram os miúdos e eu peguei na placa porque aquilo era um sítio com mais associações e as outras associações já queriam chamar a polícia e eu disse “por favor não façam isso, eu resolvo a situação”. Eu peguei na placa e foi aí que eu desafiei a comunidade inteira. Cheguei ao meio da comunidade e gritei mesmo para toda a gente ir à janela, fui um bocado radicalista. Peguei na placa, atirei a placa para o meio do chão e disse assim “vocês pensam que eu sou igual aos outros técnicos”, porque eles têm um problema de confiança com os outros técnicos e disse “eu ontem levei”, na altura disse levei no focinho [risos] que é uma expressão que eles usam e eu adapto-me “leve no focinho injustamente e já que vocês são tão justos vamos fazer justiça”. Eu aos gritos e toda a*

gente a olhar para mim e disse “*eu se fosse outra pessoa pegava nesta placa*”, mas isto foi um método para criar ainda confiança com eles, “*esta placa está identificada com os nomes dos vossos filhos, eles foram para lá e partiram o espaço todo. Eu estou aqui para vos ajudar, eu venho aqui para dar apoio ao estudo, estou a fazer as atividades todas que vocês me pediram, pediram para eu arranjar futebol para os miúdos e eu arranjei futebol, quiseram ir para a piscina e eu consegui. Eu mais que ninguém estou aqui para vos ajudar e vocês partem-me o espaço todo? Claro que depois ninguém vos dá nada e muitas vezes vocês são julgados e com razão, primeiro porque vocês não ouvem as coisas até ao fim. Vocês julgam logo e eu ontem fui julgada e levei por uma coisa que não era diretamente da minha culpa. Está aqui a placa destruíam, para a próxima semana venho cá e continuamos com as atividades*”. Toda a gente ficou a olhar para mim, alguns ainda me bateram palmas e eu saí do bairro e depois fui proibida de pôr lá os pés [risos]. Mas isso teve a ver com a questão do presidente da câmara, mas para mim eu no dia a seguir até estava lá. Passados uns meses voltei para lá normalmente o porta a porta. Tinha lá uma nova família ou outra e agora dou-me super bem até com a pessoa que na altura me agrediu. Eu enfrentei o problema não me deixei ficar, há pessoas que já aconteceu cenas de ameaças idênticas e a solução é “*vou-me retirar*”. Eu acho que não é mostrar medo, são pessoas, portanto lá está outra vez a questão da comunicação. É como nós, não há só a questão de ser cigano, porque muitas vezes irritam-me, “*aí os ciganos e não sei quê*”. São como nós, penso eu, na altura acharam que tinha sido eu a agredir. Se fosse um filho meu, certamente eu não ia com um ferro, mas ia defender e tentar perceber o que se passou. Esta foi uma das minhas primeiras experiências, já tive uma arma apontada à cabeça, mas eu aí reagi muito bem. Foi uma situação que não deveria ter visto e houve ali uma situação de ameaça, mas eu reagi muito, muito bem. Eu disse “*oh calma eu não estou a ver nada, ah isso aí é de brincar, não é?*”. Depois já tive um miúdo a apontar uma arma à cabeça, ele estava-me a apontar a arma porque tinha roubado da gaveta do pai e aí eu fingi “*olha também tenho uma pistola*” porque eu estava mesmo com medo que a arma tivesse carregada. Estava sempre a dizer “*guarda, guarda isso*” a olhar para cima a ver se via algum pai, queria tirar e ele não deixava. A medo da situação fingi tinha uma arma, disse para ele apontar a arma para a minha perna e depois eu disse “*vamos disparar ao mesmo tempo*” e ao mesmo tempo que disse três, tentei ir em direção a ele para tirar a arma. A arma não tava com balas, peguei nela e fui logo falar com os pais e ainda entrei porta adentro sem pedir autorização [risos], mesmo muito enervada.

**Inv - Esta questão do crime tão relatada ao longo da entrevista prejudica bastante a vossa intervenção, certo?**

**TPE5-** Sim, sem dúvida. Eu tenho participantes que neste momento, eu perdi-os completamente. Começaram comigo com os seus 6, 7 anos estão nos seus 12 e 13 anos e já tive de fazer sinalização mesmo à própria polícia porque estão metidos em gangues.

Aqui em Famalicão está a haver uma zona de muitos assaltos, eu sei quem é, eles já foram notificados e acabo por os perder. Às vezes ainda os consigo trazer, mas para as atividades do projeto torna-se muito difícil. Já consegui alguns, que alguns voltassem a estudar, mas mesmo na casa deles existe muito tráfico de armas, de droga e são casos que eu por vezes tenho que reportar. Às vezes torna-se difícil certas situações que eu vejo e eu fico a questionar será que eu devo denunciar? Não devo? Mas lá sou obrigada a fazer a denúncia, nem que seja mais anónima. Depois também me custa saber que os miúdos crescem naquilo, como é óbvio depois não têm muitas perspetivas futuras, mas eu tento sempre incutir a questão do secundário, da universidade. É uma coisa que eu já faço há bastantes anos.

**Inv- Podes agora falar-me de um caso de sucesso e de insucesso, e explicar o porquê desse sucesso e insucesso?**

**TPE5 -** Ora caso de sucesso eu considero que tenho alguns, não só pela parte escolar, mas mais na parte da gestão doméstica e familiar que é uma coisa que eu trabalho com eles desde que eles vão para os nossos espaços. Vou inventar um nome [risos], tenho a Ana, que é uma menina de etnia que tinha sempre o sonho de casar nos 13, 14 anos e eu dizia “*não por favor*”. Desde pequenina que ela dizia isto, eu todos os anos sempre a ter a mesma conversa, porque eu muitas vezes, eu sinto quando elas vão fugir e muitas vezes indiretamente elas vão-se despedir de mim, outras não. Eu só digo assim “*por favor não te esqueças*”. E sabes porquê? Porque eu tenho muitas jovens que não querem vacinar os filhos, a parte da gravidez só vão ao hospital quase no fim e eu falo muito, principalmente com as meninas sobre essas questões. E eu tenho a Ana que foi uma jovem que só se casou aos 19 anos. No início ela queria fugir acho que era com 13, 14, mas eu sei que tive uma grande influência nela e os pais também permitiram que eu tivesse essa influência. Entretanto ela até teve um problema em engravidar e ela sempre falou comigo. E considero sucesso sabes porquê? Porque ela a questão do planeamento, ela não queria ir à parte das consultas, ela fez tudo, a parte da gestão doméstica, da vacina, do registo, essa parte toda que para mim é básica, mas para eles não é. Ela fez

tudo e volta e meia ela entra em contato comigo por questões de gestão que eu considero básicas. Para mim é um caso de sucesso porque casou-se aos 19 anos quando era para ter fugido aos 14 e eu também tive muita influência que os pais até vieram me agradecer. Casou-se aos 19 e toda a parte da gestão doméstica é totalmente diferente da Andreia que infelizmente aos 12 anos, violência doméstica, casou-se. Ela é obrigada a ter filhos e é uma situação que também já reportei, mas lá está é aquela ilusão sempre do casamento e de sair de casa.

**Inv - Falaste apenas de sucesso certo?**

**TPE5** - Sim, casos de insucesso temos muitos [risos], temos muitos. Nós só podemos ter participantes a partir dos 6, eu tenho já crianças a partir dos 3 anos a dizerem que querem ir *“eu quero ir às tuas atividades”*. Então eu tive um miúdo que desde os três anos ficava-me à porta das atividades sempre a ver tudo. Ele sempre foi um ótimo miúdo, também a educação era outra, os pais eram mais rígidos, com outro tipo de pensamento e sempre foi um participante que trabalhou comigo, que fazia meditação comigo, que sempre tratamos da parte do plano de vida, porque faço com eles isso. E lá está, por estas questões de influências das drogas e assim começou a entrar para a claques de futebol e de um ano para o outro acabei por o perder. O facto de ele também se dar com pessoas muito mais velhas, os primos e assim e este meio das drogas, das claques. Desde que ele me entrou na claque eu deixei de ter mão nele, e ele vinha todos os dias, nós traçamos mesmo um plano para a semana, que eles às vezes até começavam a brincar comigo, *“vai ser na próxima semana que vou pedir aquela menina em namoro”* e eu *“é isso, faz isso”*. Desde os 6 até aos 12 anos, acabei por aos 12, 13, acabei por o perder. Ele vai lá, fala na mesma comigo e assim, mas já não faz as atividades porque é julgado pelos próprios primos e aquelas pessoas que ele considera tão importante para ele, as referências como eu costuma dizer. Eu era a pessoa de referência dele durante muito tempo, eu e os outros animadores, depois deixei-o de ser, passou a ser outro tipo de pessoas, com outro tipo de comportamentos e automaticamente isto influenciou. Eu tenho histórias em que é ao contrário em que eles têm outro tipo influência e eu própria consigo atenuar, porque resolver o problema muitas vezes não dá.

**Inv- Olha nem de propósito, a vossa intervenção acaba por ser mais preventiva ou remediativa?**

**TPE5-** Eu digo que é as duas [risos]. Sim, porque lá está, temos aqueles casos que nós começamos logo desde o início ou a meio e acaba por ser também de prevenção, mas em muitos casos é remediar. Às vezes até o remediar depois num futuro até acaba por ser uma boa solução outras vezes é só mesmo para remediar, como por exemplo eu sei que ali nos dois bairros nós remediamos certas situações. Enquanto nós estamos lá não existe problemas, nós deixamos de estar lá e transforma-se tudo, como eu costuma dizer como se fosse uma guerra, mas isto é verdade. Muitas pessoas não se acreditam, mas eu enquanto passo a semana toda naquele bairro, ali à volta, não há problemas, não há muitos problemas. Há problemas à noite com os vizinhos. Eu deixo de estar, que é o caso, o número de queixas aumenta. Lá está não há ali nenhuma resposta, não há ninguém que pegue nos miúdos, porque os miúdos enquanto estão comigo, enquanto estão a levar na cabeça de mim ou a passar ensinamentos eles andam ali mais calmos, eu deixo de estar e muitas vezes as brincadeiras deles é atirar coisas para os carros, é a tentar, acham piada tentar assaltar o minimercado que lá existe e é isto.

**Inv-** **E sentes que esta vossa intervenção tem surtido algum efeito nestas novas gerações? Como há bocado dizias já houve participantes que agora já são pais, sentes de alguma forma que há aqui alguma mudança?**

**TPE5-** Eu acho que tem existido pequenas mudanças e como é óbvio, como eu costumo dizer existe gerações para tudo. Existe gerações mesmo na forma, mesma a nível cultural. Eu acho que lá está, eu não sou ninguém como eu costumo dizer, eu tenho pouca experiência comparado com alguns técnicos mesmo da câmara e assim, que estão cá há anos e eles aí sim, dizem que há uma grande mudança. Dos 10 anos que eu estou aqui existe mudanças, nem que seja pela parte da integração escolar, de vacinação, por exemplo de comportamento da comunidade, mas ainda existe muito trabalho a fazer sem dúvida. Porque eu não sei se tu tens noção, nós temos um acampamento ilegal e nós tínhamos uma situação também à beira da estação de comboios em que era um acampamento ilegal. Depois a câmara é que lá está conseguiu uns edifícios e realojou toda a gente lá, mas houve aqui também um problema que era as pessoas que estavam habituadas a acampar não estavam preparadas para saber morar num apartamento mal. Houve algum estudo sociológico que disse que sim, que ia funcionar, mas não funciona porque foi integrado outras pessoas onde já havia conflitos entre eles e ainda hoje é assim. É um bairro em que eles dão-se por blocos e não todos em comunidade, acaba por ser muito conflituoso. Eu acabo por saber gerir bem entre as famílias todas, mas por

exemplo há técnicos que não conseguem ir a certas casas porque foram a outras. Se foi à família A e B já não podem pôr os pés na família C e D. Eu consigo ainda gerir isto. Mas houve grandes mudanças nem que seja mais na integração, porque por exemplo o *Bairro das Lameiras* não é um bairro só de pessoas de etnia cigana, tem várias, aliás eu considero o *Bairro das Lameiras* o exemplo. Foi o bairro que eu mais estudei, estudei mesmo as metodologias deles, porque lá está é a associação de moradores que gere o próprio bairro e funciona muito bem. A nível de criminalidade também os números desceram imenso de uns anos para os outros, mas lá está houve aqui um trabalho de anos e do município. E aí sim, houve grandes mudanças, mas como é óbvio ainda existe muito trabalho a fazer.

**Inv - E a cultura cigana sentes que é um obstáculo?**

**TPE5-** Sim, acaba por ser um obstáculo. Esta questão de problemas culturais ou porque a rapariga já está a chegar àquele limite, ou porque já chegou a fase de ter o período, já é mulher e não pode participar nas atividades. Nós temos que respeitar muitas vezes a questão dos lutos, que muitas vezes os lutos, o facto de estarem em luto já me prejudicou imenso em certas atividades, prejudicou no sentido em que eu preparo grandes atividades, com grandes espetáculos e eu quero sempre, que lá está, que a comunidade principalmente cigana seja vista. Os miúdos muitas vezes eles ou porque estão de luto ou porque houve um casamento de última hora e assim. Mas o casamento só dura um dia, mas o facto de ser mulher, mulher entre aspas, só por vir o período deixa de frequentar as atividades, muitas vezes isso acontece. Quando eu tenho apresentações às vezes é aquela questão de falta de compromisso, mas muitas vezes o facto de estar de luto e assim e não poder dançar a música cigana e assim. Aliás eu cheguei a ter um grupo que vinha cá só para ver a questão da dança cigana e depois morreu uma pessoa e então as crianças também foram obrigadas a fazer o luto. Eu compreendo que os pais façam aquele tipo de luto que é muito específico, mas por uma criança a fazer aquele luto, na minha opinião, mas lá está é uma questão cultural, mas é muito pesado. Depois também isto depende de família para família, mas sem acesso a televisão, a música, estar sempre em silêncio, viver aquele choro daquela forma intensa a mim mete-me imensa confusão, mas como é óbvio lá está, para conseguir interagir eu tenho que respeitar essas questões culturais, mas sim, muitas vezes acaba por ser um obstáculo.

**Inv- Que diferença a vossa intervenção faz na vida dos participantes do projeto.**

**TPE5** - Eu vou dar aqui agora uma de herói [risos] entre aspas, mas acho que isto acontece muito, primeiro o nível de criminalidade em certos sítios ia aumentar. Nós já notamos essa diferença porque deixamos estar tão presentes em certos sítios e isso aconteceu. Como é óbvio estou a ser assim um bocado egocêntrica, mas acho que é mesmo uma realidade, porque eu sou muito realista, quando eu tenho que dizer que é por causa de outro tipo de trabalho também o digo. Muito dos nossos participantes na parte escolar não iam ter resposta, digo isto porquê? Eu sou a única técnica que mete os pés num determinado bairro e podes até perguntar, mas não existe um consórcio? Sim existe um consórcio, mas por causa disto do *covid* e de outras questões, a Segurança Social, a Comissão Proteção de Menores, as escolas, porque nós temos alunos de vários agrupamentos, liga-me sempre a mim e sou eu o contacto com as famílias e neste caso a Segurança Social e a Comissão. Mesmo pela própria polícia muitas vezes, porque sou eu ali a figura neutra, dentro do bairro. Existe técnicos que se entrarem lá dentro eles já sabem que vão cortar por exemplo, qualquer tipo de rendimento e assim e eu felizmente não tenho essa imagem. Como é óbvio agora começo a ter outro tipo de imagem por causa destes recados, como eu costumo dizer *“venho aqui fazer um recado da doutora X da escola. Olha se vocês não usarem o equipamento vai ter que ser retirado o equipamento”* e pronto depois eles pensam que sou eu que quer retirar o equipamento, mas eu explico que como é óbvio se foi dado um computador tem que usar o computador. E mesmo para outras questões, por exemplo o trabalho do gabinete psicossocial, como exemplo no *Bairro das Lameiras* ele funciona muito bem, tem lá tipo uma mini Segurança Social. Neste *Bairro das Bétulas* a parte burocrática, por exemplo de pedir apoio social, a questão da alimentação porque não tenho telemóvel, sou eu que faço. Eu cheguei a ter famílias quando tive de baixa que fazia coisas por telefone, eu entrava em contacto com eles, mas houve pessoas que disseram *“ainda bem que chegou, porque nós estamos mesmo, já chegamos ao ponto de passar fome, temos dado a comida aos miúdos precisamos mesmo da sua ajuda porque senão não vai haver comida”*. Aquilo até me tocou perceber que já não havia comida porque eles não se conseguiram desenrascar, não é? Porque às vezes, basta fazer uma chamada, mas com isto do *covid* já não é permitido ir aos sítios sem marcação, muitos deles não têm contacto telemóvel e eu acredito que eu faço, o projeto faz imensa diferença e que cada técnico faz a sua diferença porque nós agora estamos muito tempo por causa da situação do *covid*, direcionados a um bairro. Nós fazemos a diferença, porque lá está somos os únicos, noutra bairro há outra técnica que vai lá, acho que acabamos por ser uma equipa

que não temos medo, muitas vezes o medo dos outros técnicos é a questão dos vírus, mas nós tomamos sempre todas as medidas e o devido distanciamento, e por isso é que eu digo que, principalmente agora, nós já fazíamos a diferença, mas principalmente agora eu acho que nós acabamos por ser a salvação deles.

**Inv - Sentes que a população que habita estes bairros é excluída do resto da sociedade?**

**TPE5** - Há acho que já respondi a isso. É assim eu acho que existe agora uma boa integração, alias eu há bocado estava muito a falar da experiência que eu tenho no bairro em que eu estou, o *Bairro das Bétulas*, mas por exemplo no *Bairro das Lameiras* e no *Bairro da Cal* existe uma boa comunicação, mas para a comunidade no geral não. Agora eu acho que nós, o trabalho é um bocado mais ao contrário, mas isso é minha perspectiva, por exemplo, o meu colega se for a ver não tem tanto essa perspectiva, mas eu como já trabalho há mais anos aqui já não vejo certos problemas, se for a ver havia outros problemas que é trabalhar a visão. Como é que eu hei de explicar isto? Neste caso trabalhar a visão da comunidade sem ser a de bairro, de etnia, trabalhar essa visão de fora, como eu há bocado estava a dizer, a questão dos vizinhos e do meio ali envolvente do que propriamente a comunidade. Porque é assim eu vou ser muito franca, muitos deles excluem-se por escolha própria, é logo “*eu sou cigano e, portanto, ninguém me vai dar emprego*”, muitos tem essa visão, sou muito direta. Outros de facto sim noto e nós também ajudamos a esse nível mesmo eu muitas vezes incentivo. Há muitos ciganos que dizem “*eu não vou nada ao restaurante porque não vou ser atendida*” e eu “*não diga isso, você até vem ali comigo*” e vou com eles e começo até a falar com o dono do restaurante para quebrar aqui um bocado o gelo que existe entre a comunidade e neste caso o mercado que existe à volta. E depois existe de facto aquelas pessoas que olham logo para os ciganos ali com uma barreira e nem sequer dão oportunidade e muitas vezes isto com as crianças. Veem uma criança cigana dizem logo que a criança vai roubar a pedido dos pais. Eu por acaso além de ver estas situações e ouvir as experiências das crianças custa-me imenso, muitas vezes perceber o preconceito que existe das outras pessoas relativamente à etnia cigana e ao contrário porque muitas vezes eles também têm preconceito com eles e com outras etnias.

**Inv - E desafios, quais são os maiores desafios que enfrentam na vossa intervenção?**

**TPE5-** [risos] Eu acho sem dúvida a parte escolar, eu acho que esse é o nosso maior desafio, porque é assim nós conseguimos uma parte, diminuir a parte do absentismo escolar, da participação escolar e sinto que a esse nível, como é óbvio com a situação do *covid* que esse trabalho se está a perder um bocadinho e mesmo a nível de participação. O nosso projeto a nível de participação diminuiu, os meus grupos de meditação, teatro e dança a nível de participação dos nossos jovens que é a nossa prioridade do projeto que são os jovens menos favorecidos. A questão principalmente de bairros sociais não desvalorizando os outros participantes e esse trabalho de participação também temos a perder em certos bairros. Mas é o que eu digo é fazer o porta a porta novamente e conquistar outra vez. Não é preciso conquistar, mas reconquistar a questão dos pais, da participação, porque depois vai ser muito difícil. Eu acredito que vai ser muito difícil depois uma participação como era antes assim logo de início. Os pais por acaso a nível escolar isso vai ser difícil, para as atividades eu acredito que eles venham logo todos, os pais preferem mandar os miúdos “*vais com ela que estás segura*”, do que propriamente leva-los para a escola. Essa parte acho que vai ser bastante difícil, já agora o município está a dar esta oportunidade de os alunos irem para a escola, ter um computador lá e terem um apoio do professor e os pais estão completamente cheios de medo, uns usam isso como desculpa, mas há outros que se nota mesmo o medo do vírus, sim.

**Inv - Chegamos à última pergunta, pelo menos assim tem sido [risos]. Identifica uma palavra chave que defina e caracterize a vossa intervenção.**

**TPE5-** Agora vem a minha parte mais simbólica, muito ligada às partes da meditação e assim. Eu vou dizer *anima*. *Anima* que significa dar alma, porque pelo menos nós enquanto equipa temos um quê de prevenção, de aproximação, de resolução. Podemos dizer de tudo, mas acredito que para além daquele trabalho que nós temos que fazer nós damos alma e eu sinto isso. Podes perguntar “*ah, mas como?*”. Sinto lá está, pela conversa, pelo resultado que às vezes nós temos. Muitas vezes somos os únicos a termos uma comunicação diferente de todos os outros. Com os parceiros que tem que ter, pela nossa comunicação diferente e formal nós acabamos por dar alma. Muitas vezes, como hoje de manhã tinha o encarregado de educação que estava lá a dramatizar e eu faço as minhas palhaçadas e assim e eles “*tornaste o meu dia melhor*” e eu “*ai e vou tomar os próximos dias melhor*”. Por estas pequenas conversas que muitas vezes os outros técnicos não têm que é “*olá você está bem? Como é que foi o seu dia?*”. Muitas vezes não questionam e eu acho muito importante e é isso.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.4.6. ENTREVISTA TPE6

## **Transcrição da Entrevista - TPE6**

**Data** - 13 de março de 2021

**Hora e local** -17 horas, via ZOOM

**Duração**- 45 minutos e 3 segundos

**Investigadora (Inv) – Boa tarde! Estamos aqui reunidos com uma técnica do projeto *Galo@rtis E7G*, a quem vou dar a palavra já de seguida. Boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *Galo@rtis E7G*.**

**TPE6** - O projeto *Galo@rtis* na 7ª geração foi um projeto *Escolhas* e foi a segunda, era a 7ª geração, mas era a segunda geração. Digamos que no concelho de *Barcelos* tinha havido a 6ª geração e depois apostamos novamente em fazer uma candidatura. O objetivo era promover a inclusão de crianças jovens obviamente de famílias que estivessem em situação de vulnerabilidade social, sendo sempre muito focado, neste caso que era a nossa realidade, na comunidade cigana, nomeadamente na comunidade cigana de *Barqueiros* que é uma comunidade cigana que ainda vivem em acampamento, ou seja, em casas abarracadas e têm algumas necessidades. Não trabalhamos só com a comunidade cigana, mas sobretudo com a comunidade cigana. O nosso projeto focava-se muito na questão da mediação escolar e familiar. Nós tínhamos uma grande dinâmica em contextos de escola, nós estávamos em 4 escolas primárias e uma EB 2/3, para além disso obviamente tínhamos outro tipo de atividades, também apostávamos muito na formação, tínhamos aqui algumas parcerias. Era aqui uma intervenção um bocadinho tripartida no sentido que ao mesmo tempo trabalhávamos também a questão de integrar as crianças, nelas estarem bem na escola, trabalhávamos também muito o contexto familiar e apostávamos também na questão da formação dos próprios pais, não só a formação parental, mas formação modular com as parcerias que íamos conseguindo, não só com o centro de emprego, mas com algumas entidades formadoras conseguimos fazer isso. É um projeto com inúmeras atividades, mas estou aqui a focar aquelas que realmente sobressaíam e neste momento terminou, não é? A equipa técnica era

composta por duas técnicas a tempo inteiro, uma técnica a meio tempo e um, não é dinamizador, digamos que era monitor algumas horas, mas a tempo inteiro só tínhamos duas técnicas sendo que uma era coordenadora outra era técnica. Correu bem, conseguimos atingir alguns objetivos independentemente desta questão do *covid*, que em 2020 veio aqui prejudicar as atividades de grupo, porque nós somos muito projeto de grupo, comunitários, mas de resto correu relativamente bem, conseguimos aqui ultrapassar esse desafio *covid* e fomos conseguindo também garantir que as crianças tivessem acesso a todas as tarefas escolares, nomeadamente a partir de março do ano passado. Acho que foi um projeto interessante só que há muita coisa ainda para fazer, sobretudo porque são projetos de 2 anos agora e neste último ano tivemos esta situação inesperada e obviamente que gostaríamos de continuar numa nova geração para ver se conseguimos aqui a trabalhar algumas questões.

**Inv- Qual era o grande objetivo ou os principais objetivos do projeto?**

**TPE6** - Era promover o sucesso escolar, era conseguir encaminhar e integrar em formação que neste caso seriam jovens e familiares, era também promover a corresponsabilização parental, era promover a participação cívica, promover o diálogo intercultural. Também promover aqui a diminuição de estereótipos sobretudo ligados à questão da etnia, muito também por causa da comunidade cigana. Esses eram os objetivos mais específicos do nosso projeto.

**Inv- Qual a tua formação académica e que relação existe com as práticas no terreno, se é que há alguma relação. Achas que a experiência no terreno acaba por ser mais importante que essa formação académica?**

**TPE6** - Olha por experiência própria e acho que também posso falar pelas minhas colegas obviamente que num projeto *Escolhas* o objetivo seria ter técnicos ligadas às áreas das ciências sociais, humanas, sobretudo a ciências sociais e humanas, mas eu acho que às vezes a formação não é tudo, ou seja, porque depois neste tipo de projetos tens que ter um determinado perfil e às vezes o facto de seres educadora social não quer dizer que à partir vais ter um perfil para trabalhar. Deverias porque acaba por ser uma formação, também muito trabalhar em contexto comunitário, mas não quer dizer que vais ter perfil. O que eu sinto é que independentemente da nossa formação, nós tínhamos da área de educação, da criminologia, das ciências, não tinham todos na mesma formação, todas neste caso, mas o que eu sinto é que é preciso sobretudo em projetos *Escolhas* ter um perfil. A polivalência porque tu não consegues fazer um

projeto *Escolhas* só com trabalho de gabinete e relatórios, ou seja, tens que partir para o terreno e não é qualquer técnico que goste particularmente disso. Tens que ser dinâmico, acho que tens que ser irreverente no sentido em que tens que rasgar aqui algumas rotinas que alguns técnicos têm muito já assumidos de que trabalhamos das 9h às 5h. Não trabalhamos, nós trabalhávamos fins de semana, obviamente que nós tentávamos aqui uns entrarem mais cedo, outros saírem mais tarde de forma a não prejudicar a nossa vida familiar também. Uma minha colega, por exemplo, saía todos os dias às sete e meia e às vezes às oito da noite, porque fazia apoio ao estudo e era a altura que tínhamos mais crianças e jovens, ou seja, eu acho que o perfil, a personalidade é que conta num projeto *Escolhas*. Eu até podia ser de matemática ou de físico-químico ou sei lá, de engenharia civil, mas até ter muito jeito para lidar com pessoas e conseguir dinamizar uma série de atividades. Se calhar até poderíamos ter uma assistente social que depois não conseguisse de facto dinamizar nada, nem fazer nada, nem ser polivalente porque estava muito formatada para aquilo, ou seja, o que eu acho que em projetos *Escolhas* independentemente da formação académica é preciso ter perfil e é preciso ter personalidade para aquilo. Agora obviamente que depois de estares num projeto *Escolhas* o que eu sinto passados estes anos é que estou preparada para outros desafios porque prepara-te para realidades, para uma realidade muitas vezes, a nossa era dura sobretudo quando trabalhávamos com a comunidade cigana daqui que vive em acampamentos em condições pouco dignas. Temos muitas situações de absentismo escolar, temos muitas situações acompanhadas pela *CPCJ*, não só na comunidade cigana, mas também na sociedade maioritária. Na comunidade maioritária temos muitos, muitos problemas parentais no sentido de que há vários problemas familiares, famílias disruptivas, muito disfuncionais. Tivemos que muitas vezes assistir a retiradas no sentido em que a *CPCJ* retirava e nós acompanhávamos a criança e para nós também era um choque muito grande porque aquela criança até participava nas nossas atividades e tínhamos ali uma relação. Pronto eu acho que este tipo de projeto te prepara depois para o futuro para trabalhares quase em qualquer coisa nesta área e dá-te muito e enriquece-te bastante enquanto profissional, mas sobretudo enquanto pessoa também. Por isso eu acho que alguém que vai para um projeto *Escolhas* fica a ganhar no sentido em que ganha muita experiência de trabalho num terreno, e é mais vantajoso isso do que propriamente um projeto *Escolhas* receber alguém que por exemplo é da área específica para aquilo. Não sei se me faço entender, mas acho que a formação académica não é preponderante num projeto *Escolhas*. Obviamente se fores da área das ciências sociais e

humanas supostamente estás mais vocacionada para aquilo, para lidar com pessoas, mas já vi tudo. Nós já tivemos estagiários também no projeto e não terminaram o estágio, porque não queriam, iam para o terreno e assustavam-se, porque não estavam para aquilo. Iam para o acampamento e chegavam lá porque estava tudo sujo e porque não estavam para aturar crianças mal-educadas. nós às vezes na escola tivemos várias situações em que várias vezes eu fui ameaçada, já fui maltratada, temos que saber gerir e realmente não estavam preparados para aquilo.

**Inv- Fiquei sem perceber qual era a tua formação.**

**TPE6** - Aí a formação. Olha eu por exemplo sou licenciada em história, embora depois fizessem empreendedorismo social, economia social. Estamos a falar de pós-graduações mestrados e fiz a parte curricular do doutoramento, mas depois fiz tese em comunicação para o desenvolvimento. Tínhamos uma de criminologia, outra educadora de infância de formação base e depois tínhamos um com o 9º ano, o monitor. Chegamos a ter outros colegas que vieram de passagem, mas era tudo mais ou menos das mesmas áreas, nunca tivemos no projeto, aí tivemos na altura, mas foi noutra geração ligado à educação social, por exemplo. Lá está depende muito da pessoa, eu podia não ter perfil, não é?

**Inv- Em que contexto era realizada a vossa intervenção? Já percebi que era nas escolas, mas também provavelmente nos bairros.**

**TPE6** - Nas escolas, no acampamento. Nós trabalhávamos nas escolas mesmo, tínhamos atividades nas escolas, nos acampamentos e tínhamos na nossa sede do projeto que era no *Centro Social Abel Varzim* onde tínhamos a parte de escritório, mas também tínhamos salas para dinamizar atividades.

**Inv- E quais são as práticas de intervenção social que vocês mais destacam no dia a dia?**

**TPE6-** As atividades eram muitas, mas na área da intervenção social basicamente fazíamos mediação. Nós fazíamos mediação escolar, mediação familiar, sobretudo mediação social digamos assim se é que se pode assim chamar. Nós trabalhamos muito com outras entidades, no sentido de garantir o bem-estar das crianças e das famílias. Estamos a falar de outras entidades como a Câmara, como o Centro de Emprego, como a *CPCJ*, como a *EMAT*, várias as escolas, os agrupamentos, etc. Íamos tendo algumas práticas de mediação e que fazia sobressair de alguma forma o nosso projeto. Mas é sobretudo mediação, depois também fazíamos apoio, não se pode dizer que são práticas

de intervenção social, se calhar não é, mas fazíamos o apoio ao estudo. Também garantíamos os encaminhamentos para a questão da alimentação, era sempre uma salvaguarda, o nosso projeto acabava por estar também ali um bocadinho na parte da cantina social, garantir que as famílias eram encaminhadas para o *PEAC*, garantir sempre que necessário o material escolar para os miúdos, ou seja, era basicamente esse tipo de tarefas, para além das atividades mais de cariz lúdico-pedagógico. Ao nível social também íamos fazendo estas coisas, muito de ajudar e apoiar naquilo que a comunidade necessitava. Nós também chegamos a ter no terreno uma equipa do *RSI* lá na instituição, mas depois que terminou deixou muito ali à descoberta a área, ou seja, eram acompanhadas algumas famílias e perderam ali aquela referência e nós acabamos por curiosamente ser uma referência para essas famílias no sentido em que pediam ajuda para tudo, nem que fosse para preencher um documento. E pronto, ajudávamos nesse sentido, toda a gente que nos pedisse algum favor, nós fazíamos isso sem problema nenhum.

**Inv - Como é que vocês fizeram para chegar ao público alvo, neste caso às comunidades ciganas. Como fizeram para atraí-los ao projeto e também para mantê-los? Pergunto isto porque este processo da frequência nem sempre é fácil.**

**TPE6** - Essa questão acabou por ser um bocadinho facilitada para nós, porquê? Quando começou o *Projeto Escolhas* cá tinha terminado essa equipa do Rendimento Social Inserção que faziam esse trabalho de acompanhamento desta prestação social. E quando terminou a comunidade já tinha uma relação muito próxima com a instituição em si, o *Centro Social Abel Varzim* e eu já trabalhava também no *Centro Social Abel Varzim* e já lidava com a comunidade cigana. Quando passo para o *Programa Escolhas* eles já têm uma relação de confiança comigo muito grande no dia a dia porque eu também estava com o banco alimentar antes de ir para o projeto. Eu vou para o projeto e os colegas eram novos, mas depois como me conhecem a mim eu acabo por de alguma forma fazer ali a ponte com os colegas, eles passam também a conhecer os colegas, ou seja, já há uma relação pré-estabelecida com a comunidade anteriormente quer seja por causa da parte alimentar, por causa do Rendimento Social de Inserção, ou porque quase todas crianças eram integradas na nossa creche e jardim-de-infância por causa do Rendimento Social de Inserção. E então havia esta relação já, ou seja, para nós não foi difícil porque já havia esta relação de proximidade e confiança e vamos mantendo também porque somos mesmo uma referência para eles, eles precisam de nós para quase tudo. Era uma

relação que já estava de alguma forma estabelecida para nós e facilitou bastante e continua a facilitar porque os meninos estão na creche, estão no jardim de infância da instituição, porque nós temos apoio alimentar, ou seja, há ali uma série de serviços na própria instituição que é a entidade que é gestora e que faz com que nós técnicos independentemente de haver *Escolhas*, ou não, vamos sempre estar ligados à comunidade. Por exemplo o *Escolhas* neste momento está parado, mas há outros projetos e há outras coisas na instituição, outros apoios que os mantém ligados a nós e isso acaba por ser uma vantagem.

**Inv - Claro e a vossa relação com as famílias, o público direito do projeto deduzo que não sejam dos 6 aos 18, certo?**

**TPE6-** Sim, direto sim. Depois temos mais, mas direito sim.

**Inv- E qual é a vossa relação com as famílias, há alguma preocupação no envolvimento da família neste processo, por exemplo, da corresponsabilização? Que tipo de relação vocês têm com os pais dos beneficiários diretos.**

**TPE6 -** Nós temos algumas atividades, e como já disse apostamos também na mediação familiar, mas temos algumas atividades que o objetivo é envolver os pais. É sempre muito difícil envolvê-los, vamos tentando e há, por exemplo na comunidade cigana nós temos uma excelente relação com as famílias e elas é que querem que nós ajudemos em tudo porque como tem algumas dificuldades em resolver os problemas escolares e às vezes parentais e pedem sempre ajuda. Nas famílias não ciganas inicialmente tínhamos alguma, era difícil porque associavam o projeto a malta carenciada, a malta que era dependente de subsídios, a malta que tinha problemas com a *CPCJ* e às vezes não é só isso porque nós temos algumas crianças e jovens que são participantes diretos e que as famílias não têm problemas económicos, mas tem mais problemas comportamentais e são famílias disfuncionais e era muito difícil às vezes aceitarem a nossa intervenção. Primeiro tem que aceitar e explicar-lhe o que era o projeto e em que é que podíamos ajudar, porque estávamos muito em contexto escola e havia essa relutância por parte das famílias. Felizmente com o tempo acabámos por desmistificar esta questão e conseguimos criar aqui uma relação de proximidade com várias famílias. Há sempre uma outra que não nos vê com bons e que acha sempre que nos queremos meter na vida e onde não somos chamados e não querem que os miúdos participem nas atividades. Chegamos a ter uma mãe que não queria que o miúdo participasse nas nossas atividades embora o meu miúdo pedisse muito. Ela não queria porque o grupo era gente pobre e

não sei quê e estamos a falar de um miúdo que não é propriamente rico, e que era um miúdo com alguns problemas e sobretudo problemas relacionais e precisava destas atividades, precisava e gostava de estar, sentia-se bem e foi difícil convencê-la que aquilo era vantajoso para criança e sobretudo para ela, porque o filho estando bem ela também estaria. Neste momento eu sinto que estamos bem, somos aceites pela família sobretudo porque nós também tentamos manter uma boa relação com as associações de pais nas escolas onde estão inseridas e tentamos fazer atividades em parceria para eles não pensarem que somos aquelas técnicas que estão à espera de encontrar um problema para fazer daquilo outro problema para eles. Não, nós só estamos ali para ajudar e não queremos arranjar mais problemas para ninguém e o objetivo é que de facto os filhos estejam bem, consigam participar nas nossas atividades, tenham sucesso na escola e acho que para já está a correr bem. Estava a correr bem nesta última geração sobretudo.

**Inv - Focando mais a questão da comunidade cigana e na relação deles com a sociedade maioritária, que tipo de relação eles têm?**

**TPE6** - Eles estão cá há muitos anos, eu já trabalho há muitos anos aqui na instituição e já houve mais preconceito em relação a esta comunidade. Eu acho sinceramente que eles já estão integrados aqui na comunidade. Eles estão bem aceites, já os conhecem, porque alguns ciganos já estão inseridos em trabalho, por exemplo, nós já temos dois ciganos a trabalhar na nossa instituição há algum tempo, um deles é motorista dos nossos transportes e traz bebês de manhã, traz sobretudo não ciganos para o *Centro Social Abel Varzim*, ou seja, ele está a meio tempo no projeto e meio tempo na instituição. Na altura conseguimos isso e foi para a instituição muito por causa do projeto e os pais ao início havia aquele preconceito, mas depois começaram a perceber que era uma pessoa super simpática, super responsável e agora adoram-no. Nós também na instituição *Centro Social Abel Varzim* também quisemos dar um passo em frente e integrar também ciganos na nossa instituição de forma a também dar algum exemplo e depois ao longo do tempo já há alguns que trabalham aqui em algumas escolas. Lá está, há sempre pessoas que não olham com bons olhos para a comunidade, mas eu acho que já passou aquela altura, ou já passou aquela parte em tudo é culpa da comunidade, porque havia isto, foram os ciganos. Acho que não, eles estão perfeitamente inseridos na zona onde estão, se precisam disto, daquilo pedem aos vizinhos e eles não se importam, às vezes água, isto ou aquilo. Eles frequentam os cafés locais, frequentam tudo a nível local. Claro que, há ciganos e ciganos, como há não ciganos e não ciganos,

não é? E uns são mais simpáticos que outros, uns mais educados, mas lá está, eu também costume dizer que eles são menos e se calhar é por isso que dão tanto nas vistas. Nós não somos ciganos e também há pessoas não ciganas que são muito mal-educadas, são muito rudes, não tem boas maneiras e eles são iguais. Aqui há ciganos que estão perfeitamente inseridos, os não ciganos gostam bastante deles, eu tenho visto principalmente ao nível de festas de anos das crianças que os convidam, não há problema nenhum, convidam-nos para ir a casa e eles ficam sempre admirados “*eles convidaram a minha filha, ela é cigana e eles não se importaram*” e eu “*então porque é que se haviam de importar? Ela não é amiga da criança?*”. Acho que sim, agora eu acho que às vezes há mais preconceito por parte de algumas entidades. Por exemplo eles residem em Barqueiros e a junta de freguesia neste momento, eu até percebo e não percebo, dizem que estão saturados porque estão sempre a ajudar. Eu sinto que pessoas com mais responsabilidade na comunidade por vezes tem atitudes até mais preconceituosas do que propriamente dos pais da comunidade em geral. Algumas entidades com responsabilidades públicas às vezes é que nos surpreendem infelizmente, mas de resto estão perfeitamente inseridos e estão cá há muitos anos.

**Inv- A maior parte não trabalha, certo? São dependentes do RSI?**

**TPE6-** Na nossa comunidade 97% para ai são dependentes do rendimento social de inserção, depois temos alguns que fazem feiras, muito poucos e temos alguns que são integrados mesmo. Os que trabalham na nossa instituição, um trabalha numa empresa de tetos falsos, mas são muitos poucos, muito poucos tem contrato de trabalho, com contrato de trabalho são muito poucos.

**Inv- Há bocado quando me falaste do motorista levou-me para uma questão que é a dos casos de sucesso e os de insucesso. Podes falar um bocadinho sobre o assunto?**

**TPE6 -** Olha eu considero o nosso motorista um caso de sucesso, porquê? Também é muito da personalidade dele, ele sempre foi um cigano que brincava muito até com as situações de ser cigano, ou seja, ele não levava nada a mal, tudo o que lhe podiam dizer de menos bom ele transforma aquilo numa coisa boa. Ele é otimista, é bem disposto. Na altura percebemos que na comunidade gostavam dele e há uns anos atrás ele foi convidado para ser mediador municipal, aqueles mediadores interculturais. Fez um percurso muito interessante a partir daí, andou pelo país fora, fez formações, trabalhou no município, trabalhou no *Centro Social Abel Varzim* e na altura sempre o

acompanhamos porque éramos entidade parceira e dentro da instituição havia sempre técnicos que ficavam muito responsáveis por o acompanhar e ajudar. Ele foi sempre crescendo, fez o 9º ano, começou a trabalhar muito bem com os computadores, nós sempre o fomos ajudando. Agora tem um contrato de trabalho já há alguns anos com a instituição e é bem aceite, é uma pessoa de referência na comunidade e ele é um exemplo. Se há uma atividade qualquer na comunidade os pais convidam-no, a associação de pais, ou vai tocar, ou vai ajudar a montar o palco, ou seja, para mim é um caso de sucesso no sentido em que ele transformava o menos bom em coisas boas e brincava sempre mesmo se alguém tem uma atitude menos boa com ele, desde que não seja mal-educado ou de alguma forma atinge a dignidade dele. Ele brincava “*eu sou cigano*”, ou seja, ele próprio percebeu que não valia a pena andar aqui a vitimizar-se e que tinha mesmo que dar a volta e aí conseguiu, ele neste momento tem um contrato de trabalho é super bem-disposto, está sempre pronto para ajudar e fez várias formações independentemente de ter só o 9º ano, participou em vários encontros nacionais, foi distinguido a nível nacional e já estamos a falar de um homem com 40 e tal anos, mas sempre com um espírito muito jovem. Eu acho que ele é um caso de sucesso e que continua a ser uma referência para todos, a nível local, regional e até nacional. Por exemplo as *Letras Nómadas* ou os técnicos da *Romed* falam sempre com ele porque realmente ele distingue-se muito dos outros e tem essa força de vontade. Um caso de insucesso, eu não sei se é insucesso ou é frustração. Foi uma cigana com muitas competências, ela fez o 9º ano connosco, nós acompanhamos nas novas oportunidades e ela sempre disse queria ser educadora de Infância. Nós estávamos a tentar ajudar para que ela fosse fazer o secundário, fez várias formações, teve integrada na 6ª geração e não a conseguimos integrar na 7ª, mas conseguimos integrá-la na instituição, mas depois de alguma forma ela cedeu à pressão cultural e com o casamento e com o facto de ser mãe nunca mais voltou a agarrar nenhum projeto. Tentamos que ela viesse a todo o custo para um projeto que tivemos também sem ser o *Escolhas*, um *Fape*, ou seja, investimos tanto, tanto na pessoa e sobretudo porque era mulher e queira tirar a carta de condução e nós até já a tínhamos inscrito na escola e de repente desiste de tudo. Desiste de tudo, estávamos a falar de alguém que falava muito bem, que lidava muito bem com as novas tecnologias e para nós foi até hoje uma frustração muito grande e sentimos que foi algum insucesso porque investimos tanto naquilo e depois terminou em nada. Está em casa, não trabalha, recebe o *RSI* e com tantas oportunidades de trabalho que ela tem, porque há um projeto e era mesmo bom porque ela sabe estar, sobretudo porque ela era

muito bem vista na comunidade majoritária, ou seja, ela chegou a trabalhar com crianças, recebia de manhã as crianças na instituição, os pais adoravam-na. Olha são casos de insucesso no sentido em que não agarrou as oportunidades e foi um insucesso para ela e para nós também porque não conseguimos mudar, mudar aqui as coisas, ou seja, a forma de estar dela.

**Inv - Sentes que as questões culturais da etnia cigana acabam por ser um obstáculo à vossa intervenção?**

**TPE6** - Sim, muito. Por exemplo nós temos crianças, eu vou falar de um caso específico, temos situações muito específicas que é o caso da escola, por exemplo, nós temos ciganas e ciganos que têm competências e há uma jovem que até é uma boa aluna, uma aluna que consegue fazer as coisas, passou para o 10º ano e o que é que conseguimos? Nós não tínhamos ninguém nesta comunidade há 20 anos que passasse do 9º ano e quando ela passou, está no 10º ano agora nem acreditamos. Isto é fantástico, mas sentimos que desde que ela foi o 10º ano que está completamente diferente porque já quer casar, porque afinal não vale a pena estudar, mas muito porque há pressão na própria comunidade e foi muito difícil convencer a mãe a deixa-la ir para o secundário. Ela foi, mas o que nós sentimos é que estamos a perder um bocadinho o controle da situação, porque depois de facto a própria comunidade exerce muita pressão no sentido de que ela já é uma mulher, tem um pretendente vai-se casar e porque não vale a pena e isto acaba por ser um obstáculo porquê? Porque nós queremos temos objetivos, queremos que eles tenham sucesso e depois há esta pressão cultural por trás sobretudo com as meninas. O casamento, o estar ligado a alguém ou arranjar um pretendente e a questão da não valorização da escola, porque a nossa comunidade não valoriza, pensam “*para quê que vai fazer o 12º ano?*” Não valorizam a escola, não veem a escola como algo que lhes pode dar um caminho para a vida deles, um futuro e isso é um obstáculo para nós porque se os pais não me incentivam os miúdos por mais que nós trabalhemos algumas questões não é fácil. Nós temos um miúdo que nos disse “*eu não sei para quê que vocês querem que eu estude, eu depois vou receber o rendimento mínimo como o meu pai ou como a minha mãe*”, ou seja, eu acho que também muito o facto de os pais estarem em casa de manhã, não saírem também para o trabalho, faz com que os miúdos não queiram ir para a escola de todo, querem ficar em casa com os pais e lá está, são coisas que são difíceis de mudar. E sim há obstáculos da própria cultura deles, do próprio modo de vida e prejudica em muito a nossa intervenção sobretudo quando

estamos a falar de tentar aqui promover o sucesso escolar, reduzir o absentismo. É muito complicado sim, muito complicado.

**Inv - E que outros obstáculos consideras que existem na vossa intervenção, se é que existem.**

**TPE6** - Olha para nós um obstáculo, não era um obstáculo, mas era uma dificuldade. A nossa zona de intervenção é muito grande, nós estamos em muitos sítios e em muitas escolas, e somos só dois técnicos e meio, é muito difícil. A questão dos recursos humanos eu foco sempre, é complicado e nós temos o *Centro Social Abel Varzim* que ainda vai ajudando com um ou outro técnico que não está afeto ao projeto e que até nos ajuda numa atividade qualquer. Mas é difícil, são muitas escolas, muitos sítios, nós tínhamos cerca de 20 e tal atividades a acontecer diariamente, tínhamos um plano semanal muito complicado e cheio e é muito complicado, em termos de recursos humanos é uma dificuldade. Eu sempre apontei esta questão dos poucos recursos humanos como um grande constrangimento dos *Programas Escolhas*, ou há alguma entidade que vá cedendo técnicos ou é muito difícil. De resto a questão do transporte, temos que andar nos nossos carros para trás e para a frente e nem sempre há dinheiro para ajudar nessa questão. Depois há dificuldades mesmo no terreno com o público alvo, com as famílias, mas nós vamos ultrapassando não é nada que não se faça e que prejudique a nossa dinâmica, conseguimos gerir. Mas acho que esta questão de poucos recursos humanos, pouca possibilidade para comprar material e orçamentos reduzidos é difícil, tem que se fazer milagres como pouco e é difícil. De resto acho que não há grandes dificuldades.

**Inv - A vossa intervenção acaba por ser mais preventiva ou remediativa.**

**TPE6** - Olha nós tentamos que seja preventiva, agora muitas vezes também é remediativa, muitas vezes é muito SOS, ou seja, nós queríamos que não fosse muito isso, queríamos que fosse preventiva. Queríamos mudar, que houvesse mudança, algumas transformações naquilo que vamos fazendo, alguma transformação social na nossa intervenção, mudança de comportamento e às vezes isso não é possível. Tentamos que sim, mas muitas vezes os projetos *Escolhas* são SOS, são remediativos porque estão no terreno e são SOS para tudo. Agora nós tentamos enquanto equipa que a candidatura seja um projeto numa lógica mais preventiva, mas nem sempre é possível sobretudo porque temos muitas atividades, poucos técnicos, uma comunidade muito grande, vários sítios onde dinamizar atividades e às vezes é mesmo remediativa confesso.

**Inv - E qual é a importância da comunicação na vossa intervenção?**

**TPE6** - Eu acho que a comunicação é extremamente importante em tudo. A forma como comunicamos e nós enquanto equipa definimos formas de comunicação, ou seja, tentamos que nossa comunicação seja uma só, no sentido em que toda a equipa fala o mesmo, toda a equipa rema no mesmo sentido de forma a que o nosso público também não apanhe fragilidades. Definimos tudo muito bem em equipa, comunicamos no sentido em que quando comunicamos já todos estamos em sintonia e isso faz com que o nosso projeto também seja bem visto e que eles olhem para nós e dizem “*ok, a mensagem é mesma por parte da equipa*”. Tentamos de facto partilhar tudo, a partilha em equipe é fundamental para que a nossa comunicação externa com o nosso público alvo seja boa e acho que é isso que nós tentamos fazer.

**Inv - Deduzo que já tenha havido algum conflito com estas comunidades, será que me podes descrever um?**

**TPE6** - Olha várias, sei lá são várias, mas eu vou dar o exemplo de quando às vezes nós somos obrigados ou nos pedem encarecidamente que façamos um relatório, por exemplo, para a *CPCJ*. Eu vou falar por mim fazer uma sinalização e depois a própria família descobre quem fez a sinalização é complicado. Para mim, por exemplo, uma situação foi muito complicada porque nós temos uma boa relação com a família, mas esta situação teve que ser denunciada e depois eles tiveram acesso a quem denunciou e de facto fui muito maltratada. Os pais apareceram na escola destrataram-me, mas geriu-se e perceberam que era para o bem da criança e para o bem deles. A criança não foi retirada, foi sinalizada, mas sobretudo nessas questões de sinalizações é complicado. Por exemplo, tivemos um problema há um ano atrás de sarna no acampamento, lidar com essas questões, a forma como falamos e como lidamos nem sempre é fácil, neste caso pedimos à delegada de saúde que lá fosse explicar algumas coisas sobre a sarna e eles levaram a mal porque nós fomos dizer que eles tinham sarna para todos os lados. Essas situações são muito complexas de gerir, mas vai-se ultrapassando.

**Inv - Quando aconteceu essas situações não há uma quebra da confiança?**

**TPE6** - Há, há uma quebra grande de confiança que é preciso depois trabalhar novamente para se conseguir que eles voltem a confiar em nós, mas depois há sempre uma desconfiança, embora depois haja uma aproximação fica sempre uma desconfiança

em relação a nós e depois os outros pais ficam com receio que façamos o mesmo e é isso que prejudica às vezes a nossa intervenção.

**Inv - Achas que o projeto faz a diferença na vida dos jovens e nas pessoas que apoiam?**

**TPE6-** Olha eu acho que sobretudo nós criamos oportunidades. Os nossos participantes, sobretudo os diretos, são famílias com muitas dificuldades e nós temos proporcionado a algumas crianças e jovens a participação em coisas que nunca iriam participar se não fosse o projeto, em atividades que nunca participariam nem iriam se não fosse o projeto. Eu vou-te dar um exemplo, nós fomos ao *Bragaparque* ver o cinema e um miúdo entrou lá dentro e disse-me assim “*que cidade grande, que cidade é esta?*” e eu “*oh filho é o Bragaparque não é uma cidade*” a explicar. Ele nunca tinha saído para lado nenhum e criei uma oportunidade à criança que nunca tinha ido a um sítio daqueles e por isso acho que nós fazemos a diferença nesta comunidade.

**Inv - E sentes que transformam a vida deles de alguma forma?**

**TPE6 -** Sim acho que transformamos a vida deles sobretudo pelo acompanhamento que fazemos. Há crianças e jovens que estão connosco há muito tempo e eu acho que se não fossemos nós eles muitas vezes desistiam. Eles às vezes vêm desabafar em contexto escola e vou dar um exemplo muito específico de jovens que têm a menstruação pela primeira vez e vêm pedir ajuda porque se sentem muito à vontade connosco. Nós chegamos a ter jovens que nos vinham dizer “*nós temos sangue nas cuequinhas*” e eu sinto que aquela criança ou aquela jovem fica com uma relação e que sente que nós somos um apoio muito grande e pode confiar em nós. Eu acho que criamos oportunidades e transformamos a vida deles, no sentido em que sentem que tem ali alguma retaguarda e ficam ali com uma ótima relação connosco.

**Inv - E qual é a grande finalidade do projeto?**

**TPE6 -** Olha a grande finalidade eu acho que é garantir que o nosso público, eu não gosto de dizer público, mas as nossas crianças, os nossos jovens estejam bem emocionalmente, estejam bem integrados, que estejam bem na família e que sintam que connosco têm oportunidades, é isso que queremos. O carinho das nossas crianças e jovens, nós trabalhamos com adultos também, mas sobretudo as crianças e jovens ficam sempre no nosso coração e de facto eles, quando conseguimos que uma criança esteja bem emocionalmente, que esteja bem integrada, que tenha oportunidades para nós é

tudo. Ficamos super felizes e eu acho que independentemente de todas as atividades, de todos os objetivos específicos é o sentir que aquela criança está bem, que aquele jovem está bem que é o nosso objetivo acima de tudo. É para isso que trabalhamos no dia-a-dia.

**Inv - Para terminar consegues descrever o vosso trabalho numa palavra chave?**

**TPE6** - O projeto numa palavra chave, eu acho que é dinamismo e irreverência. Proximidade, acho que é proximidade e confiança acima de tudo, acho que sim.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.4.7. ENTREVISTA TPE7

## **Transcrição da Entrevista - TPE7**

**Data** - 13 de fevereiro de 2021

**Hora e local** -16 horas, via ZOOM

**Duração**- 1 hora e 47 minutos

**Investigadora (Inv) – Boa tarde! Estamos aqui reunidos com uma técnica do projeto *Galo@rtis E7G*, a quem vou dar a palavra já de seguida. Boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *Galo@rtis E7G*.**

**TPE7** - Então o projeto *Galo@rtis* teve a sua *1ª geração* em Barcelos no ano de 2015 e 2016. Foi pensando em 2015 e implementado em 2016 com a *6ª geração* de *Programa Escolhas*. Inicialmente isto foi muito interessante, eu conhecia o terreno, mas não tinha noção das problemáticas do terreno e então em parceria na altura com o coordenador propusemos ao município a elaboração de uma candidatura ao *Programa Escolhas*. Foi identificada a instituição, uma IPSS que também tinha ela uma proximidade de trabalho com a comunidade da zona sul do concelho e que tinha perdido nesse ano a equipa do protocolo *RSI*. Então este projeto viria aqui a salvaguardar e dar continuidade a um trabalho que tinha sido feito durante 10 anos pela equipa do protocolo. Iniciamos então em 2016, em março de 2016 e de facto se nós até então tínhamos a noção de que as coisas não eram fáceis, quando fomos para o terreno então aí concluímos que as coisas eram quase impossíveis [risos]. Eu confesso-te que quando [risos] comecei a trabalhar eu pensava “*como é que nós, nós nunca na vida vamos conseguir*”. Tinha receio de não conseguirmos alcançar os nossos objetivos propostos, havia sem dúvida um absentismo escolar por parte da comunidade cigana muito elevado e insucesso também, situações de casamentos e de abandono escolar e casamento não à luz da lei os dos 16 anos. A escola por vezes tinha estes problemas em mãos e não tinha meios, nem forma de chegar à família ou de mediar ou de promover uma mudança no comportamento da comunidade. Este projeto tinha 3 grandes áreas que era a escola, a família comunidade e depois as atividades extra escola, extracurriculares que era onde nós criávamos maior empatia, maior proximidade quer com os miúdos, quer com as famílias. Foi um desafio, nós entramos no segundo período, março de 2016, apanhamos o segundo e terceiro período

e já nessa altura surtiram alguns efeitos positivos em termos de absentismo e algum sucesso escolar e o que é certo é que desde que o projeto iniciou a sua intervenção no terreno os níveis de absentismo e de insucesso é muito residual, ou seja, a nossa estratégia junto dos miúdos foi uma certa coação inicial [fez aspas com as mãos] através das nossas atividades. Havia atividades extracurriculares e colónias de férias que funcionavam como coação positiva [fez aspas com as mãos] para os miúdos, ou seja, eles eram escolhidos e permeados pelo seu empenho, esforço e sucesso, ou seja, *“passaste de ano, conseguiste subir duas notas, ou dois níveis positivos, ok vais ao parque aquático”*, ou *“vais poder fazer a praia na época balnear”*. E os miúdos começaram a entender que realmente se se empenhassem eram recompensados e sentiam-se bem com essa recompensa e tinham acesso a atividades e experiências que nunca sem projeto o conseguiriam ter. Pronto, eu senti uma grande evolução e mesmo em parte as famílias, a forma como elas começaram a ver a escola, a forma como elas também nos começaram a ver. Elas viram-nos para além de um elo de comunicação, um facilitador de comunicação entre outras instituições. Nós estávamos lá para no momento mau dar apoio, mas também no momento em que tivéssemos que dar o *raspanete* *“não, isto não pode continuar assim”*, ou seja, termos a postura assertiva e eles não deixarem de procurar porque lhe demos um *raspanete*. Eles procuram-nos igual seja para ler uma carta, como seja para dizer *“olha fiz asneira e agora?”*. Eu senti que realmente aquilo que veio mudar ali naquela comunidade foi quase como sermos um suporte externo a uma segurança social, a uma equipa protocolo de RSI, a uma escola, ou seja, somos as pessoas que eles quando têm ou preveem que vão ter algum problema procuram. E agora isto é interessante que eles preveem, eles já não nos procuram só quando o problema aparece [risos], *“olhe isto vai-me acontecer, ou pode-me vir a acontecer. E se me acontecer, o que é que eu faço, o que eu tenho que fazer?”*, ou seja, procuram de forma preventiva porque este projeto também já veio trabalhar com as famílias e eu senti que eles quase que já nos vem pedir conselhos, quase que já nos veem pedir para solucionar o problema, já nos veem pedir conselhos e esta foi sem dúvida a parte que eu mais trago do *Escolhas*. E depois as relações afetivas que criei com a comunidade, com os miúdos, poder assistir à evolução positiva de alguns, negativa de outros, mas mesmo a negativa tem aspetos positivos, eu acredito que os miúdos mesmo deixando a escola aos 16 anos tiveram um impacto positivo do *Escolhas*, das equipas, do projeto em si e sem dúvida que sinto nestes últimos 4 anos que o projeto fez sem dúvida uma diferença terrível nesta comunidade [risos]. Os nossos objetivos eram mesmo a questão escolar, a

diminuição do absentismo, do insucesso, do abandono para níveis muito residuais ou nulos e claramente o compromisso de envolver os encarregados de educação no percurso dos alunos e trabalhar a alfabetização dos adultos. Havia uma atividade na 6<sup>a</sup> geração e foi sem dúvida a grande atividade, ou seja, os filhos iam para a escola, mas os pais também e isso na altura era coordenado pelo coordenador que era professor do 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> ciclo e foi sem dúvida uma das atividades com mais sucesso na 6<sup>a</sup> geração que foi alfabetizar. Elas tinham a escolaridade, tinham o 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> ano completo ou feito, mas não sabiam nem ler, nem escrever o nome delas. E neste momento elas vão à escola e pelo menos o nome delas já assinam. O bilhete de identidade agora quando é renovado já não diz não sabe assinar, já assina e esta foi também uma das grandes atividades. Nos objetivos para a 7<sup>a</sup> geração a atividade da alfabetização inicialmente foi pensava, mas depois não tínhamos alguém responsável por essa atividade, não foi uma das atividades que avançou, mas avançou a formação, a capacitação através de formação externa no centro de emprego, com uma entidade formadora parceira da IPSS com cursos pensados e definidos quer para as capacidades, mas também quer para a utilidade na sua vida. Nós fizemos um levantamento em termos de território de onde é que os conseguíamos inserir profissionalmente e passava muito pelo têxtil, pela serralharia e pela eletricidade. Então pensou-se com a entidade formadora iniciarmos dois cursos, o curso de costura para as senhoras da comunidade, começaram a ter um contacto com a costura e os homens passaram a ter formação na parte elétrica. Para além da integração deles no mercado de trabalho, pensou-se também na própria capacitação deles para melhorar as condições habitacionais nas suas casas. Nós tínhamos na altura, acabou agora na 7<sup>a</sup> geração, o *projeto telha* que era um projeto em parceria com o município através da cedência de recursos humanos do município, de engenheiros, arquitetos que ajudavam na retaguarda técnica e eles com o conhecimento que iam adquirindo em termos de eletricidade na formação complementavam e faziam melhorias na habitação. O que é certo é que depois meteu-se isto do *covid*, a formação parou e esta atividade cessou em março de 2020, ou seja, nunca mais se conseguiu fazer nada e os objetivos que estavam até ao final do ano não se conseguiu efetivamente fazer nada. Creio que na 8<sup>a</sup> geração será uma das atividades para fazer e vai mesmo ter muito sucesso. Depois tínhamos essa componente escolar que demos sempre continuidade, a mediação familiar e era muito à base disto, foi sempre muito à base disto contexto escola, contexto comunidade e a capacitação deles.

**Inv - Obrigada, já foi uma ótima e completa introdução. Pedia-te agora para me descreveres a comunidade, que fales um bocadinho da comunidade e da forma como era feita a vossa intervenção.**

**TPE7** - Esta comunidade é caracterizada pelos chamados, maioritariamente por população cigana, mas os ciganos galegos. São 3 acampamentos, todos eles com características totalmente diferentes [risos]. Todos eles são de *Barqueiros* independentemente de eles fazerem todos a vida deles em *Cristelo* porque existe a IPSS como referência. Então é o acampamento da *Lagoa Negra* que tem cerca de 70 pessoas e fica ali bem junto à autoestrada A28. Digamos que é um acampamento, mas depois esse acampamento divide-se entre um mega acampamento e um micro acampamento que é uma família um bocadinho mais problemática e conflituosa que não se consideram galegos, já se consideram ciganos portugueses, mas são cerca de 70 pessoas. Depois nessa mesma *bouça*, nesse mesmo acampamento, mais à frente encontramos um acampamento que é conhecido como o acampamento da *zona industrial* e este acampamento tem uma particularidade que é um acampamento de circuito, de passagem, ou seja, temos lá duas ou três famílias que vivem lá há 10 anos, 15 anos, mas as outras vão passando. Passam ali três meses e desaparecem e entram outros, ou seja, temos sempre a sensação que vem fugidos de algum lado para ali para o meio do mato. Neste acampamento, eu só consigo trabalhar com três ou quatro famílias, mais nada, tudo que vem aí parar é difícil, ou seja, nós até só nos apercebemos que existe lá pessoas novas porque houve uma nova inscrição na escola, ou porque vais dar uma ronda aos acampamentos e percebes que há ali movimento, porque de outra forma não te procuram. Este aqui tem uma média 35 pessoas e temos a falar em contexto de barraca aqui, o primeiro acampamento em *Lagoa Negra* já são aquelas casas de tijolo, mas a outra parte é tudo em barracas. O primeiro acampamento de *Barqueiros* e que é em formato ilha são mini casinhas em formato de ilha e não há barracas, é tudo em tijolo, em amianto, já tem água, já tem água pública. Dos outros nenhum deles tem água, nem luz porque estão em terrenos que não lhes é permitida a instalação elétrica, nem a canalização. Este acampamento já tem luz e já tem água da rede pública e vivem aí também uma média de 70 pessoas, ou seja, se nós formos a avaliar temos uma média de 210, 220 elementos da comunidade cigana nestes três acampamentos, mas é um número variável como te disse às vezes uma família desaparece e vão logo 12, mas a média anda pelas 200 pessoas. Estes também são considerados ciganos galegos e não

gostam de se misturar com os outros, não sei se isto acontece nas outras comunidades, mas eles gostam todos uns dos outros, mas cada um no seu quadrado [risos]. Estes das *casinhas* são mais fáceis de intervir, são mais humildes e é sem dúvida o acampamento com quem nós para além da proximidade que tem, do fácil acesso porque tem uma estrada em condições a passar em frente ao acampamento, uns bons acessos e é dos acampamentos que nós acabámos por intervir bastante e que eu sinto que realmente valorizam o nosso trabalho e correspondem. Nos outros acampamentos eu vou te ser muito sincera eu só consegui estabelecer uma relação de plena confiança com os outros dois quando ficaram infetados com *covid* em maio de 2020. Este foi o aspeto positivo do *covid* para mim [risos], porque eles andavam sempre com esquemas, para eles nós éramos mais umas para lhes meter problemas, para os massacrar e perseguir. Por exemplo nós conseguimos trazer os miúdos para as atividades desses dois acampamentos porque os miúdos realmente gostavam de estar connosco e queriam estar com outras crianças, porque pelos pais eles não iam a lado nenhum. Eles fechavam-se, não nos deixavam entrar na comunidade e era através das crianças que efetivamente nós trabalhávamos. Cá em cima não, cá em cima levavas os miúdos das *casinhas* e os pais também queriam ir e era assim, dinâmicas completamente diferentes. A proximidade com os outros dois acampamentos aconteceu mesmo quando em maio eles tiveram que ficar fechados em isolamento profilático durante 28 dias. Não sei se todos os projetos, ou alguns projetos tiveram esta fase difícil e crítica de uma criança ter testado positivo, num mês, numa altura e numa fase em que tudo isto era tão desconhecido. Foi deitar as mãos à cabeça e meu deus o que é que vamos fazer agora? Como é que vamos fazer com aquela comunidade permaneça fechada na *bouça*, com as condições habitacionais que tem, durante um período incerto? Eles tiveram que ser testados, cena de filme de ficção científica no meio da *bouça*, explicar-lhes o que é que era o *covid* e o que é que eles tinham que fazer, porque eles não acreditavam na existência do *covid*, eles acreditavam que era paranoia da nossa cabeça. Eles faziam a vida normal, como se nada fosse e a partir daquele momento vimos o medo estampado no rosto, o desespero deles quando foram abordados pelas autoridades de saúde, quando tiveram noção do real impacto que aquilo poderia ter na vida deles. Então houve um isolamento geral e muitas dúvidas, como é que nós mantemos aquelas pessoas ali durante tanto tempo? Como é que lhes fazemos garantir a alimentação, os bens de primeira necessidade e medicação. E se algum ficar doente qual procedimento? Posso-te dizer que isto foi uma tarefa extremamente desgastante para a equipa, foi um trabalho de articulação diário, hora a

hora com as autoridades de segurança, com a autoridade de saúde local e sem dúvida com as juntas de freguesia e o município que teve sempre na retaguarda desta situação. Nós íamos lá diariamente, nós diariamente entregávamos garrações de água porque esta gente não tem água potável. Houve donativos de água, houve a distribuição alimentar do *FEAC* com a colaboração da *GNR*. Com as carrinhas da *GNR* trouxemos o *FEAC* para o acampamento, a distribuição do *FEAC* e de coisas básicas como fraldas, *ben-u-ron*, máscaras e desinfetante. Nós íamos lá diariamente, dias que até mais do que uma vez por dia para lhes fazer chegar o que eles necessitavam e nessa altura eles sentiram que nada lhes faltou apesar de serem ciganos, ou seja, eles pensaram somos ciganos vão-nos deixar morrer aqui era esse o medo deles. Mas eles sentiram que ninguém os abandonou e que voltaríamos a fazer o mesmo, entregar o que eles necessitassem há hora que fosse preciso, se fosse possível. Depois explicar-lhes os procedimentos a ter com um infetado em casa foi curioso porque na altura o delegado de saúde dizia “*pronto é fácil pomos os positivos todos numa casa e os negativos todos na outra*” [risos] e eu “*isso é impossível*” [risos], ou seja, também não havia uma noção de como é que essas pessoas viviam ou quantas pessoas. Quando isto surgiu houve um levantamento das comunidades no município e eu tenho noção que as pessoas não tinham noção de quantos ciganos é que tinham no município. E foi após este confinamento que eu acho que eles mudaram, mudaram a forma como nos viam e eu confesso que também mudei um bocadinho a forma de os ver, a forma como os abordava. Como é que eu te hei de explicar? Nós sentíamos, nós equipa sentíamos e ainda hoje sentimos que eles passaram a ser dos que menos nos ligavam para o acampamento que mais nos liga e é curioso [risos]. Todos os dias alguém lá de baixo nos contacta, ou seja, o mesmo comportamento que os das *casinhas* tinham estes começaram a tê-lo o que foi muito bom para nós porque alargamos aqui as nossas relações enquanto projeto e os miúdos começaram a participar mais nas atividades. Não te consigo descrever [risos], não consigo encontrar uma palavra para caracterizar aquilo, como a equipa passou a ser vista por eles, mas o que é certo é que correu bem e mesmo no arranque das atividades do ano escolar em setembro as coisas estavam diferentes, a forma como eles nos abordavam nas escolas, a forma como eles nos ouviu, os conselhos que nós lhes dávamos eles passaram ouvi-los e a cumprir, ou pelo menos a pensar neles. Por isso o *covid* nesta fase para além do desgaste que foi em termos de projeto e em termos de trabalho também tivemos que nos ajustar. As próprias colónias de férias não eram possíveis, não foi possível executar as atividades todas que pensamos e depois

como tínhamos retaguarda de uma instituição que tinha um plano de contingência que tinha de cumprir, não permitiu aquela liberdade de poder trazer os miúdos para a instituição e integrá-los com os miúdos do ATL e fazer atividades em conjunto. Isso deixou de existir, ou seja, nós passamos a fazer as nossas atividades nos acampamentos e mesmo nos acampamentos nós não podíamos misturar os acampamentos. Isto foi extremamente complicado porque nós também enquanto projeto tínhamos que pensar num plano de contingência para executar no âmbito da interrupção letiva. Então passamos as nossas atividades, desde aulas de dança, desde aulas de culinária, desde jogos tradicionais para os acampamentos, andávamos com a casa atrás e era o projeto que ia passando pelos acampamentos. Desinfetar material, máscaras, tudo com as regras que no momento estavam a vigorar e foi extremamente desgastante e não foi possível de todo alcançar as atividades que tínhamos pensado, as dinâmicas, envolver o número de participantes previsto, ou seja, houve uma quebra gigante em termos de participantes em atividades, porque não podíamos juntar 20 crianças. E pronto esta foi a parte desafiante da 7ª geração no segundo ano e que em termos de objetivos, números e de metas esteve muito aquém, mas eu creio que foi transversal a todos os projetos.

**Inv - Mais uma resposta super [risos]. No início do projeto foi difícil chegar ao vosso público alvo? Que tipo de estratégias utilizaram para os atrair e chegar até eles?**

**TPE7** - Havia um elemento na equipa que já conhecia estas famílias porque já vinha da equipa do protocolo *RSI*, ou seja, foi muito positivo para um arranque do projeto. Nós éramos três elementos da equipa técnica, dois nunca tinham tido contacto com comunidade cigana em Barcelos, mas um elemento que na altura estava na equipa de protocolo *RSI* e permaneceu na instituição foi um elo fundamental para esta relação numa fase inicial correr logo bem. Fomos apresentados aos acampamentos, houve aquela visita até antes do projeto ser submetido e fizemos uma ronda aos acampamentos, vimos as condições em que eles viviam e no início foi muito engraçado porque pensavam que nós íamos dar casas [risos], era tudo a querer casas. E então quando o projeto veio aprovado pensamos entre equipa ter esse elemento, esse elo de ligação sempre presente no arranque das atividades. Agora a desconfiança, estás-me a fazer lembrar a forma como nós abordávamos os jovens, eu falo por mim, foi sempre pôr-me ao mesmo nível, se é que me faço entender, muito terra a terra, ajustar-me à idade e tentar perceber que naquela idade é normal eles não querem fazer nada, é

normal eles estarem no canto e pensarem “*chata, esta vem para aqui buscar-me para atividade*”. E era a conversar através de “*anda lá, desafio-te e se não gostares nunca mais te chateio, nem te massacro, ficas aí no teu canto e estás à vontade*”. Eu desafiava-os “*como é que dizes que não gostas de fazer ou que é uma seca se nunca vieste experimentar? Anda experimentar e vamos ver como é que corre*”. Depois nas próprias atividades a esses eu delegava-lhes tarefas, eram os meus braços direitos e esquerdos para controlar os mais novos, ou até a entusiasmar outros de outros acampamentos. Foi esta relação de proximidade que eu fui criando principalmente com os adolescentes que foram a faixa etária bem mais desafiante no arranque da 7ª geração. Os miúdos, os pequeninos se uma referência mais velha fosse eles iam todos e dada a idade, a forma que nós nos aproximamos deles através do carinho, do colinho, do abraço acabavam por ser cativados e vinham quanto mais não seja para estarem à minha beira a pentear-me o cabelo. Agora os adolescentes foi realmente um desafio e inicialmente cativamos ali alguns estratégico e após isso as coisas foram fluindo, os pais sentiam que os miúdos gostavam de vir para as atividades, sentiam que o facto de eles virem para as atividades lhe dava um bocadinho de paz e sossego na cabeça. Quando não havia atividade eles diziam “*então, nunca mais há atividades? Quando é que começam as atividades?*” eles queriam que os tirássemos dali [risos] para terem um bocado de sossego. Mas foi sem dúvida esse aproximar, esse ajustar-me e tentar manter uma postura de igualdade e de aproximação. Não sei [risos], olha correu bem [risos], correu bem. Com os outros cá em baixo mesmo assim às vezes não corria, por muito que tu tentasses chegar a eles, eles não queriam fazer nada, numa fase inicial viam que os outros iam e diziam “*aí soubemos que eles foram, porque é que não disseram nada? Aí se soubesse eu também ia*” e eu, “*pois, mas isso foi o que te expliquei e tu nem deste oportunidade, o benefício da dúvida*”. Depois aos poucos e poucos nas escolas eles iam comentando uns com os outros que foram ali, foram acolá, à colónia de férias. E nós passávamos sempre a ronda pelos acampamentos, entregávamos o mapa de atividades e deixávamos um período para eles refletirem se queriam ou não participar e depois passámos novamente e perguntávamos “*então, quem é que quer ir a esta atividade?*”. Íamos gerindo “*não, tu estás castigado para ir a esta atividade, prometemos que irias ser castigado ou penalizado, digamos que não é castigado, mas penalizado na atividade das colónias e esta tu não podes ir*”. Pronto e eles também foram percebendo “*se eu fizer bem as coisas eu posso ir a todas?*” e havia efetivamente miúdos que iam a todas e os outros lá de baixo, os complicados, começaram a perceber que os outros estavam era

sempre no passeio, ou pelo menos a fazer coisas interessantes. Aqui as redes sociais entre eles foram extremamente importantes para a divulgação e já não estavam sempre “*e então? E as atividades? Posso ir? Podes, anda*” [risos]. E lá em baixo foi um bocadinho por aí, por verem o exemplo dos outros e começarem eles a aproximarem-se de nós.

**Inv - E a vossa intervenção acontecia em contexto?**

**TPE7** - Nós tínhamos uma carrinha da instituição, uma carrinha de nove lugares e era através dessa carrinha que nós fazíamos o transporte no verão principalmente para um dos acampamentos que é o acampamento das *casinhas*. Às vezes até vinham a pé para uma escola, a escola em *Cristelo* que está desativada, que tem só um JI a funcionar ao longo do ano, mas durante as férias está completamente livre, está desativada e ficava a caminho do acampamento. Então nós levamos para lá os materiais, tínhamos campo de futebol, tínhamos parque infantil e passamos lá os nossos dias, as nossas tardes, as atividades eram todas programadas para lá. Os outros tínhamos que os ir buscar, definíamos um ponto que normalmente era o *Largo de Barqueiros* e eles estavam ali e trazíamos-los para às atividades e depois levamo-los novamente para lá. Depois para as atividades de praia, parques aquáticos, visitas temáticas contratávamos um serviço de autocarro e passávamos por pontos de recolha e por pontos de entrega. Muitas vezes chegamos a desenvolver atividades em parceria com o *CATL* da instituição e eles vinham para a instituição e passavam dias inteiros na instituição, almoçavam, participavam nas atividades com os miúdos do *ATL*. Nas atividades que eram possíveis nós trazíamos-los para a instituição, fazíamos atividades conjuntas e outras vezes que não era possível ou que eram atividades muito mais específicas e que queríamos trabalhar especificamente alguns comportamentos, algumas temáticas abordávamos na escola de *Ferreiros*. Íamos gerindo em termos logísticos e também com a própria Instituição, porque se a Instituição estava com uma lotação máxima nós não podíamos trazer mais 30 crianças para as atividades, íamos gerindo. Mas tínhamos sempre espaço físico, ou seja, é o que eu te digo atividades em contexto de acampamento foi só mesmo durante a pandemia de resto nunca, nunca fazíamos essa intervenção em contexto de acampamento, eles é que vinham ter connosco.

**Inv - Nas atividades que referiste havia alguma preocupação para incluir também crianças que não fossem só de etnia cigana?**

**TPE7** - Sim nós intervínhamos também nas escolas e os nossos participantes diretos nas interrupções letivas tinham acesso às nossas atividades por isso não era só para ciganos. Nós tínhamos miúdos de *Barqueiros*, de *Vila Seca*, de *Faria*, de *Paradelo* a virem para as atividades da mesma forma, passávamos a carrinha e trazíamos, ou os pais que iam para o trabalho às nove da manhã deixavam-nos e depois às cinco da tarde levavam-nos para casa, mas as atividades não eram exclusivas para a comunidade cigana. Eu certamente estou a falar mais um bocadinho na comunidade cigana, mas vinham os participantes diretos e alguns indiretos não ciganos, eles também participavam nas atividades sim.

**Inv - Podes falar-me agora um bocadinho da intervenção com as famílias. A relação já acabaste por falar, mas fala da intervenção por favor.**

**TPE7** - Na 7<sup>a</sup> geração isso alterou um bocadinho porque nós tivemos limite de participantes diretos, na 6<sup>a</sup> geração não havia limite de participantes diretos e participantes indiretos. Na 7<sup>a</sup> geração houve essa mudança, não sei se também já falaram, mas nós tivemos um limite para participantes diretos e um limite para participantes indiretos e havia muitos indiretos que nós identificávamos e que tinham condições para serem diretos. Nós continuamos a trabalhar, ou seja, os nossos indiretos eram considerados também diretos apesar de serem indiretos e a família tinha sempre um papel muito presente porque nós sempre que tínhamos algo idealizado, ou algo pensado para os filhos envolvíamos os pais dos participantes diretos e indiretos e familiares. Eu estou a pensar aqui e mesmo ao longo do projeto tivemos algumas vezes familiares dos nossos participantes a participarem nas atividades também, ou como monitores porque as equipas técnicas do *Escolhas* não são assim tão grandes e então nós tentávamos envolver alguns elementos estratégicos da comunidade, familiares dos nossos participantes diretos e indiretos em algumas atividades. Muitas vezes eles não acreditavam quando nós falávamos “*olhe o seu filho, ou o seu sobrinho, ou filho de fulano, aconteceu isto nas atividades. Está castigado para a próxima atividade ou não vai na próxima atividade*” e eles diziam “*oh não acredito*”, quase que duvidavam daquilo que nós estamos a dizer e então nós para evitar estas situações desafiávamos alguém da comunidade, alguém que tivesse alguma proximidade aos miúdos e dizíamos “*então na próxima atividade vem connosco quer vir, vem?*”. Pronto, começaram a ver realmente como é que eles se comportavam nas atividades e começaram-nos a dar razão e chegavam a casa e diziam “*olha o teu filho, fez isto, fez isto, fez isto*” [risos]. E nós

começamos a sentir que nunca mais duvidaram daquilo que nós dizíamos. Outras vezes também os convidámos a eles para participarem em atividades como elementos convidados, por exemplo, eu lembro-me do atelier de cestaria em que familiares, neste caso da comunidade cigana foram eles os próprios dinamizadores da atividade e noutras atividades familiares dávamos matéria prima para a dinamização de atividades desde o barro, desde massa para fazer pizzas. Nós tentamos ver o quê? Qual a profissão e aí lembro-me de um miúdo que tinha o pai jardineiro e nós iniciamos uma horta biológica e o pai dinamizou algumas ações com os outros miúdos do projeto, a tratar da terra, a explicar que flores é que podemos colocar aqui e que vão dar nesta altura, ou seja, envolvemos este pai também na dinamização das atividades que o filho participava. O envolvimento dos familiares não te vou dizer que foram muitas as vezes, mas as poucas vezes que foram eram pensadas de forma estratégica e no que é que poderiam contribuir para nós e para os próprios familiares verem o tipo de atividades que nós, projeto, proporcionávamos aos filhos.

**Inv - E os pais acompanhavam e valorizavam o percurso escolar dos filhos, qual era o vosso papel nesse aspeto?**

**TPE7-** Nós sem dúvida para baixar os níveis de absentismo, tivemos que corresponsabilizar os pais. No início do projeto aquilo que aconteceu foi reunirmos sempre com o Diretor de Turma na presença do pai e do aluno, ou seja, era uma reunião escola, projeto, pai e aluno para fazer um ponto de situação. E nesse ponto de situação depois o que é que era acordado? Nós fazíamos uma espécie de acordo, um protocolo, algum compromisso de honra que o miúdo e que o pai no fim assinavam, comprometiam-se a assumir aquela responsabilidade. Esta era uma prática e eu fazia muito acompanhamento em contexto de escola, porque nós apesar de irmos para as escolas todas umas eram na primária, outras eram mais 2º e 3º ciclo. Eu que estava mais responsável pelo 3º ciclo adotava esta prática de assumirem um compromisso perante mim, perante a escola e perante o filho e o filho perante o pai, ou seja, que iriam mudar ou alterar determinados comportamentos. Primeiro começava por aí, depois e não me interpretes como forma de coação envolvíamos sempre a equipa do protocolo de *RSI* que fazia parte do nosso consórcio. Para além das reuniões de consórcio tínhamos um contacto que não era semanal, mas sempre que necessário fazíamos um ponto da situação, elas connosco e nós com elas sempre que fosse necessário e isso ainda se mantém mesmo agora estando na escola. Agora o contacto até é mais semanal confesso,

mas nunca sobre a ameaça “*se não vieres à escola vou te cortar o RSP*”, nunca sobre esta base, mas nós fazíamos questão que eles entendessem que isto era um trabalho em rede e que por trás do projeto havia uma série de instituições parceiras. Nós por acaso tínhamos um consórcio extremamente rico e eram entidades que eles conheciam desde o *IEFP*, desde a *GNR*, da parte do *RSI*, a câmara Municipal, os agrupamentos, ou seja, eram todas entidades que eles lidavam diariamente ou semanalmente. Então eles percebiam que nós éramos um elo com estas entidades e funcionava como uma coação positiva [risos]. Aos poucos e poucos foram mudando este comportamento, mas acima de tudo eles perceberam que a escola, principalmente as raparigas ciganas, que a escola não era o local perigoso que os pais pensavam e eu dizia “*vocês não sabem o que é uma escola, como é que funciona uma escola porque vocês nunca foram à escola, nem nunca foram ver a escola dos vossos filhos. É importante vocês virem à escola, verem quem são os professores, verem como é que os outros miúdos andam na escola, por onde circulam, como é que é a escola por dentro*”. Muitos não tinham essa noção e quando lá iam eu dizia “*olhe, ali é o espaço de recreio onde a sua filha está, ali são as casas de banho. Está a ver os funcionários que temos aqui?* Um chegou-me a dizer que o pior que aconteceu foi obrigarem as meninas a irem pra escola e desconstruir isto foi extremamente difícil na altura, porque ele tinha três filhas e aquilo era um problema, foi mesmo um problema e foi necessário ele vir à escola, ver com os próprios olhos onde era a cantina, qual era a sala das filhas, onde é que elas brincavam, quantos funcionários tinham. Fizemos questão de lhe mostrar isso e realmente houve ali uma mudança, realmente ele disse “*isto não é como eu imaginava*”. Mas essa responsabilização parental foi sem dúvida um trabalho em parceria com a escola, com o consórcio, com entidades que os acompanhavam e depois nas próprias atividades que nós também dinamizávamos para eles [risos]. O facto de eles meterem os miúdos no autocarro e virem também eles para a escola primária aprender a ler e a escrever também ajudou com que eles valorizassem que é que é saber ler, o que é que é saber escrever e querem que os filhos aprendam a ler e a escrever. Havia uma que me dizia “*o meu maior orgulho vai ser quando receber uma carta e ela me soube dizer o que lá está*”. Isso já aconteceu, agora é a filha aliás é a menina que lê as cartas. Foi muito importante principalmente para as mulheres ciganas saírem de casa, virem para a escola aprender a ler e escrever o nome delas, aprender a iniciação à costura e a ter acesso a uma máquina de costura. Eu acho que mudou muito e o papel da mulher na comunidade tem um peso enorme, eu nem tinha noção, eu pensava que era o homem que era a base daquela

comunidade, das famílias, mas não, é a mulher [risos] e cada vez mais tenho essa certeza que são as mulheres que fazem a diferença nos miúdos.

**Inv - Então na tua opinião a mulher tem mais peso que o homem?**

**TPE7** - Eu acho que isso depende de contexto para o contexto e de acampamento para acampamento, porque eu estou a dizer isso e os exemplos que eu estou a dar até são do acabamento das *casinhas* onde muitas tinham os maridos presos e isso contribuiu e ajudou a que durante este tempo a que as mulheres tivessem autonomia na educação [risos], ou seja, deveriam ir mais [risos]. Mas isto é um aspeto importante, acho que sem dúvida elas têm um papel fundamental e ainda mais fundamental quando os maridos estão presos, sem dúvida.

**Inv - Podes agora falar-me de um caso que consideres de sucesso e outro que consideres de insucesso?**

**TPE7** - Um caso que ainda está a ser de sucesso e que eu ainda não considero sucesso porque os objetivos ainda não foram totalmente alcançados é uma menina de 15 anos que é a primeira menina da comunidade cigana que estava 10º ano. Isto é histórico, eu já considero sucesso, mas ainda não é o sucesso porque eu neste momento como técnica externa ao *Escolhas* quero para ela pelo menos alcance o 12º ano. Mas é sucesso porquê? Porque é uma menina, filha de uma jovem, de uma mulher cigana viúva, com quatro filhos. Essa mulher também foi integrada no mercado de trabalho neste momento é auxiliar na IPSS e abraçou o projeto do *FAPE*, ou seja, isto na própria comunidade sendo viúva, com quatro filhos, com todas as lides que nós sabemos que elas têm, responsável pelos pais e ainda responsável por uma sobrinha. Esta senhora vai buscar forças não sei aonde para sair de casa todos os dias, ter um trabalho que ela quer, ela não quer estar em casa e ao mesmo tempo tem um conflito de valores e ideais que todos os dias quando regressa a casa leva da comunidade. A filha dela está no mundo totalmente desconhecido e a crítica da comunidade é uma coisa terrível. Esta menina tem acompanhamento semanal da minha parte e do projeto neste momento não porque está parado, mas vou monitorizado para não desmotivar daquilo que realmente ela quer, que é ter uma vida diferente e tirar a mãe do acampamento, ela tem como objetivo tirar a família e os irmãos e a mãe do acampamento e viverem noutra qualquer para que possam ter a vida deles sem críticas, sem julgamentos. Este é sem dúvida um caso que ainda está a ser de sucesso e que eu tenho muito medo que a qualquer momento, sei lá a pressão da comunidade nos vença. Eu não sei se tu algumas vez sentiste isso, mas eu

estou nessa fase porque a menina neste momento está a levar a pressão de não ser comprometida “*ainda nem sequer está casada, não está casada e ainda nem sequer está comprometida*”. E ela neste momento já partilhou comigo que está a ser julgada, que leva umas bocas da própria comunidade e eu sinto que a mãe às vezes também sente “*será que é mesmo isto?*” E fica sem forças para dar força à própria filha, mas tem sido um grande esforço por parte da equipa para que nada falte a esta família em termos de apoios motivacionais principalmente. Este é um caso que já é de sucesso e que eu espero que ainda venha a fazer mais sucesso. Um caso de insucesso? Para mim, como eu te disse há bocado, não considero que seja de insucesso porque houve sempre uma mudança na vida destas crianças e destas famílias. Eu tenho a certeza porque as que passaram por nós algo de bom levaram, pode não ser aquilo que nós muitas vezes estipulamos como objetivos, mas eu creio que nós *Escolhas*, nós técnicos deixamos ali qualquer coisa boa e que isso vai influenciar algo na vida deles quanto mais não seja incentivar os filhos no futuro para estudar, mesmo que eles não tenham conseguido ter essa força e muitas vezes nem é a força deles é a força da própria família. Mas tenho um caso insucesso sim, de uma jovem que tinha tudo para dar certo, para ser um exemplo, mas por questões culturais casou, casou pela lei portuguesa, pela nossa lei como eles dizem e que aí custou. Custou ver a forma como a família fez as coisas e fez questão de nos mostrar. Acabou por ser um abandono escolar quando tinha sido trabalhada durante 2, 3 anos e que evoluiu muito, mas de um momento para o outro casou e nunca mais apareceu na escola. É frustrante, muito frustrante e depois esta história leva-me a pensar, eu olho muitas vezes para a idade delas, para a data de nascimento e penso “*bem tu no próximo mês fazes 16 anos, o que é que te vai acontecer?*” Ainda há dois dias, curiosamente naquele dia eu tive uma reunião e estamos a falar de uma menina precisamente da comunidade que vai fazer 16 anos no próximo mês e eu pensava “*será que vale a pena?*” É muito complicado e eu creio que não vai e nunca desistimos, mas daqui a um mês eu creio que para o ensino presencial ela já não retoma, muito sinceramente. Não sei se outras pessoas têm partilhado contigo, mas eu até dei a sugestão quando sai do *Escolhas* e deixei este relato à equipa. Eu acho que há uma coisa que o *Escolhas*, ou o *ACM*, ou a quem de competência deveria fazer um pedido de revisão de lei ou o que quer que seja em relação a esta situação do casamento. Porque a maioria está aos 18 anos, a emancipação pelo casamento está aos 16 anos e a obrigatoriedade escolar está até ao 12º ano, mas o que é certo é que elas com 16 anos casando-se emancipam-se e não são obrigadas a frequentar a escola até aos 18 anos,

nem até ao 12º ano, ou seja, nós estamos aqui perante duas leis que em vez de se complementarem e estarem as duas no mesmo rumo, há uma lei que está a falhar. Para mim não faz sentido uma lei do casamento aos 16 anos quando a maioridade é aos 18 e não faz sentido para mim definir escolaridade obrigatória no 12º ano. Eu acho que mesmo emancipada pelo casamento deveria ser obrigada a continuar até ao 12º ano, até aos 18 anos, ou seja, acho que o *Programa Escolhas* e as equipas que se deparam com este problema frustrante deveriam claramente unirem forças e tentarem mudar. Não se casam aos 16 anos, casam-se aos 18. Eu não sei se outros projetos têm partilhado, mas é o que está a acontecer, eles aguentam as miúdas na escola até aos 16 anos, casam-nas e acabou. Não tens mais problemas com a escola, vai à tua vidinha.

### **Inv - E a comunicação que importância atribuem à comunicação?**

**TPE7** - Ora bem, ao nível da comunicação com o exterior inicialmente quando isto tudo começou passou uma ideia errada na própria comunicação social pela câmara entidade promotora do projeto porque saiu logo uma notícia que o município de *Barcelos* ia investir 800 mil euros num projeto, para as comunidades ciganas. Estás a ver o que é que isto deu? A partir de um momento destes nós tínhamos logo a sentença e na própria Assembleia Municipal tudo aquilo que nós pudéssemos propor, ou pedir iria ser rejeitado porque a Câmara já tinha investido 800 mil euros. Nós pensamos logo “*ok, isto começa bem*” [risos], “*o que é que podemos fazer para provar que de facto este dinheiro, mesmo que seja do município valerá a pena*”. Depois consoante nós íamos fazendo algumas ações, fizemos sempre a questão de comunicar com a comunicação social local para promover atividades e intervenções que fazíamos naquele território, mas o que é certo é que este projeto sempre foi associado aos ciganos e nós as três sempre fomos associadas pelas defensoras de todos os ciganos e a reivindicar direitos [risos]. Fomos assim um bocadinho vistas e em termos de imagem do próprio projeto perante a rede social. Digo isto, mas com orgulho, é de facto um problema e aqui atribuo culpas à forma miserável como têm gerido estas questões da habitação. É desumano os problemas que temos graves, gravíssimos de viverem ainda pessoas nas condições em que vivem, em pleno século XXI de 2021. Não havia necessidade, se as políticas fossem realmente implementadas e quisessem fazer algo por estas minorias. E não é só a comunidade cigana, outras pessoas da comunidade majoritária vivem em condições desumanas naquele território e nós quando defendemos a habitação digna não é só para eles é também para outras famílias que acompanhamos e que não têm

condições. E na própria comunicação quando saíam, eu recordo-me de sair uma notícia deles e eles ligarem-nos “*e agora? Agora ainda vai ser pior. Agora é que nos vão discriminar*” e eu, “*mas você interpretou isso da notícia? A notícia não estava a dizer isso*” e eu pensar “*meu deus os títulos sensacionalistas*”. O pavor que lhes causa o facto de sair notícias deles, eles não querem ser notícia e nós transmitimos uma mensagem a um jornalista que aproveitou uma frase que não queria dizer aquilo que ele pensou que queria e meteu como título da notícia, foi uma coisa mesmo chocante. Em termos de visibilidade comunitária eu acho que neste momento já veem o projeto principalmente através das escolas, para ajudar. E em termos de comunidade escolar já nos veem, já nos associam muito devido ao papel que nós temos nas escolas, somos facilitadores e elementos participativos da escola e às vezes até nos confundem e pensam que somos mesmo elementos da escola para ajudar e resolver questões da comunidade e na comunidade. Creio que já não nos associam tanto à comunidade cigana e creio que de uma forma geral através das atividades e do facto de envolvermos crianças que não são ciganas nas nossas atividades fez com que o projeto neste momento não seja só visto como um projeto para ciganos. Estou a pensar aqui numa atividade que é uma atividade promotora do sucesso escolar através do desporto, não sei se estás a par de um projeto que é o *trial bike*?

**Inv- Sim, já ouvi falar.**

**TPE7-** Pronto nós temos *trial bike* cá e são identificadas crianças de várias escolas, identificados pelas escolas e era uma atividade que resultava e que foi muito divulgada em termos de comunicação para a comunidade e que de facto estavam ciganos, não ciganos, miúdos das escolas que eram sinalizados pelas escolas em parceria conosco. Era uma atividade que era realizada ao fim-de-semana e juntavam-se todos. Eles chegaram a ir à televisão, na cidade andaram de bicicleta, fizeram várias apresentações de rua e onde tinham miúdos ciganos e não ciganos [risos], de *Barqueiros*, de *Cristelo*, de *Vila Seca* de todo o lado, ou seja, acho que a nossa imagem, a nossa comunicação foi sempre muito através da escola e do desporto e fomos mudando aqui a forma como as pessoas viam inicialmente a intervenção e nos associavam, “*afinal o Escolhas não é só para ciganos*”. Nem na 6<sup>a</sup>, nem na 7<sup>a</sup> [risos] nem nunca foi e pode existir principalmente por causa deles, para a integração deles, mas não só. Em termos de comunicação interna aquilo que te posso dizer era que a comunicação era direta com os nossos participantes, com os familiares e que evoluiu bastante a própria comunicação no

sentido em que, por exemplo, nós numa fase inicial todos os recados que tínhamos para dar fazíamos questão de ir lá, de explicar 20 mil vezes a mesma questão e de até pedir ao vizinho que tinha mais capacidades *“olhe expliquei agora isto e não sei quê, mas depois veja se ele faz, ou se fez ou se não sei quê”*. Neste momento e por uma questão de autonomia, porque as coisas não podem permanecer sempre iguais, na própria comunicação com os miúdos passamos a mandar informação escrita e simples, muito simples. Mas a própria comunicação, mesmo através do telemóvel, tu sentias de certeza isto em Prado [risos], eles trocam de número telefone que é uma coisa surreal. Eu da mesma pessoa sou capaz de num mês ter para ai 3 números diferentes e então o que é que nós decidimos? Há pessoas constantes na comunidade que vão mantendo sempre o mesmo contacto, então definimos sempre 4, 5 pessoas que têm o mesmo número há mais de 1 ano e são eles que dão eles os recados uns aos outros. Há claramente famílias que não querem que se ligue para o vizinho a dizer que precisamos de falar com ele, mas aí nós dizemos *“então olhe, ponha um telefone ativo e o mesmo número de telefone pelo menos durante 3 meses, que é o mínimo, ou então sempre que mudar de número ligue-nos a dizer qual é o número. Isso é que era o ideal.”* Agora eles próprios sabem [risos] que se fossem sempre a fazer isso estavam sempre a ligar, mas a nossa comunicação com eles quando não era possível presencialmente fazíamos assim telefonicamente e estrategicamente para algumas pessoas e depois quando nós nos apercebíamos que os miúdos já sabia ler, já sabiam interpretar, mandávamos bilhetinhos, documentos para assinar, muitas vezes chegamos a responsabilizar os miúdos de *“olha tens que levar este documento para o teu pai assinar aqui”* e o miúdo levava o recado e trazia assinado e eu perguntava *“explicaste ao teu pai?”*, *“ele depois disse que lhe ligava”* e eu *“pronto”* [risos]. Mas pronto, a nossa grande batalha até nem foi tanto a comunicação interna, mas sim externa e tentar desmistificar ideias erradas que as pessoas iam construindo acerca do que é o projeto e principalmente um projeto destes com dinheiros públicos porque toda a gente se sentia no direito de dizer *“ah isto é à base dos nossos descontos e a trabalhar com eles à nossa custa”*. Ouvimos coisas muito tristes, muito tristes mesmo e infelizmente temos cada vez mais noção da gravidade deste tipo de discurso que está a aumentar.

**Inv - A vossa intervenção é mais preventiva ou mais remediativa?**

**TPE7** - Preventiva, mas nós temos as duas. Inicialmente confesso que por muito prevenção que nós quiséssemos implementar, primeiro tínhamos que realmente

perceber as problemáticas que existiam e resolver os problemas que estavam no momento a acontecer e para te ser sincera eu acho que só começamos a trabalhar a prevenção na 7ª geração porque já tivemos 3 anos. Na 6ª geração nós não tínhamos o conhecimento suficiente para trabalhar as questões preventivas, e a 6ª geração foi basicamente conhecer e tentar resolver o que havia para resolver e pensar numa prevenção na 7ª geração e por isso a 6ª geração foi basicamente resolver, resolver e pensar no prevenir. Na 7ª geração já trabalhamos muito mais na prevenção porque também já tínhamos aqueles 3 anos de terreno, mas neste momento isto do *covid* também não veio ajudar, mas sim começamos a pensar num preventivo [risos]. Infelizmente acho que às vezes sentimos a prevenção tão bonita no papel, mas como é que vamos implementar? Onde é que temos tempo? Numa 8ª geração já se está a pensar mais numa prevenção com duas gerações em cima, mas também tem muito de remediativa, temos os dois, na 6ª geração não tinha a prevenção, podia estar pensada, mas não foi possível implementar.

**Inv - E conflitos, já aconteceram, certo? Relata-me, por favor, um conflito e a forma como o procuraram resolver.**

**TPE7** - A primeira situação de conflito e que me deixou cheia de medo [risos] pela minha própria segurança [risos], foi sem dúvida um conflito familiar onde um jovem, um dos filhos do senhor esfaqueou-o e aquilo foi o verdadeiro *Texas*. Queriam-se matar todos, olha foi o verdadeiro *Texas* e estas questões familiares são extremamente complicadas. Nós soubemos através das escolas e através dos miúdos porque eles depois no dia a seguir não falavam de mais nada e entre eles andaram à *batatada* e apercebemo-nos que estava um caos e fomos tentar perceber o que é que se estava a passar. Quando nos apercebemos o que é que se estava a passar estavam todos mesmo à *batatada*, uns a fugir por um lado, outros a fugir por outro, queriam-se matar uns aos outros. Em termos comunitários foi assim uma situação extremamente grave e agora estamos a passar novamente por uma e tu até conheces as pessoas envolvidas. Foi um divórcio dentro da própria comunidade, eles têm as três meninas institucionalizadas e ligaram-nos desesperados porque o marido diz que se quer matar ou que a mata. Não é propriamente um conflito entre nós e que estejamos diretamente envolvidos, mas eles acabam por nos envolver e querem que nós tomemos um partido, ou querem que nós sejamos elos. Por exemplo, quando houve esta situação nós comunicamos à *GNR* inevitavelmente “*olhe está a acontecer isto neste acampamento pode haver conflitos*

*aqui*” e a GNR começou a passar mais rondas e parava mesmo o carro porque alguns elementos da guarda aqui em *Barcelos* têm o à vontade de entrar lá dentro. São pessoas extremamente sensíveis a estas comunidades e até criaram durante a pandemia alguma proximidade com eles, o que é curioso. Esta situação acontece pós pandemia, ou seja, há sensibilidade também do nosso parceiro de consórcio quando existe estes conflitos quer entre acampamentos, entre famílias e entre casais. Outro exemplo recentemente e que influenciou mesmo a escola foi um miúdo que era casado e meteu-se com uma miúda do próprio terreno e a família teve de fugir para *Braga* com vergonha. Os avós viviam ali há mais de 15 anos e tiveram que fugir, mas o miúdo que era louco andava aqui numa postura de *stalker* à miúda, rondava a escola, abordava-a através das grades e as outras miúdas do acampamento que o viam foram dizer aos pais que ela tinha contacto com ele. Olha apareceram-me lá na escola e queriam matar o miúdo e a própria miúda que não estava a passar cartão nenhum estava perante a comunidade como se tivesse a passar cartão. Este conflito foi sem dúvida o mais difícil e o mais direto que tive. E o que é que aconteceu? Primeiro tentei perceber porque é que eles me apareceram na escola e só aí é que eu soube que estava a acontecer algum problema. Chamei a miúda e tentei perceber só com a menina o que é que estava a acontecer e depois chamei os pais. O pai não sabia da história completa, porque senão acho que matava o desgraçado, ela só dizia “*ai meu deus, o meu pai não, o meu pai não pode saber disto*”, e eu “*quem é que te está a ajudar?*”, “*a minha mãe e o meu avô*”, ou seja, era o avô que também estava a encobrir esta situação. Ela fugia dentro da escola, não se aproximava, quase que não saía do edifício porque as outras viam e depois no acampamento diziam que ela estava interessada e que continuava *a dar trela*. Então chamei a mãe que por acaso era a encarregado de educação e com a mãe veio o avô e eu contei o que é que se estava a passar e eles “*ai não já sabíamos que ele anda aqui a rondar, mas nós vamos estar atentos*”, eu “*não, vocês não vão estar atentos, vocês vão estar atentos no acampamento, aqui na escola, é a escola que vai estar atenta, porque era o que mais nos faltava agora ter carrinhas e malta durante todo o dia a passar rondas e a acampar ali o dia todo*”. Era o que já estava a acontecer, nesse dia já estavam dois carros a andar a circular a escola e os funcionários iam-se apercebendo, porque por acaso a escola é assim mais pequenita, tipo a de *Prado*, e a malta sabe tudo uns dos outros e apercebe-se de tudo. Então falei com a mãe e com o avô e com a miúda no dia seguinte para tentar perceber o que é que em casa falaram e pensaram. A miúda nunca deixou de vir à escola, porque ela de certo modo na escola sentia-se segura,

ninguém entra, nem ela pode sair e ela só saía com o pai ou com os primos. Ele continuou a rondar e houve ali uma série de dias seguidos que a abordagem foi através de uma mulher não cigana que diziam que era toxicodependente e aí de Prado. Depois envolvemos a escola segura, porque ele já era maior de idade e ela menor de idade e ele rondava e acampava fora da escola e nós tínhamos algum receio que à saída da escola dois marmanjos pegassem na miúda e a levassem. Ele teve duas tentativas de aproximação à miúda uma através dessa sujeita e a primeira vez com um bilhete que pediu na receção para lhe entregar e como ela não reagiu a esse bilhete foram entregar um envelope com um cartão de telemóvel. Depois pedimos à escola segura para intervir, passaram a ter mais rondas na escola, tentaram conversar com ele, aborda-lo na estrada e conversar com a família para sensibilizar para que estes comportamentos parassem de imediato. E foi quando a *GNR* falou com a família que de facto os avós com vergonha fugiram dali. Os avós para todos efeitos eram umas pessoas respeitadas, já estavam ali há tantos anos e quando a *GNR* os abordou nem os pais, nem os avós permaneceram ali. O nosso papel aqui foi basicamente falar com a vítima, com a família e depois pedir a parceria porque em termos de segurança e em termos de questões legais nós não temos credibilidade de vir cá fora falar e aborda-lo a dizer *“olha não pode estar aqui”*. Agora a família realmente procurou a escola e confiou, neste caso em nós projeto, *“nós vamos tratar disso da melhor forma, não deixe de mandar a menina para a escola porque ela aqui está segura”* e eles também tomaram as medidas de prevenção deles, não a deixaram ir de autocarro, foram sempre busca-la e delineamos isto em conjunto *“sempre que tenhas algum tipo de abordagem por parte dele, quer aqui, quer em casa, quer seja através do que for por favor comuniquem, que nós entramos em contacto com a GNR e tentamos solucionar esta situação”*. A *GNR* mais uma vez teve aqui um papel fundamental através do diálogo, através da sensibilização, através desta prevenção e destas rondas mais constantes, quer na escola, quer no acampamento. As pessoas que estão nestas equipas reforço a sensibilidade delas para esta temática que também é elevada e é importante e nós por acaso trabalhamos sempre em parceria com a escola segura, nesta problemáticas de conflitos na escola, trabalhamos sempre muito bem com a escola segura.

**Inv - Passando agora para dificuldades ou obstáculos, quais foram os principais na vossa intervenção?**

**TPE7** - Na minha intervenção? Os aspetos culturais, porque a partir do momento que dizem “*olha isto não é assim, nós temos a nossa lei também e nós temos que agir perante a nossa lei*”. Os aspetos culturais e o receio, “*mas o que é que vocês têm que fazer na vossa lei?*”. Eu juro que quando me disseram “*aí isto vamos resolver à nossa maneira, pela nossa lei, eu vou despedaçar o rapaz*”, eu tenho a certeza que se o apanhassem ele ia ficar muito mal. E de uma forma geral o principal obstáculo é as questões culturais.

**Inv** - **As comunidades alvo da vossa intervenção estão integradas na sociedade, qual é o vosso papel na relação entre a sociedade maioritária e as comunidades que intervencionam?**

**TPE7** - Estão integrados na sociedade sim. Eles fazem a sua vida toda ali e eles próprios auto excluem-se, ou seja, eles fazem as rotinas deles nos mesmos espaços que a restante comunidade, frequentam os mesmos cafés, frequentam os mesmos hipermercados, os mesmos serviços, mas não se envolvem nas atividades locais, é o mínimo dos mínimos. Claro que quando vão a um café ninguém é insultado, ninguém é desrespeitado, isso não acontece, há boa relação. Mas é curioso estás a dizer isso porque na altura da pandemia quando um dos acampamentos ficou em isolamento profilático isto veio para as notícias, infelizmente saiu no jornal *o Minho* a notícia da comunidade cigana infetada com o *covid* e o que é que aconteceu? Era um acampamento apenas que estava em isolamento e os outros desgraçados durante o tempo em que o acampamento esteve em isolamento não puderam sair praticamente a nenhum serviço, a nenhum hipermercado daquela zona, porque eram ciganos e tinham de estar todos em isolamento [risos], ou seja, o facto de ser um acampamento que estava em isolamento, os outros desgraçados não puderam fazer a vida deles, ir ao mesmo sitio às compras, pagar a conta da água e da luz porque para a comunidade em geral eram os ciganos todos que estavam infetados e aí foi uma fase difícil de gerir os medos de toda a gente. O facto de eles também não pararem no mesmo sitio porque é uma comunidade que realmente é difícil de mante-los quietos e voltaram a sentir discriminação em local público e alguns partilharam isso, agora o resto não, não mesmo. Vão à escola e são tratados com qualquer outro encarregado de educação, não sinto mesmo nas reuniões de encarregados de educação, sinto que são acolhidos, bem tratados, não sinto essa discriminação esse diferenciamento de tratamento publicamente pelo menos.

**Inv - Interessante, e sentes que este projeto, que a vossa intervenção faz a diferença na vida destas crianças e jovens que acompanham diariamente? Qual a grande finalidade da vossa intervenção?**

**TPE7** - Eu não tenho dúvidas nenhuma que este projeto faz a diferença na vida dos jovens e da comunidade, nos jovens adultos e adultos. A primeira diferença é este papel escolar que pode ser valorizado por uns e desvalorizado por outros, mas que para mim é o aspeto onde mais impacto tem a intervenção deste projeto e a própria modificação de comportamento aos longo destes anos da própria comunidade, a forma como estes miúdos já vão para a escola, a forma como os alunos querem ir para a escola, a forma como os meninos estão na escola e a forma como os miúdos vêm da escola e agora perdi-me [risos].

**Inv- A finalidade e a diferença que a intervenção faz nas suas vidas.**

**TPE7** - Pronto de facto esta é uma das finalidades do projeto em si que é a motivação e a promoção do Sucesso e do não absentismo escolar. Por exemplo, vou-te dar um exemplo muito prático, neste momento não existe *Escolhas* no terreno, vão estando informalmente, mas as coisas continuam a acontecer através de mim, através da escola, porque também tenho este conhecimento do projeto e os conheço a eles e neste momento estou a lidar com isto a 100%. As colegas estão em *layoff* institucional porque não há dinheiro, não arrancou a próxima geração e foram para *layoff* e ninguém é obrigado a trabalhar em *layoff*. Neste momento se não existisse eu na escola e se não existisse projeto acredita que os níveis de absentismos estavam provavelmente, isto é triste de dizer, mas estariam como os da 6ª geração, eu acho que ia ser a confusão total. As escolas iam estar completamente perdidas, sem conseguir contactar famílias, sem conseguir manter esses miúdos em ensino à distância. É curioso as escolas daqui do agrupamento abriram, não só para crianças da comunidade cigana, mas para as famílias que não têm condições em casa, computadores e internet e então as escolas abriram e têm educadores, têm professores, têm auxiliares a trabalhar nos horários normais, com crianças em ensino à distância na escola, ou seja, em regime presencial, mas em ensino à distância com o professor. E na comunidade, houve claramente famílias ouvidas e agora já estão para aí em guerra porque eu dei *tablets* a uns e não dei *tablets* a outros. Esta situação foi avaliada de pessoa a pessoa, aluno a aluno, benefício de ter um *tablet* em casa, ele tem autonomia para trabalhar com o tablet? Não tem autonomia? Então para que é que tem um tablet? Vai para a escola. E eles não entendem isto, por muito

que eu explique “*aquele teve porque aquele consegue trabalhar e consegue entrar nas aulas*”. Entre eles são muito invejosos, não sei se também sentias isto, são muito invejosos “*se aquele tem porque é que o meu não tem?*” Nós temos muitos PEI e ter um *tablet* e estar em ensino à distância com um *tablet* escolar em casa não funciona, mas os pais destes miúdos não entendem porque para eles são os filhos mais inteligentes do mundo. E pronto, de facto neste momento se não existisse uma equipa no agrupamento de escolas com o conhecimento e trabalho com a comunidade cigana sem o *Escolhas* no terreno ia ser o caos, não se ia conseguir chegar às famílias, não se ia conseguir manter este miúdo em ensino à distância e nem se conseguia contactar com as famílias, isso eu não tenho a menor dúvida, ou seja, um *Escolhas* no terreno para além da facilidade que tem em comunicar com estas comunidades é também um elo importante em contexto escolar. Eu não sei se todos os projetos trabalham em contexto escolar, eu fui-me apercebendo que nem todos tem essa ligação e esta presença nas escolas, mas não tenho dúvidas que neste momento se *Barcelos* perdesse o *Escolhas* iriam ter de criar uma equipa alternativa, porque eu já nem estou a imaginar toda esta dinâmica escolar, toda a dinâmica comunitária sem uma equipa *Escolhas*, ou seja, se deixarem de ser apoiados ou acompanhados voltamos a ter comportamentos como há 15 anos tínhamos. E também é complicado para nós equipa sentir que durante anos capacitaste “*vai para a escola*” e incentivaste e de repente deixamos de existir e eles param. Isto também é frustrante, é muito frustrante tantos anos a bater pedra e ninguém se salvou ali no meio? Ninguém foi capaz de se aguentar sem o reforço positivo? E a força de vontade?

**Inv- Quase me esquecia de perguntar qual a tua formação?**

**TPE7-** Eu sou criminóloga, sou formada em criminologia [risos].

**Inv - Para terminar pedia-te que identificasses uma ou várias palavras chave para caracterizar a vossa intervenção. Qual escolherias?**

**TPE7 -** Desafiante e frustrante [risos]. É horrível sair de *Escolhas* e dizer isto, foi muito enriquecedor, desafiador, mas teve muita frustração e muita, muita resiliência. É preciso sermos pessoas bastante resilientes e acho que foi dessa resiliência que me cansei.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.4.8. ENTREVISTA TPE8

## **Transcrição da Entrevista - TPE8**

**Data** - 8 de fevereiro de 2021

**Hora e local** -19horas, via ZOOM

**Duração**- 54 minutos 01 segundos

**Investigadora (Inv) – Boa tarde! Estamos aqui reunidos com uma técnica do projeto *Geração Tecla E7G*, a quem vou dar a palavra já de seguida. Boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *Geração Tecla E7G*.**

**TPE8** - Então o *Geração Tecla* foi pensado e implementado pela primeira vez no terreno em 2010 e foi desenhado pela *Cruz Vermelha*, dentro da *Cruz Vermelha* na área da *Juventude* e tem como base um trabalho que também já tinha vindo a ser desenvolvido desde 2005 num projeto só de voluntariado que se chamava o *Colorido Sábado* e que trabalhava com o Bairro social de *Santa Tecla* ao sábado de manhã com as crianças até aos 10 anos, se não estou em erro. Trabalhava competências de higiene, trabalhos manuais, enfim vários tipos de competências. Então, em 2010, a estrutura juvenil da *Juventude Cruz Vermelha* decidiu avançar para algo mais estruturado e o projeto *Geração Tecla* tem vindo a ver todas as suas candidaturas aprovadas, ou seja, fez no ano passado, em 2020, 10 anos de existência a intervir junto com a comunidade de *Santa Tecla* que é uma comunidade maioritariamente de etnia cigana e tendo sempre mais ou menos os mesmos objetivos que era trabalhar a questão do absentismo escolar, que nesta última geração, na 7ª geração, deixou de ser o foco, o foco passou a ser o sucesso escolar. E infelizmente devido às circunstâncias que nós estamos a viver, às circunstâncias pandémicas vai voltar a ser o centro de intervenção agora na 8ª geração, porque efetivamente foi um retrocesso muito, muito grave. Na análise que nós fizemos de dados, de números, nós temos um diagnóstico muito parecido com o primeiro projeto de 2010. Então a base de trabalho do *Geração Tecla* tem sido muito trabalhar as questões de absentismo, trabalhar a valorização escolar, promover o sucesso escolar e também trabalhar aqui a desconstrução de estereótipos e quando falo da desconstrução de estereótipos é de parte a parte, da sociedade maioritária para com a comunidade cigana a da comunidade cigana para com a sociedade maioritária e estes têm sido assim

os objetivos gerais desses 10 anos de intervenção, não tem havido muita alteração, vamos introduzindo, fomos introduzindo a corresponsabilização dos pais no processo educativo que acaba por estar ligado com a questão do absentismo e do sucesso escolar. Também temos aqui presente as questões da mediação que tocam em estratégias que nós utilizamos para trabalhar o absentismo e para trabalhar a corresponsabilização, mas de uma forma geral o projeto trabalha tendo em conta estes objetivos. A nível de estratégias aplicadas nós trabalhamos muito através no âmbito da educação não formal. Temos uma base de trabalho nos voluntários que também é aqui uma forma de trabalharmos a desconstrução de estereótipos e temos, aliás, atividades que são só desenvolvidas por voluntários e utilizamos o processo de mediação. De uma forma geral acho que são estas as técnicas que nós utilizamos durante estes 10 anos de intervenção.

**Inv- Focando agora aqui a tua área de formação, em que medida é que a tua formação se tem tornado uma mais valia para o tipo de intervenção desenvolvido ao longo destes 10 anos de projeto.**

**TPE8** - Olha a minha formação é de psicologia, embora eu não esteja registada na ordem, nem nada disso, mas a minha área de formação é psicologia e eu digo-te que a nível do nosso trabalho, eu acredito que teve muito mais influência aquilo que eu aprendi com a comunidade, nestes 10 anos, apesar de que não estive 10 anos diretamente relacionada com o projeto. Eu fui colaboradora, fui técnica do projeto até 2012 e depois tive ali parada e retomei em 2016, mas mantive sempre a minha ligação e eu considero que foi muito mais importante nestes tempos de intervenção o conhecimento da comunidade, a capacidade que eu acho que tenho que é capacidade de empatia e de trabalhar sempre com base num discurso positivo e de criar aqui uma relação muito forte com a comunidade. Para mim isso é efetivamente aquilo que eu acho que me distingue no meu trabalho e na minha abordagem. Óbvio que a minha formação tem sempre aqui algum peso e provavelmente está aqui relacionada com a facilidade de empatia, a capacidade que eu também acredito que tenho que é conseguir trabalhar alguma gestão de conflitos, trabalhar aqui alguns processos de mediação, ter um discurso bastante assertivo com os jovens e não nunca na base da punição, nem na base do “deixa andar”. É sempre a nível da assertividade. Acredito que a minha formação em psicologia teve peso, mas atribuo muito mais importância à relação de confiança que tu estabeleces com a comunidade, porque sem isso não consegues fazer nada.

**Inv- Sendo vocês um projeto de continuidade como fazem para manter o vosso público alvo fiel ao projeto e como foram os primeiros passos no sentido de atraírem os jovens, crianças e famílias para o *Geração Tecla*.**

**TPE8** - Isso às vezes são processos tão inconscientes que tomar consciência disso é um bocado complicado. É assim, o *Geração Tecla* é um projeto de continuidade que já está há 10 anos no terreno e quando começou em 2010 a comunidade já nos conhecia. Óbvio que não numa lógica diária, óbvio que não numa lógica de compromisso, mas a comunidade acabava por já nos conhecer. Como eu estava a dizer é um bocado complicado tornar isto consciente porque nós na verdade já tínhamos aqui alguma relação de confiança com a comunidade, mas o que eu considero que tem que ser um trabalho feito e que temos sentido dificuldade nem foi tanto o chamá-los, porque eles acabavam por vir, acabavam por participar e por se envolver. O que tem que ser muito bem pensado é o nosso comportamento e a nossa postura. Eu acho que é importante quando trabalhas com estas comunidades trabalhares aqui o processo por pares. Tem que ser um trabalho de pares, eles têm que se identificar, tem que ser feito um trabalho por pares, senão eles não se identificam. Porque se vamos com comportamentos, com atitudes moralistas, com discursos moralistas acaba por não acontecer e eu acho efetivamente que essa questão do trabalho por pares, de trabalharmos com jovens universitários a nível de voluntariado e a própria equipa ser uma equipa jovem acabou por facilitar o processo chamar. Depois o mante-los, eu considero que isso é que é o desafio, trabalhar aqui o compromisso, por exemplo, teres uma intervenção feita, uma atividade pensada que exija regularidade é o grande desafio que nós sentimos aqui no projeto, porque não é possível. Nós em 10 anos de intervenção ainda não conseguimos ter isto, este compromisso, esta permanência em que tu consigas desenhar uma atividade que “*ok, nós criamos este grupo e vamos pedir-lhes e envolvê-los de forma a que eles duas vezes por semana venham aqui participar connosco nesta atividade*”. Isso ainda não acontece, eles veem o projeto como uma segunda casa, mas como uma segunda casa para trabalhar as amizades, para estar com os técnicos, para estar com os voluntários, uma segunda casa para estar com os computadores. Para desenvolver competências torna-se muito mais complicado trabalhar esta questão de compromisso e nós em 10 anos de projeto ainda não conseguimos fazer e aliás eu acho que também vai ser um grande desafio para a 8ª geração porque em 2020 nós tivemos uma pandemia, tivemos 4, já não me recordo, 4 ou 5 meses encerrados em que só tivemos abertos para

fazer entregas de trabalhos ou os períodos de verão que até fomos tendo alguma participação, mas a partir do momento em que começam as aulas, a participação caiu drasticamente. Nós desenvolvemos imensas estratégias e nunca mais conseguimos ter os níveis de participação que tínhamos, também por todas as condicionantes que a pandemia nos obriga, pois nós não iríamos conseguir ter aqueles miúdos todos no nosso espaço. Na verdade, nós estamos agora a passar por outro momento de confinamento e é um momento em que o projeto está totalmente sem atividade o que nunca aconteceu durante estes 10 anos, nunca aconteceu e vai ser um novo desafio, ou seja, vai ter que se trabalhar outra vez aqui a relação de confiança, chama-los e voltar a trabalhar aqui a questão do compromisso e da regularidade nas participações o nosso *calcanhar de Aquiles*, digamos assim.

**Inv- Aproveitando o facto de teres falado em estratégias, gostaria agora que nos falasses um pouco das estratégias de intervenção que foram adotadas ao longo destes anos de projeto.**

**TPE8** - Olha a primeira eu já falei que é a intervenção por pares, depois a questão da relação de confiança é importantíssima. Sempre que nós tínhamos alguma atividade que até exigisse mais compromisso, o que nós fazíamos era alguma coisa relacionada com o reconhecimento, com um prémio, com a valorização a nível do comportamento, a nível da sua assiduidade e depois existiria um reconhecimento no fim. Trabalhámos sempre nesse sentido e estas eram mais ou menos as estratégias que nós íamos utilizando. Por exemplo, nós na 7<sup>a</sup> geração tivemos necessidade de readaptar uma atividade, que era o *apoio ao estudo*, que é muito direcionado para os miúdos da primária porque os trabalhos de casa acabam por diminuir, cada vez menos os professores passam trabalhos de casa, pelo menos nas escolas com quem nós trabalhamos e então nós adaptamos e em vez de ser o *apoio ao estudo* era o *comboio ao estudo*. Nós trabalhamos com três escolas e fixamos um dia por semana para cada escola e nós íamos chamar os miúdos e depois trazíamos-los para o projeto para fazer os trabalhos de casa. Nós já tivemos também algo assim similar, que foi uma estratégia que nós desenvolvemos o *despertador ao domicílio* porque no início da intervenção verificava-se muito a questão de que os miúdos não acordavam para ir à escola, não haviam hábitos nem rotinas de sono e embora agora não existam, há uns anos atrás nas comunidades ciganas havia muito a questão de que eles acordam quando o seu ritmo biológico dissesse que eles tem que acordar e nós devolvemos esta estratégia de ser o despertador daquelas famílias

“estão acordados? Os miúdos têm que tomar o pequeno almoço e têm que ir para a escola”. Estas são assim algumas das estratégias que eu me lembro que nós fomos desenvolvendo.

**Inv- Fala-me agora, por favor, de um caso de sucesso e insucesso explicando porquê, ou seja, no caso de sucesso o que foi preponderante e no caso de insucesso o que originou e provocou a situação.**

**TPE8** - É assim, a nível de atividades o sucesso para mim é o *despertador ao domicílio*, nós começamos a acordar 60 e tal crianças, aplicamos a atividade durante um ano e meio e depois deixou de ser aplicada porque deixamos de sentir essa necessidade porque nós começamos a só ter necessidade de ir acordar 7 a 8 crianças e já não era pela questão do acordar, eram por outras questões. Por isso, a nível de atividade o *despertador domicílio* foi sem dúvida um sucesso. Uma atividade que também tinha tudo para ser um sucesso e não foi, foi algo que nasceu num outro financiamento e que nós nesta geração, na 7<sup>a</sup> integramos como atividade de projeto que foi os *jovens ativos* onde pretendíamos trabalhar a capacitação para as competências cívicas e trabalhar também a desconstrução de estereótipos através de jovens da comunidade, trabalhar de dentro para fora. No início acabou por tudo correr muito bem e depois deixou de acontecer precisamente por esta questão do compromisso. Os *jovens ativos* era uma atividade que exigia muito compromisso. A nível de formação, uma das componentes dos *jovens ativos* eram eles serem formadores de história cultura cigana e na verdade isto acabou por nunca acontecer e porquê? Por causa do compromisso, da regularidade acabou por nunca acontecer e eu considero que era uma atividade que tinha tudo para ser um grande sucesso e não foi por causa de questões relacionadas com os comportamentos destes jovens pois nunca lhes é exigida a questão do compromisso e da regularidade. A nível de pessoas, se tivermos aqui a falar de pessoas, eu considero que efetivamente dentro da comunidade a *Vanessa* é um grande caso sucesso, porque ela entra em 2013 no projeto como dinamizadora comunitária e foi das poucas dinamizadoras a nível nacional que transita de dinamizadora comunitária para monitora, depois para técnica do projeto e manteve-se assim até 2020. E para mim é efetivamente um caso de sucesso pelo progresso que ela fez, pela aquisição de competências, pela valorização que ela tem na comunidade e pelo reconhecimento que existe a nível nacional. Ela esteve presente em muitos movimentos ativistas relacionados com as comunidades ciganas e para mim é um caso de sucesso a nível de pessoas. Por outro

lado, a nível de insucesso tens o irmão que é um jovem com muitas competências, aliás se formos analisar as competências até é mais hábil do que a própria *Vanessa*, mas que não existe aqui nenhuma vontade, nenhum compromisso e que está também relacionado com uma postura muito machista. Existe machismo na sociedade maioritária, em comunidades mais pequenas ainda mais e nas comunidades ciganas sente-se muito isto e o homem nunca é responsabilizado por nada, nunca tem esta questão de compromisso, de cuidar, de trabalhar para. Tudo lhe aparece feito e também se alguma coisa corre mal a culpa nunca é dele é sempre de alguém que seja feminino e nota-se claramente isto nos homens. Eu sinto que a comunidade tem muitos homens que poderiam ser grandes referências e dar muitas cartas a nível nacional, mas não dão por tudo aquilo que está intrinsecamente a nível cultural. Aliás nós tivemos um exemplo nesta geração, nós tivemos um dinamizador comunitário homem, um jovem com as competências, concluiu o 12º ano, só que existe essa questão cultural, esta questão machista e que se nós formos analisar os nossos avós também tinham, e se calhar até um pouco os nossos pais e até quem sabe alguns dos novos amigos também. Não existe esta questão do compromisso e depois existe a questão de não se valorizarem, não acreditar neles próprios e que se torna muito difícil trabalhar quando não se quer. E aqui neste caso em específico eu cheguei a um ponto em que percebi que um dos grandes problemas era ele ser coordenado por uma mulher e aliás numa das conversas que tivemos e eu questioneei se um dos entraves era ser coordenado por uma mulher e foi-me respondido claramente que sim, que era, que nunca teve que receber ordens de uma mulher. E olha que eu também não me encaixo aí na questão de dar ordens ou deixar dar, são outras questões, mas era assim que era interpretado e são questões que levam ao insucesso, e acredita que existem muitos mais casos de sucesso nas comunidades ciganas mulheres precisamente por esta questão.

**Inv- A vossa intervenção é mais focada nas crianças e nos jovens do que propriamente com as famílias, certo?**

**TPE8** - Sim.

**Inv- Que tipo de intervenção fazem com as famílias? Como é a vossa relação?**

**TPE8** - Então é assim, envolver as famílias é algo que é muito complicado, muito mesmo, muito complicado. Nós envolvemos sempre, principalmente a nível do processo escolar através das atividades que nós tínhamos de mediação, que era o *gabinete de apoio às escolas* e o *acompanhamento às famílias*. Nós envolvemos sempre

familiares e trabalhávamos sempre com eles estas questões escolares. Depois fomos sempre desenvolvendo outras atividades a nível, por exemplo, de trabalhar só com as mulheres, de trabalhar competências parentais. A nível de grandes atividades quando nós tínhamos uma festa de Natal, uma entrega de prémios de mérito escolar, nós íamos sempre chamando as famílias e tentando sempre envolve-las. A nossa relação com as famílias é uma relação espetacular, de muita confiança e sentes essa confiança sempre, mais ainda quando acontecem atividades que exigem passar dias fora, sente-se efetivamente esta confiança quando os pais dizem “*eles vão porque são vocês*” “*se não fossem vocês não iam*” e isso sente-se. Mas no dia a dia é muito difícil nós conseguirmos chamar as famílias ao projeto e lá está, torna-se novamente muito difícil trabalharem aqui atividades que peçam uma presença, nem que seja só semanal ou quinzenal, é muito difícil a nível de famílias isso acontecer. Agora a relação ela está lá, a relação de confiança existe, o envolvimento com as famílias também existe, tudo isso existe. Está relacionado com questões culturais. Nós em todas as gerações pensamos atividades para envolver as famílias, só direcionadas para as famílias, só direcionadas para as mulheres, para trabalhar inúmeras questões e sempre foram no decorrer do projeto atividades muito difíceis de se conseguirem concretizar principalmente por esta questão do compromisso, porque mesmo que não coloques dia fixo, que não coloques horário, que dê a possibilidade de escolherem, chega aquele dia que eles escolheram e chega aquele horário e existe sempre uma outra prioridade, uma outra coisa que aconteceu e que limita muito a intervenção. Por isso nós nunca conseguimos na verdade envolver tão diretamente as famílias em atividades, nós temos uma relação de confiança e tudo que são questões escolares ou saídas as famílias estão, participam e aderem, mas pegar nas famílias e ir trabalhar torna-se difícil.

**Inv- Então este empoderamento que tens vindo a falar passa mais pelas crianças?**

**TPE8** - Sim, passa. Nesta comunidade em específico é muito difícil.

**Inv- E a vossa relação com a escola como a caracterizas? Qual é o vosso papel entre a escola e a comunidade.**

**TPE8** - Olha de uma forma muito simples tudo o que diga respeito a ciganos é do *Geração Tecla* [Risos]. Muito simples, é isso que acontece, é o *Geração Tecla* para tudo e houve uma altura até que o *Geração Tecla* era um menino de recados. Tem limite de faltas, tem não sei quê, vamos dizer, mas acabámos por ir sentido uma mudança através da compreensão que a escola começou a ter da nossa intervenção e também uma

mudança de alguns professores e também no envolvimento que esses professores foram tendo conosco. Engraçado, ou não, mas a grande valorização e a grande mudança da escola para com o *Geração Tecla* vem com esta pandemia. Quando as escolas encerram percebem que o único meio que têm para conseguir comunicar com a comunidade é o projeto e que se não fosse o projeto eles não comunicariam de forma nenhuma e surge aí a grande mudança de paradigma e que eu acredito que se vai manter durante estes anos. O próprio agrupamento com o qual nós trabalhamos optou em setembro passado por contratar um técnico local de intervenção para trabalhar com todos os miúdos mais vulneráveis e na qual se encaixam grande maioria dos miúdos que nós trabalhamos e essa técnica tem trabalhado diretamente conosco. Tudo o que se passa relativamente à escola, relativamente a avaliações, a planos de recuperação e até agora a entrega de computadores, tudo isso foi feito em estreita relação com a escola. E a escola, ela valoriza a intervenção do projeto, sempre valorizou embora não tenha sempre comunicado dessa forma, no entanto o que eu sinto é que os professores querem que a mudança aconteça já e agora. Isto também é reflexo de um questionário de avaliação que nós fizemos aos professores nesta última geração onde indicaram que o projeto tem um papel importante, que sim é importante o projeto estar na escola e é importante este trabalho de mediação, no entanto o projeto está limitado pelo efeito que tem na mudança, porque não é o já e o agora. E outra coisa que os professores dizem é a capacidade que o projeto tem para intervir em casos mais problemáticos, que na verdade é zero, acontece depois a um nível da *CPCJ*, mas nós enquanto projeto temos zero capacidade e isso é o que os professores apontam. Se valorizam e se a relação é positiva? É, efetivamente. Só que na verdade chegas a uma altura do teu trabalho em que tu queres mudanças imediatas e quando estamos a falar de mudanças culturais e comportamentais esquece, isso não acontece.

**Inv- E que importância atribuis ou atribuem no projeto à comunicação.**

**TPE8** - É extremamente importante, embora depois o que nós sentimos é que é muito importante, mas acaba por não existir e quando existe ela é não existe de forma eficaz. Não é de forma eficaz porque a escola não adapta, não tem a capacidade de adaptar o discurso à realidade destas famílias. E algumas famílias quando entendem também não têm interesse de comunicar com a escola. Por exemplo, para mim isto é claro e vou utilizar novamente esta questão da pandemia. Com esta questão da pandemia o agrupamento criou um e-mail institucional para cada aluno e no início deste ano letivo,

no início de setembro, apesar de as escolas estarem a funcionar muitos professores continuaram a comunicar para os encarregados de educação através do e-mail. Para mais de 95% das nossas famílias isto é um meio que é inviável, eles até podem ter e-mail, mas que criaram numa formação qualquer e já não sabem como é se utiliza e até podem saber como é que se utiliza, mas leem o que a professora escreveu e percebem zero. O sumo que tiram daquilo é zero. E os professores comunicavam connosco “*o pai não responde*”, “*o pai quando responde, responde algo que não está enquadrado com aquilo que nós escrevemos*”. Claro que não, porque tem que se trabalhar num padrão de comunicação muito relacionado com o padrão de comunicação que se fazia quando eu andava na escola e mesmo assim é um processo de comunicação muito difícil, porque estamos a falar de chamadas telefónicas e isso não existe porque se muda o telefone como quem muda de camisa. E a nível de recados na caderneta não existe aqui um processo de verificação regular da caderneta e é por isso que neste processo de comunicação o *Geração Tecla* é importantíssimo, porque sem o *Geração Tecla* esta comunicação não existe, percebes? A mensagem vai, mas não passa e em algumas situações, que são poucas, porque na maioria a informação não passa, mas quando passa também não existe interesse em falar com a escola. Em algumas situações é por receio, por não terem a capacidade de falar e de argumentar de forma perceptível e noutras pode estar relacionado com uma total desvalorização da escola e por isso também não interessa comunicar.

**Inv- Então essa comunicação, pelo que percebi, quase que se pode chamar de tradução?**

**TPE8** - Tradução, claramente. Sim e não só na escola é também relativamente a outros processos. Sei lá, requerimentos de respostas da Segurança Social, respostas para as Finanças, uma carta para a *BragaHabit* que é a empresa Municipal de Habitação e por todos os outros processos. Nós efetivamente digamos que somos aqui o meio tradutor, mas tradutor para ambos, não só para os ciganos, mas para as outras pessoas também, porque o que eu sinto é que muitas vezes nós estamos no nosso dia a dia, no nosso *stress* e já estamos padronizados. Por exemplo, nós vivemos na área das tecnologias, tudo é tecnológico e agora cada vez mais e eu não consigo perceber como é que uma pessoa não tem competências digitais, como é que não vai ao e-mail todos os dias, como é que não sabe responder. Então nem sequer consigo descer esse patamar. E a mesma coisa se põe com questões simples, como por exemplo a questão de higiene, que muitas

vezes é questionada “*agora nós não podemos ter o bar aberto e a mãe traz este menino sem lanche e é muito irresponsável e o menino cheira mal*”. Para nós é impensável não haver dinheiro para comprar um lanche, para nós é impensável morarmos numa casa onde não existe nem aquecimento nem muito menos um esquentador com uma botija. E é por isso que aquele menino cheira mal, porque eu também se não tivesse gás não dava banho de água fria às minhas filhas no inverno e é por esses pontos simples que sem *Geração Tecla* a comunicação não existe. Ela pode agora começar a existir, agora a nível escolar, porque efetivamente a técnica de intervenção local que a escola tem é uma pessoa excepcional e com uma capacidade e com uma vontade enorme e se ela conseguir adaptar a comunicação e conseguir criar relação de confiança com as famílias esta comunicação pode começar a existir na escola. No restante é muito complicado.

**Inv- Percebemos então que o vosso apoio não é só com a Escola, mas também com a sociedade maioritária, fala-me agora dessa relação. Projeto, comunidade e sociedade maioritária.**

**TPE8** - Sim, não de uma forma direta, ou seja, muitas vezes somos nós que fazemos cartas, que fazemos pedidos, mas não é de uma forma direta, mas sim, nós damos um apoio em tudo que a comunidade necessita.

**Inv- E qual é a relação da comunidade de *Santa Tecla* com a sociedade maioritária?**

**TPE8** - Olha a nível de adultos, se falarmos de famílias estamos aqui a falar numa relação um tanto ou quanto hostil e até um pouco complicada, na verdade, mas se tivermos a falar de crianças e jovens principalmente crianças é tudo muito mais natural e muito mais aligeirado. Se já tivermos jovens no meio sente-se efetivamente o olhar de discriminação, sente-se uma postura de discriminação, é claro que sim. E a nível de crianças e jovens o nosso papel é promover atividades que tirem os miúdos da comunidade e que os envolvam no dia a dia da sociedade maioritária, por exemplo, uma simples ida ao cinema não é só porque sim porque nos apetece ir ao cinema, é porque vamos levar um grupo, em condições normais de 20 ou 30 miúdos, de um bairro social, que por acaso são miúdos de etnia ao cinema. Vais trabalhar ali uma interação com a sociedade maioritária, trabalhar um conjunto de comportamentos e de regras que tem que acontecer, e perceber como é que os nossos miúdos interagem com estas regras e com a sociedade maioritária e como é que a sociedade maioritária lida e reage com estes miúdos. Por parte das crianças e jovens sente-se uma postura muito descomprometida,

muitas vezes nem entendem que existe ali alguma atitude discriminatória. Por parte da sociedade majoritária para mim que estou por fora e consigo analisar existem ainda muitos comportamentos de discriminação e não tem que ser verbalizado basta o olhar, a forma de reagir, que para mim é claro. Aliás nós este verão tivemos duas voluntárias a participar connosco de uma forma mais intensa e uma delas foi comigo a uma sessão de cinema que nós fizemos e ela no final do dia quando nós deixamos ficar os miúdos no bairro ela disse-me, ela não era portuguesa, era brasileira e ela disse-me “*eu nunca pensei ver tantos olhares de lado, tantas pessoas a pegarem nos miúdos e quase a afastarem-se dos nossos miúdos. Nunca pensei que isto ainda acontecesse*”, mas acontece. Se passarmos para um patamar de adultos é uma bomba [risos], pode correr bem, como pode correr mal, e também está muito relacionado com a questão da comunicação, porque muitas vezes não é compreendida, ou também não querem que seja compreendida, porque hoje em dia tudo o que acontece é racismo e é discriminação. Não é por a pessoa a trabalhar pelos seus direitos, pelos seus deveres, em vez de trabalhar só para os seus direitos e a nível de adultos digamos que é uma bomba, tanto pode correr bem, como pode correr mal. Existem a nível de adultos estereótipos muito enraizados de ambos os lados e ambos os lados não estão dispostos a quebrar e a estabelecer uma relação sem nada disto presente.

**Inv- A vossa intervenção é uma intervenção mais preventiva ou remediativa? Como a classificariam?**

**TPE8** - Eu acho que é as duas. Acaba por ser preventiva e por ser também de um mal menor [risos] remediativa digamos. Está nos dois lados.

**Inv- Fala-nos agora de uma ou várias dificuldades/obstáculos que vão sentindo na vossa intervenção.**

**TPE8** - A questão de compromisso é clara, o compromisso, a regularidade, a dificuldade que temos em envolver as famílias em atividades de mais desenvolvimento de competências. Se passarmos para o campo externo há casos que acontecem que nós não conseguimos entender porquê e que acaba por ser uma dificuldade, nomeadamente sinalizações para a *CPCJ* que demoram imenso tempo a ter intervenção. Casos que são passados para tribunal e que o tribunal ou não dá resposta, ou se dá resposta não deveria ser aquela resposta, porque estamos a agir com base na discriminação e no estereótipo, e isto depois vem acarretado à mensagem que tu passas à comunidade. E mesmo nível escolar nós temos miúdos que transitam, transitam e transitam. Não adquirem as

competências escolares, mas continuam a transitar e há um efeito que tu causas na vida daquele ser humano, porque tu estás a carimbar aquele ser humano como uma pessoa incompetente para a vida, porque nunca vai ter competências. Até pode ter um certificado a dizer que tem o 9º ano e o 12º, mas se tu fores a testar na realidade não tem, tem para aí do 4º ano, a correr bem. E a mensagem que tu estás a passar aos outros miúdos é *“não vale a pena me esforçar, porque eu vou passar de ano”*. Houve um ano em que se criou uma turma *PIEF* e todos os miúdos queriam ir para o *PIEF*, e porquê? Porque o que andava a circular no bairro e que na verdade era o que acontecia, é que não tens que fazer nada, porque na verdade vais passar de ano. E outra coisa é quando tu dizes *“olha vais ser encaminhando para a CPCJ”*, e eles *“está bem, ok. Eu não tenho medo nenhum”*. Claro que não, porque eles sabem efetivamente o que é que acontece do outro lado, que é nada ou quase nada. E eu não estou a dizer que é de forma premeditada, acredito que exista falta de recursos e que a Comissão de Proteção de Crianças e Jovens também tem que ser repensada, tem que deixar de acontecer pela boa vontade de instituições de cederem recursos humanos e tem que ser algo mais integrado e mais pensado, mas quando estamos a falar em decisões a nível de tribunal, na minha opinião não há desculpa que se possa dar. Isto são efetivamente as maiores dificuldades, porque se tu queres mostrar que para um comportamento existe uma consequência, mas na verdade essa consequência não existe só porque esta pessoa pertence a determinada etnia, tu não consegues fazer nada a partir daqui. Da mesma forma que tu queres trabalhar a questão do sucesso e dizeres *“tu para teres sucesso tens que faltar menos e a partir do momento em que faltas menos tens mais probabilidade de sucesso, mas tens que ter aqui algumas rotinas de estudo”*, mas se existe aqui alguém, dentro da comunidade, e esse alguém é em grande número, que supostamente tem sucesso porque tem um certificado, qual é a mensagem que estás a passar? E de que forma é que nós podemos trabalhar de forma preventiva isto? Tu não podes nunca, porque esta mensagem circula e é passada e estas são sim as grandes dificuldades que tu tens ao nível da nossa intervenção.

**Inv- Aproveitando o tema dificuldade, fala-nos agora de um conflito e da forma ou as estratégias que utilizaram para o resolver.**

**TPE8** - Nós tivemos e é engraçado, engraçado e não é [risos]. Nós tivemos um estagiário em 2019 da Católica que era um moço preto e na altura nós estipulamos uma regra clara, que era a de a partir das 5h30 quem não tem trabalhos de casa tinha que

fazer *escola virtual*, nem que fosse 20, 30 minutos de *escola virtual*. E um dos miúdos chegou e disse que não ia fazer, que não queria fazer *escola virtual* e o que nós tínhamos dito é, “*não queres fazer escola virtual não podes estar aqui, tens que sair*”. Eu não estive presente nesta situação, mas nós tínhamos lá o estagiário, e o estagiário deve-lhe ter tocado de alguma forma a dizer “*olha não podes estar aqui, tens que sair. Quando acabar o tempo da escola virtual tu entres, mas até lá não podes estar aqui*” e o miúdo foi para o bairro, foi embora e disse aos pais que o preto lhe tinha batido [risos]. Eu estava no gabinete e só me apercebo ao ouvir muito barulho e quando saio e vou para a parte dos computadores já os pais do miúdo estavam ao pé do estagiário. O pai ainda dá um *sacode de moscas* na cara de moço e eu agi por impulso, não pensei, fui meter-me à frente do estagiário e eu fui andando para trás de forma a que ele ficasse encurralado, encostado à parede e eu ficasse em frente a ele sem haver possibilidade de lhe chegarem. A mim nunca ninguém me tocou, chegaram-me a ameaçar que me atiravam com a cadeira e eu disse que sim, que me podiam atirar à vontade, que me podiam fazer tudo o que quisessem, mas que no moço ninguém tocava. Depois os ânimos lá diminuíram e eles acabaram por ir embora, tínhamos lá quase a família toda, tínhamos o pai, tínhamos a mãe e tínhamos o avô. Eu depois tentei falar com a família até porque é uma família muito próxima e com quem nós temos uma relação muito boa e fui a casa falar com eles, mas chamei-os para virem ao projeto para falarem comigo, para termos uma conversa sobre o que é que aconteceu, mas na verdade nunca apareceram, pelo menos para terem aquela conversa. O moço estava a um mês de terminar o estágio, também é preciso ter azar [risos] e acabou por ir conhecer outros projetos da *Juventude*. Não houve uma resolução com mensagens claras para um dos lados, porque com o estagiário nós falamos, conversamos sobre tudo o que tínhamos que conversar, mas para o outro lado não houve nenhuma comunicação que abordasse claramente as consequências desta atitude. Este é assim o conflito que eu me lembro, que eu tenho mais presente, mas já houve alguns conflitos nas escolas, mas nada assim extremamente grave e acaba por ser solucionado com a reunião que nós estamos presentes.

**Inv- Para terminar e fazendo duas questões numa qual é a diferença que o projeto faz na vida destas crianças e destas famílias e qual ou quais as palavras chave que melhor caracterizam a intervenção do projeto.**

**TPE8** - A diferença que o projeto causa da comunidade e a mais valia é muita mesmo, porque nós trabalhamos questões e proporcionamos momentos que não existiriam se não fosse projeto o *Geração Tecla*. Nós temos preocupações que a escola não tem e que muitas vezes as técnicas da Segurança Social também não têm. E nós somos a resposta de maior proximidade e impacto na comunidade e um dos fatores que nos diferencia e que eu acho que acaba por diferenciar todos os projetos *Escolhas* é a capacidade de estabelecermos relação com a comunidade. É uma relação tão próxima e aqui mais a nível pessoal é muito emocional, e por isso também causa um desgaste emocional muito grande, mas é assim uma das mais valias e das diferenças não só do *Geração Tecla*, mas de todos os projetos *Escolhas*. Hoje em dia ouve-se muito falar “estão na linha da frente” e o *Geração Tecla* e todos os outros projetos *Escolhas* estão na linha da frente na intervenção com estas comunidades, porque somos nós enquanto projetos que pensamos e que proporcionamos momentos a estes miúdos, que trabalhamos com eles competências que deviam ser abarcadas por outras entidades e não são. E daí ser essencial a existência desses projetos e vai continuar a ser durante muitos anos porque estamos a falar de mudanças de mentalidades e de mudanças de comportamentos. Outra questão que eu também acredito que nos diferencia muito é a intervenção por pares, nós trabalhamos por pares e trabalhamos sempre numa postura de igual para igual, não existe aqui o título de doutor ou de doutora, é uma questão de igual para igual e isto também nos diferencia muito. Mais especificamente e a nível de *Geração Tecla* algo que eu considero diferenciador e de extrema importância é estarmos integrados na instituição em que estamos, que é a *Cruz Vermelha*, que tem os princípios que tem, ou seja, a humanidade, trabalhar com os mais vulneráveis sempre numa base de respeito, sempre mantendo a neutralidade, apostando sempre no voluntariado como força da sua intervenção e no *Geração Tecla* é efetivamente uma força, porque nós em tempo de pandemia só conseguimos abranger muitos miúdos que não tinham qualquer tipo de acesso à escola com apoio dos voluntários, com dois técnicos e meio não iremos conseguir. Por isso e a nível mais específico de *Geração Tecla* eu acredito que estar englobado na instituição que está é um aspeto diferenciador e uma mais valia.

**Inv- Obrigada. Falta a palavra chave.**

**TPE8** - Aí a palavra chave, eu acho que é a empatia a palavra chave. Eu acho que é a capacidade que tu tens de te pôr no lugar do outro, de não partir do pressuposto de

juízo, trabalhar com base no não juízo. Se calhar até são estas duas, não juízo e empatia as palavras chaves do projeto.

**Inv- Já agora e desculpa, mas focaste aqui a questão da neutralidade e fiquei com alguma curiosidade. Na vossa intervenção, na tua havia uma postura neutra? Eras neutra?**

**TPE8** - É assim, todos os dias se calhar não, mas eu tentava tê-la. Agora todos os dias provavelmente não conseguiria e na verdade isto da neutralidade é efetivamente um dos princípios da instituição, mas eu acho sinceramente que se nós formos analisar no dia a dia, acaba por ser um conceito demasiado filosófico e abstrato, porque nós somos seres humanos e tu não consegues ser sempre uma pessoa neutra. Podes ter presente o conceito e querer aplicá-lo, mas sempre não consegues e não te vou dizer que fui sempre, houve alturas que eu tenho consciência que sim, mas houve outras alturas que eu tenho a consciência que não. Não é possível, é bom termos isso presente e trabalharmos tendo por base isto, mas termos sempre a consciência que nós como seres humanos que não conseguimos sempre fazer a neutralidade na plenitude do que está escrito enquanto conceito.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.4.9. ENTREVISTA TPE9

## **Transcrição da Entrevista -TPE9**

**Data** - 4 de fevereiro de 2021

**Hora e local** -21horas, via ZOOM

**Duração**- 57 minutos

**Investigadora (Inv) – Boa noite! Estamos aqui reunidos com uma técnica do projeto *Incluir em Synergia E7G*, a quem vou dar a palavra já de seguida. Boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *Incluir em Synergia E7G*.**

**TPE9-** Mas como? A própria candidatura, como é que ele surgiu?

**Inv - Sim.**

**TPE9-** Não consegui perceber muito bem.

**Inv- No fundo é falar do projeto. Há quanto tempo existe, em que a instituição, falar desde a sua criação até à atualidade.**

**TPE9-** Ok. O projeto *Incluir em Sinergia* está associado à *Associação Juvenil Synergia* e surgiu pelo término de um projeto que já estava no terreno que era o *Tetris*. O *Tetris* abarcava dois territórios em Braga de intervenção social e comunitária e como a entidade gestora e promotora que estava por trás não quis assumir mais este projeto o município de *Braga* viu-se obrigado a criar aqui uma resposta para dois territórios que ficavam sem intervenção prioritária e sensibilizou aqui algumas instituições. As que corresponderam positivo foi a *Caritas* que ficou com dois territórios em Braga e o *Synergia* que ficou com outros dois. Efetivamente a candidatura foi feita em 2017, o projeto foi aprovado, não aliás, foi feito em 2018, o projeto foi aprovado em fevereiro 2019 e por dois anos incidiu a sua intervenção em duas comunidades ciganas com alguma pobreza extrema em Braga, principalmente o *Picoto* e o *Fujacal*. No *Fujacal* no início da intervenção percebemos que o que tinha sido considerado inicialmente em candidatura deixou de ter algum sentido porque não existia só ali a comunidade cigana. Os movimentos migratórios trouxeram ali algum movimento e então tivemos que

renovar ali os indicadores e fazer algumas alterações. Não sei se respondi ao que pretendias.

**Inv- Sim, sim e dentro do projeto qual a sua missão e os principais objetivos.**

**TPE9-** Os objetivos principais do projeto eram alguns, mas basicamente focavam todos no mesmo sentido, ou seja, os elevados números de absentismo e o abandono escolar nas crianças da comunidade cigana. E como é que o Synergia se propôs a trabalhar e a tentar minimizar esses danos? Através das artes, do desporto e das expressões artísticas, basicamente era por aí, os objetivos eram trabalhar um pouco as crianças e as fragilidades por elas apresentadas e pelas famílias através das artes do desporto.

**Inv- Podias caracterizar um pouco os territórios de intervenção?**

**TPE9-** O *Fujacal* não é um **bairro social**, é um bairro onde vivem famílias mais carenciadas. É uma zona de *Braga* que não é um bairro de habitação social, há uns anos atrás como havia naquela zona habitação a preços muito baixinhos as famílias ciganas foram-se aglomerando lá e efetivamente há uns anos o que é que começou a notar? Uma movimentação de outras comunidades nomeadamente as brasileiras e as africanas, mas famílias na mesma situação com baixos rendimentos. Há uma parte do *Fujacal* que é predominantemente habitada por casais idosos e depois temos algumas famílias ciganas e temos nesta fase muitos romenos, brasileiros e africanos. Já o *Picoto* é uma zona de habitação social gerida pela *BragaHabit* e são todas famílias ciganas bastante pobres com condições de vida miseráveis e que vivem basicamente das feiras e do rendimento mínimo. O *Picoto* apesar de estar no centro da cidade está num socalco do centro da cidade e estão isolados, tem o *Bairro Nogueira da Silva* pertíssimo que são pequenas casas de famílias de classe média baixa, agora já mais para o baixa do para a média infelizmente, mas estão isolados, ali no socalco à volta só tem vegetação e o monte do *Picoto*. O *Fujacal* é uma zona urbana é um bairro de características urbanas mesmo no centro da cidade com várias zonas de comércio, uma escola inserida dentro da própria urbanização e temos um pouco de tudo. Há ali um bloco de apartamentos que é onde vive a comunidade cigana que poderia estar um pouco mais bem tratada efetivamente, mas o resto dos apartamentos estão bons e em boas condições. A maior parte das famílias vive de empregos, mas ou são operários fabris, ou empregadas limpeza, ou trabalham na construção civil. É um pouco dentro desta lógica e mesmo na população africana os que têm emprego trabalham muito na construção civil e na restauração.

**Inv- Falando agora um bocado da tua área de formação. De que modo é que ela se tornou ou torna uma mais valia neste tipo de projetos e no seu desenvolvimento.**

**TPE9-** Eu sou licenciada em educação social e toda a minha experiência profissional passou por trabalhar diretamente com as pessoas em intervenção no terreno e em contacto direto com os problemas em si. Efetivamente faz todo sentido para projetos como o *Programa Escolhas* terem pessoas da área de intervenção social e intervenção socioeducativa e principalmente que conheçam as comunidades e as pessoas com quem vão trabalhar. Claro que temos sempre que trabalhar com a rede social que está à nossa volta porque não conseguimos trabalhar como ilhas, mas efetivamente a minha área de formação ajudou-me a lidar com alguns percalços que existiram e que apareceram no início do projeto e mesmo no final.

**Inv- E o público alvo como o caracterizas?**

**TPE9-** A **população cigana é diferente** nos dois bairros, a população cigana do *Fujacal* apesar da pobreza vive melhor do que a população do *Picoto* e porquê? Porque são famílias que tem laços com a população de *Santa Tecla* que é uma comunidade um pouco diferente. No *Picoto* são mesmo ciganos pobres a todos os níveis, cultural, social, habitacional e nota-se muito principalmente nos hábitos de higiene. A população do *Fujacal* já tem mais cuidado com os filhos, com eles próprios e mesmo as casas apesar de não estarem muito bem tratadas estão sempre muito limpas. Já no *Picoto* é o oposto e de uma forma generalizada as crianças não são muito bem tratadas a todos os níveis e por exemplo, a população do *Picoto* não dá tanta importância à escola com a comunidade do *Fujacal*. Claro que isto também pode estar relacionado com o facto da escola estar mesmo em frente ao sítio onde eles moram no *Fujacal*, eles das varandas vêm a escola e depois há aquela proximidade com os próprios professores, a pressão é outra logo [risos]. Abrem a janela e está logo ali a escola é diferente. No *Picoto* apesar da centralidade não estão assim tão centrais e virem ali muito guetizados a todos os níveis e oficialmente eles estão todos desempregados, vivem de rendimento mínimo e alguns estão nas férias, mas como neste momento não há feiras. Ah é verdade já se soube que um ou outro homem anda no *Uber Eats* e existe mesmo um grupo no *facebook* que é os ciganos do *Uber Eats*. Mas ali no *Picoto* basicamente é a feira e rendimento mínimo. A escolaridade da população é muito baixa, muito mesma, as mulheres a maior parte delas tirou o 4º ano e forçado e os miúdos estão a ser empurrados de ano para ano, mas as competências são muito reduzidas, não adquirirem

as mínimas e a maior parte deles sabe juntar letras, os mais velhinhos sabem ler e escrever, mas ficam por aí. O que eu sinto é que cada vez mais existe uma participação ainda que com algum absentismo, no entanto a questão do insucesso é cada vez mais um problema, ou seja, eles já frequentam mais a escola, muito fruto do *RSI*, da *CPCJ*, da pressão das políticas e do próprio trabalho do projeto, no entanto não adquirem as competências necessárias. Por exemplo ali no *Fujacal* não tínhamos questões absentismo, porque eles efetivamente vão às aulas, mas a questão do insucesso aumentou de uma forma brutal e depois também temos aqui alguns problemas porque os miúdos vão passando e não adquirem competências. No caso da população do *Picoto* já é uma população com muitas dificuldades e muitas limitações e alguns são de origem Galega. Depois temos aqui o fator discriminação, no *Picoto* existem alguns conflitos mesmo entre eles porque há lá famílias que vivem melhor que outras e as famílias mais pobres são um pouco criticadas e quando por exemplo existia alguma atividade diziam “*não chamem o “não sei das quantas”*”, ou seja, havia aqui algum problema de relação e discriminação entre eles. E depois existe discriminação e preconceitos da sociedade maioritária, mas por exemplo ali no *Picoto* as pessoas do *Bairro Nogueira da Silva* já se acomodaram e sabem que há ali uma presença da comunidade cigana, mas preferem não os ver, é como aquela questão se os teus olhos não veem o teu coração não sente e acho que era muito por ai, mas quando há aquelas rugas e aquelas situações de violência em que a polícia entra pelo bairro e há muita confusão, aí as pessoas do *Bairro Nogueira da Silva* já entram na crítica e na discriminação. No *Fujacal* era muito evidente, as pessoas referem-se àquele prédio como a zona dos ciganos, mas o que eu depois senti é que estava a haver uma transformação lenta, mas estava a haver, porque apesar de viverem ali ciganos não eram ciganos que levantavam confusões e depois veio um grupo de brasileiros que esses sim, a verdade é que começaram ali a assaltar lojas e os restaurantes. Criaram ali alguma confusão efetivamente e os ciganos acabaram por ficar um pouco protegidos naquela teia, mas existe discriminação e uma linguagem e uma comunicação verbal agressiva porque são miúdos, pessoas que são completamente rotulados pela etnia que têm e estão segregados mesmo pela própria comunidade educativa.

**Inv- A vossa intervenção era realizada ou é realizada em que contexto?**

**TPE9-** Nós inicialmente tivemos a sede do projeto num dos bairros, no bairro do *Fujacal*. Depois com o confinamento a sede foi fechada porque não fazia qualquer tipo

de sentido e a associação deixou de ter possibilidade de pagar o arrendamento, mas o objetivo inicial era fazer a intervenção dentro do *Bairro do Picoto* com a comunidade cigana. Como já te disse este bairro apesar de estar no centro da cidade é um bairro isolado, é um gueto e a nossa intervenção passava muito por esta sede, passava pelo bairro e pelas próprias instalações da entidade promotora, neste caso o *Synergia*. Posteriormente depois com a questão do primeiro confinamento alterou-se tudo um pouco, passamos a trabalhar exclusivamente nas instalações do *Synergia*, mas sempre com os miúdos, com as famílias era um trabalho no terreno, dentro do próprio bairro e com as escolas também.

**Inv- Sendo um projeto que iniciou há pouco, um projeto recente, de que forma é que conseguiram atrair o público-alvo e o conseguiram cativar e manter no projeto?**

**TPE9-** Sim, foi difícil. Nós no início conseguimos cativar alguns miúdos porque foi-lhes passada a mensagem que seríamos a continuidade do projeto que estava anteriormente no terreno e então eles vinham com a ideia que era a continuidade do *Tetris* e conseguimos aí abranger algum número de crianças, mas depois com o confinamento como em todos os projetos e como em todo o trabalho social esta fase afastou os miúdos em todos os sentidos. E como é que depois conseguimos puxar os miúdos para o nosso lado? O *Programa Escolhas* tem a figura do dinamizador comunitário que neste caso foi uma jovem cigana que vivia no bairro do *Picoto* e foi ela o fio condutor para conseguirmos trazer mais jovens e cativar mais jovens e famílias para o projeto. A verdade é que por muito trabalho todo que tenhamos feito no terreno como equipa, se não fosse ela nós não conseguiríamos chegar tão rapidamente ao *Picoto* como chegamos. Ela conseguiu trazer em altura de confinamento uns 30 miúdos, o que é uma coisa rara por causa das questões de relação. O pai dela é uma figura conhecida e respeitada no *Picoto*, ou seja, tudo o que ela dizia era para fazer e acabou por ser uma peça muito importante e acho que nem ela sabe o quão importante foi para cativar os miúdos e agilizar o processo todo.

**Inv- Focando as práticas de intervenção social, que estratégias utilizaram para atingir os objetivos propostos pelo projeto.**

**TPE9-** Uma das fragilidades do *Programa Escolhas* é que temos objetivos efetivos para cumprir e nós tínhamos atividades fixas que tínhamos que cumprir, mas as nossas atividades passavam pelo acompanhamento das escolas. Tínhamos atividades de

animação de recreios nas escolas, tínhamos uma atividade que era o *Ativar-te* que era uma atividade direcionada para o combate aos estereótipos contra a comunidade cigana e minorias étnicas, esta atividade também era dentro das escolas e trabalhávamos com diversas turmas primárias do *Fujacal* e o do *André Soares*. Depois tínhamos as atividades no espaço que iam desde o futebol, à dança, artes marciais, atividades de expressão plásticas e apoio nos trabalhos de casa. Procurávamos também uma articulação com os professores numa tentativa de combater esta questão tão emergente associada aos ciganos o absentismo escolar e o não aproveitamento escolar. No trabalho com as famílias conseguimos que algumas mães, uma principalmente que não sabia ler nem escrever nos procurasse para ajudar nesse processo e fizemos essa ponte também. Depois também tínhamos uma atividade que passava por pequenas atividades onde tentávamos trabalhar a desconstrução de preconceitos, o empoderamento dos miúdos, das crianças e jovens, através de atividades de caráter lúdico, desportivo, música e visitas, era o *motivar em synergia*. Na parte da mediação escolar tínhamos o *gabinete de apoio* à mediação que funcionava nas escolas e era uma ferramenta de apoio e de mediação com as escolas. O gabinete era um espaço na escola com grande receptividade por parte da escola e a função era criar uma ponte entre a escola e as famílias ciganas e migrantes e ajudar as famílias em todos os processos burocráticos porque não havia essa resposta no *André Soares*. E isso era o trabalho essencial e principal do *Incluir em Synergia* trabalhar as questões escolares. Depois com o *covid* os números deixaram de fazer sentido e então o *Programa Escolhas* criou a atividade *Vencer Covid* em que basicamente pretendia-se que todos os projetos dessem resposta às necessidades do terreno e nessa altura tivemos que criar desafios online, fazer a ponte com as escolas nomeadamente na entrega dos trabalhos de casa, ações de sensibilização e entrega de Kits. Sei que houve projetos que como tiveram acampamentos fechados foram eles próprios a fazer a ligação com o mundo exterior digamos assim. Iam trabalhar para a comunidade e foram auxiliando as pessoas no terreno com a entrega da alimentação, medicamentos entre outras coisas, mas esse não foi o nosso caso.

**Inv- Relata-nos um caso de sucesso e um caso de insucesso explicando também os motivos que te levam a considerar um caso de sucesso e insucesso.**

**TPE9-** Eu se calhar vou começar pelo caso de insucesso e se calhar vou ser um bocadinho, mas depois faz o quiseres com esta informação [risos]. Eu acho que insucesso foi todo o projeto em si, muito honestamente. Foi um curto espaço de tempo

para realizar o projeto, foi um começar de novo, uma entidade que se viu com um projeto difícil, a verdade é esta. Um projeto difícil, com números que quando chegámos ao terreno na verdade não existiam e tivemos que reformular tudo. Com um público alvo extremamente difícil de cativar e criar empatia e foi um processo difícil. Se tivéssemos que caracterizar como insucesso sei que é uma palavra muito forte, mas se calhar associava a todo o processo deste projeto porque foi difícil, foi extremamente difícil apesar de ter terminado relativamente bem, mas foi um projeto extremamente difícil por todas as condicionantes, por todas as dificuldades no terreno, mesmo nível do município e de rede social o apoio foi muito limitado o que também dificultou. Depois a equipa esteve sempre também em mudanças o que também não ajudou. Um caso de sucesso eu continuo a achar que foi a dinamizadora comunitária. A nossa dinamizadora comunitária para mim foi um caso de sucesso porque era uma jovem que vivia dentro da história e da cultura cigana, mas foi uma miúda que chegou ao *Synergia* com 18 anos e que a primeira coisa que ela disse foi que queria ser diferente das outras ciganas todas. E porquê? Porque queria aprender, queria continuar na escola, queria continuar a trabalhar, e queria ter a família dela. O que eu achei curioso foi que a maior parte das jovens ciganas que nós vemos, ou pelo menos na minha experiência dizem “*eu quero ser diferente das outras ciganas*”, mas nunca pensam naquela questão do casamento e dos filhos. E ela não, ela queria tudo, ela queria ser diferente, mas queria ter a família dela, queria ter filhos e queria poder escolher efetivamente, que é uma coisa que não lhes é dada. Ela queria poder escolher, queria poder fazer as escolhas dela e eu acho que isso ela conseguiu. Por exemplo ela tinha muito, muito medo de determinadas coisas, de coisinhas que nós achamos corriqueiras no dia a dia, mas para ela não, ela tinha medo de ir a uma reunião com uma equipa de outro projeto, ela tinha medo de apanhar um autocarro para uma zona diferente da cidade e hoje em dia ela tem uma vida completamente estruturada e pensa voltar a estudar, quer continuar a trabalhar e constituiu a família dela. Apesar de muito jovem constituiu a família dela e eu acho que ela foi um caso sucesso, ela conseguiu quebrar ali barreiras e quebrar tabus e falar sobre tudo aquilo que a preocupava e sobre os dilemas da vida dela. Sobre as crises, sobre o namorado possessivo e o pai também possessivo e ela conseguiu ali no meio daquilo tudo tornar-se uma verdadeira jovem mulher. Acho que ela teve um percurso e eu tenho muito orgulho do percurso que ela teve, muito honestamente. Acho que foi o caso de sucesso do *Incluir em Synergia*, sem dúvida.

**Inv- E as questões culturais da população cigana do vosso projeto? Fala-me um pouco das questões culturais.**

**TPE9-** As **questões culturais** dificultam a sua integração e inclusão social, porque há sempre muito o nós e os eles. As próprias tradições, a própria resistência à mudança e acho que devido à pandemia as comunidades ciganas estão mais fechadas entre elas e tem havido muita resistência por parte da comunidade cigana principalmente na escola. E depois há pequenos grupos que querem manter vivas as tradições e na realidade nós podemos manter as nossas tradições sem perder a nossa identidade, mas indo buscar um pouco às restantes comunidades e acho que eles aí não estão nada receptivos a essa transformação e vai ter que ser um trabalho que vai ter de ser feito porque o que eu sinto é que cada vez se estão a fechar nas próprias tradições.

**Inv- A intervenção é mais centrada na criança e jovem beneficiário direto do projeto ou também era centrada nas famílias? Como funcionava?**

**TPE9-** O objetivo era ser crianças e jovens, mas conseguimos automaticamente direcionar para a família. Começamos depois com algumas dificuldades com as famílias e foi muito difícil, mas a meio do projeto incidiu-se mesmo nas crianças e nos jovens, mas sempre em contacto permanente com as famílias, neste caso com as mães principalmente. Quando eram questões assim mais disciplinares automaticamente apareceriam os pais. O projeto não trabalhava só com crianças e jovens e achamos que teria de ser transversal à família e à escola, porque eram os fatores importantes da vida deles e tentamos essa lógica.

**Inv- A vossa intervenção era mais preventiva ou remediativa?**

**TPE9-** Isso é uma pergunta interessante porque começamos por tentar que fosse preventiva, mas percebemos que era remediativa também. Eu acho que foi uma intervenção emergente e urgente porque chegamos a um território em que percebemos que havia determinadas arestas e queríamos trabalhar com base na prevenção, nomeadamente na violência no namoro e comportamentos aditivos, mas depois já havia esses comportamentos a 100% no terreno e mesmo a desvalorização escolar e a desvalorização profissional. Por isso nós não podemos trabalhar a prevenção se aqueles comportamentos já existem e já estão mais do que vincados naquelas pessoas. Então acabou por ser uma intervenção de urgência. Muitas vezes falamos disso é urgente, é urgente, temos que fazer isto, é uma intervenção de urgência.

**Inv- No processo de mediação que realizam onde é que surge a comunicação? Que importância atribuem à comunicação?**

**TPE9-** É um ponto essencial, é o ponto essencial. Eu acho que nós sentimos alguma dificuldade no trabalho em rede, principalmente com a rede social de *Braga*, talvez um também um pouco pelas próprias características de trabalhar com a comunidade cigana que não é de todo fácil, mas a comunicação é o ponto chave. A comunicação e a empatia porque com comunicação sem empatia não se vai a lado nenhum, podes comunicar muito bem, mas se não conseguires que as pessoas sintam aquilo que estás a dizer é igual ao litro. Era o mesmo quando estávamos na universidade [risos] que ouvimos, ouvimos e quando não sentíamos aquela paixão pelos professores que estavam à nossa frente não entrava nada. E eu acho que na intervenção social é a mesma coisa. A comunicação tem que estar relacionada com a empatia senão não vamos a lado nenhum, mas é e foi um veículo muito importante.

**Int- Como caracterizam a relação entre a sociedade majoritária e o público alvo do projeto. Qual o vosso papel nesta relação?**

**TPE9-** Ainda há muito preconceito. Quando começamos ali no *Fujacal* éramos o projeto que trabalhava com os ciganos e nós tínhamos miúdos que não eram ciganos e mesmo com eles foi difícil quebrarmos algumas barreiras, mas depois começamos a fazer atividades. Para teres noção aquilo chegou ao ponto de os miúdos não ciganos e os ciganos no mesmo espaço estarem em mesas diferentes. Até que houve uma altura que me deu aqueles cinco minutos que às vezes eu tenho e disse “*vamos lá ver, isto aqui não pode ser e vamos acabar com isto, vocês vão mudar os papéis e vamos ver o que vocês sentem*” e a partir daí tornaram-se os melhores amigos, iam para todo o lado e começaram como se costuma dizer, a tradução do inglês não é muito bonita, mas começaram a colocar-se nos sapatos dos outros. E foi assim “*vamos trocar aqui de sapatos, a ver o que é que vocês sentem, o que é que vocês acham*”. Isto funcionou em crianças, no entanto nos adultos foi extremamente complicado porque havia pais que quando estavam lá os miúdos ciganos iam buscar os miúdos e levavam-nos embora, ou seja, esse é um trabalho que ainda está muito verde. Temos ainda que desconstruir muitos preconceitos, mas foi difícil [suspiro].

**Inv- Descreve-nos agora uma situação de conflito e a forma como o procuraram resolver.**

**TPE9-** Eu acho que conflitos existiam quase todos dias porque eram crianças. São crianças com experiências de vida diferentes das nossas e principalmente os do *Picoto* viviam e vivem lá assim no bairro. Por exemplo, eles tinham muito o hábito de chegar ao *Synergia* e comer e inicialmente achavam que podiam comer em todo lado e isto por muito que pareça estranho era um foco muito grande de conflito, porque eles pegavam no pacote atirava para o chão e as outras pessoas é que tinham de apanhar. Depois houve muitos conflitos sim, mas foi porque os jovens da comunidade majoritária que viviam ali na zona circular do espaço do *Synergia* achavam que o campo de futebol era deles e não podia ser de mais ninguém. A polícia foi chamada uma data de vezes e houve ali alguns conflitos, mas sempre foram resolvidos tranquilamente e em diálogo, “*mas estás-me a dizer isso porquê? Eu não sei fazer isso. Tens que me explicar como é que eu faço isso*” e passava um bocadinho por aí. Depois considero que nós conseguimos lidar com as situações através dos afetos, apelar aos afetos, porque a maior parte deles são crianças que têm os pais presos e isso tem alguma importância porque há ali grande ausência de afetos e de figura paternal que é muito importante nestas idades e fomos um bocadinho por aí para mediar os conflitos e foi resultando.

**Inv- Sentem que o vosso papel é transformador na vida do publico alvo que acompanham?**

**TPE9 -** No *Incluir em Synergia* houve transformação, mas foi pouca porque foram apenas dois anos, não havia projeto no terreno antes, no entanto contribuimos um pouco para a saída daquelas crianças daquele *gueto do Picoto* e promover alguma autonomia neles, mas no geral acho que temos essa missão importante que era dar voz a essas comunidades. Enfim, contribuimos um pouco para a saída daquelas crianças do bairro, promovemos a sua autonomia e acredito que temos aqui uma missão muito importante porque nós todos estamos aqui, mas tivemos oportunidades mais ou menos equilibradas e deram-nos hipótese e fomos educados para lutar por aquilo que acreditamos e estas crianças não.

**Inv- Se tivesses que definir a vossa intervenção numa palavra chave, qual seria a palavra escolhida?**

**TPE9-** Isso é difícil, é muito complicado porque são projetos e este é um projeto com alguns altos e baixos, mas ao longo destes quase dois anos, que na sua totalidade não foram dois anos eu acho que foi um sucesso afetivo. Acho que posso ir por aí, foi um

sucesso afetivo porque nos preenche e sentimos que preenchemos a vida de alguém, é um sucesso afetivo sem sombra de dúvidas.

**Inv- E qual é a palavra chave escolhida?**

**TPE9-** Afeto.

**Inv - Para terminar gostaríamos de tentar perceber as principais dificuldades e obstáculos que sentiram na relação com as famílias dos jovens beneficiários diretos do projeto e como as procuraram superar.**

**TPE9-** Nós tivemos diferentes contactos com diferentes famílias. Nós tínhamos as famílias da comunidade maioritária que no meu entender o confronto até foi mais duro porque havia muito a ideia que o nosso projeto era uma forma de ATL e as pessoas achavam que podiam deixar ali os meninos e que ficavam ali até quando lhes apetecesse. E por isso foi uma relação muito dura e foi muito difícil que as pessoas conseguissem perceber que nós não éramos um complemento da escola e que percebessem quais eram realmente os nossos objetivos, o que é que estávamos ali a fazer e qual era a nossa importância na vida dos seus filhos. Depois muitas destas famílias não valorizam a escola acham que a escola é para eles fazerem a escolaridade obrigatória e que só serve para os ensinar a fazer as contas, a ler e a escrever e que o resto não interessa. E eu acho que esse papel não foi de todo solucionado, nem resolvido e porquê? Porque também estamos a falar de uma classe que trabalha das nove às nove para conseguir pôr pão na mesa e pagar a renda da casa. São pessoas trabalhadoras, são pessoas que efetivamente trabalham todo o dia, mas trabalham em profissões muito desgastantes, muito más para elas, muito más para a vida dela e que não os faz sentir bem e isso depois transfere-se para os filhos. Depois tivemos os conflitos com os pais e com os familiares e adultos da comunidade cigana, que eram outro tipo de conflitos, era mais devido à desconfiança, no início era muita desconfiança *“que é que elas vêm para aqui fazer, que é que elas querem”* e depois diziam *“vai tirar-me o rendimento mínimo, você vai tirar o meu rendimento mínimo”* [risos]. Era muito este discurso e tínhamos que ter cuidado com as palavras que usávamos porque éramos muito facilmente mal interpretadas. Quando passamos esta barreira da desconfiança foi mais simples conseguir lidar com estes adultos. O que eu senti foi que se houvesse ali mais espaço para trabalharmos conseguíamos de alguma forma trabalhar mais com as mulheres ciganas que era um projeto que o *Synergia* tinha, que era trabalhar com as mulheres ciganas e que infelizmente ficou em águas de bacalhau devido ao confinamento. Na

altura já tínhamos um grupo interessante, mas depois elas começaram a ter algum medo de sair e ficaram reclusas em casa em todos aspetos. Havia ali um grupo de mulheres interessantes e queríamos trabalhar o *empowerment* dessas jovens mulheres que são jovens apesar de já terem vidas como antigamente tinham as nossas avós, mas na realidade são jovens e tinham vontade de trabalhar, de estudar, de tirar a carta de condução e queriam fazer efetivamente alguma coisa. É uma pena estes projetos terem estes *timings* de término, porque depois faz-se aqui uma quebra, as equipas mudam, as pessoas vão embora, mas a verdade é que o público alvo, as pessoas continuam ali com o seu dia a dia, com as suas rotinas e perde-se estes laços de confiança.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.4.10. ENTREVISTA TPE10

## **Transcrição da Entrevista - TPE10**

**Data** - 8 de fevereiro de 2021

**Hora e local** -17horas 30 minutos, via ZOOM

**Duração**- 36 minutos

**Investigadora (Inv) – Boa tarde! Estamos aqui reunidos com uma técnica do projeto *Incluir em Synergia E7G*, a quem vou dar a palavra já de seguida. Boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *Incluir em Synergia E7G*.**

**TPE10-** O projeto *Incluir em Synergia* teve intervenção em dois bairros da cidade de Braga, o *Bairro do Fujacal* e o *Complexo do Picoto*. O *Bairro do Fujacal* é habitado por comunidade cigana e migrante e comunidade também local e o *Complexo Habitacional do Picoto* é composto por 100% por famílias da comunidade cigana. A candidatura ao *Programa Escolhas* visava a integração somente da população cigana enquanto participantes diretos, mas na verdade depois no terreno percebemos que aquela candidatura que tinha sido desenhada era muito boa, mas na prática vimos que era um bocadinho difícil de implementar porque alguns dados estavam um pouco desatualizados nomeadamente aqueles que se referiam às comunidades do *Fujacal*. E isto porque com estes fluxos migratórios sofreu aqui uma grande alteração e foi um grande desafio para nós tentar centrar a nossa intervenção naquele que era o objetivo principal, mas depois também dar resposta a outras necessidades que foram emergindo, mas o nosso trabalho centrou-se muito em trazer esta comunidade até nós. Importa referir que nós somos um projeto novo, ou seja, nós vamos para o terreno sem qualquer experiência, um pouco perdidos e eu estou a falar, mas eu entrei depois não apanhei muito bem este primeiro ano enquanto técnica porque estava só como voluntária e estava só a exercer funções na área da psicologia, mas acabei por perceber alguma daquelas que foram as dificuldades. A principal mais valia deste projeto eu julgo que foi captar estas comunidades através das artes, do desporto, da dança e criamos aqui algumas parcerias muito interessantes que depois nos trouxeram toda a comunidade. A comunidade do Picoto foi muito difícil, só conseguimos fazê-lo já no decurso do segundo ano do projeto, mas depois também posso falar um bocadinho mais à frente

como é que foi esse trabalho, porque se calhar também já estou aqui a misturar muitos temas. Pronto, no nosso projeto temos o consórcio como em todos os outros projetos e eles foram fundamentais ao longo de todo o projeto, mas aquele que foi o nosso objetivo principal foi muito tentar lutar pela emancipação desta comunidade e também tudo que estava relacionado com a sua progressão escolar e o incentivo à prática laboral.

**Inv- Cruzando agora aqui a intervenção no terreno com a área de formação, qual foi, ou é a sua relação? Houve alguma relação, tornou-se importante a área de formação na intervenção no terreno?**

**TPE10-** A minha formação base é a área da psicologia, na área clínica e da saúde. Eu quando integrei o projeto foi para integrar um gabinete de apoio à mediação escolar que existia no projeto e eu estava apenas responsável pelo atendimento psicológico. O projeto encaminhava-me algumas crianças, eu efetuava a avaliação e depois víamos se era necessária esta intervenção. Percebemos que ela foi muito importante, que era essencial e eu julgo que todos os programas que sejam desenvolvidos nomeadamente com comunidades que não têm tanta facilidade a este tipo de recursos que deveria ser implementado, que deveria ser levado a cabo. A verdade é que eu estive durante esses dois anos a implementar atividades neste sentido e foram sempre necessárias e eram atividades diárias, não eram só uma vez por semana, eram todos dias, havia ali duas, três horas às vezes até mais que eram necessárias dedicar só os nossos participantes. Daqueles que eram os nossos problemas, tínhamos ali muitos problemas de comportamento, tínhamos muitos casos *enurese* e *encoprese*, tínhamos muitas dificuldades de aprendizagem, alguns casos de dislexia e outras dificuldades assim particulares. A minha intervenção com as próprias famílias também foi muito importante, nomeadamente mais aqui esta questão da mediação embora não seja essa a minha área, mas também para tentar integrar todas as famílias no processo e tentar ver com elas que muitas destas dificuldades poderiam ser supridas com o envolvimento deles. Depois também acabei por facultar algumas sessões de grupo com estes pais, com algumas mulheres ciganas que também era outro objetivo do projeto e correu muito bem, apesar de ter sido num curto espaço de tempo. Mas o meu trabalho foi muito nesta área do atendimento no gabinete, claro que depois acabei por intervir noutras áreas, mas sim, foi fundamental e acho que depois os resultados falaram por si nos acompanhamentos que foram efetuados.

**Inv- Que tipo de estratégias utilizavam na intervenção com este público alvo.**

**TPE10-** Na psicologia nós temos as nossas práticas de intervenção, eu sigo terapias específicas nomeadamente terapia cognitiva comportamental, terapia focada nas emoções, terapia cognitiva comportamental com crianças e jovens. Daquela que era a intervenção no projeto em si, aquelas técnicas que tiveram mais resultados foram mesmo as relacionadas com as artes, o desporto e a cultura e eram estas as estratégias que nós utilizávamos.

**Inv- Sendo um projeto que estava no terreno pela primeira vez como fizeram para atrair os jovens e as crianças para o projeto e claro para os manter nas atividades motivados e de forma assídua.**

**TPE10-** Eu posso dizer que tive mesmo que me dirigir ao bairro por diversas vezes, bater às portas, apresentar-me às famílias, apresentar aquilo que era o projeto, aquilo que nós queríamos devolver e que eles não eram obrigados a ir todos dias. Fomos apresentar as atividades explicar que era algo lúdico e divertido, mas também explicar que estávamos lá para apoiar e o facto de nós nos demonstrarmos disponíveis para apoiar as crianças, principalmente, foi logo uma área de interesse para os pais, porque principalmente ali no *Picoto* eles estavam sem suporte e eles precisavam mesmo muito, nomeadamente na área da psicologia. Foram logo muitos os pedidos que surgiram assim que eu cheguei ao terreno, quando eles souberam que eu também era psicóloga e que tínhamos essa valência. Depois também convidamos os próprios pais para virem as nossas às instalações para ver como é que era toda a dinâmica. E foi assim procuramos fazer atividades que os trouxessem para lá e tentamos também que fossem eles a promover uma atividade ou outra, nomeadamente de música porque havia ali pais que sabiam tocar alguns instrumentos musicais e era uma forma de os trazer até nós. Claro que não era nada assim muito complexo, mas o facto é que resultava.

**Inv- E como era a vossa relação com os adultos, com os pais dos vossos beneficiários diretos?**

**TPE10-** Na sua maioria era mais com as mães, os pais eram um pouco mais ausentes na realidade. Tirando um caso ou outro que era ao contrário na sua maioria sim, as mães eram mais presentes, mas tirá-las do bairro era muito difícil, nós conseguimos pelos menos duas ou três vezes durante o último ano, mas agora as questões do *covid* ainda nos vieram aqui dificultar muito mais a vida. Quando elas vinham nós tentávamos muito dizer “*olha é só assim uma conversa informal, vamos só nos conhecer um bocadinho melhor*” e eu acabava por falar com elas, percebia aquelas que eram as

dificuldades que estavam a ter com as crianças e de que forma é que as poderíamos ajudar. Era sempre neste sentido “*ok, nós podemos melhorar aqui, olhe para a semana eu venho cá saber como é que está*”. Era muito neste âmbito da monitorização, mas também aqui na corresponsabilização dos pais.

**Inv- Gostaria que agora nos falasses de um caso de sucesso e o que foi preponderante para esse sucesso e também de um caso de insucesso.**

**TPE10-** Caso de sucesso estou aqui a recordar-me de um menino lá do bairro que ainda não está a frequentar a escola, mas era um menino que acho que nunca tinha participado em nenhum projeto. Ele estava sempre muito em casa, toda a gente o tratava como deficiente mental e que era muito difícil lidar com ele. O próprio pai não queria que ele viesse ao projeto porque sabia que ele desestabilizava o grupo e o nosso desafio foi muito tentar chegar a este pai, tentar conhecer este menino e tentar trazê-lo até ao projeto. Isto foi todo um caminho muito, muito difícil, ou seja, quando o recebemos nas nossas instalações eu recordo-me perfeitamente dos comportamentos que ele tinha. Ele borrava, ele partiu tudo à volta dele, ele cuspiam no chão, ele fazia coisas surreais e inimagináveis e por isso foi todo um trabalho de “*eu sei que tu me percebes, olha aqui não podes fazer assim. Eu sei que, por exemplo, no bairro, eles deitam lixo para o chão, que não têm cuidado, mas aqui não pode ser. Aqui é um espaço limpo onde as pessoas de fora não têm esse tipo de comportamentos, nós aqui temos regras*”. Foi um trabalho de tentar descer ao nível dele, tentar explicar passo a passo e sobretudo demonstrar o carinho que nós nutríamos por ele. O facto de mostrarmos que nós éramos amigos, que nos importávamos com ele, de que eu queria mesmo muito que ele fizesse parte daquele grupo fez com que ele mudasse radicalmente e conseguimos que ele se integrasse no grupo. Este trabalho também foi feito com todos os outros meninos e até os meninos do bairro, que inicialmente não ligavam, porque aquele menino era sempre colocado de parte quando nós íamos na carrinha busca-los passaram a ser eles que o iam logo chamar para vir também, se bem que ele era logo um dos primeiros meninos a estar pronto para vir [risos]. Ele depois era muito assíduo no projeto, mas foi um trabalho muito difícil e agora claro que se houver continuidade temos um grande problema para resolver com a escola, porque ele está mesmo desligado, ele não sabia sequer assinar o nome dele, mas isso já conseguimos ensinar e isso também foi um ganho. Pronto se tiver de considerar assim um caso de sucesso é ele. Caso de insucesso temos lá um jovem muito, muito desafiante e sabemos que agora na época do confinamento digamos

que foi desencaminhado para integrar ali algumas práticas um pouco ilícitas, não digo de consumo, mas de passagem de material. E este menino de 12, 13 anos desligou-se muito do projeto vem algumas vezes e até corre bem, mas há outras em que ele mostra desinteresse, não quer até porque os meninos que frequentam o projeto também são mais novos que ele. Na realidade o nosso projeto é composto por crianças muito pequeninas e então aqueles mais velhos é um desafio para os trazer e este jovem que nós estávamos a tentar trabalhar e que já estava a ir à escola e estava a correr tudo minimamente dentro do normal acabou por se afastar um bocadinho nos últimos meses do projeto. Isto é algo que me preocupa, porque se não houver essa monitorização podemos perder aqui um jovem que vai ter aqui um caminho um pouco infeliz. Ele é uma preocupação, não digo que seja um caso de insucesso, mas senti que de alguma forma acabamos por perde-lo no projeto e eu gostava muito de voltar a traze-lo até nós, voltar a captar a atenção dele, mas vai ser um desafio, mas estamos dispostos a isso, claro.

**Inv- E qual vossa relação com a escola? É importante, há alguma relação?**

**TPE10-** Foi muito importante, nomeadamente com o *Agrupamento de Escolas André Soares*. A Diretora foi exemplar na sua prática, fala de alma e coração e isso nota-se porque era muito preocupada. Depois o facto de nós conseguirmos ter também o nosso gabinete de mediação escolar, que foi inserido nesse agrupamento de escolas, foi muito importante. E o trabalho em rede também foi importante não só com a Diretora, mas também com as professoras, nomeadamente em março, na primeira parte do confinamento onde nós fomos a ponte entre a escola e os meninos, porque eles não têm acesso a computadores e à internet. E mesmo agora nesta fase grande parte deles não têm e já voltamos a contactar as escolas, mas a resposta tarda e não vem na realidade.

**Inv- Então no primeiro período de confinamento eles não conseguiam frequentar a escola? Como era esse processo de inclusão, qual foi o vosso papel?**

**TPE10-** As professoras mandavam os trabalhos, nós imprimíamos, íamos lá levar e depois íamos lá buscar e mandávamos às professoras, era muito assim. Os contactos telefónicos éramos nós que fazíamos, as professoras também não faziam muito esse tipo de contacto e apesar de julgar isso muito importante também entendo que são muitos alunos e percebo que elas não possam priorizar a intervenção da forma que nós gostaríamos. Mas sim, foi muito importante este trabalho em rede com as escolas até porque nós realizávamos muitas atividades dentro da própria escola e elas sempre foram

abertas a trabalhar connosco. Não tenho razão de queixa e por acaso estive em duas delas.

**Inv- Sentiram que a vossa intervenção teve impacto direto e positivo na diminuição do absentismo escolar e no combate ao insucesso escolar?**

**TPE10-** Sim, sim, sem dúvida.

**Inv- E a comunicação, que importância a vossa intervenção atribui à comunicação.**

**TPE10-** A comunicação é essencial e eu julgo que se não fosse muito do nosso trabalho muitas famílias iam estar desamparadas e muitos meninos iam-se perder no percurso, nomeadamente no *Picoto*. Depois temos também outras famílias no *Fujacal* que não eram de comunidade cigana e que inicialmente não estavam inseridas no projeto, mas que depois conseguimos integrá-las. Elas também não tinham muitos recursos e foi muito importante esta ligação com a escola e com os pais e éramos aqui uma ponte, uma segurança para estas famílias neste período, para algumas delas mais do que a escola.

**Inv- E a vossa intervenção acaba por ser mais remediativa ou preventiva?**

**TPE10-** Como grande parte deles eram crianças eu digo preventiva, mas claro que há aqui, havia muitos casos que não, que já era mesmo remediativa. É difícil dizer-lo, tínhamos ambas.

**Inv- Então idealmente era pensada como mais preventiva, certo?**

**TPE10-** Sim, eu não fiz a candidatura do projeto, mas sim daquilo que eu vejo era mais de preventiva. Pretendia-se trabalhar com as crianças mais jovens para que não acontecesse aquilo que aconteceu às mais velhas, mas a realidade é que nós já intervimos junto de algumas com carácter remediativo e não preventivo, ou seja, teve um bocadinho das duas. Não sei ao certo o que é que propunha a candidatura levada a cabo, muito sinceramente não sei, mas eu julgo que deveria ser as duas.

**Inv- E qual a relação com a comunidade destes dois bairros e a sociedade maioritária? Existe alguma relação? Qual o vosso papel?**

**TPE10-** Nós vimos essa dificuldade logo na integração, ou seja, quando juntamos aqui os grupos, porque inicialmente nós já tínhamos a comunidade cigana, mas em reduzido número e depois no segundo ano do projeto tivemos ali uma afluência considerável de comunidade cigana e isso foi desregulatório. As crianças ciganas tinham outros comportamentos que eram estranhos ao grupo e tínhamos ali algumas crianças e pais

não ciganos que tinham alguns comentários depreciativos e comportamentos inadequados. Isso foi sendo trabalhado individualmente com elas e depois no grupo, porque a comunidade cigana também tinha que respeitar a comunidade maioritária e tinham todos que obedecer à dinâmica do nosso projeto. Para este trabalho chegamos a estar com pais da comunidade maioritária a tentar sensibilizar um pouco para aquilo que era o nosso trabalho e que aqui eles também tinham um papel fundamental. Para alguns foi fácil, mas lembro-me de uma mãe que foi muito difícil apesar da filha sempre ter frequentado o projeto, mas sei que tivemos um papel muito, muito importante aqui nesta relação e agora temos jovens com relações criadas e laços fortificados entre eles.

**Inv- E os adultos como os caracteriza economicamente?**

**TPE10-** Eles são mais dependentes do *RSI*, maioritariamente são dependentes de *RSI*.

**Inv- E eles nunca recorreram ao projeto para solicitar apoio no acesso a determinados serviços?**

**TPE10-** Tivemos algumas mães da comunidade cigana que tinham muita dificuldade em conseguir trabalho e com a questão da pandemia muitas delas estavam a trabalhar “*ao negro*” e acabaram por ficar sem trabalho e sem direito a nada. Nós aqui tentamos ajudar de alguma forma e conseguimos uma mãe, mas muitas outras tinham muita dificuldade em recorrer a este tipo de apoio.

**Inv- E quais foram os maiores obstáculos, ou desafios na vossa intervenção?**

**TPE10-** Eu julgo que foi mesmo a própria candidatura que foi levada a cabo, porque eu recordo-me de os números serem irrealistas. E por exemplo os objetivos estavam muito centrados em medidas de empreendedorismo, mas na realidade nós só tínhamos crianças pequeninas no projeto e então nós não conseguimos levar a cabo esta medida por muito que tentássemos. Acho que foi mais isso, foi mais a nível de atingir os números, de uma atividade ou de outra que não conseguíamos cumprir devido ao facto de sermos um projeto novo com muito desconhecimento daquele terreno. Também tivemos muitos obstáculos para inicialmente entrar no *Picoto*, tentamos apoio com a câmara e alguns recursos para tentar entrar lá de forma mais efetiva, mas acabamos por ter que ser nós através daquele trabalho que eu disse de ir a pé, de pedir autorização, de bater às portas, de ir já com alguém da comunidade cigana com quem eles tinham confiança. Aqui alguns elementos da comunidade cigana foram muito importantes para nós, ao longo de todo este projeto. Depois a dificuldade de acesso a recursos digitais

durante a fase do confinamento também se revelou um obstáculo, ainda agora. Foram estes os desafios, posso-me estar a esquecer de alguns, é possível.

**Inv- Fale-me agora de uma situação de conflito e a forma como o procuraram resolver.**

**TPE10-** Entre os meninos havia muitas situações de conflito [risos]. Agora uma situação de conflito, uma que eu me lembre e que eu tenha estado presente, recordo-me de uma. Eu no segundo ano do projeto acabei por estar muito no terreno e apesar de ser uma técnica eles viam-me muito como coordenadora, porque a nossa coordenadora estava em licença de maternidade e então quem estava muito terreno e passava essas mensagens à coordenadora era eu. Eu ia muito com a nossa dinamizadora comunitária ao bairro e com a outra técnica e recordo-me que uma altura eu não estava presente e a técnica estava a passar uma informação a uma mãe. Como sabes as mães da comunidade cigana não conseguem ter um diálogo fluido e calmo, ou seja, se há algo que vá contra aquilo que é os princípios deles há logo ali um conflito direto e quando isso acontecia eu conseguia muito bem baixar o tom, tentar acalmá-las, deixavas falar e no final falava eu. E aqui a nossa dinamizadora comunitária não consegue porque tem o mesmo modo de funcionamento. Ora no dia do conflito recordo-me perfeitamente de ela estar a tentar implementar uma regra e a mãe não respeitou o que ela disse e apareceu no projeto, exigiu falar comigo porque eu é que mandava naquele projeto e era eu que tinha de estar lá. Eu lá estive a falar com ela e a explicar que eu era apenas uma técnica, que eu fazia exatamente o mesmo trabalho que os meus colegas, que quando eu não estava elas tinham aquele papel. E foi um conflito direto com a nossa dinamizadora comunitária e com a outra técnica que também tinha alguma dificuldade em gerir estes momentos. Eu não, eu tentava lidar com maior naturalidade, acabei por as serenar, tentar dialogar, tentar explicar e mostrar sempre a minha disponibilidade, mas que muitas vezes eu também estava com outras tarefas e que não podia estar em todo o lado em simultâneo, ou seja, elas tinham que confiar em todos os elementos porque nós éramos uma equipa e trabalhávamos em conjunto. E pronto as coisas lá continuavam a rolar [risos].

**Inv- Que diferença este projeto e a vossa intervenção faz na vida destas crianças, jovens e até mesmo famílias?**

**TPE10-** Nós criamos laços com muitas destas famílias, mantemos este contacto próximo e eles sabem que mesmo que o projeto não seja aprovado que vão ter sempre

ali um conjunto de pessoas que estão disponíveis para as continuar a ajudar. Claro que o projeto já ajudou a suprir ali algumas lacunas existentes, mas eles agora também conhecem a entidade, nomeadamente o *Synergia* que era aquela que nos representava e muitos deles quando precisam de alguma coisa já recorrem a nós. Eu já tive alguns ciganos da comunidade que nem sequer integraram o projeto, mas que ouviram falar de nós através dos outros ciganos que participaram no projeto, a pedir ajuda. Depois também acho que já tem mais interesse, eu julgo que principalmente as nossas crianças e jovens já tem mais interesse naquele que vai ser o futuro deles e já se começam a preparar melhor. Claro que o caminho ainda é longo e há aqui muita coisa a fazer, mas eu julgo que nós fomos aqui uma porta de abertura para clarificar aquilo que é o futuro e o caminho que eles têm que fazer para atingirem aquilo que eles querem. Mostramos que eles podem quebrar ali um padrão que se está a manter e que pode ser só benéfico para eles e, portanto, é isso mesmo, mesmo que o projeto agora não vá adiante eles sabem que nós estamos lá para o que eles precisarem, que a nossa entidade está lá para o que eles precisarem, mas eles agora também já têm outros recursos que não tinham antes.

**Inv- Para terminar indica-me uma palavra chave ou várias que aches que consigam definir a vossa intervenção.**

**TPE10-** Isso é uma pergunta difícil [risos]. Eu poderia dizer uma fácil multiculturalidade, mas aquilo que definiu o nosso projeto, eu acho que é a palavra relação, porque sem relação nós não conseguimos fazer nada e acho que foi mesmo essa relação que nos valeu em muitos momentos para conseguirmos a continuidade, para não desistirmos. Acredita que muitas quando não estávamos a atingir aquilo era preciso muitos elementos foram abaixo, mas acho que esta relação que nós tínhamos entre todos ajudou a manter o projeto até ao fim. Acho que sim, essa palavra relação pode ser uma palavra chave.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.4.11. ENTREVISTA TPE11

## **Transcrição da Entrevista - TPE11**

**Data** - 15 de fevereiro de 2021

**Hora e local** -17horas, via ZOOM

**Duração**- 48 minutos

**Investigadora (Inv) – Boa tarde! Estamos aqui reunidos com uma técnica do projeto *Porta 7 E7G*, a quem vou dar a palavra já de seguida. Boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *Porta 7 E7G*.**

**TPE11-** O projeto *Porta 7* iniciou na 2ª geração do *Programa Escolhas* e eu já faço parte da equipa desde essa altura, portanto nunca tive outra experiência profissional. Terminei a minha licenciatura e ingressei o *Programa Escolhas* e fomos tento a sorte de fazer as candidaturas e de ser aprovado. Agora ainda estamos agora à espera desta aprovação, mas a nossa experiência nestes bairros já conta com alguns aninhos, desde 2005. No geral os projetos tentaram sempre focar a sua bandeira na promoção do sucesso escolar e as atividades principalmente no período letivo procuravam promover o sucesso escolar, quer nas escolas, quer no nosso espaço. Nós estamos em dois espaços, o projeto tem dois espaços em duas freguesias, uma mais desde o início e no centro da cidade e outra noutra freguesia mais periférica. O *Bairro da Atouguia* é central, no centro de Guimarães, é um bairro comparativamente ao de *Gondar* muito maior, o número de edifícios é muito maior que o de *Gondar*. É um bairro que sofreu obras há relativamente pouco tempo, antes de Guimarães ser capital da cultural, em 2012 e foi precisamente por estar no centro da cidade e numa das entradas da cidade que sofreu estas obras. Portanto paisagisticamente digamos é mais bonito, não está degradado e está muito bem localizado em termos de serviços, escolas, perto do estádio e muito central. As pessoas de fora do bairro não conhecem o bairro, porque dentro do bairro não há serviços, ou seja, só lá vão pessoas de fora se tiverem familiares a morar lá ou se forem visitar algum familiar. Existe algum preconceito sobre os habitantes do bairro, por exemplo, os clientes dos cafés e das mercearias dentro do bairro só são frequentados por habitantes do bairro e também existe alguma criminalidade, o que não ajuda, há tráfico de droga e consumo nos dois bairros e há pessoas que estão detidas e as

que estão detidas é por causa do tráfico de drogas, ou roubos, ou agressões, mas entre a população dos bairros a relação é boa, um caso ou outro, mas já não tanto preconceito dentro dos habitantes do próprio bairro. O *Bairro de Gondar* é um bairro muito periférico, é muito mais pequeno que o de *Atouguia*, só tem 5 blocos de entradas e está muito degradado, está muito danificado, eu acho que nunca sofreu obras no exterior e os espaços exteriores não são bem cuidados porque não estão ao cuidado do município e nota-se que não há tanto cuidado, há mais desapego. Depois é mais difícil para os habitantes do bairro se deslocarem porque em termos de serviços de transporte a oferta é pouca, principalmente para a população mais jovem que lhes dificulta a participação em alguns eventos porque não há horários que correspondam e depois há muita informação que não chega ao bairro, é muito distante.

**Inv- Fala-me dos objetivos do projeto e da vossa intervenção, ele passa apenas pela promoção do sucesso escolar?**

**TPE11-** É assim, o objetivo geral está relacionado com a integração, com a coesão social, com a integração mais eficaz deles, mas depois nos objetivos específicos nós costumamos candidatar-nos sempre à medida I e à medida III, agora já não existe a medida IV da inclusão digital e para a medida II empregabilidade nós nunca fizemos candidatura, ou seja, focamos a medida I com a promoção do sucesso escolar e integração escolar e a medida III com as questões de participação cívica e cidadania.

**Inv - E como é que caracterizaria o público-alvo destes dois bairros? Neste caso o público alvo de etnia cigana.**

**TPE11-** No bairro mais periférico a população de etnia cigana era mais reduzida agora já temos alguns moradores de etnia cigana e no outro bairro no centro da cidade a população de etnia cigana é bastante grande e realmente no início mais do que agora era bastante difícil trazê-los para o nosso espaço, incluí-los nas nossas atividades e foi isso também que fomos tentando trabalhar no projeto, de geração para geração, tentar encontrar respostas nas escolas, dentro das escolas e não só que nos aproximassem às crianças e jovens desta etnia. Mas a comunidade cigana é semelhante nos dois bairros e apesar de as famílias ciganas em *Gondar* serem poucas e viverem lá há pouco tempo, porque eles não queriam ir para lá. O que acontecia é que quando era atribuída a habitação social naquele bairro muitos recusavam por ser muito longe, mas são famílias que já viveram nos dois bairros por isso acabam por ter as mesmas características. Em termos de escolaridade os adultos não têm escolaridade, alguns sabem ler e escrever,

mas pouco, são poucos os que trabalham e os que trabalham, trabalham em feiras, embora alguns não sejam feirantes acabam por vender entre eles, para outras pessoas da família porque não têm banca própria e não têm negócio próprio. Depois temos o outro tipo de cigano que são os ciganos *beirões* que fazem os cestos ou vendem os balões nas festas, neste grupo os pais também não têm muita escolaridade e o que nós sentimos é que apesar de este tipo de ciganos terem sido integrados mais tarde nos bairros, porque viviam em acampamentos, foram integrados na altura do euro, em 2004 e apesar de na altura em que foram alojados, não irem à escola, o que nós sentimos é que dão mais valorização à escola e fazem mais acompanhamento aos filhos. Por parte dos outros eu não sinto tanta valorização, até porque eles têm o negócio de família que é feiras e alguns já me disseram isso. Depois os que não trabalham vivem dependentes de apoios, são todos beneficiários do *RSI* ou a maior parte. Juntos dos mais jovens já há menos absentismo, no entanto há muito insucesso, já frequentam a escola até mais tarde e há situações de jovens que gostam de ir à escola, mais visível nas meninas, mas os pais não dão essa valorização e acabam por não permitir a continuidade em muitos casos. As questões culturais interferem e continuam a interferir, mas está tudo interligado, como são beneficiários de *RSI* há uma maior pressão, há mais vigilância e eles sabem que se não cumprirem a escolaridade obrigatória que podem ser cortados os apoios e de facto eles estão mais tempo na escola, mas a partir do momento em que sentem que já não estão a ser obrigados a ir à escola acabam por desistir. Nas nossas meninas o que eu sinto é que existe esta tradição de ter que casar cedo e dedicar-se à família, nunca vi nenhum pai de etnia a ter outro projeto de vida para a sua filha ou a permitir que ela o tenha e de dizer “*tu decides, tu é que sabes*”. Em relação aos rapazes mais velhos eu vejo que eles seguem as pegadas dos pais, ou seja, a determinada altura eles começam a frequentar os cafés a beberem álcool muito cedo porque para eles beber álcool é um sinal que já são adultos e são mais aceites. O que eu sinto é que fora uma ou outra exceção há uma mudança, mas aquilo que efetivamente acontece é simplesmente serem travados na idade, ou seja, o que acontecia mais cedo acontece na mesma, mas mais tarde, mas já é uma mudança. A verdade é que eles ainda se agarram muito às tradições, por exemplo quando estão de luto não participam nas atividades e até os jovens deixam crescer a barba e fazem aqueles rituais todos porque se não cumprirem são apontados pela comunidade e pronto são muito agarrados às tradições.

**Inv- Como é a vossa relação com os pais? Qual é o papel dos pais na vossa intervenção? Incluem os pais, fazem atividades com eles?**

**TPE11-** Nós já tentamos, não se é por defeito [risos] da equipa, nós já tentamos que os pais tivessem um papel ou focarmo-nos mais nos pais, no desenvolvimento de competências parentais, mas nos nossos pais nós achamos que isso não resultou. Já tentamos várias vezes em gerações anteriores, mas achamos que não resultou porque os pais são pouco participativos e foram pondo problemas nos horários ou na periodicidade das atividades e realmente quando iniciávamos com grupo de pais com 12 ou 14 elementos terminávamos as sessões com poucos pais. O que nós achamos é que às vezes pensávamos em determinada atividade para pais específicos porque acreditávamos que aquilo ia fazê-los desenvolver algumas competências que nós acreditamos que seriam necessárias, mas os pais que têm poucas competências são aqueles que realmente não procuram ou não reconhecem que lhe faltam essas competências de maneira que na 6ª geração fomos deixando isso para segundo plano. Nós temos atividades que preveem esta mediação, estes contactos, mas não temos nada específico só para pais. Na presente candidatura temos alguma coisa prevista, mas nada muito focado só para os pais.

**Inv - E não havendo esta intervenção focada nos pais o trabalho que desenvolvem com as crianças e jovens sentem que têm impacto?**

**TPE11 -** Na minha opinião sim. Se for feita com esta regularidade eu acho que há coisas que nós conseguimos transformar sim, mesmo que não faça parte daquilo que é o pensamento dos pais. Sim.

**Inv - E que técnicas, estratégias utilizaram para atrair as crianças e jovens para o vosso projeto e para chegar até eles?**

**TPE11 -** Micaela os nossos espaços quando eu ingressei em 2005 já existiam, portanto já eram espaços que eram ocupados por outra instituição que era a *Sol do Ave*, ou seja, foi havendo sempre pessoas ali nos bairros a oferecer algum tipo de atividade, oferecer algum tipo de programa. E quando mudou da *Sol do Ave* para a *Fraterna*, para candidatura ao *Programa Escolhas* alguns miúdos transitaram de um projeto para outro, de uma instituição para outra. Eles já lá estavam, portanto nós quando começamos, aqueles miúdos já conheciam os espaços, mudou o nome, mudaram algumas pessoas, mas os miúdos foram continuando e nós tínhamos imensos miúdos e nunca sentimos necessidade de captar. Não tivemos esse trabalho, felizmente, porque há muitos projetos

que têm essa dificuldade, que é iniciar um projeto novo, num local novo e começar a ganhar confiança, mas eu quando comecei isso já estava feito por assim dizer. E depois fomos conquistando outros miúdos, ou porque aquele miúdo, aquele jovem, aquela criança traz, ou porque é um vizinho que toma conhecimento e é encaminhado ou porque nas escolas eles conhecem-nos e fazem a inscrição, mas o público realmente já lá estava.

**Inv- E como é que descrevem a vossa intervenção no dia a dia? Que tipo de relação vocês têm com vosso público-alvo?**

**TPE11-** No início nós focávamos mais a nossa intervenção na população jovem, portanto dentro daquela faixa etária a partir dos 13 até aos 18 mais ou menos, mas de há duas ou três gerações tentamos focar mais nas crianças a partir dos 6 anos que era a idade mínima que o *Programa Escolhas* permite trabalhar. Não permite trabalhar com crianças mais pequenas, embora acho que fazia todo o sentido tentar iniciar a intervenção com crianças mais novinhas. Depois como faz parte do consórcio deste projeto e dos outros anteriores três agrupamentos de escolas nós acabamos por desenvolver mais atividades com as crianças do 1º ciclo, portanto é essa a faixa etária, uma vez que nós não conseguimos intervir com crianças antes dos 6 anos. Isto não quer dizer que deixemos os outros de lado, claro que os incluímos, mas tentamos intervir mais nas crianças mais jovens e desenvolvemos várias atividades na escola porque acreditamos que assim chegamos a mais crianças e de uma forma mais regular. No nosso espaço a regularidade deles não é obrigatória, como sabes, mas nas escolas eles estão diariamente e portanto ao incluir as nossas atividades dentro do calendário escolar nós conseguimos essa regularidade e chegar a mais turmas. Há atividades que nós desenvolvemos em 9 turmas diferentes, noutras desenvolvemos com uma turma. Quanto à relação se calhar corro o risco de parecer um pouquinho parcial, mas eu acho que a relação é muito próxima, porque toda a equipa é composta por pessoas já de si muito afetuosas e é uma equipa muito dedicada ao trabalho. Felizmente somos muitos como tiveste conhecimento na semana passada, felizmente. Agora estamos assim um bocadinho reduzidos, mas somos muitos e torna-se muito fácil esta aproximação e pronto vamos estando disponíveis sempre para eles. Nós temos jovens que estão no nosso projeto e que já estão no mercado de trabalho, mas eles saem do trabalho e vão para o nosso espaço ainda. São voluntários naquele espaço, nós conseguimos integra-los

em atividades de voluntariado, nas assembleias de jovens e de associativismo, porque realmente fomos criando essa relação de amizade com eles.

**Inv- E a comunicação, qual é o papel da comunicação aqui no nosso trabalho? Como é a vossa comunicação? Consideram-na fácil ou tem que adotar com outro tipo de linguagem para passar a mensagem.**

**TPE11** - É obvio que quando estamos com eles tentamos utilizar uma linguagem mais próxima deles, mas nós procuramos fazer muita formação que nos traga ganhos e eu acho que isso contribui muito. No ano passado quando estivemos em quarentena aproveitamos e toda a equipa fez imensas formações online sobre comunicação não violenta e violência no namoro, ou seja, nós vamos tentando-nos manter atualizados e tentando entender aqui a perspetiva deles. Não sei se já ouviste falar do *Ubuntu*?

**Inv- Sim, já.**

**TPE11-** Toda a equipa tem formação de *Dropi* que é da *associação Unificar*, mas eu e a coordenadora, eu só a estou a substituir, fizemos a *Academia de Líderes Ubuntu* e depois uma técnica que é de educação também a fez online e a que vais entrevistar também fez a academia de jovens, portanto nós vamos procurando sempre qualquer formação que nos ajude nesta capacidade de comunicar com eles e de ganhar empatia e proximidade.

**Inv - Agora que falaste de formação lembrei-me que eu acabei por não perguntar qual é a tua formação e se essa formação, neste caso académica, foi preponderante para a intervenção ou para o trabalho no terreno. O que se revelou mais importante?**

**TPE11** - Eu acredito que as duas coisas. A minha formação de base é ciências da educação, fiz a licenciatura em Coimbra. Claro que há coisas que se tivermos atentas nas cadeiras nos trazem sempre algumas ferramentas, quanto mais não seja ferramentas técnicas. Não quer dizer que nós não as tragamos para o terreno, mas de facto não é suficiente. Acho que é preciso uma grande abertura da nossa parte para não nos tentarmos sobrepor ao nosso público porque somos técnicos e porque temos sempre a razão. Se calhar isso acontece noutros lados, mas eu acho que nos devemos colocar sempre em causa e procurar sempre obter mais conhecimento e é isto que esta equipa no geral tenta sempre fazer. Mesmo nas reuniões semanais de equipa tentamos sempre trazer alguma coisa para reflexão para irmos crescendo também.

**Inv - A vossa intervenção identifica-se mais com uma intervenção preventiva, ou remediativa? Fala-me agora um bocadinho deste tema.**

**TPE11-** Eu acredito que o início como estava mais focada nos jovens seria mais remediativa e fomos tentamos fazer mais preventiva na medida daquilo que era possível. Se fosse possível trabalhar com crianças mais novas trabalharíamos porque seria mais eficaz, mas existem as duas situações a preventiva e a remediativa. Há atividades, por exemplo, no 1º ciclo que nós desenvolvemos porque os professores identificam determinado problema naquela turma ou a escola diagnostica algum problema. Portanto já lá existe e nós tentamos dentro daquilo que nós conhecemos e daquilo que nos é possível, desenvolver alguma atividade que permita trabalhar determinadas situações. Portanto em alguns casos é preventiva sim, mas também é remediativa.

**Inv- E que tipo de dificuldades ou obstáculos identificam no vosso dia a dia. Quais foram as maiores dificuldades ou obstáculos?**

**TPE11 -** Um dos maiores obstáculos que felizmente já está ultrapassado há algum tempo foi realmente ganhar a confiança do agrupamento de escolas. Eu recordo-me que há alguns anos atrás a escola era um sistema muito fechado e havia alguns professores que não nos deixavam aproximar com facilidade, entendiam quase como um ataque à instituição escola, ou até a si próprio. Isso felizmente está completamente ultrapassado, tanto que se há alguns anos atrás éramos nós que íamos às escolas propor atividades, agora é ao contrário, portanto isso está ultrapassado. Acho que outro problema e deve ser transversal a todos os *Programas Escolhas* é tudo aquilo que eles vivenciam fora do nosso espaço, porque no tempo que eles passam no nosso espaço, ou na escola conosco nas atividades eles acabam de alguma forma por estarem protegidos e esquecerem-se das vivências deles, em contexto familiar e dentro do bairro. E pronto, nós esperamos que aquilo que nós conseguimos dar no terreno, acho que isso é a esperança de todos os técnicos, tente de alguma forma suprimir aquilo que vem do exterior.

**Inv - E que tipo de atividades vão realizando com estes jovens e crianças, agora mais crianças pelo que percebi.**

**TPE11 –** Dentro da *medida I* da promoção do sucesso escolar, além do apoio escolar propriamente dito, do apoio nos trabalhos de casa e na realização de trabalhos, fazemos

algumas atividades de educação não formal e estas atividades de educação não formal são quase todas dinamizadas na escola e estão relacionados com o desenvolvimento de outras competências, algumas mais académicas e outras mais transversais, mas que os podem ajudar ao longo de todo o seu percurso escolar e não só. Agora perdi-me na pergunta.

**Inv - Que tipo de atividades realizam, as mais importantes ou as que consideram as mais importantes.**

**TPE11-** As que serão mais importantes serão essas, também são dinamizadas durante o ano civil, ou seja, são dinamizadas mais tempo porque o período letivo é maior que o período não letivo, mas são basicamente essas. São atividades nas escolas de educação não formal, atividades que tem a ver com o desenvolvimento de competências TIC, o apoio ao estudo, algumas atividades de desenvolvimento de competências sociais, pessoais e emocionais nos jovens e atividades de voluntariado. Nos tempos letivos as atividades são lúdicas e pedagógicas algumas são completamente lúdicas, mas outras mais pedagógicas e que lhes permitam também desenvolver algumas destas competências. Também damos a conhecer o território, o concelho e fora do concelho porque muitos deles não têm possibilidades de aceder a algumas coisas se não forem os projetos a leva-los.

**Inv- Nas escolas as vossas intervenções não são só com os vossos participantes diretos, acabam por envolver outras crianças, certo?**

**TPE11-** Sim, a maior parte sim. O professor titular inclusive está na sala de aula e colabora.

**Inv- Como é que é esta relação dos bairros com a sociedade? Como é que é esta relação dos pais dos participantes diretos com a sociedade civil? Estão integrados?**

**TPE11 -** São duas realidades um pouco diferentes. O *Bairro de Gondar* que fica numa freguesia muito mais periférica é um bairro muito fechado, um bairro pequeno e distante do centro. E o que é que acontece com esta população? Há muitos que nem sequer conhecem, ou que pouco que conhecem o centro de *Guimarães*. Se lhes perguntarem eles estão completamente distantes e por isso fizemos uma proposta nesta nova candidatura para trabalhar esta pertença à comunidade. Eles estão completamente deslocados daquilo que é as tradições da cidade e se lhes perguntarem de onde é que eles são eles dizem de *Gondar* que é a freguesia, não dizem que são de *Guimarães* e

acabam por se distanciar dos outros miúdos. Para eles são de *Gondar* e não de *Guimarães* e nós tentamos explicar que *Gondar* também é *Guimarães* só que é uma freguesia mais distante do centro. Há meninos que só vão a *Guimarães* se vierem às nossas atividades ou se vierem para a escola secundária, porque senão não saem dali e como a escola EB1 é dentro do bairro e a escola do 2º e 3º ciclo fica pouco distante, eles só saem do bairro para ir à escola e só conhecem aquele território. Depois são poucas as pessoas beneficiárias de *RSI* ou que estão desempregadas nesse bairro, mas as que trabalham, trabalham ali perto numa zona industrial, alias aquele bairro até foi construído ali precisamente por causa de haverem várias indústrias ali perto. Então acabam por não sair muito dali da freguesia e esta relação com a comunidade é muito pequena, muito estreita, muito limitada. No *Bairro da Atouguia* apesar de ser no centro o que nós sentimos é que os jovens também não saem dali, só saem se forem a alguma atividade connosco ou com a escola. Eles pouco conhecem e mesmo que tenham já autonomia para passear na cidade, para conhecer outros locais o que nós sentimos é que eles não saiam dali. Eles também só saem do bairro para ir para a escola e sai da escola e vão para o bairro e isto porque tem ali o grupo de amigos, é onde cresceram e é onde se sentem bem. Depois se algum jovem vai para o ensino secundário e consiga outras relações de amizade acabam por o conseguir tirar dali, mas temos poucos jovens nessa situação.

**Inv- E os pais neste bairro trabalham?**

**TPE11-** A maior parte dos pais das nossas crianças e jovens são beneficiários de *RSI*, ou desempregados. Alguns trabalham, mas fazem a vida ali muito dentro do próprio bairro.

**Inv - E sentem que de alguma são ponte ou fazem a ponte com estas famílias e a sociedade maioritária? Eles recorrem a vocês para algum tipo de apoio?**

**TPE11 -** Isso nós fazemos e a técnica com quem vais falar que é de serviço social faz a ponte com a Segurança Social e o *IEFP* e nós continuamos a dar esse apoio sim, mas de resto a ideia que eu tenho é que os restantes habitantes do concelho também se tentam distanciar do bairro, porque há um certo rótulo embora seja muito perto. Eu não sei se conheces *Guimarães*.

**Inv - Eu estudei em Guimarães.**

**TPE11 -** E conheces o estádio de *Guimarães*?

**Inv - Sim, conheço.**

**TPE11** - Tem lá dois bairros sociais e é um deles o que é conhecido pelo *Planeta dos Macacos*. Eles estão mesmo pertinho, mas realmente a ideia que se tem é que neste bairro só residem pessoas de etnia cigana e o bairro também é muito fechado e não tem nada, não tem comércio. Se calhar se fosse um espaço mais aberto, como noutras zona habitacionais que têm edifícios de apartamentos, mas também têm lojas e comércio os bairros são tão fechados. Só lá vai quem lá reside e eu penso que se criassem serviços em que as pessoas tivessem que ir ali se calhar não seria um local tão fechado.

**Inv- Na vossa intervenção fazem algum tipo de discriminação positiva?**

**TPE11** - Na minha opinião acho que nas atividades que nós desenvolvemos se verifica realmente a discriminação positiva. São atividades que nós desenvolvemos especificamente para a EB1 daqui do bairro do centro onde a maior parte dos alunos era de etnia cigana. A escola identificou que havia muitos problemas de indisciplina e de absentismos escolar e aí sim acho que foi discriminação positiva porque criamos uma atividade que era um grupo musical e que foi mesmo a pensar nas crianças de etnia cigana que tem um grande interesse pela música e uma grande vocação. De resto acho que não, acho que pensamos nas especificidades dos outros meninos também.

**Inv - Aproveito para questionar sobre o absentismo, não existe? Pergunto isto porque ao longo da entrevista praticamente não se falou de absentismo. Não há absentismo?**

**TPE11** - Muito pouco, há um aluno que é de um agregado assim um bocadinho mais complexo [risos] e é uma questão que se continua a trabalhar, mas realmente nós sentimos que a atividade do grupo musical foi uma grande resposta. A câmara municipal é nossa parceira e como o projeto não tinha como pagar, a câmara municipal através do orçamento participativo, julgo eu, financiou este projeto, que pagava os três músicos que estavam com eles e os instrumentos musicais [risos], eles estão completamente apetrechados. No início de cada ano letivo as outras escolas discutiam porque é que este grupo musical ia só para aquela escola e não ia para as outras. Mas esta atividade funcionou porque a escola negociava com os miúdos, ou seja, esta atividade era da parte da tarde e eles só podiam participar se estivesse na escola durante o dia e os professores também negociaram com eles. Eles já fizeram espetáculos em *Guimarães*, já foram à *RTP* e isto realmente fez com que eles trabalhassem esta questão

e outras como a concentração e a atenção porque eles têm que trabalhar imenso estas competências.

**Inv- E qual é a vossa relação com o consórcio?**

**TPE11-** A nossa relação com o consórcio era muito boa porque já eram parceiros de gerações anteriores e já conheciam o nosso trabalho e confiam no nosso trabalho, aliás a relação é de total confiança porque já nos conhecem há muitos anos.

**Inv- Fala-me agora de um caso de sucesso e de insucesso, isto é, um caso que considerem que seja de sucesso e o que foi preponderante para esse sucesso e o mesmo para um caso de insucesso.**

**TPE11** - Isso é muito difícil, mas já que falamos desta criança que eu pensei logo quando foi o absentismo vou dar esse exemplo. É um agregado realmente muito difícil de trabalhar e que já tentamos várias estratégias e não conseguimos. É um agregado de etnia cigana, portanto é um casal com três filhos rapazes e os três passaram pelo nosso espaço, mas foi realmente sempre muito difícil trabalhar com eles. Este é o mais novo e ainda está no 4º ano, mas com os outros mais velhos os problemas eram os mesmos, o absentismo, a indisciplina, a agressividade e nós tentamos de várias formas, mas nós nunca conseguimos trabalhar com os pais. A mãe também tem algumas limitações e era mesmo difícil, eu posso colocar um exemplo muito específico, o mais novo roubava qualquer coisa no nosso espaço e nós contactávamos a mãe para explicar o que é que ele fez e qual seria a consequência dele e a mãe não entendia e acusava-nos, era muito difícil trabalhar e se calhar é um caso de insucesso [risos] não sei, mas foi e continua a ser muito difícil trabalhar com esta família. Um caso de sucesso, temos alguns jovens no ensino superior que era algo que não se verificava há alguns anos. Temos uma jovem que está em Lisboa e é uma situação muito bonita e para mim toca-me sempre no coração porque era uma menina que tinha algumas dificuldades na escola, ela tinha dislexia e outras problemáticas associadas, mas ela era uma menina muito esforçada e muito empenhada e vinha sempre às nove horas certinha para o nosso espaço e trabalhava muito, muito. Foi uma jovem que foi crescendo e que participava em todas as atividades e isso permitiu organizar-se e a aprender organizar o seu tempo. Depois ela tinha um sonho que era ser bailarina, mas os pais nunca tiveram possibilidade de a por no *ballet*, mas a antiga coordenadora não é a de agora, a anterior coordenadora entrou em contacto com a academia de bailado de *Guimarães* e conseguiu coloca-la na academia de bailado, ou seja, ela com 15 anos, já no 10º ano entrou a custo zero e

começou a aprender *ballet*. E lá foi ela cheia de coragem para o meio das pequenitas, ela ia a pé, no final das aulas, no escuro, na chuva ela ia para as aulas de *ballet* no meio das pequenitas. Depois candidatou-se para o ensino superior para um curso de Lisboa, mas não conseguiu à primeira, tentou à segunda e conseguiu e está lá. Está lá, fez um curso, está a fazer bailados, está a fazer coreografias e está lá a cumprir o sonho dela. Temos outro jovem que também terminou a licenciatura em Biologia, Geologia, e foi sempre um jovem que acompanhou muito o nosso espaço. Ele fez na Universidade do Minho, ia para as aulas e vinha nos apoiar e já terminou a licenciatura. Ainda temos outra jovem que está em direito em Coimbra e outra que está em Viana do Castelo.

**Inv - Não estamos a falar de crianças de etnia cigana, pois não?**

**TPE11** - Não, de etnia cigana tivemos uma menina em quem nós depositávamos muitas esperanças, ela chegou ao ensino secundário sem retenções. Era uma menina que gostava muito da escola e que sonhava ser veterinária, só que esta menina foi criada com uma senhora que é a madrinha dela da nossa etnia, portanto enquanto ela esteve com a madrinha ela foi fazendo este percurso, mas no dia em que o pai dela saiu da prisão ele obrigou-a a casar e a sair da escola. Temos agora outra menina em quem temos esperanças, está no 9º ano e quer ter uma profissão, sonha ter uma profissão, mas vamos ver [risos].

**Inv - Sentem de alguma forma que esta questão cultural, neste caso da etnia cigana que é um entrave à vossa intervenção?**

**TPE11-** Sim, pelo menos a etnia cigana dos nossos bairros, aquela que nós conhecemos, porque nós já conhecemos pessoas de etnia cigana de outros lugares que têm a mente mais aberta, aliás eu assisti uma formação que foi dinamizada por dois elementos de etnia cigana, um homem e uma mulher e eles tem um percurso completamente diferente. No nosso bairro o que nós sentimos é que eles ainda têm estas tradições tão enraizadas, tão entranhadas e por mais que nós tentemos não temos realmente conseguido. O que nós notamos é que na geração mais jovem, principalmente nas meninas há esta vontade de ser diferente, de continuar os estudos, mas depois quando os pais impõem elas não conseguem dizer que não, não conseguem abandonar, é muito difícil.

**Inv - O projeto tem feito diferença na vida destas crianças e destes jovens? Sentem que fazem diferença e têm impacto nas suas vidas?**

**TPE11-** Eu acho que sim e pelo discurso deles eu acho que grande parte do impacto que nós temos é realmente devido a esta relação de proximidade que nós conseguimos ter com alguns, porque a partir daí consegue-se fazer muita coisa e eu acho que se não houver esta relação de proximidade, de confiança e eles perceberem que nós estamos lá, não conseguimos fazer a diferença. Eu penso assim, eu acho que se eles mudam a forma como veem a escola, se eles mudam a forma que veem as relações de amizade, como veem a vida, como desenham o seu projeto de vida, eu acho que isso nós só conseguimos fazer depois de estabelecermos esta relação com eles. Aí sim conseguimos trabalhar outros aspetos e o que eles dizem é que às vezes chegam ao nosso espaço com muitas dificuldades, com falta de interesse, com alguma incerteza daquilo que são, ou daquilo que querem fazer e a presença deles e esta proximidade muitas vezes permite-nos dar-lhes alguma orientação que eles não têm dentro de casa. Nós temos um jovem que agora felizmente já está a trabalhar, mas andou ali muito tempo no espaço e não foi a mãe, nem tem outra pessoa da família que o foi acompanhando, nós é que tínhamos que lhe dar um empurrão e levá-lo às entrevistas e procurar emprego com ele. Às vezes basta isto, basta estarmos lá, basta estarmos atentos, mas para exigir tem que haver amor e amizade senão também não aceitam as nossas exigências, acho eu.

**Inv - E qual é a finalidade, a grande finalidade do projeto ou da vossa intervenção?**

**TPE11-** Eu acho que é esta pertença à escola, à comunidade que lhes vai permitir depois traçar este projeto de vida, porque se eles desde pequenos não se interessam pela escola que é à partida onde eles vão encontrar alguma coisa que gostem de fazer, ou se eles não estão bem no local onde moram e não procuram coisas positivas é fácil criar aqui alguns desvios. Eu acho que é essa a nossa missão, nós estarmos lá e mostrar-lhes que têm ali um espaço onde podem estar e que têm pessoas que podem confiar e transmitir-lhes este sentimento de pertença ao dizer *“vocês estão aqui, vocês estão bem, é aqui que vocês devem estar, é aqui que vocês vão aprender, aqui no nosso espaço, na escola para um dia poderem ser aquilo que sonham ser”*.

**Inv- Para a última questão queria que descrevesse o projeto ou a vossa intervenção numa palavra chave. Consegues?**

**TPE11-** [risos] Micaela a propósito da *Academia Ubuntu* que foi uma grande aposta na candidatura anterior e como todos já passamos pelo *Ubuntu* de alguma forma na equipa e levamos também algumas crianças e alguns jovens em vez de ser uma palavra chave vou deixar uma frase chave que é eu sou porque tu és. É assim que muitas vezes

terminam as nossas mensagens e emails. Não estou a ser de todo romântica, na última formação que tivemos em dezembro, também a propósito do tema comunicação, num dos exercícios eu disse que em 16 anos de atividade profissional nunca houve um dia que me custasse a sair de casa, ou que não me apetecesse trabalhar e felizmente tenho essa graça na minha vida. E se um dia tiveres oportunidade de conhecer a equipa, vais entender aquilo que quero dizer. Não foi sempre assim, não fomos sempre esta equipa, mas esta equipa está, felizmente, num ponto muito grande de amizade, coesão, ligação emocional e alinhamento profissional. Estamos num ponto muito grande de maturidade e a equipa faz toda a diferença.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.4.12. ENTREVISTA TPE12

## **Transcrição da Entrevista - TPE12**

**Data** - 17 de fevereiro de 2021

**Hora e local** -17horas, via ZOOM

**Duração**- 45 minutos e 10 segundos

**Investigadora (Inv) – Boa tarde! Estamos aqui reunidos com uma técnica do projeto *Porta 7 E7G*, a quem vou dar a palavra já de seguida. Boa tarde, muito obrigada por teres aceite este desafio. Para começar queria que nos falasses do projeto *Porta 7 E7G*.**

**TPE12-** Primeiro vou contextualizar um bocadinho esta minha entrada no *Programa Escolhas*. Eu moro aqui no bairro onde começou o *Programa Escolhas* e comecei a trabalhar no *Programa Escolhas* como dinamizadora comunitária, tive seis anos a dinamizadora comunitária e apesar de só ser permitido três anos eu estive seis porque na altura recebi um diploma de mérito através do *Programa Escolhas* e foi-me possibilitado ficar mais três. Entretanto tive que sair naquele período de candidatura e voltei passado três meses, como animadora. Neste período em que estive como animadora, desempenhei o papel da animadora e monitora *CID* durante algum tempo. Entretanto voltei a ir para a universidade porque eu estive em Braga dois anos em sociologia, mas percebi que não era o meu curso [risos] e então depois fui para o Porto tirar ciências sociais com uma vertente mais especializada no serviço social. Entretanto em 2019 passei a técnica superior de serviço social, ou seja, já são muitos anos de *Programa Escolhas* e de muitas formações. Falando agora um bocadinho do *Porta 7*, porque eu agora já não estou com o *Programa Escolhas*, aliás estamos em processo de candidatura, mas eu agora assumi outro projeto, convidaram-me para estar noutra projeto que é a 4ª geração do *CLDS* que é mais virado para o emprego e formação. Pronto o *Porta 7* faz intervenção em dois bairros sociais cá do concelho de *Guimarães* que é o *Bairro da Atouguia* e o *Bairro de Gondar* e trabalha muito na área do sucesso escolar que é a nossa maior preocupação. Este trabalho assenta muito na educação não formal, ou seja, usamos muita a metodologia do *Ubuntu*, trabalhamos muito a questão da gestão emocional e da regulação emocional. Começamos a intervir cada vez mais em contexto escolar porque percebermos quando eu estive como dinamizadora, nas

atividades de mediação nas horas de almoço e nos recreios, que tínhamos bastantes conflitos e violência, principalmente na escola mais próxima aqui do projeto, que é uma escola onde uma grande parte das crianças é de comunidade cigana. E foi isso, como não havia atividades estruturadas para os miúdos havia muitos conflitos e foi assim que começamos a intervir nas escolas à hora de almoço e nos recreios. Depois percebemos efetivamente que o comportamento dos miúdos foi mudando de alguma forma com este acompanhamento e atividades estruturadas dentro do recinto escolar. Estas atividades trabalhavam a questão das emoções, a questão emocional, os comportamentos, a indisciplina que eram os problemas que o agrupamento se queixava muito. E pronto foi assim que começamos a trabalhar esta comunidade e eu confesso que tenho alguma aproximação porque eu cresci cá, muitos já me conhecem e facilitam um bocado esta integração e esta intervenção com eles e foi assim que foi surgindo esta intervenção e esta mediação intercultural. Eu tinha pais a dizerem-me muitas vezes “*ele só vai se tu fores*” e isto porque eles já me conheciam, já havia aqui uma relação de confiança e que facilitava muito mais o trabalho, sem dúvida.

**Inv- Ia precisamente questionar as estratégias que utilizaram na vossa intervenção para atrair o vosso público alvo. Como fizeram para chegar até às crianças e jovens do projeto. O facto de pertenceres ao bairro ajudou nesse processo?**

**TPE12** - Sim, eles acabam por me ver com um exemplo e depois é muito esta relação. Como eu cresci aqui e as pessoas conhecem-me acabam por confiar, porque a etnia cigana tem muito esta dificuldade de confiar e principalmente confiar os filhos. Muitos deles não autorizam a fazer saídas fora da cidade, a participarem noutra tipo de atividades, mas como eu já estava aqui e efetivamente nós já estamos aqui há muito tempo o projeto foi criado uma identidade. Depois de ter uma identidade criada, depois de haver esta relação de confiança torna-se muito mais fácil, claro

**Inv- E na vossa intervenção diária que técnicas ou que estratégias vocês adotam nesta intervenção com as crianças, jovens e famílias.**

**TPE12** - Nesta questão da responsabilidade parental eu como técnica de serviço social faço esta mediação escola família, ou seja, eu contacto a assistente social do agrupamento, ela diz o que se está a passar e eu entro em contacto com a família e tentamos aqui resolver porque às vezes é difícil haver uma relação escola família e torna-se mais fácil quando há assim um mediador, um intermediário que simplifica se calhar um bocado as situações. Por exemplo, eu estive muito presente na fase das

inscrições para as matrículas porque havia essa necessidade de fazer a matrícula e há muitas famílias que não tem transporte para ir ao agrupamento, ou têm dificuldade em preencher, ou não sabem que documentos levar. Então o pai ou a mãe iam ter comigo e eu fazia o preenchimento e encaminhava para a escola. Depois eu também faço apoio ao gestor de habitação social que é o *IRU* e também há muito essa procura da parte dos familiares principalmente da etnia cigana por causa de questões de renda, revisões e pagamentos. Acho que se foi criando aqui uma estratégia, uma relação de confiança e depois aproveitamos estes contactos da parte deles, quando eles precisam, para falarmos de outras questões dos miúdos *“olhe ele está a faltar, ele não fez as tarefas ou a assistente social da escola referiu isto, referiu aquilo. Vamos tentar aqui trabalhar de alguma forma, o que é que você sente?”*. E pronto acho que de certa forma vamos conseguindo lidar, é claro que ainda há muito trabalho a fazer, era ótimo que não houvesse, porque era sinal que estava tudo bem, mas há faz e quando não houver se calhar não faz sentido esta intervenção.

**Inv- Era de facto muito bom sinal se deixasse de haver necessidade da vossa intervenção. E qual é o papel da comunicação aqui no vosso trabalho?**

**TPE12** - Primeiro é comunicar de igual para igual, as colegas têm uma ótima relação todas, mas o facto de eu pertencer à comunidade e de muitos me conhecerem e já ter criado outro tipo de relação facilita outras coisas, porque é me confessado outras coisas que se calhar não falam com outros técnicos e eu consigo avaliar outras situações e entender outras questões e situações. Portanto acho que a comunicação para mim é a base, porque se nós não conseguimos comunicar ou até comunicar da mesma forma que eles e sem ser muito autoritário do tipo eu é que sei, eu é que mando, ou devia fazer assim, devia fazer assado. Há uma relação de partilha, eles partilham muito *“ai eu estou nisto, eu estou naquilo”* e nós acabamos, ou eu acabo por partilhar *“ok está-se a passar isto, mas penso que já tem isto, que conseguiu isto”* e pronto vamos tentando que a situação efetivamente melhore, mas é um processo gradual e leva o seu tempo.

**Inv- Dentro da comunidade imagino que sejas vista como exemplo, certo?**

**TPE12** - É provável [risos], eu nunca fiz essa avaliação, mas é provável [risos], mas é provável, sim.

**Inv- Mesmo dentro do próprio Programa Escolhas não devem ser muitos casos de dinamizadores comunitários que viraram técnicos, certo?**

**TPE12** - Há alguns, há alguns sim. Eu enquanto fui dinamizadora conheci muitos outros dinamizadores, porque uma das regras entre aspas do dinamizador era que ingressasse no mínimo com o 9º ano, mas que ao longo dos 3 anos fosse aumentando a escolaridade ou a formação acadêmica. Eu quando ingressei já tinha acabado o 12º ano, foi em 2009 que entrei, portanto tinha acabado o 12º há pouquíssimo tempo, há 2 meses e fui conhecendo até muitos dinamizadores de etnia cigana, por exemplo a *Vanessa* do *Geração Tecla* não sei se conhece.

**Inv- Sim, será uma das pessoas que irei entrevistar.**

**TPE12** - Eu conheci a *Vanessa* como dinamizadora comunitária num dos encontros e eu acho que ela acabou por ir para universidade e o companheiro atual dela também era dinamizador comunitário de outro projeto, ou seja, conheci muitos dinamizadores que tinham essa perspectiva de seguir estudos. Claro que às vezes para eles torna-se mais difícil porque eles formam a família muito cedo e têm essa ambição de formar família muito cedo, mas conheci muitos dinamizadores comunitários que gostariam de ter seguido os estudos e a *Vanessa* também passou de dinamizadora a técnica.

**Inv- O Programa Escolhas aposta muito no empoderamento e na formação dos técnicos, vocês no terreno acabam por ter esse mesmo papel com os participantes do projeto?** **TPE12-** Sim, tentámos capacita-los com ferramentas para que consigam delinear o caminho deles, apoiamos neste caminho e tentamos capacita-los com algumas atividades estruturantes. Por exemplo o *Ubuntu*, esta questão da autovalorização, do autoconhecimento, da autoconfiança, trabalhar muito a relação com o outro, trabalhar muito esta parte emocional de gerir emoções. Nós sentimos que há uma grande dificuldade e todos os problemas nascem muito nesta questão da regulação emocional. Eles não conseguem regular aquilo que sentem e então a única forma que eles conhecem de reagir às situações é a agressividade “*eu ofereço-te isto, eu ofereço-te aquilo, eu faço-te isto, eu faço-te aquilo*”. E nós tentamos com as nossas atividades, com as nossas intervenções no seio familiar, com esta intervenção muito dentro da escola, em ambiente e contexto escolar, trabalhar essas competências a nível emocional, social e pessoal para que consigam lidar com o outro sem ser de forma agressiva, ou aprenderem a lidar com situações de frustração. Muitas vezes quando não se consegue lidar com as emoções há situações de agressividade e pronto tentamos dar algumas ferramentas e capacita-los para que consigam efetivamente lidar com situações limite.

**Inv- Ao nível das emoções que tipo de intervenção faziam?**

**TPE12** - Eu confesso que nunca dei este programa que é o *Dropi* da *Associação Unificar*, mas nós temos algumas colegas que fizeram a formação e trabalhamos muito isso. Eu só dinamizei o *Ubuntu*, porque eu fiz a *Academia de Líderes do Ubuntu* que trabalha os cinco pilares e trabalha os líderes seguidores. Mas trabalhamos muito à base de programas estruturados, que tem uma avaliação própria e depois temos atividades mais pontuais e de férias, porque nas férias nós também conseguimos realizar atividades em grupo e vamos fazendo algumas dinâmicas que trabalhem a relação entre grupo, a interajuda e a relação interpessoal.

**Inv-** **Nas vossas atividades participam apenas crianças e jovens do bairro ou há aqui alguma preocupação com questões como a inclusão de outras crianças de outros contextos?**

**TPE12** - Depende da atividade, nós como trabalhamos em dois bairros tentamos sempre fazer uma atividade com os dois bairros, e que haja atividades em conjuntos, mas depende. Depois temos parcerias por exemplo com a *Casa da Juventude* e no verão há uma semana em que fazemos atividades só com a *Casa da Juventude* em que participam outras entidades do concelho que levam outros miúdos. Também fazemos algumas atividades com uma empresa municipal que trabalha a habitação social, ou seja também trabalhamos com os seus beneficiários e participantes. Maioritariamente as atividades são para os nossos participantes dos dois bairros, mas não só, nós temos muitos meninos nas escolas que intervimos e não são propriamente do bairro. No período de férias é mais fácil e fazemos atividades com outras entidades, com centros juvenis, por exemplo nós fazemos sempre no verão um torneio que entra as *Oficinas São José* e o *Lar de Santa Estefânia* que são meninos que estão em casas de acolhimento e nós achamos que é importante porque há ali alguma rivalidade e acaba por haver um conhecimento das experiências das outras pessoas. Depois temos a colónia de férias que é aquela atividade que vamos *Torres Vedras*, para Lisboa dez dias e eles conhecem pessoas de todos os sítios do país. Eu faço a colónia há doze anos os dez dias sempre [risos]. É muito bom, já levamos vinte e poucos jovens e já levamos trinta e cinco miúdos [risos], mas é bom. Nós temos colegas que fazem turnos, mas eu confesso que a mim dá-me sempre muito mais gosto de fazer os dez dias, porque é um processo. Nós entramos no primeiro dia com aqueles miúdos, alguns vão sem regras, nem sabem como é que aquilo funciona é tudo novo, mas depois com o decorrer daqueles dez dias há uma mudança brutal e é bom ver isso, é bom passar estes momentos e perceber e criamos uma ligação com os

miúdos, principalmente com os mais velhos que é mais difícil. E conseguimos perceber coisas que não conseguíamos perceber antes, porque eles estão fora da zona de conforto, fora dos olhares dos pais e então conseguimos perceber muita coisa.

**Inv- Como é que é a relação da população nos dois bairros e a sociedade maioritária, eles estão integrados? Qual o vosso papel nessa relação?**

**TPE12** - Nós assumimos a nossa identidade no concelho e começamos a conseguir fazer algumas coisas que envolvesse a comunidade de etnia cigana e um dos trabalhos que tivemos foi um curso de fotografia que também foi realizado na escola com a comunidade cigana e como sabes os ciganos gostam muito de fotos. Depois fizemos uma exposição no centro da cidade com outras pessoas, com pessoas ligadas à Câmara Municipal e ligadas ao concelho e foi bonito. Primeiro foi bonito porque quem fotografou foram os miúdos e eles verem as fotografias deles expostas foi bonito e também foi bonito os pais participarem. É claro que houve muito empenho da nossa parte porque tivemos que convidar os pais e explicar que ia haver isto e foi muito giro. Depois fazemos também fazemos uma atividade que é para toda a comunidade, para quem quiser participar e a comunidade cigana participa em grande porque é tudo a preços muito simbólicos, as refeições e assim. Agora que eu estou nesta área do emprego consigo perceber que eles efetivamente não estão integrados e que é muito difícil, porque existe efetivamente muito preconceito e eu percebo, é legítimo da parte das pessoas haver preconceito. É legítimo porque há um historial, há um estereótipo criado pela etnia cigana, ou seja, muitos exemplos e experiências que as pessoas tiveram e existe muito e confesso que isso dificulta muito o nosso trabalho. Eu há uns tempos fiz a entrevista a um cigano por causa de um emprego, uma ficha de inscrição e ele manifestou-me que gostava de trabalhar, mas que sabe que por ser de etnia cigana não lhe vão dar trabalho. Como nós somos os representantes desta intervenção e a nossa ideia é fazer integrações profissionais uma das nossas soluções será sermos nós a acompanhá-los à entrevista e depois fazermos um acompanhamento da integração na empresa, ou seja, vamos ligando à empresa a perguntar como é que está a correr, como é que a pessoa se está a dar e haver também aqui um apoio à empresa nesta questão de integrar as pessoas da comunidade cigana, porque não são todos iguais e há muitos bons. Enfim, eu percebo que exista este preconceito, não concordo, mas percebo.

**Inv- Descreve-me agora um caso de insucesso junto da vossa população alvo e claro, um caso de sucesso e explicar no caso de sucesso se a vossa intervenção foi crucial.**

**TPE12** - Nós temos uma miúda que atualmente trabalha na *Fraterna* connosco, ela vinha de um agregado familiar onde havia violência doméstica, alcoolismo e ela é homossexual, é lésbica. Era uma miúda cheia de problemas, revoltadíssima e a nível escolar foi muito difícil ela fazer o 12º ano, mas era uma miúda cheia de talentos como por exemplo para o futebol, o rãguebi, a repercussão, a dança, aliás ela foi minha aluna de dança no projeto durante muito tempo. E pronto, fomos trabalhando muito com ela e percebemos que ali havia uma fonte de talento enorme e que ela tinha um coração enorme. Ela neste momento trabalha no centro de terceira idade, tem uma paciência, é um doce e está integrada na *Fraterna*, conseguimos isso. A mãe infelizmente há pouco tempo teve um ataque cardíaco e ela ficou a olhar pela mãe, mas felizmente a mãe recuperou bem, mas depois havia mais dois irmãos e havia um distanciamento entre eles por causa desta questão toda com o pai que, entretanto, saiu de casa. O pai era o que causava os maiores problemas, mas a mãe tem imensos problema de saúde é diabética, tiroide, tem alguns problemas de saúde e já não trabalha há muito tempo, portanto as condições económicas sempre foram muito baixas e o irmão chegou a consumir haxixe. Ela sempre carregou a família às costas, mas ela fazia aquilo com uma paixão e uma delicadeza que e é bonito de se ver agora que estão os três a morar juntos com a mãe. O irmão, entretanto, foi pai e ainda estes dias lhe liguei porque ela era minha vizinha de porta, eu vi-a crescer, ela e aos dois irmãos e temos esta relação. E a irmã mais nova também me ligava montes de vezes com questões da fase da vida, questões femininas e é tão bom eu agora olhar para eles e sentir que eles andam leves, são tão chegados, que há um companheirismo tão bom e deixa-me muito feliz, acho que é um caso de muito sucesso [sorriso]. Trabalham todos menos a mãe porque é doente, mas os três filhos trabalham todos e tesão em bons trabalhos, ela trabalha na *Fraterna*, o irmão trabalha é chefe de armazém numa fábrica e a irmã mais nova trabalha no hospital na parte da cozinha. Todos apoiam muito a mãe e gostam imenso do sobrinho que é assim um amor louco, portanto acho que é um bom caso de sucesso.

**Inv- E de insucesso?**

**TPE12** - Para mim é um bocado difícil porque os casos de insucesso na minha opinião ainda não estão terminados [sorrisos], ainda se pode fazer alguma coisa. Assim de

repente um caso de insucesso nem sei bem identificar. Há um caso que eu não considero de insucesso, mas nós temos uma menina que era filha única e que já perdeu o pai há muitos anos, portanto é só ela e a mãe. A senhora trabalha imenso e ela fez o 12º ano e tinha imensas competências é uma miúda super inteligente, com imensas competências e nós sempre pensamos que ela ia para a universidade, sempre pensamos que ela fosse ingressar no ensino superior porque até a nível económico não tem dificuldades, mas infelizmente começou a trabalhar num café e habitou-se àquilo. Nós achamos que ela tinha competências para ser o que ela quisesse, mas há um vínculo muito grande com a mãe porque também ia deixar a mãe sozinha e acho que ela sente muita responsabilidade apesar de não haver dificuldades económicas. Ela sente muita responsabilidade e quer ajudar a mãe com as contas e se calhar é aquele caso que eu consigo identificar que as nossas expectativas eram que ela fosse para o ensino superior porque tinha tudo para dar certo e não foi, mas ainda vai a tempo [sorrisos].

**Inv- A vossa intervenção identifica-se mais com uma intervenção preventiva ou mais remediativa?**

**TPE12** - Preventiva, nós trabalhamos dos 6 aos 25 anos. Tentamos sempre trabalhar a prevenção dos comportamentos, mas efetivamente os comportamentos já existem e por isso também é remediativa. Faria sentido intervir antes dos 6 anos, mas nós não conseguimos intervir porque o *Escolhas* não nos deixa, mas a partir dos 6 começamos a trabalhar no centro e nas escolas para a prevenção de comportamentos de risco.

**Inv- Existe neutralidade na vossa intervenção? Costumam fazer algum tipo de discriminação positiva?**

**TPE12** - Eu tento ser um bocadinho mais neutra. Quanto à discriminação positiva é difícil porque os miúdos não sabem o que é que é discriminação positiva e se calhar o que para mim está a ser uma discriminação positiva eles podem entender de forma errada. Então eu na minha leitura prefiro manter-me neutra às situações, analisar efetivamente, mas tentar ser um bocadinho mais neutra e ser sempre justa, tentar nunca ferir ninguém e ser sempre justa e com na base da equidade.

**Inv- Qual é a grande finalidade da vossa intervenção?**

**TPE12** - Ajudar a construir caminhos na minha opinião. Dar ferramentas e estratégias para que cada um consiga construir o seu caminho de uma forma saudável e com sucesso. Tentar construir caminhos e tentar que eles apesar de viverem em territórios de

exclusão social e de mais de vulnerabilidade consigam perceber que existe as mesmas oportunidades e dar oportunidades. Dar oportunidades porque elas existem, nós temos é que estar abertos a elas. Eu sou exatamente do mesmo contexto e segui os estudos e tenho trabalho na área, portanto elas existem e aliás todo o meu grupo de amigos do bairro também seguiram aquilo que queriam. Portanto acho que é isso, é ajudar a construir caminhos, ajudar a dar ferramentas para que possam ter caminhos de sucesso. E dar-lhes a entender que nós estamos sempre cá e isto é mesmo engraçado porque nós tivemos um miúdo que nos procurou há relativamente pouco tempo que já não frequentava o nosso projeto há imenso tempo e é bonito de ver que eles ainda se lembram de nós, ainda nos procuram quando têm algum problema. Acho que também é um bocadinho isso, é nós conseguirmos marcar de certa forma a vida deles. Há uns tempos umas ex participantes fizeram um gesto muito bonito a uma colega e a colega agradeceu e a resposta delas foi “*eu não estou a fazer mais do que aquilo que fizeste por mim*” e é bonito ouvir isso, é gratificante.

**Inv- Se o projeto por algum motivo deixasse de existir, que impacto teria na vida dessas crianças e jovens que vocês estão a apoiar?**

**TPE12** - A nível de financiamento importa muito porque nos permite fazer atividades que a entidade gestora não tem possibilidades de acarretar e acho que seria muito por aí. Porque a intervenção essencial irá continuar, agora a nível de atividades que envolvem mais custos iria ser mais difícil, sem projeto não conseguimos suportar.

**Inv- Falando agora de uma situação de conflito, poderias descrever uma situação e a forma como o resolveram ou procuraram resolver?**

**TPE12** - É muito difícil, eu confesso que é muito difícil. Vou contar uma situação que se passou mesmo comigo no nosso antigo espaço que ficava por baixo de um prédio, de outras habitações e em cima desse prédio existia uma família de etnia cigana que é um casal mais velho e que têm montes de sobrinhos e netos. Eu confesso que é a família que mais nos dá problemas, nos causa conflitos e que também é muito difícil de intervir. Já tentamos de mil e uma maneiras, já teve *CPCJ*, a *EMAT* e continua a ser um processo difícil. Nós na altura tínhamos um miúdo brasileiro, de *Búzios*, que também era um bocado conflituoso e houve um conflito enorme que ficou resolvido, nós conseguimos resolver a falar com os dois miúdos, no entanto o miúdo de etnia cigana passou-se e voltou a agredir o miúdo brasileiro, uma agressão física no meio da rua. Uma das nossas regras é que quando há agressão não podem ir às atividades e eu disse que ele não ia à

atividade e o que é que ele faz? Começa a berrar para a mãe “*eu não vou à atividade ela disse que eu já não ia à atividade*” e gerou-se de um momento para o outro um conflito familiar. A mãe veio resmungar porque não estava a entender que este conflito era outro “*foi ele que começou e ele também tem que ser castigado e não pode ir*”. Depois vem um primo desse rapaz que criou o conflito de etnia cigana e dá um estaladão ao rapaz brasileiro. Confesso que na altura até fiquei com vontade de chorar porque não sabia o que havia de fazer e estava-se ali a criar uma bola num conflito que era uma coisa que já estava resolvida, mas o miúdo de etnia cigana não soube lidar com a sua emoção e passou logo para a agressão de uma coisa que já estava resolvida. Depois acabou por agredir também uma prima de etnia cigana e foi aqui misto de situações. Depois tive uma vizinha que veio em meu auxílio e que estava a dizer “*ela tem razão, não sei quê e não sei que mais*”. Por fim não houve atividade para ninguém e eu não sai com nenhum dos miúdos, foram dois meses para casa e depois conversamos, mas foi muito difícil.

**Inv- Existe absentismo? Têm tido resultados positivos neste objetivo?**

**TPE12** - Reduzimos efetivamente, temos muito menos absentismo, mas continuamos a trabalhar esta questão escolar do insucesso. O absentismo apesar de ser menor ainda existe um bocadinho e acho que a valorização da escola também está mais evidenciada.

**Inv- E perante uma situação de absentismo como atuam?**

**TPE12-** Nós efetivamente não fazemos nada, a escola é que faz uma sinalização à *CPCJ*. Agora nós tentamos é criar atividades para combater o absentismo. Nós criamos um projeto que até foi a coordenadora antiga que criou a *Cool Band*, que é um projeto musical que já está na escola *Nossa Senhora da Conceição* há algum tempo e é muito virado para a comunidade cigana. Como eles gostam de música e de instrumentos só podem ir à *Cool Band* se forem às aulas e se houver bom comportamento e esta atividade funciona. Depois vamos tentando fazer algumas atividades com o objetivo de eles valorizarem a escola e queiram ir à escola.

**Inv- Se te pedisse para definires a vossa intervenção numa palavras chave qual escolherias?**

**TPE12** - Abrigo, talvez. Acho que apesar de todas as desconfianças e problemas que podem surgir somos sempre um. Há um problema e eles veem-nos procurar, há uma dificuldade menos grave e eles veem-nos procurar, acho que somos um refúgio, ou um auxílio quando há um problema. Acham que somos sempre a solução.

**Inv- Muito obrigada pelo contributo, gostei muito.**

## A.5. SINOPSES DAS ENTREVISTAS

## A.5.1. SINOPSE TPE1

## Sinopse da entrevista – TPE1

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	Criação do projeto	<p>“[...] O projeto surgiu do término do Tetris, [...] em 2019 [...] aquela zona era uma zona muito carenciada e que precisava mesmo de intervenção, pois nunca tinha sido trabalhada, [...] a Cáritas abraçou este projeto e com a ajuda da Bárbara, na altura, conseguiram avançar e conseguiram a aprovação da candidatura. [...]”</p>	Surge em 2019 com o término do projeto Tetris
	Missão e objetivos	<p>“[...] A diminuição do absentismo escolar, a integração no mercado de trabalho da população, o aumento de competências. [...] igualdade de género [...] os objetivos passam muito por aí, igualdade de género, aumento de competências, promoção do sucesso escolar, redução do absentismo escolar, [...] formar para as competências, para as TIC, [...].”</p> <p>“[...] Nós estamos a tentar potenciar e o nosso objetivo enquanto projeto também é muito por aí, envolver a comunidade cigana com a comunidade não cigano através das comunidades práticas, da dinamização de oficinas de competências, mas temos noção que é um caminho que ainda tem muito para ser percorrido. [...]”</p>	Objetivos – diminuição do absentismo, integração mercado de trabalho, aumento de competências, promoção do sucesso escolar, TIC  Envolver a comunidade cigana com a não cigana
	Palavras chave	<p>“[...] Resistência, muita resistência, dificuldade de intervenção [...] Não desistir da comunidade, continuar a incluir a comunidade. [...]”</p>	Resistência

	<p><b>Área de formação dos técnicos</b></p>	<p><i>“[...] A área de formação foi uma mais valia para o trabalho com esta comunidade, porque nunca tinha trabalhado antes, mas as ferramentas que nós adquirimos ao longo do nosso percurso académico ajudaram-nos, ou neste caso ajudaram-me a conseguir ter uma intervenção diferente. [...] E nós isso vamos aprendendo ao longo do percurso profissional e não só, mas também ao longo da nossa vida e eu digo isto muitas vezes, que foi, eles colocaram-me à prova muitas vezes, mas quando digo muitas vezes foram muitas vezes mesmo e se eu não tivesse aqui o estofo, ou a bagagem que nós temos, nós enquanto educadores sociais. [...] uma disposição mais fácil para intervir com esta população, enquanto que outras áreas não a têm e portanto, acho que sim, que ser educadora social me facilitou aqui a vida no trabalho com esta comunidade. Sim, sem dúvida alguma. [...]”</i></p>	<p>Educação social e foi uma mais valia para este trabalho.</p> <p>Perfil de educadores sociais</p> <p>Educação social e foi uma mais valia para este trabalho</p>
<p><b>Contexto de intervenção do projeto</b></p>	<p><b>Contexto de intervenção</b></p>	<p><i>“[...] aquela zona era uma zona muito carenciada e que precisava mesmo de intervenção, pois nunca tinha sido trabalhada, [...] Parte desta população, principalmente a do acampamento do S. Gregório vive em condições pouco dignas, em acampamentos, sem as mínimas condições e que não estava disponível nem aberta para receber ninguém fora da comunidade. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Felizmente a nossa intervenção é mais bairro, porque a nossa sede é muito pequenina. Então nós temos que estar diretamente no bairro, até mesmo por recomendações da delegação de saúde, nós temos que fazer um trabalho mais no bairro. O que é mais gratificante e nos dá mais ferramentas para trabalho, porque acabamos por estar diretamente com a população, no sítio em que eles se sentem mais à vontade e acabámos por trabalhar mais com eles. [...]”</i></p>	<p>Zona que nunca tinha tido intervenção</p> <p>No S. Gregório vivem em condições pouco digna</p> <p>Intervenção em contexto de bairro</p>

	<p><b>Caraterização do Público-alvo</b></p>	<p><i>“[...] muitas delas têm baixas competências, porque infelizmente não sabem ler nem escrever e este ano apercebemos disso quando tivemos que fazer o pedido manuais através dos Vouchers. Em que elas não sabiam sequer a data nascimento, não sabiam sequer como procurar no bilhete entidade o número do cartão de cidadão, por exemplo. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Muitos deles estão integrados na sociedade, mas ainda temos alguns que não estão e são marginalizados. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Nós em Braga trabalhamos com o S. Gregório e Penedo, e no Penedo estão realojadas famílias que vieram de Vila Verde. E então eles dizem que eles não estão tão integrados na sociedade, que estão um bocadinho à parte da sociedade. [...] o público alvo da Praceta diz que os do Monte S. Gregório e do Penedo são Galegos. [...] São Galegos, portanto não são muito aceites pela sociedade, mesmo pelo aspeto físico, a forma de vestir e acabam por ficar um bocadinho à margem. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Eles são muitos fechados [...] A relação da comunidade cigana com a comunidade não cigana é quase inexistente, [...]”</i></p>	<p>Baixas competências</p> <p>População marginalizada</p> <p>População do Penedo e do Monte S. Gregório são excluídos e discriminados por serem Galegos</p> <p>Muitos fechados, não existe relação com a comunidade maioritária</p>
<p><b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b></p>	<p><b>Integração do público alvo no projeto</b></p>	<p><i>“[...] Foi muito trabalho porta a porta. [...] Mulheres, num bairro diferente, com uma população diferente, não foram bem aceites como é óbvio no início. Elas tiveram aqui um trabalho muito árduo de porta a porta, muito trabalho também feito nas escolas, em que as colegas estavam nas escolas nos intervalos, faziam aqui um contacto de maior proximidade com os miúdos, falavam do projeto e depois os miúdos levavam um documento para casa, para informar. [...] foi muito trabalho de desbravar terreno, porque era um trabalho que ainda não tinha sido feito. [...]”</i></p>	<p>Trabalho porta a porta de divulgação</p> <p>Inicialmente não foram bem aceites pelo facto de serem técnicas mulheres</p> <p>Trabalho feito nas escolas de divulgação</p>

		<p><i>“[...] Portanto foi um trabalho difícil e como eu disse só foi possível esta aproximação mais no final do projeto. [...]”</i></p>	<p>Difícil integração e aproximação só foi conseguida quase no final do projeto</p>
	<p><b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><i>“[...] no ano passado reduzimos, conseguimos reduzir o número do absentismo escolar através do nosso mediador intercultural que fazia a ponte entre a escola e a comunidade. [...]”</i></p> <p><i>“[...] parceria com o Incorpora e com o CLDS que vão ajudar aqui nesta ponte para arranjar trabalho para a comunidade [...].”</i></p> <p><i>“[...] a criação de workshops para promover aqui um bocadinho a igualdade de géneros, porque nós sabemos aqui que nas comunidades ciganas as mulheres, a mulher cigana é muito marginalizada, é muito deixada para trás, o homem é que decide, o homem é que vai. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Eu acho que tudo parte de um bom trabalho de equipa, nós reuníamos sempre antes de qualquer intervenção e eu acho que isso é uma mais valia para tudo, para termos umas práticas concertadas. [...] Então o que nós fazíamos, tínhamos todas as semanas uma reunião, planeávamos e dividíamos as tarefas. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Usávamos aqui o contacto, a nossa prática era mais o contacto direto, o ir bater à, nesta fase do Covid, era bater à porta diariamente, “tens máscara? Precisas de álcool?” e pronto. Também a dinamização de atividades mais práticas, não tão teóricas, [...] nós não podemos ter um plano de atividades estanque, tem que ser mutável, ou seja, todas as nossas práticas têm que ser adaptadas a cada dia, porque eles não têm dias iguais, todos eles têm dias diferentes. E</i></p>	<p>O dinamizador comunitário fazia a ponte com a escola e as famílias e conseguiu reduzir o absentismo escolar</p> <p>Trabalho em parcerias</p> <p>Workshops e empoderamento das mulheres</p> <p>Trabalho de equipa e muitas reuniões</p> <p>Contacto direto, bater à porta e atividades práticas</p> <p>Capacidade de readaptação</p>

		<p><i>todos os dias são diferentes com esta comunidade [...]”</i></p> <p><i>“[...] O que nós tentamos fazer com a CPCJ é nós próprios entrarmos no acordo que a CPCJ elabora juntamente com o pai e tentarmos aqui ser a ponte ou elo de salvação aqui do pai. Que ele vem nos pedir ajuda aqui para a miúda e nós conseguimos ajudar. Portanto nós temos esta articulação direta aqui com a CPCJ e também com EMAT, as equipas multidisciplinares dos tribunais também temos aqui uma ligação direta, somos colocados nos acordos. [...]”</i></p> <p><i>“[...] o facto de haver um dinamizador comunitário é uma mais valia para intervenção com esta comunidade sim, sem dúvida alguma. [...]”</i></p> <p><i>“[...] cada caso é um caso e nós fomos nos adaptando a cada situação e cada miúdo, [...].”</i></p>	<p>Fazem parte dos acordos da CPCJ e da EMAT estreita ligação</p> <p>O dinamizador comunitário foi uma mais valia</p> <p>Adaptação caso a caso</p>
	<p><b>Intervenção com a família</b></p>	<p><i>“[...] Nós com os miúdos fazemos as atividades e procuramos sempre que os pais estejam envolvidos também nas atividades, ou seja, se nós hoje vamos ter uma aula de música, vamos chamar os pais para que venham para a aula de música também e nós temos aulas de música e tivemos aulas de dança em que os pais puderam acompanhar os filhos e participar também nessas atividades. É claro que há atividades em que nós ajudamos mais os pais como, por exemplo, na procura ativa de emprego. Temos atividades direcionadas para isso, para a procura ativa de emprego, temos atividades direcionadas para o apoio que são as, nós chamamos a AEC que é apoio extraordinário para as competências. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Nós estamos a tentar potenciar e o nosso objetivo enquanto projeto também é muito por aí, envolver a comunidade cigana com a comunidade não cigana através das comunidades práticas, da dinamização de oficinas de competências, mas temos noção que é um caminho que ainda tem muito para ser percorrido. [...]”</i></p>	<p>Procuram envolver os pais nas atividades</p> <p>Há atividades para eles nos pais e famílias</p> <p>Atividades para potenciar e relação entre a comunidade cigana e não cigana</p>

<b>Comunicação</b>	“[...] a comunicação tem que ser muito clara, muito concreta e clara ao mesmo tempo, ou seja, nós comunicamos com estas famílias sempre com outro colega da equipa presente para que não houvesse aqui uma confusão, porque é muito fácil criar confusões com, com esta população em específico. Então aqui a nossa comunicação era direita, clara, simples e objetiva, porque se fosse de outra forma não ia correr bem. [...]”	Comunicação clara, simples e objetiva
<b>Tipo de Intervenção</b>	“[...] Foi mais preventiva agora nesta fase Covid, mas antigamente tinha sido a remediativa. Vamos remediar aqui esta situação e depois logo vemos como é que vamos agir, mas nesta fase Covid foi mais preventiva, sem dúvida alguma. [...]”	Preventiva e remediativa
<b>Atuação perante uma situação de conflito</b>	“[...] relativamente a duas famílias rivais os Monteiro e os Navarro tivemos aqui uma situação muito complicada que envolveu polícia e a polícia não conseguiu resolver. [...] conseguimos através do nosso mediador cigano fazer aqui a ponte entre uma família e a outra para que eles fizessem as pazes. [...] conseguimos atenuar na altura as coisas através do nosso mediador cigano, porque se fossemos nós, éramos duas mulheres na equipa e não iríamos conseguir como é óbvio, porque tem que ser aqui uma figura masculina e de preferência da comunidade a conseguir fazer esta ponte entre as duas famílias. [...]”	Conflito entre duas famílias rivais, o dinamizador comunitário foi fundamental fazendo a mediação entre as famílias e minimizou o conflito
<b>Intervenção e relação com as Escolas</b>	“[...] A parte da escola do Agrupamento de Escolas de Maximinos apoiou-nos a 100% nesta nova candidatura. E muitas das nossas ações são em parceria com o agrupamento de escolas. Podemos dizer que temos neste momento, a grande parte das atividades que nós colocamos em candidatura, serão feitas no agrupamento de Escolas, até porque a nossa sede tem um espaço muito limitado. [...]”  “[...] criar competências a essa população. Uma vez mais aqui a escola salva-nos um bocadinho porque criou cursos de competências para quem não sabe ler nem escrever, ou seja, vamos conseguir integrar aqui alguns destes participantes nestas oficinas de competências que	100% de apoio por parte do AE de Maximinos  A maior parte das atividades é na escola  A escola criou oficinas para criar competências

		<p><i>a escola está a promover. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Usamos também aqui muito a intermediação escola-família e família-escola, fizemos aqui uma coisa que se chamava, quando os miúdos são suspensos e ficam três dias em casa, esses três dias eles têm que fazer um plano de recuperação. Então os miúdos vinham fazer o plano de recuperação connosco e criávamos aqui um plano de recuperação alternativo, [...].”</i></p> <p><i>“[...] Na mediação propriamente dita fizemos algumas intervenções na escola para mediar os conflitos, com o mediador da câmara, porque estavam a existir conflitos de famílias rivais, não vamos falar de rivais, de famílias opostas na escola. Entretanto fizemos lá uma ação de sensibilização e fizemos aí a mediação entre a escola, a comunidade e famílias da comunidade, pronto resultou muito bem. [...].”</i></p>	<p>Mediação escola-família e família-escola</p> <p>Mediação de conflitos através do mediador intercultural da Câmara Municipal de Braga, ação de sensibilização</p>
<p><b>Obstáculos inerentes à prática da Mediação Intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p><i>“[...] começaram a intervenção e perceberam que tudo aquilo que estava em diagnóstico não tinha nada a ver com aquilo que era supostamente expectável, ou seja, apareceu uma população que nunca tinha sido trabalhada em circunstância alguma. Parte desta população, principalmente a do acampamento do S. Gregório vive em condições pouco dignas, em acampamentos, sem as mínimas condições e que não estava disponível nem aberta para receber ninguém fora da comunidade. Pronto, foi um trabalho muito difícil durante dois anos. Tivemos vários constrangimentos mesmo a nível de alteração da equipa, porque no primeiro ano do projeto houve uma equipa, no segundo ano do projeto houve mais três equipas, [...] Depois tivemos também aqui a divergência cultural. As famílias não se entendem muito bem, porque umas são Ribeiro, outras são Monteiro, outras são Fonseca e então acabam por não se darem muito bem o que causa ali alguns constrangimentos [...].”</i></p> <p><i>“[...] uma das nossas dificuldades neste momento é mesmo a cultura deles, que está assim tão</i></p>	<p>Projeto novo, diagnóstico mal feito</p> <p>População que nunca tinha sido trabalhada</p> <p>Sucessivas alterações das equipas</p> <p>Divergência cultural, famílias rivais</p>

		<p><i>enraizada e neste momento temos alguns entraves e algumas dificuldades que são meninas grávidas com 13 anos e, portanto, isso é uma das nossas maiores dificuldades neste momento. É tentar aqui colmatar esta necessidade que temos que é o planeamento familiar e evitar a gravidez precoce. Portanto, isso é uma das nossas maiores fragilidades neste momento. Nós temos cerca de 8 meninas nesta situação, são muitas, são muitas meninas, portanto é uma das nossas maiores dificuldades neste momento. Um dos entraves é a cultura, o enraizamento desta cultura que eles têm é um entrave à nossa intervenção. [...]</i></p>	<p>Questões culturais, a cultura</p> <p>Gravidez precoce, necessidade de trabalhar o planeamento familiar.</p>
	<p><b>Pandemia Covid 19</b></p>	<p><i>“[...] Ano 2019, 2020 o Covid e só no final do ano 2020, já quase no término da candidatura é que foi possível interagir mais com a comunidade, ou seja, nós neste momento já estávamos com a população toda a participar nas nossas atividades. [...]”</i></p> <p><i>“[...] neste momento uma das maiores dificuldades que nós temos é o Covid, que nos tirou aqui a presença no bairro e temos noção que quando regressarmos será diferente, porque tivemos muito tempo ausente. Estamos a falar de dezembro e estamos em fevereiro e se calhar só regressaremos em abril, portanto é muito tempo ausente e isso é um obstáculo porque esta é uma comunidade que precisa de sentir esta presença, precisa de estar, temos que estar ali, ou temos que estar disponíveis todos os dias. [...]”</i></p>	<p>O Covid não permitiu a interação com as comunidades</p> <p>O Covid provocou o afastamento e presença dos técnicos nas comunidades</p>
<p><b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><b>Mudanças com a intervenção</b></p>	<p><i>“[...] no ano passado reduzimos, conseguimos reduzir o número do absentismo escolar [...].”</i></p> <p><i>“[...] Nós conseguimos aqui a integração de uma participante no mercado de trabalho, foi para uma empresa privada, foi para um banco privado. [...]”</i></p>	<p>Reduziram o absentismo escolar</p> <p>Uma integração profissional</p>

	<p><b>Caso(s) de sucesso</b></p>	<p><i>“[...] Basicamente nós tínhamos dois alunos em absentismo escolar, em que o pai não os deixava ir à escola porque dizia que o Covid estava em todo lado e que ele tinha sérios problemas de saúde. Pronto, então nós começamos a trazer o miúdo para o projeto e fazer com ele uma intervenção diferente, ou seja, acompanha-lo nas aulas à distância. Encaminhamos o pai para que este fosse ao centro de Saúde e falasse com o médico para perceber se era possível o miúdo ter um atestado tendo em conta todas as doenças do pai. Pronto foi possível este miúdo ter atestado então ele passou a ter aulas connosco e isso levou-o ao sucesso escolar e conseguimos que esse miúdo ficasse integrado e que neste momento já nem estava a ter aulas connosco no projeto, já estava na escola novamente, ou seja, foi todo um trabalho feito com este pai de desmistificar o Covid e levar este miúdo à escola. [...]”</i></p>	<p>Jovem em absentismo, o projeto fez a mediação com a escola e alguns serviços.</p> <p>Jovem que passou a ter aulas com o projeto depois passou a ir para a escola e ter sucesso escolar</p> <p>Trabalho feito com o pai</p>
	<p><b>Caso(s) de insucesso</b></p>	<p><i>“[...] o mesmo pai para uma menina não nos facilitou a vida, portanto não conseguimos. Fizemos todo o trabalho que fizemos com o irmão, mas não conseguimos que esta menina regressasse à escola. O pai não deixou mesmo a filha regressar à escola, a filha tem 14 anos e não a deixou regressar à escola. Sabemos que não foi pelos mesmos motivos, sabemos que foi por motivos de casamento ou comprometimento como eles dizem. E não conseguimos, apesar de todos esforços, mesmo pedindo para que ela tivesse aulas online, para que ela ficasse em casa e nós conseguíssemos ajuda-la em casa. Não conseguimos que ela regressasse à escola e portanto, ela está em absentismo escolar. [...]”</i></p>	<p>O mesmo pai do caso de sucesso não permitiu que a filha frequentasse a escola e está em absentismo escolar</p> <p>Suspeitas de casamento ou comprometimento - questões culturais</p>

## A.5.1. SINOPSE TPE2

## Sinopse da entrevista – TPE2

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	Criação do projeto	<p><i>“[...] um pedido que a Cáritas na altura abraçou e integrou e desenvolveu. Era realmente uma população que não tinha qualquer tipo de retaguarda neste tipo de projeto e lá está, acaba por ser um projeto que abarca muitas áreas desde a parte da educação, à saúde, à parte mais, mais da cidadania e que havia aquela, aquela necessidade. [...]”</i></p>	<p>Pedido do Agrupamento de Escolas e da Câmara Municipal de Braga</p> <p>Área de intervenção sem retaguarda</p>
	Missão e objetivos	<p><i>“[...] absentismo, o insucesso escolar e o abandono era muito, muito elevado. Principalmente das crianças que tinham comportamentos de risco bastante acentuados com grandes referências na CPCJ. Então aqui era um bocadinho o terem um apoio a nível quer na parte mais educacional, na parte mais escolar, no próprio local de habitação para evitar várias situações de conflito que eram muito recorrentes naquela altura. Então o objetivo principal naquele momento era dar esta resposta e começar a envolver estas crianças no projeto, ter uma maior estruturação em todos os níveis que aquilo estava bastante desestruturado. [...]”</i></p> <p><i>“[...] só tínhamos duas medidas que eram a medida 1 e a medida 3. Nós não tínhamos a medida 2. Nós tínhamos então atividades que iam desde o apoio escolar, tínhamos também a mediação, um bocadinho com o objetivo de fazer esta mediação intercultural com os professores e agentes educativos. Também tínhamos a capacitação destes, porque nós pretendíamos fazer uma capacitação intercultural com os agentes educativos e outros stakeholders. [...]”</i></p>	<p>Problemas centrais</p> <p>Objetivo central – dar resposta e começar a envolver as crianças</p> <p>Medida 1 e 3</p> <p>Breve descrição das atividades</p>

	<p><b>Palavras chave</b></p>	<p><i>“[...] Eu acho que a empatia. Empatia acho que é a palavra que mais senti e precisei de criar com todos. Tentar perceber um bocadinho e colocar-me sempre um bocadinho no lugar do outro, tanto com os jovens, como com os pais, com a comunidade maioritária. Era um bocadinho isto, era tentar criar ali uma ligação de empatia que pudesse proporcionar todas as outras questões, quer a comunicação, quer a afetividade, quer a relação. Muitas vezes começava-se a partir por aí, criar esta relação de empatia para depois conseguirmos construir todo o restante [...].”</i></p>	<p>Empatia</p>
	<p><b>Área de formação dos técnicos</b></p>	<p><i>“[...] Eu sendo de psicologia a questão da compreensão a nível de comportamentos é extremamente importante principalmente numa fase mais inicial. A minha experiência no terreno acabou por ser um bocadinho curta, mas é óbvio que o contacto com a realidade faz desenvolver competências que nenhuma universidade ensina. E isso é certo a formação académica dá-nos potencialidades para nós depois desenvolvermos competências muitas vezes na prática. Para este tipo de projetos em específico eu acho que é preciso realmente um perfil muito característico. A resiliência é um deles, é preciso ter uma capacidade de resiliência muito grande, uma grande capacidade de adaptação, o tal bailar nestas situações. Isto é, é preciso mesmo ser uma pessoa com abertura de mentalidade muito grande, com uma capacidade de resiliência e vontade e acima de tudo uma compreensão muito grande pelas necessidades desta população. Acho que isto é fundamental acho que se não tiverem isto lá está, a rotatividade das equipas é muito frequente, porque é um trabalho muito exigente. [...] A minha formação sendo em psicologia acho que é uma mais-valia se bem que áreas como a educação são extremamente importantes também, por isso acho que não há um curso específico para aqui, acho que é muito mais. A formação ajuda, mas eu acho que é muito mais relevante a experiência de campo e o perfil da própria pessoa para desenvolver este trabalho. [...]”</i></p>	<p>Formação em Psicologia tornou-se importante</p> <p>Experiência no terreno muito importante para o desenvolvimento de competências</p> <p>Importante o perfil</p> <p>Mais relevante a experiência no terreno</p>

<p><b>Contexto de intervenção do projeto</b></p>	<p><b>Contexto de intervenção</b></p>	<p><i>“[...] Então o que acontece foi, nós naquela altura nós fomos para a Praceta Padre Sena Freitas e o Monte S. Gregório que eram populações extremamente complicadas. [...]”</i></p> <p><i>“[...] o nível de escolaridade era muito baixinho em ambas, se bem que no Monte S. Gregório eram ainda mais baixas e aqui aproveitando e fazendo um bocadinho também aqui a contextualização desta população eles vivem no alto de um monte, completamente isolados e aquelas situações de frio, como muitas vezes eles tinham e não sei se têm. Muita gente conhece, mas depois não conhece a realidade lá dentro, eles não têm água quente, nem tinham água e fizeram uma extensão, as casas eram abertas, cheias de buracos [...] com chuva, era chuva, era vento, era cobras, pronto, aquelas habitações sem o mínimo de condições mínimas para que uma criança de manhã pudesse tomar um banho quente, comer e poder ir para a escola. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Já na Praceta eles acabavam por ter um bocadinho, principalmente os homens um bocadinho mais de escolaridade e até tinham uma melhor qualidade de vida mesmo porque viviam em apartamentos e tudo isso, tinham água, tinham luz, tinham água quente e saneamento que são três coisas extremamente básicas o que lhes dá logo outra comodidade de vida, sem dúvida alguma. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Relativamente à Praceta desde tiros dentro de casa, violência doméstica, tráfico de estupefacientes. [...]”</i></p> <p><i>“[...] A comunidade de S. Gregório estava completamente segregada, muitas vezes diziam “deixaram-nos aqui no meio do monte porque aqui ninguém nos vê, então ninguém quer saber</i></p>	<p>2 áreas de intervenção - Praceta Padre Sena Freitas e o Monte S. Gregório</p> <p>No Monte de São Gregório vivem segregados, sem mínimas condições</p> <p>Na Praceta - mais escolaridade e melhores condições de vida</p> <p>Praceta - Tráfico, criminalidade, violência doméstica</p> <p>S. Gregório - comunidade segregada</p>
--	---------------------------------------	--	--

		<p><i>de nós porque nós estamos aqui escondidos. [...]”</i></p>	
	<p><b>Caraterização do Público-alvo</b></p>	<p><i>“[...] Ali a escolaridade acabava por ser muito menor e eles acabavam por estar muito mais isolados, todos eles acabavam por ter algum tipo de apoio, quer seja do rendimento de inserção social, mas trabalho na comunidade de S. Gregório, muito poucos, eu penso que um de vez em quando faziam espetáculos, [...].”</i></p> <p><i>“[...] Em relação à forma como eles se davam, não havia uma boa relação entre as duas comunidades, tanto que no início foi muito complicado quando eu coloquei a situação de os poder juntar. Automaticamente as duas partes rejeitaram, então tive que arranjar estratégias. Os da Praceta eu atendia-os e recebia-os na Praça e os do Monte S. Gregório eu recebia-os na Junta de Freguesia para eles nem se cruzarem, porque havia rivalidades bastantes acentuadas entre algumas famílias. Havia muita discriminação de uma, isto é, da Praceta para com o S.</i></p>	<p>S. Gregório - dependentes de RSI</p> <p>Conflitos e ausência de relação entre as comunidades</p>

		<p><i>Gregório e era notório porque eles, se não estou em erro, eu acho que eles os chamavam de chulé, porquê? Porque os miúdos não tomavam banho, iam bastante sujos para a escola então usavam, eu posso estar enganada, mas eu tenho ideia era assim que acabavam muitas vezes por mencionarem a população de S. Gregório. Quando eu penso que ainda havia relação familiar com alguns elementos da Praça, mas havia esta discriminação própria entre eles. [...]</i></p>	<p>Muita discriminação entre as comunidades ciganas</p>
<p><b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b></p>	<p><b>Integração do público alvo no projeto</b></p>	<p><i>“[...] Esta primeira fase foi tudo muito nessa perspetiva, tentar perceber o que é que os podia cativar, o que é que os motivava, quais eram as necessidades e tentar dar resposta às necessidades mais básicas, porque sem as necessidades básicas respondidas é quase impossível trabalhar o que quer que seja, a não ser que sejam coisas que efetivamente eles gostam e aqui funcionou muito bem a questão da música, a questão das artes, a questão do desporto e então conseguimos, às vezes, um bocadinho por aí começar a cativar e depois isto aqui é um bocadinho snowball. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Os adultos acabam sempre por ser muito mais desconfiados e resistentes àquilo que nós pretendemos fazer, muitas vezes até bastante desconfiados daquilo, das pretensões que nós tínhamos, daí ser muito necessário demonstrar realmente como é que era o projeto, quais eram os objetivos reais, quais eram os nossos limites e também a questão da confidencialidade. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Eu ali já tinha criado uma relação com eles, com alguns já havia ali uma relação de empatia com a maioria dos miúdos que iam com frequência e com vários pais, que foi uma das</i></p>	<p>Primeira fase tentar perceber o que é que os podia cativar, motivar e quais eram as suas necessidades</p> <p>Os adultos eram mais desconfiados</p> <p>Criou-se uma relação de empatia</p>

		<p><i>coisas que mais me custou ao ter saído, foi ter este, esta quebra. Entretanto apareceu o covid que me impediu de voltar lá. [...]</i>”</p>	
	<p><b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><i>“[...] a comunidade prática e nós na realidade tentávamos juntar todos os elementos que trabalhavam com estas comunidades e fazer ali uma comunidade prática, isto é, tentar ali encontrar objetivos, métodos e estratégias para nós intervirmos de forma coesa e em parceria com todos estes elementos. [...] Então estas comunidades ajudaram-nos a pôr em cima da mesa quais eram as problemáticas, quais eram as perspetivas, quais eram as soluções e trabalharmos bastante estas dinâmicas de interação com esta população. Depois também tínhamos atividades de lazer, também para ocupar um bocadinho os tempos das crianças principalmente quando saiam do horário escolar e depois tínhamos muita a questão para trabalhar a igualdade de género [...] Tínhamos também muita a questão do empoderamento das mulheres e das meninas que era outro foco muito importante que nós tínhamos no nosso projeto porque havia uma discrepância brutal. Depois também tínhamos a intervenção com a comunidade porque uma das coisas que eu mais repetia, quero eu dizer, que é que nos adianta nós mudarmos a perceção ou as competências destas comunidades se depois no terreno elas não são aceites na mesma? [...]</i>”</p>	<p>Desenvolviam atividades relacionadas com:</p> <p>Comunidades praticas - envolvendo toda a comunidade envolvente</p> <p>Atividades de lazer</p> <p>Empoderamento de mulheres</p> <p>Igualdade de género</p>

		<p><i>“[...] uma das coisas que nós gostamos, queríamos muito trabalhar. Era a percepção dos empregadores e trabalhar com esta comunidade para tentar perceber que por mais que às vezes essas pessoas se esforcem e tenham competências muitas vezes nem sequer lhes é dada a possibilidade de cumprir isso e eu tive duas situações dessas [...].”</i></p> <p><i>“[...] as questões culturais foi uma ferramenta porque nos permitiu aproximar, criar empatia e criar mecanismos de respostas, por exemplo, integra-los em atividades, ou aulas relacionadas com música. [...] o Geração Tecla ajudou-me muito com os vídeos que eles fizeram [...] são vídeos que é muito bom para lhes contar a própria história deles, que está integrada neles, mas que eles desconhecem a sua origem. Então também foram algumas das atividades que nós fizemos, foi utilizar a própria cultura deles para os educar e para os cativar. [...]”</i></p> <p><i>“[...] apoio escolar e depois nas atividades mais lúdicas, artísticas e desportivas tínhamos várias atividades diárias. Relativamente às duas partes quer na parte mais lazer, quer na parte mais da educação não formal, no auxílio aos trabalhos de casa, na elaboração de trabalhos para a escola [...] nós também tentávamos um bocadinho utilizar estas imagens e estas figuras de referência deles para motivar o trabalho e a integração, quer no mundo, quer depois no desenvolvimento de outro tipo de competências, por exemplo a questão desportiva. [...] Tínhamos as comunidades práticas, mas aqui era mais com stakeholders, com aqueles elementos que eram cruciais para a intervenção efetiva desta comunidade. [...] E depois tínhamos aquelas atividades semanais ou quinzenais que eram relacionadas com a questão da igualdade que procurava pôr a comunidade maioritária nos sapatos da comunidade cigana e o contrário. [...] E isto era um dos meus principais objetivos e do projeto, sensibilizar e mostrar muitas vezes ambas as partes. Intervir com todos, porque isto lá está, não pode ser apenas uma parte, tem que ser um todo. [...]”</i></p>	<p>Intervenção com a comunidade</p> <p>Combater os preconceitos no mercado de trabalho</p> <p>As questões culturais foram uma ferramenta facilitadora</p> <p>Vídeos do Geração Tecla</p> <p>Atividades lúdicas e de apoio à escola</p> <p>Figuras de referência</p> <p>Atividades para trabalhar o preconceito sensibilizar as duas partes</p>
--	--	---	--

	<p><b>Intervenção com a família</b></p>	<p><i>“[...] Nós trabalhávamos diretamente com as famílias, mesmo porque nós não acreditamos que trabalhar apenas com as crianças fosse funcional neste tipo de intervenção. Pelo menos esta é a minha perspectiva muito pessoal, nós temos que trabalhar em ecossistema, não adianta nós estarmos a trabalhar uma parte quando depois tudo o resto não responde da mesma forma. Então nós tentamos envolver toda a comunidade, lá está como eu estava a dizer na parte inicial desde professores, familiares, colegas de bairro, isto é, nós tentávamos envolver o máximo de pessoas que estavam em volta deles, por aquele motivo que disse. Estar a trabalhar as competências de um, mas depois nós não conseguimos fazer com que estas competências sejam valorizadas e respeitadas. Bem pelo contrário acho contraproducente fazermos uma situação destas, capacitar pessoas que depois não vão poder usufruir destas situações. Nós trabalhamos com eles [...].”</i></p> <p><i>“[...] Uma das coisas que nós também tentávamos ajudá-los era, por exemplo na procura ativa de trabalho, fazer ações de sensibilização, trabalhar questões de parentalidade saudável. Tão simples com por exemplo a questão alimentar que era uma das debilidades muito grandes que identificamos [...].”</i></p> <p><i>“[...] para além de lhes mostrar e sensibilizar, também mostrar quais eram os recursos existentes na comunidade a que eles poderiam recorrer para melhorar as suas qualidades de vida. Eu acho que foi um bocadinho assim que nós conseguimos cativar e trabalhar com estas famílias, foi através da sensibilização, da empatia, da compreensão das dificuldades e tentar em parceria com eles, isto sempre em parceria com eles tentar encontrar a melhor solução, porque muitas vezes tenta-se impor soluções que nós achamos que são corretas. [...] nós tentamos muito trabalhar neste, neste formato, em parceria com eles, mostrar aquilo que poderia ser melhorado e quais os recursos e nós como parceiros quais os recursos que eles queriam utilizar para melhorar a sua qualidade de vida. [...]”</i></p>	<p>Trabalham com e em parceria com as famílias.</p> <p>Trabalhavam em ecossistema</p> <p>Apoio nas diferentes áreas, procura de emprego, parentalidade</p> <p>Sensibilizar, mostrar os recursos existentes na comunidade,</p> <p>Trabalhar a empatia, compreensão das dificuldades e parceria com eles, trabalhar com</p>
--	---	---	---

		<p><i>“[...] Também tínhamos depois, mas aí já era com os adultos, a questão da empregabilidade. Tentar encontrar emprego, articular com as empresas e integrar em formações ou especializações para que os pais pudessem desenvolver trabalhos ou eventualmente alguns projetos individuais que eles pudessem ter interesse. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Tínhamos também depois diariamente um serviço que estava disponível que era o apoio às comunidades para as necessidades que eles tinham, às vezes simplesmente ler uma carta ou interpretar uma carta, preencher um formulário, mandar um e-mail. [...]”</i></p>	<p>Trabalhar a questão da empregabilidade</p> <p>Serviço de apoio à comunidade - ler cartas, preencher formulários</p>
	<p><b>Comunicação</b></p>	<p><i>“[...] Eu acho que é do mais importante, porque muitas vezes os conflitos que surgem é por uma má comunicação, uma má interpretação na comunicação. Então muito do nosso papel passava um bocadinho por isso, facilitar a comunicação porque muitas vezes é difícil. [...] Então muitas vezes esta comunicação, o desmontar e explicar de forma acessível à compreensão deles era extremamente importante e era o que eu estava a dizer ao bocadinho. às vezes brincava e dizia “vamos traduzido”, [...] eu acho que a comunicação é a principal fonte de consenso entre as pessoas. Se a comunicação falha, pode eventualmente, muito facilmente criar um conflito, um distanciamento, uma segregação. Então eu acho que a comunicação é o mais importante e era aquilo que muito tempo nos ocupavam pelo menos numa fase inicial. Era comunicar entre todos os elementos e fazer com que a mensagem, a verdadeira mensagem chegasse corretamente ao outro lado. [...] Nós fazíamos uma comunicação mais diretiva, falávamos com as pessoas, apresentávamos os trabalhos a quem nós considerávamos que poderiam ser relevantes, mas a comunicação sem dúvida nenhuma eu acho que é o principal ponto de partida com esta comunidade. [...] Nós fazíamos uma comunicação mais diretiva, falávamos com as pessoas, apresentávamos os trabalhos a quem nós considerávamos que poderiam ser relevantes, mas a comunicação sem dúvida nenhuma eu acho que é o principal</i></p>	<p>Comunicação é o mais importante</p> <p>Necessidade de adaptar a comunicação ao publico alvo.</p> <p>Comunicar, desmontar, traduzir</p> <p>Comunicação falha, pode gerar um conflito</p> <p>Comunicação mais diretiva</p>

		<p>ponto de partida com esta comunidade. [...] Facilitar esta comunicação porque lá está, o exemplo que eu dei do professor é muito fulcral, porque um professor às vezes diz uma frase e ele não tinha interesse, não tinha o intuito de dizer aquilo, mas foi interpretado pelo pai daquela forma e isto às vezes criava um pé de vento de uma coisa que não tinha qualquer tipo de significado. Às vezes eles diziam “é só isso?”, “é, era só isso que o professor queria dizer” [...].”</p>	<p>Má comunicação gera conflito</p> <p>Facilitar a comunicação</p>
	<p><b>Tipo de intervenção</b></p>	<p>“[...] Numa fase inicial acho que era mais remediativa, porque lá está, nós tentamos muito inicialmente dar resposta às necessidades mais prioritárias, mas com tudo aquilo que nós tínhamos planeado para o futuro era sem dúvida preventivo. Nós queríamos remediar aquilo que já estava mal, mas evitar que coisas mais graves pudessem decorrer depois daí, mas numa fase inicial, ou melhor o projeto foi pensado preventivo, mas depois isto é totalmente diferente principalmente num projeto novo. [...] É um bocadinho nesse sentido, uma coisa é aquilo que nós idealizamos, depois é aquilo que nos efetivamente encontramos no campo e como havia tantas lacunas e tantas necessidades básicas a serem cumpridas acho que numa fase inicial foi muito remediativa, mas depois o objetivo era criar um mecanismo muito mais preventivo, uma prevenção muito mais primária e neste aspeto acho que mais cedo a intervenção também seria adequada. [...]”</p>	<p>Preventiva e remediativa</p> <p>No início mais remediativa</p> <p>Mais cedo a intervenção seria mais adequada</p>

	<p><b>Atuação perante uma situação de conflito</b></p>	<p><i>“[...] Lembro-me de uma situação de uma vez na escola de um professor que não entendeu o porquê do comportamento de uma menina e bastou-lhe explicar o que é que tinha acontecido, muito vagamente e a pessoa até se ficou a sentir um pouquinho mal por ter reagido daquela forma. Então fazíamos também um bocadinho esta mediação entre alguns serviços e a comunidade. [...]”</i></p>	<p>Conflito entre um professor e um aluno devido a má comunicação</p> <p>Geriram através da mediação explicando o sucedido</p>
	<p><b>Neutralidade</b></p>	<p><i>“[...] Nós devemos ser neutros. Nem sempre é muito simples, porque lá está, a questão da gestão emocional e a resolução de conflitos exige que nós muitas vezes sejamos neutros ou pelo menos tenhamos aparentemente uma estabilidade mais neutral. Mas uma das características que eu também me apercebi bastante é que essa neutralidade incomoda muita gente, tanto de um lado como do outro. Principalmente na comunidade porque se não estás comigo estás contra mim. E inicialmente senti um pouquinho, um bocadinho isso, mas tentava sempre ser o mais neutra. [...] Ser totalmente neutro acho que só uma pessoa sem qualquer tipo de emotividade é que consegue ser totalmente neutro, mas é importante a neutralidade, mesmo para conseguirmos mostrar a ambos os lados a relevância dos dois. [...]”</i></p>	<p>Devemos ser neutros, mas não é fácil</p> <p>Neutralidade incomoda</p> <p>Procurava a neutralidade, mas afirma que ser neutro só quem não tem emoções</p>
	<p><b>Intervenção e relação com as Escolas</b></p>	<p><i>“[...] nós estávamos, se não estou em erro uma manhã em cada escola, por isso acho que estávamos basicamente quatro dias na escola, mas qualquer situação nós fazíamos articulação e mediação entre a escola, muitas vezes até com a CPCJ e os técnicos de RSI. Havia muitas situações que nem eram conflito, muitas vezes era não compreensão do outro lado. Então nós muitas vezes tentávamos mediar e a tentar comunicar de outra forma que fosse mais acessível para estas pessoas perceberem. Porque às vezes eles pensavam que era uma repreensão e às vezes era só um alerta e então isto gerava logo ali uma tensão, muitas vezes de conflito onde bastava esclarecer a situação. [...] Então fazíamos também um bocadinho esta mediação entre alguns serviços e a comunidade. [...]”</i></p> <p><i>“[...] a parte da capacitação dos professores fomos tendo algumas reuniões e explicando</i></p>	<p>Trabalho de mediação com as escolas</p> <p>Articulação com instituições</p> <p>Mediar o conflito</p>

	<p><i>algumas das estratégias que deveriam ser utilizadas, eles recorriam muitas vezes e acho que isto é um bocadinho geral a vários projetos, que é o facto de eles quererem ter sempre um técnico na sala para coordenar estas crianças. Eu cheguei a estar em algumas situações principalmente na época mais de avaliações ou revisões para tentar auxiliar as crianças. Não para os controlar, mas para tentar auxiliar na execução de algumas das tarefas. [...]"</i></p> <p><i>"[...] A nossa função ali foi exatamente perceber as dificuldades dos professores, perceber a perceção que as crianças e os pais tinham da escola e começar a criar aqui uma mediação, quer através da nossa presença lá, quer através de outros meios, porque muitas vezes acontecia um problema e a escola ligava connosco e nós tentávamos mediar. Às vezes, pelo menos na minha comunidade era muito comum os pais mudarem de telefone ou de número de telefone de semana para a semana, então não havia sequer às vezes forma de entrar em contacto e nós como tínhamos uma maior proximidade acabávamos muitas vezes por conseguir fazer esta mediação. [...] de forma muito mais célere e eficaz. [...]"</i></p> <p><i>"[...] Inicialmente os professores também olhavam para nós de uma forma muito desconfiada sobre aquilo que nós poderíamos efetivamente fazer com aquela comunidade. Depois de estarmos lá dentro e eles perceberem que nós éramos um auxílio tanto para um lado como para o outro a relação acho que melhorou e bastante. [...]"</i></p>	<p>Capacitação dos professores, apoiar os professores e as crianças</p> <p>Facilitar a comunicação através da mediação</p> <p>Inicialmente havia uma relação de desconfiança, mas depois melhorou</p>
--	---	---

<p><b>Obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p>“[...] As pessoas, o empregador estava extremamente receptivo até perceber qual era a comunidade a que ela pertencia e capacitar uma pessoa para desenvolver um trabalho e depois não é aceite só porque pertence a uma comunidade, o impacto que isto tem é uma revitimização brutal [...] eu tive duas situações dessas [...] só porque eram comunidade cigana já disseram que estava ocupado, quando me tinham dito anteriormente, no dia anterior que não. [...] depois os próprios miúdos diziam-me assim “o que é que me adianta estudar, eu posso estudar, vai-me acontecer isto.” [...] chegavam ao local e porque parecia ser cigano já não servia para o cargo. [...]”</p> <p>“[...] Muitas vezes o que acontecia é que eles não iam para a escola porque tinham de ir à chuva, porque estavam cheios de frio, porque a descida é muito íngreme e aquilo com gelo é quase impossível de descer. [...]”</p> <p>“[...] a perceção que a sociedade maioritária tinha em relação àquela comunidade, a questão do perigo, a questão da violência, todas estas questões mostram um bocadinho a separação que existia e a pouca integração que estes elementos tinham, mas muitas vezes também não era facilitado por eles, porque eles muitas vezes também rejeitavam a integração de outros elementos [...]. O nosso, o nosso projeto abarcava também descendentes de imigrantes e migrantes e eu não conseguia integrar nenhum elemento. [...] mesmo dentro da própria comunidade eles não queriam sequer que os de S. Gregório viessem até à nossa sede para poder interagir com eles, isto notava-se de forma bastante acentuada. [...]”</p> <p>“[...] e umas das principais dificuldades era nós conseguirmos conciliar esta confiança e empatia e depois todos os processos que muitas vezes existem na CPCJ e a nível criminal. [...] tudo aquilo que nós construímos durante oito, nove meses que se poderia desmoronar [...].”</p>	<p>Preconceito no mercado de trabalho</p> <p>Revitimização</p> <p>Situações de exclusão laboral por ser cigano</p> <p>A localização onde residem</p> <p>Discriminação da sociedade maioritária</p> <p>Discriminação entre eles e não aceitação de outros</p> <p>Dificuldade em conciliar a relação de confiança e os processos judiciais</p>
--	--	--	--

		<p><i>“[...] os principais entraves que nós tivemos a nível cultural é o patriarcado que existe na comunidade, eu acho que esta foi, pelo menos para mim, eu acho que foi a maior dificuldade. [...] a tal questão de eu conseguir facilmente falar com uma mãe quando ela está sozinha comigo, mas essa mãe não fala comigo quando o pai está ao lado. Tentar desmontar um pouquinho esta situação, para mim acho que foi das situações mais complexas. [...]”</i></p> <p><i>“[...] a rotatividade das equipas é muito frequente, porque é um trabalho muito exigente. A maioria das pessoas que ouve falar do Escolhas não tem noção da exigência que é no terreno e depois na parte administrativa. Eu como coordenadora tive de passar por essa parte que é extremamente densa, extremamente massuda e que tendo intervenção incluída sobra muito pouco tempo. Os meus fins de semana eram passados à volta de burocracias, os meus fins de semana e as minhas noites para poder compensar com o tempo das atividades diárias. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Foi a resistência, a desconfiança por parte da comunidade, a resistência que eles têm, tinham principalmente aos elementos da não comunidade. Em particular eu tive algumas barreiras extra, o facto de ser mulher e coordenadora do projeto, o facto de ser muito pequenina e muito magrinha, [...] Mas eu acho que as principais barreiras foram mesmo essas a desconfiança que eles têm muitas vezes deste tipo projetos e a resistência que têm a aceitar e a compreender. É um trabalho mesmo de partir pedra. Aos poucos ir mostrando que efetivamente nós estamos ali para os auxiliar [...].”</i></p> <p><i>“[...] Foi uma dificuldade muito grande encontrar dinamizador, [...] por causa dos requisitos que exigem para o dinamizador. Como a nossa comunidade tem uma escolaridade muito baixa, nós não tínhamos ninguém com aquela, dentro daquela faixa etária com a escolaridade mínima</i></p>	<p>Questão cultural - patriarcado, desvalorização do sexo feminino</p> <p>A exigência do Programa Escolhas que leva muitas vezes à rotatividade das equipas</p> <p>Resistência e desconfiança</p> <p>Questões culturais – o facto de ser mulher, cabelo curto e magra</p> <p>Encontrar dinamizador comunitário pelas exigências do PE</p>
--	--	--	---

		<p><i>que eles exigiam. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Agora se nós pensarmos um bocadinho com tanta rejeição é muito normal que eles acabem por rejeitar mesmo para evitar voltar a sentir aquilo que sentem. Porque muitas vezes dizem “ai eles não querem” e eu costumava dizer “passem vocês pelo que eles passaram e depois perguntem-se se querem voltar a passar por essa discriminação consecutivamente”. É muito delicada esta situação [...].”</i></p>	<p>Discriminação</p>
<p><b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><b>Mudanças com a intervenção</b></p>	<p><i>“[...] houve uma mudança, pequena, mas já se via uma mudança de comportamento, uma mudança do discurso destes elementos e uma preocupação um bocadinho diferente, isto é, o foco inicial, da preocupação inicial foi-se dissipando e foi-se alargando. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Como eles ainda estavam demasiadamente fechados, acabou por ser ali um bocadinho a porta para eles começarem a perceber e a conseguirem fazer uma ligação para a parte externa, por exemplo a ligação com a escola. Depois já era possível ver que alguns pais já falavam de forma mais tranquila com os professores. [...] uma linha que eles comesçassem a unir e interligar com a comunidade maioritária. [...] criar uma ligação. [...]”</i></p> <p><i>“[...] houve alguns casos em que as notas realmente melhoraram um pouquinho, conseguimos que alguns deles tivessem menos ausência nas aulas, [...] Obviamente que não tivemos os resultados que eu pelo menos tinha idealizado que era melhorar bastante, mas houve uma redução. [...] em dezembro nós tínhamos ali algumas melhorias significativas incluindo notas e a questão da frequência das aulas. [...]”</i></p>	<p>Houve uma mudança no comportamento</p> <p>Passou a existir uma maior ligação com a sociedade maioritária, uma linha que ligava as comunidades à sociedade maioritária, criaram ligação</p> <p>Melhorias ao nível das faltas e das notas</p>

	<p><b>Caso(s) de sucesso</b></p>	<p><i>“[...] quando saí tinha pequenas vitórias, eram coisinhas muito minúsculas que muitas vezes eu dizia “isto nem sequer entram nos números do Escolhas” [...] mas o simples facto das crianças ao fim de um mês ou dois já não me atirarem tudo para o chão, tudo quanto era lixo [...] houve alguns casos em que as notas realmente melhoraram um pouquinho, conseguimos que alguns deles tivessem menos ausência nas aulas, agora se foi estatisticamente significativo se calhar não, mas o facto de se calhar em vez de terem, como eu tinha alguns casos que tinham oitenta faltas só no primeiro período e terem quarenta é positivo [...].”</i></p>	<p>Pequenas vitórias e também houve melhorias nas notas e no absentismo</p>
	<p><b>Caso(s) de insucesso</b></p>	<p><i>“[...] Nós tentamos integrar aquela criança, ele jogava muito bem futebol, integra-lo no Braga. Ele é um miúdo extremamente problemático tanto que normalmente em Braga quase toda a gente o conhece e ele rejeitou ir para Braga. Quando conversei com ele pensei que havia alguma imposição familiar e ele disse uma frase que na altura fiquei mesmo emocionada a olhar para o miúdo, ele disse, “não porque se eu até agora estive com esta minha equipa, eu vou acabar com esta minha equipa, eu vou ajudar os meus colegas”. [...]”</i></p>	<p>Um jovem que não aceitou ser integrado na equipa de futebol do Braga</p>

### A.5.3. SINOPSE TPE3

## Sinopse da entrevista – TPE3

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	Criação do projeto	<p><i>“[...] 2013 5ª geração foi em 2013, depois a 6ª geração e a 7ª é isso, era 2003, ou seja, na altura nós não tínhamos qualquer experiência com este tipo de público, é verdade. A Sol do Ave ainda que tenha sempre atuado em vários projetos de âmbito social, mas não eram com comunidade cigana. [...]”</i></p>	8 anos no terreno e no início nunca tinham trabalhado com comunidades ciganas
	Missão e objetivos	<p><i>“[...] objetivo primário da intervenção acabou por ser o combate ao absentismo escolar. [...]”</i></p> <p><i>“[...] porque não chega combater o absentismo, nós também queríamos combater o insucesso escolar. Não adianta as crianças irem à escola se não apropriarem competências, o ir por ir. [...]”</i></p> <p><i>“[...] a dinamização comunitária continua como um dos grandes objetivos nesta 8ª geração nesta nova candidatura, [...]”</i></p>	<p>Objetivo principal – diminuição do absentismo</p> <p>Sucesso escolar (aquisição de competências)</p> <p>Dinamização comunitária</p>

	<p><b>Palavras chave</b></p>	<p><i>“[...] dizem que o projeto é a casa deles, grande parte. E quando eles dizem, isto é, porque efetivamente eles passam mais tempo no projeto do que em casa, maioritariamente acabava por acontecer isto. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Por parte das equipas eu acho que o que nós vemos e que melhor acaba por transmitir aquilo nós fazemos no dia a dia é a entrega, entrega total mesmo. Até porque para quem trabalha ou já trabalhou num projeto Escolhas sabe que têm que existir isso, porque não existem praticamente horários, quase que nos anulamos durante o período que trabalhamos no Escolhas. [...]”</i></p> <p><i>[...] Relativamente ao trabalho o que eu vejo é sobretudo transformação, foi o que eu vi naquela comunidade, mas uma transformação que não é aculturação, foi mesmo transformação, porque se nós tivéssemos a falar aqui de aculturação, muito das pessoas deixavam de ser o que são para ser outra coisa. Elas passarão a integrar outras coisas, não deixaram de fazer o que já faziam, ou seja, aumentaram um bocado aquilo o horizonte que tinham nas suas vidas. Ampliaram e acabaram por apropriar e trazer novas coisas. [...]”</i></p>	<p>Casa</p> <p>Entrega das equipas</p> <p>Transformação e não aculturação</p>
	<p><b>Área de formação dos técnicos</b></p>	<p><i>“[...] a minha formação é na área das TIC. Eu alias, eu sou formado em engenharia electrotécnica ramo de electrónica e instrumentação e computação com especialização em robótica. Por isso a minha formação base é de engenharia, depois para além disso eu tenho uma pós-graduação em educação, [...] eu já tinha uma experiência de 15 anos como formador, [...] em termos de formação académica obviamente que foi muito importante, eu tive algumas cadeiras de educação intercultural que foram fundamentais neste processo. Facilitaram bastante este trabalho com a população, neste caso estamos a falar da comunidade cigana, mas podia não ser, podia ser outra qualquer, ou seja, sempre que fazemos a intervenção com públicos que de alguma forma são múltiplos desafiados, que estão fragilizados é sempre</i></p>	<p>Engenharia eletrotécnica e pós-graduação em educação</p> <p>A formação contribuiu para a intervenção no terreno, mas a experiência também</p> <p>Importante adequar o nosso mindset à</p>

		<i>importante adequarmos aqui o nosso mindset a esta intervenção, por isso foi fundamental sim. Tanto a experiência que eu já tinha como a formação, sim claro. [...]</i>	intervenção com públicos que são múltiplos desafiados e que estão fragilizados
<b>Contexto de intervenção do projeto</b>	<b>Contexto de intervenção</b>	<p><i>“[...] O território para qual o projeto foi desenhado foi o Bairro da Cumieira [...].”</i></p> <p><i>“[...] não foi fácil, o início do projeto. Estamos a falar de um bairro que era tido para todos em Fafe como um bairro bastante problemático, existia ali um preconceito inicial de toda a gente, por assim dizer da cidade para com o Bairro da Cumieira que era muito associado a tráfico de droga principalmente e a atividades ilícitas. E é um bairro feio, ou seja, é um bairro muito sombrio que agora está completamente diferente, mas a imagem do Bairro quando chegamos lá inicialmente era sombria. [...]</i>”</p>	<p>Intervenção em contexto de bairro - Bairro da Cumieira</p> <p>Na 5ª geração o bairro era bastante problemático e estigmatizado</p>
	<b>Caraterização do Público-alvo</b>	<p><i>“[...] agora é completamente etnia cigana, ou seja, o que nós temos que não é de etnia cigana é residual são para aí 5% dos nossos participantes. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] ali no terreno, que o que existia efetivamente era uma grande falta de apoio na questão escolar. Porque os miúdos faltavam imenso à escola, havia um absentismo escolar e os pais efetivamente não valorizavam de todo o ensino escolar. Achavam que para a vida dos filhos o irem para a escola ou não irem não iria ter uma grande diferença, até porque grande parte dos pais ainda que tivessem pelo menos o 4º ano tinham analfabetismo funcional, ou seja, não conseguiam ler, nem escrever e pronto foi este cenário que nós acabamos por encontrar. [...] várias pessoas que estavam, que são certificadas ao nível do 4º ano, mas que tinham ativamente analfabetismo funcional. [...] Porque maioritariamente estamos a falar de uma população que têm alguns analfabetos ainda, ou seja, diria que 10% da população é analfabeta, situação que tem, que se tem estado a tentar trabalhar. A tentar pelo menos que as pessoas aprendam o básico, nem que seja só assinar o nome delas que para algumas pessoas já</i></p>	<p>95 % dos participantes são ciganos</p> <p>Falta de apoio e desvalorização escolar - 5ª geração</p> <p>Pais com analfabetismo funcional mesmo com o 4º ano - 5ª geração</p> <p>10% da população é analfabeta estão e</p>

		<p><i>faz toda a diferença e estamos a falar de uma população que não é, que não é muito envelhecida, [...].”</i></p> <p><i>“[...] nós temos 125 pessoas, certo? Destes 125 os nossos participantes diretos são 60, ou seja, são crianças e jovens que têm idades entre os 24 e os 6 anos, sendo que destes jovens entre 6 e 24 anos os que se encontram na escola são apenas dos 6 aos 18. [...] Já temos alguns jovens que acabaram o 12º ano e pronto o 11º ano já é relativamente usual, 9º ano é a grande generalidade, ou seja, quando abandonam com 18 anos o 9º ano quase todos têm. Em termos económicos estamos a falar de famílias que dependem maioritariamente do RSI. Estamos a falar de 80% destas famílias que são beneficiárias do Rendimento Social de Inserção e só os 20% restantes à partida trabalham ou estão incapacitados para o trabalho, basicamente é isto. [...]”</i></p> <p><i>“[...] eu posso-te dizer que é uma relação de extrema confiança mesmo, ao ponto de, e é isso que custa mais nestes períodos de interregno porque as pessoas continuam a ligarmos quase todos os dias. Quando precisam de resolver um problema, não conseguem resolver sozinhas continuam a ligar para as pessoas. É uma relação ao ponto de quase toda a gente no bairro ter os nossos números pessoais, não os números de trabalho. É a relação de mesmo muita proximidade. [...] nós sentimos que somos parte daquela comunidade e efetivamente é uma relação de total confiança. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Há casos em que efetivamente as pessoas neste momento são completamente autónomas, há outros em que efetivamente ainda há situações em que pedem a nossa ajuda. [...]”</i></p>	<p>tentar trabalhar nesse sentido</p> <p>125 pessoas – 6 aos 24 anos</p> <p>Existem jovens com o 12º ano e 9º ano é quase geral</p> <p>20% não é dependente de RSI ou trabalham ou são incapacitados</p> <p>Relação de extrema confiança e proximidade</p> <p>Todos têm os seus contactos pessoais</p> <p>Sentem que fazem parte</p> <p>Há pessoas autónomas e há pessoas dependentes</p>
<p><b>Intervenção social e práticas de</b></p>	<p><b>Integração do público</b></p>	<p><i>“[...] começamos a trabalhar também com a rede social para perceber efetivamente onde é que podíamos atuar e adequar o nosso plano de atividades e alterar algumas das atividades,</i></p>	<p>Trabalho inicial com a rede social e</p>

<p><b>mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b></p>	<p><b>alvo no projeto</b></p>	<p><i>grande parte. O primeiro ano quase que foi perceber o que é que fazia ou não sentido e alterar tudo aquilo que tinha definido inicialmente para dar resposta às necessidades daquelas pessoas. [...]</i></p> <p><i>“[...] Foi mais fácil mante-los que atrain-los, acredita. Foi mais fácil manter, porque depois as pessoas, porque é assim o manter é muito a questão de criar relação com as pessoas. E as pessoas perceberem que efetivamente toda a gente gosta de ser respeitada, toda a gente gosta de ser bem tratada e efetivamente foi o que nós fizemos com as pessoas e por isso não custou muito, ou seja, o mais difícil foi fazer com que as pessoas fossem até nós principalmente porque a Sol do Ave não tinha histórico de funcionamento no Bairro da Cumieira. [...]</i></p> <p><i>“[...] E se nós pensarmos bem nós iniciámos o vínculo com as pessoas efetivamente foi junto dos projetos da Cruz Vermelha que já estava no terreno e nos quais as pessoas já confiavam porque já havia uma relação de trabalho de muitos anos com o Colorir o Sábado, que era o projeto que envolvia as crianças nos sábados e que até hoje nós mantemos também em parceria com o projeto e com o qual nós temos muito carinho porque reconhecemos que foi efetivamente fundamental para esta entrada inicial no bairro. Para as pessoas perceberem que nós éramos de confiança porque é uma comunidade fechada. O bairro é fechado, [...].”</i></p> <p><i>“[...] Nós pensamos numa atividade de captação de público, que foram as atividades do CID, o CID foi fundamental para atrair as pessoas, toda a gente gosta, ou toda a gente tem curiosidade de aprender sobre informática e principalmente ali naquela comunidade onde as pessoas não tinham recursos para ter computadores em casa, nem telemóveis, nem nada tecnológico. Poder utilizar um computador aparece ali como um grande chamariz por assim dizer, por isso foi o CID, a estratégia foi apostar no CID. [...]</i></p>	<p>rever e alterar a candidatura - 5ª geração</p> <p>Mais fácil manter que atrair porque o manter depois depende da relação</p> <p>A instituição nunca tinha trabalhado com este bairro</p> <p>O trabalho da CVP de Fafe foi fundamental porque já tinha intervenção no bairro e com os ciganos com o Colorir o sábado</p> <p>O CID ajudou a atrair os miúdos pois eles não tinham recursos.</p>
--	-------------------------------	---	--

	<p><b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><i>“[...] Para essa questão do combate ao insucesso escolar nós o que fizemos foi o reforçar imenso todas as atividades que têm a ver com a aquisição de competências escolares e tentando de alguma forma também fazer a abordagem dessas competências de uma forma diferente. Tirando-as um bocado do contexto escola e trabalhando-as de uma forma diferente [...].”</i></p> <p><i>“[...] começamos a trabalhar também com a rede social para perceber efetivamente onde é que podíamos atuar e adequar o nosso plano de atividades e alterar algumas das atividades, grande parte. O primeiro ano quase que foi perceber o que é que fazia ou não sentido e alterar tudo aquilo que tinha definido inicialmente para dar resposta às necessidades daquelas pessoas. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Nessa altura nós também tentávamos de alguma forma, mesmo diante da ação social do município, fazer essa aquisição para fazer com que todas as crianças tivessem efetivamente, estivessem munidas de livros para poderem estar na escola como estão os outros colegas. [...] obviamente a parceria da Cruz Vermelha que acabou por nos ajudar inicialmente na comunicação com a Associação Comercial. [...] articular com os outros projetos nomeadamente com o projeto dos Mediadores Intermunicipais e dividir aqui um bocado as coisas, perceber o que é que eles podiam fazer e o que é que nós podíamos fazer. Tentando nunca deixar, ou seja, não colidir com a missão de cada um dos projetos. [...]”</i></p> <p><i>“[...] criamos uma ferramenta Escolhas que faz parte da ToolBox e que foi o laboratório Ei que [...] é uma abordagem das componentes científicas de uma maneira diferente, fazendo com que eles aprendam experimentando. Basicamente é um conjunto de experiências que foram desenvolvidas em parceria com os professores e que depois nós desmontamos para trazer para o ambiente do projeto e fazer com que eles apropriassem as competências sem perceber sequer</i></p>	<p>Para combater o insucesso escolar reforçaram as atividades de aquisição de competências</p> <p>Trabalho inicial com a rede social e rever e alterar a candidatura - 5ª geração</p> <p>Trabalho em rede e em parcerias</p> <p>Criaram ferramenta Escolhas, uma abordagem de componentes científicas diferente em parceira ou com apoio dos professores</p>
--	---	---	--

		<p><i>que estavam ali a apropriar competências escolares e temos tentado fazer isso com tudo, ou seja, tentar que eles aprendam sem perceber que estão a aprender por assim dizer. Combater a ideia que a aprendizagem tem que ser uma coisa chata e aborrecida, ou seja, trazer aqui uma dinâmica diferente aos processos educativos. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] As TIC estiveram sempre presentes mesmo quando na 7ª geração as TIC deixaram-me de fazer parte, deixaram de ser obrigatórias por assim dizer. [...] são fundamentais e isto infelizmente este último ano, estes últimos 2 anos têm-nos vindo a dar razão, porque se não fosse efetivamente o trabalho que nós temos tido, com esta população seria impossível eles agora por exemplo estarem a ter aulas online. Porque não tinham competências para tal e os pais nunca teriam investido sequer em ter internet em casa porque não a sabiam usar, [...]”</i></p> <p><i>“[...] Temos também nos últimos anos apostado muito na questão da formação profissional dos jovens, tentando que quando eles acham que a escola normal já não lhes faz muito sentido acabar por os encaminhar para processos de formação profissional para áreas com que eles se identifiquem. E não é fazer formação por fazer, ou por acharem que é mais fácil a formação profissional, mas sim tentar sempre fazer este processo de acompanhamento e perceber desde o início qual é a área com que eles se identificam, onde é que eles se vêm a trabalhar mais tarde o que é complicado. [...] tem sido feito principalmente desde a 6ª geração. Trabalhar esta questão de criar objetivos e eles irem concretizando estes objetivos sempre com vista ao futuro e pensar se eu quero ser mecânico eu tenho que fazer isto, isto e isto, se eu quero ser cabeleireira, como algumas miúdas diziam e dizem, eu tenho que fazer isto, isto e isto, ou seja, eles começarem a fazer parte e a construir. Aquilo que querem para o futuro e perceberem que as coisas são feitas, passo a passo e que existe um percurso que tem que ser seguido e lá está, tanto os miúdos se aperceberam disso, como os pais perceberam isso [...].”</i></p>	<p>Apropriam competências escolares sem se aperceberem</p> <p>As TIC sempre presentes e acabaram por ajudar muito na pandemia</p> <p>Apostado na formação profissional, mas uma formação orientada enquadrada num projeto de vida</p> <p>Incentivam a criarem objetivos, com vista no seu futuro</p> <p>Impacto nos jovens e pais</p>
--	--	---	---

	<p><i>“[...] sempre houve muito boa comunicação, porque nós, nunca impusemos nada, ou seja, as pessoas sempre vieram até nós porque queriam vir. Nunca foi porque tinham que ir, foi sempre uma escolha. Por isso nunca foi nada imposto, não era porque tinham. Imagina, nós efetivamente fazemos parte do NLI e isso até podia estar no contrato de inserção, mas nós fizemos sempre questão que não estivesse, que as pessoas tivessem livre arbítrio para estar, porque querem estar e porque percebem que é uma mais-valia para eles. [...]”</i></p> <p><i>“[...] nós se tivéssemos dinamizador comunitário, o dinamizador comunitário serve efetivamente para mediar este tipo de comunicação que possa ser mais complexa. Na 5ª, na 6ª geração ele existia e obviamente que foi útil nesse sentido, ou seja, eu acho que na 5ª e na 6ª geração ainda que na 5ª geração depois nós tínhamos estado o resto da geração sem mediador, mas existiram ali miúdos que fizeram esse papel ainda que não estivessem formalmente como dinamizadores comunitários, eles eram dinamizadores comunitários. Eles tinham esse papel no projeto e eram eles que faziam a ponte entre a equipa e as famílias. A partir do momento em que as famílias e que se estabeleceu uma relação de confiança com a equipa e por isso é que eu também acho que é fundamental que as equipas sejam o mais estáveis possíveis, [...].”</i></p> <p><i>“[...] que não exista uma grande mudança porque sempre que é introduzido um novo elemento, há laços que acabam por ser quebrados e coisas que tem que ser novamente criadas e construídas. As pessoas não confiam de um dia para o outro e efetivamente para fazer aquilo que nós fazemos no dia-a-dia de uma forma eficaz as pessoas tem que confiar no trabalho que nós estamos ali a fazer. E por isso é que as equipas efetivamente deviam permanecer o mais fixas possíveis e efetivamente recorrerem a elementos externos para atividades específicas, mas o núcleo duro da equipa devia permanecer o mesmo. Eu sinto que ali também o facto de não termos mexido com a equipa em termos estruturais. [...]”</i></p>	<p>Participar no projeto é uma escolha e não uma imposição</p> <p>A figura do dinamizador comunitário foi importante para a comunicação e a mediação entre as famílias recentemente os miúdos assumiram esse papel</p> <p>Manter sempre a mesma equipa por questões de confiança é um fator de sucesso</p>
--	---	--

		<p>“[...] o que tentamos fazer é autonomizar as pessoas ao máximo, ou seja, não queremos criar uma relação de dependência entre a comunidade e o projeto. A ideia é que as pessoas não precisem que nós estejamos ali. A verdade é essa, o ideal era as pessoas já terem, criarem o canal de comunicação e depois as pessoas autonomamente conseguirem resolver os problemas delas. Em alguns casos isso já acontece. Em alguns casos foi criado, há pessoas que efetivamente tem mais, que é lhes mais difícil resolver algumas questões e nós estamos lá sempre para dar esse apoio. Tentamos sempre, mesmo quando estamos a dar o apoio ser a pessoa em primeira mão a tentar resolver a questão, nem que seja, por exemplo, numa questão tão simples como marcar uma consulta. Era muito mais fácil para nós pegar no telefone, ligar para o centro de saúde, marcar a consulta à pessoa. [...]”</p> <p>“[...] nós fazemos várias colónias de férias com eles, mas colónias não no sentido normal da colónia de férias. Nós optamos sempre por fazer coisas estruturadas por nós, à nossa medida e que os envolvessem e que os preparassem um bocado para a vida. Tentamos sempre dividirmo-nos em equipa por assim dizer, responsáveis por o aluguer ou de casas, ou de bangalows, ou que em cada casa ficava um grupo constituído por um técnico e um número de jovens e que depois tinham um orçamento que era atribuído e com qual se tinham que gerir durante o tempo que iam estar lá. Tinham a responsabilidade desde a alimentação, tudo tinha que ser gerido através daquele orçamento e gerido por aquelas pessoas e tentamos fazer isso todos os anos, ou seja, para lhes dar também ferramentas para eles aprenderem de alguma forma também a gerir o orçamento deles. [...]”</p> <p>“[...] O projeto eu acho que funcionou sempre como catalisador para fazer coisas e foram sempre eles que nos foram dizendo as coisas que queriam fazer. [...]”</p> <p>“[...] as assembleias de jovem, ouvir aquilo que eles queriam também. Dar a voz efetivamente</p>	<p>Automatizar, capacitar as pessoas, empowerment</p> <p>Não haver uma relação de dependência com o projeto</p> <p>Resolverem os seus problemas de forma autónoma</p> <p>Promover a autonomia</p> <p>Proporcionar experiências que nunca teriam sem o projeto</p> <p>Colónias de férias no sentido de os preparar para a vida e promovem a igualdade de género</p> <p>Catalisador para fazer coisas</p> <p>Dar a voz às pessoas, nas assembleias</p>
--	--	---	--

		<p>às pessoas e perceber aquilo que elas efetivamente querem, porque aquilo que nós achamos que elas querem não é necessariamente o que elas querem. E depois conciliar com aquilo que nós achamos que são as necessidades deles. Sempre tentamos fazer um equilíbrio entre uma coisa e outra e funciona, porque é assim e nós sempre tivemos as pessoas lá. [...].”</p>	<p>de jovens</p> <p>Assembleias de jovens, conciliar o que eles querem com as necessidades deles</p>
	<p><b>Intervenção com a família</b></p>	<p>“[...] a corresponsabilização dos pais no processo educativo. Este também era um dos nossos focus, foi desde o início, que foi envolver os pais e trazê-los para dentro do processo, ou seja, eles fazerem parte do processo educativo dos filhos, não se manterem à margem e com isso eles próprios sentiram necessidade e isto aconteceu com muitos de irem estudar novamente, [...].”</p> <p>“[...] tínhamos uma atividade que era TIC famílias exatamente porque era, principalmente para os pais. Para eles terem o tempo deles e tentávamos de alguma forma adequar as horas das atividades à disponibilidade também deles, sempre tivemos essa preocupação porque alguns faziam feiras e tentávamos articular de forma a conseguirmos conjugar as nossas atividades com a disponibilidade do público. [...]”</p> <p>[...] Nós conseguimos efetivamente trabalhar como toda a população do bairro, ou seja, para além de trabalharmos maioritariamente com a população de etnia cigana conseguimos criar pontes e trabalhar também com o resto da população do bairro. Tivemos várias atividades de dinamização comunitária em que envolvemos todos os habitantes do Bairro da Cumieira. Foi bastante positivo porque havia ali umas relações de vizinhança que por vezes eram complicadas e acabaram por se criar ali dinâmicas interessantes e que até hoje continuam a acontecer e que estão a dar frutos até porque o próprio bairro vai passar a ter uma Associação Moradores um bocado fruto destes laços que foram sendo criados. [...]”</p> <p>“[...] os pais perceberam isso e efetivamente com base nisso ainda que nós não tenhamos a</p>	<p>Corresponsabilização e envolvimento dos pais no processo educativo</p> <p>TIC para as famílias</p> <p>Criar pontes entre os moradores do bairro ciganos e não ciganos</p> <p>Atividades comunitárias que envolviam todos</p> <p>Criação de uma Associação de Moradores</p>

		<p><i>questão do emprego e da empregabilidade como objetivo ou meta, nós ao longo deste tempo temos efetivamente conseguido encaminhar para emprego um número já bastante significativo de pessoas de etnia cigana que agora trabalham e que acharam que nunca iriam ter um trabalho que não fosse na feira, por exemplo. [...]</i></p> <p><i>“[...] não podiam frequentar outra vez um processo para o 4º ano. Então teve-se de criar ali uma forma diferente de fazer com que efetivamente eles apropriassem competências efetivas ao nível do 4º ano ainda que não precisassem de as certificar porque eles já tinham o 4º ano, mas aconteceram vários processos desses. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] a nossa experiência também nos foi dizendo isso e efetivamente tentamos ao máximo quando as pessoas conseguem ter autonomia para, mesmo quando não conseguem, nós tentamos que parte do contacto seja sempre com a intervenção da pessoa, intervenção direta e tentamos ao máximo que isso depois vá passando totalmente para a responsabilidade da pessoa, quer a nível do contacto com os serviços, quer a nível de contacto com a escola. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] aliás para nós a maior demonstração de confiança que nos deram foi permitir que nós as levássemos, porque nós fizemos sempre questão de levar grupos que fossem completamente heterogéneos, 50% rapazes e 50% raparigas. Tinham de ter exatamente a mesma oportunidade para uns e outros. “Podes ir” para mim essa foi a melhor demonstração de confiança que aquela comunidade nos poderia ter dado. [...]</i>”</p>	<p>Apesar do emprego não ser objetivo tem resultados positivos na integração profissional</p> <p>Estratégia para quem era analfabeto funcional com 4 ano conseguissem aprender a ler e escrever</p> <p>Procuram promover ao máximo a autonomia</p> <p>Confiam nos técnicos e no seu trabalho</p>
--	--	---	--

	<p><b>Comunicação</b></p>	<p>“[...] É fundamental, ou seja, acho que a comunicação é base do trabalho que nós desenvolvemos no dia a dia, ou seja, nada se consegue sem se comunicar de uma forma clara e verdadeira acima de tudo, ou seja, nunca faltar à verdade porque quando isso acontece dessa forma mesmo quando a verdade não é aquela que as pessoas querem ouvir eu acho que tem que ser dita. É importante a forma como é dita obviamente, mas tem que ser dita e a partir do momento que nós partimos de uma base de entendimento claro e de uma base de confiança que eu acho que é fundamental neste processo de comunicação é que o canal de comunicação também é mantido. A partir desta relação de confiança que depois acaba por se estreitar porque as pessoas percebem que efetivamente que as pessoas são confiáveis. [...]”</p> <p>“[...] Inicialmente eu tive alguma dificuldade porque alguns elementos principalmente os mais velhos falam muito Ibenrian Calon. Não falam em português corrente, principalmente as pessoas acima dos 50, mesmo quando se tentam expressar em português, existe ali alguma barreira de comunicação. [...] eles ensinaram-me, por isso também falo o dialeto, por isso comunico facilmente com eles. [...]”</p>	<p>Comunicação é a base de todo o trabalho</p> <p>Comunicação clara e verdadeira na base da confiança</p> <p>No início foi difícil porque usavam um dialeto</p> <p>O técnico aprendeu o dialeto</p>
	<p><b>Tipo de intervenção</b></p>	<p>“[...] Temos os dois tipos, se bem que nós tentamos sempre atuar de forma preventiva. Acaba por haver situações em que já é uma situação paliativa e não preventiva. Na questão da escola nós apostamos desde o início no 1º ciclo, atuar de forma preventiva, ou seja, fazer com que as crianças desde do, alias eu estou a dizer do 1º ciclo porque é onde nós, de forma formal podemos atuar. Sendo que nós temos intervenção a partir da pré [...].”</p>	<p>Preventiva e remediativa, às vezes já é uma situação paliativa</p> <p>Tentam atuar preventivamente no 1º ciclo e mesmo pré de forma informal</p>

	<p><b>Atuação perante uma situação de conflito</b></p>	<p><i>[...] uma questão que tinha a ver com o facto de ser sempre complicado esta questão das idades porque efetivamente nós não podemos ter crianças com menos de 6 anos no projeto, até por questões de seguro e pronto. E na comunidade cigana há muito esta questão, principalmente nas férias. Acaba por haver muita gente que vem e se calhar no vosso projeto acaba por acontecer a mesma coisa, ou seja, há muita gente que vem de Famalicão para Fafe, ou de Santo Tirso para Fafe que são familiares das pessoas que vivem lá no bairro assim como as pessoas que vivem no bairro acabam por depois ir para Santo Tirso. Há este passar férias junto dos familiares. Depois houve ali uma questão com um familiar, porque havia uma criança que não podia estar no projeto e eu disse que não podia estar no projeto, que não tinha idade e depois o pai veio ali tirar satisfações comigo. E foi assim um bocadinho mais agressivo, não houve problema nenhum, mas de repente o que aconteceu foi que as pessoas, o resto da comunidade percebeu e efetivamente foram todos para lá e rapidamente a coisa acabou e eles queriam inclusive que a pessoa me pedisse desculpa, eu é que disse que não, que não queria que isso acontecesse, mas, ou seja, nós sempre nos sentimos muito seguros naquele ambiente. Eles zelavam efetivamente por nós e pelo projeto. [...]</i></p>	<p>Pai que não era do bairro e que foi agressivo pelo facto de o filho não ter idade para frequentar o projeto</p> <p>A própria comunidade defendeu o técnico e resolveu a situação</p>
	<p><b>Neutralidade</b></p>	<p><i>“[...] É complicado sermos neutros. Nós temos todos quadros de valores que nos são impressos desde criança. É bom termos a noção que temos que ser neutros, termos sempre isso bem, eu acho que quando não pensamos nisso é que é perigoso. É importante mantermos esta neutralidade, é aquela questão de a ponte não faz parte de nenhuma das margens [risos]. Se estamos num processo de mediação e se formos a ponte ela não faz parte nem da margem direita, nem dá margem da esquerda, mas efetivamente, principalmente quando estamos tão envolvidos com a comunidade a neutralidade é complicada. Quanto mais enraizada é esta relação é complicado mantermo-nos neutros porque algo nos vai puxar sempre para aquilo que é a comunidade com a qual nos estamos a identificar. Eu não, é complicado eu estar a mediar uma situação, mas tenho a noção que tenho que manter o meu papel neutro, sim. [...]</i></p>	<p>Não há neutralidade, mas é importante não fazer parte de nenhuma das margens</p> <p>Há uma relação é complicada a neutralidade</p> <p>Mas devemos tentar sempre ser neutros</p>

	<p><b>Intervenção e relação com as Escolas</b></p>	<p><i>“[...] Começamos a apostar numa ligação bastante grande com a escola e com o Agrupamento de Escolas de Montelongo, que era com quem, que era onde grande parte dos miúdos, onde eles estavam a ter aulas [...].”</i></p> <p><i>“[...]já estávamos a articular com a escola, já estávamos dentro da escola, ou seja, uma coisa que nós começamos a fazer a partir da 5ª geração foi a estar dentro de algumas aulas, ou seja, nós uma vez por semana, um técnico do projeto estava numa das turmas em que os nossos participantes estavam, para perceber em primeira mão quais eram as dificuldades efetivas que existiam e para podermos de alguma forma ajudar de forma mais eficaz a tentar resolver essas fragilidades e a servir de veículo de mediação entre a escola, as crianças e os próprios pais, porque não existiam efetivamente relação, ou seja, a relação era muito insípida, a comunicação era quase nula, de parte a parte. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Relativamente à relação com a escola, aquilo que tem acontecido é que a relação é cada vez mais forte e a metodologia que nós fomos tendo inicialmente foi cada vez mais fortificada e efetivamente nós somos sempre consultados parte a parte para mediar qualquer situação mais complexa que esteja ali a decorrer no seio da escola. Muitas famílias não têm mesmo telefone, ou seja, o contacto que as famílias têm é o do projeto e nós fazemos sempre a ligação entre uma parte e a outra tentando facilitar ali os processos principalmente quando existem questões relacionadas com faltas, ou com problemas [...].”</i></p> <p><i>“[...] A pessoa diz-nos, nós marcamos a reunião e depois se a professora disser que gostaria que nós estivéssemos presentes por uma questão de facilitar a comunicação, nós estamos presentes. Se a professora acha que não vale a pena, nós não estamos. Se o pai acha que nós devemos de estar, ou a mãe, nós estamos. Se acha que não é necessário nós não estamos. [...]”</i></p>	<p>Apostaram numa boa relação com o agrupamento de escolas</p> <p>Técnicos nas escolas estão dentro das turmas a observar para conseguirem perceber as dificuldades efetivas</p> <p>Mediação entre a escola as crianças e os pais</p> <p>Não havia relação nem comunicação</p> <p>Atualmente existe uma relação forte com a escola, são consultados para mediar situações mais complexas</p> <p>Muitas famílias não têm telefone, o projeto é o elo é a ponte</p> <p>Facilitam a comunicação entre pais e professores nas reuniões</p>
--	--	---	--

		<p><i>“[...] e nós começamos a fazer a ligação com a comunidade a partir da pré, fazendo a ligação entre a educadora e a família ainda enquanto os miúdos andam na pré, porque também achamos que é fundamental e também foi uma questão que nos deu alguma luta, mas que agora é pacífica. Inicialmente as famílias não percebiam que se grande parte das pessoas não trabalham porque é que tinham de colocar as crianças na pré, as mães achavam que elas estariam muito melhor com elas do que com alguém estranho na escola e nós fomos explicando que efetivamente era fundamental que as crianças fossem mais estimuladas, que depois iam e ia ser mais fácil na escola. [...]”</i></p>	<p>Iniciam a mediação escolar no pré entre a educadora e a família</p>
<p><b>Obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p><i>“[...] quando foi desenhado ele não tinha, ou seja, não tinha sido especificamente pensado única e exclusivamente para trabalhar com a comunidade cigana, ou seja, não foi de todo aquele o público que tinha sido, que fazia ali parte do diagnóstico que foi feito, que pelo visto foi mal feito. [...]”</i></p> <p><i>“[...] foi uma experiência nova para toda a equipa. Inicialmente a equipa estava tão desadequada que o próprio mediador, aliás o próprio dinamizador comunitário embora fosse do bairro não era da comunidade cigana [risos]. Por isso não consegui efetivamente fazer ali grande dinamização inicial do projeto e por isso é que os primeiros 6 meses do projeto foram bastante complicados, com a desistência da própria coordenadora, que abandonou o projeto e o dinamizador comunitário também saiu, ficou apenas uma das técnicas. [...]”</i></p> <p><i>“[...] o mais difícil para nós, sempre foi a falta de recursos humanos. Os Projetos Escolhas têm orçamentos limitados, as equipas são pequenas e a nossa equipa sempre foi muito pequena. [...] na 7ª geração tínhamos um técnico, um coordenador e uma monitora a tempo parcial, por isso eram duas pessoas e meia. Por isso a maior dificuldade era tentar fazer face a todas as</i></p>	<p>Projeto novo, diagnóstico mal feito - 5ª geração</p> <p>A primeira equipa acabou por desistir do projeto - 5ª geração. Os primeiros 6 meses muito complicados</p> <p>Falta de recursos humanos resultado de um orçamento muito limitado</p>

		<p><i>necessidades daquele público com tão pouca gente e aí tínhamos que nos socorrer sempre do consórcio. Foi fundamental esta articulação [...] o maior constrangimento é sempre o constrangimento financeiro, que resulta na falta de recursos humanos [...].”</i></p> <p><i>“[...] os coordenadores de projeto e mesmo as equipas acabam por mudar bastante. Porque não é compatível com muitas outras atividades que a pessoa queira fazer no seu dia-a-dia. O Projeto Escolhas é um projeto, estes projetos são projetos a tempo inteiro, quando digo tempo inteiro também incluímos fins de semana e férias. Eu posso-te dizer uma coisa, eu durante o tempo que trabalhei no Escolhas nunca gozei mais de 12 dias de férias. [...]”</i></p>	<p>Projetos “a tempo inteiro” que esgotam as equipas</p>
	<p><b>Pandemia Covid 19</b></p>	<p><i>“[...] efetivamente eles passam mais tempo no projeto do que em casa, maioritariamente acabava por acontecer isto. Infelizmente no último ano, nos últimos, em 2020 e 2021 isso não tem sido possível, dado aquilo que está a acontecer, mas era o que acontecia. [...]”</i></p>	<p>A pandemia veio a alterar toda a intervenção</p>
<p><b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><b>Mudanças com a intervenção</b></p>	<p><i>“[...] todas essas experiências que lhes fomos proporcionando, que eles não teriam tido, eu acho que também foi, acabou ser também bastante interessante e acaba por depois verter naquilo que eles se tornaram hoje. Porque tiveram acesso a muita coisa que a família não teve e puderam compreender o mundo de uma maneira diferente e por isso é que também estão a fazer as coisas de uma forma diferente, ou seja, não deixando as tradições que têm, não renegam obviamente a cultura que têm, mas percebem que podem fazer respeitando a cultura, que podem fazer as coisas de uma maneira diferente. [...]”</i></p> <p><i>“[...] nós quando chegamos ao bairro tínhamos o absentismo escolar à volta de 95%, dos miúdos estavam em situação de absentismo e posso-te dizer que neste, no final desta geração quando fizemos o nosso relatório final ele estava abaixo dos 5%. [...]”</i></p>	<p>Todas as experiências que o projeto proporciona e que não teriam de outra forma e isso ajuda-os a compreender o mundo de outra forma</p> <p>Não renegando as tradições e a cultura</p> <p>Diminuição do absentismo</p>

		<p><i>“[...] os que se encontram na escola são apenas dos 6 aos 18. Uma questão que nós não temos conseguido contornar é que quando chegam aos 18 anos abandonam a escola. Agora o que temos conseguido é que este abandono se torne o mais tardio possível e que efetivamente tenham conseguido atingir já, coisa que nunca atingiram antes. Já temos alguns jovens que acabaram o 12º ano e pronto o 11º ano já é relativamente usual, 9º ano é a grande generalidade, ou seja, quando abandonam com 18 anos o 9º ano quase todos têm. [...]”</i></p> <p><i>*ver casos de sucesso</i></p>	<p>Abandonam a escola apenas aos 18 anos</p> <p>Já há jovens com o 12º ano e 9º ano é quase geral</p>
	<p><b>Caso(s) de sucesso</b></p>	<p><i>“[...] essas crianças que nós começamos a acompanhar neste momento estão todas a trabalhar, por isso sobre essa perspectiva são casos de sucesso. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Chegam aos 18 anos e grande parte deles e delas casam, e o facto de ser com 18 anos, já é uma questão, porque aquilo que eu via quando nós chegamos lá é que havia vários jovens, para não dizer crianças casados com idades bem inferiores, com 15 anos. Isso neste momento não está a acontecer, o que eu acho que também demonstra algum sucesso na intervenção. As pessoas perceberem que efetivamente que assumirem um relacionamento numa fase em que, em que já têm uma idade maior será mais positivo, ainda que nem todas as famílias neste momento o entendam, mas pelo menos mesmo não entendendo é uma prática que está a acontecer, ou seja, só se estão a casar quando atinge a maioridade [...] o facto de as crianças estarem também a integrar na generalidade no ensino pré-escolar para mim também acho um caso de sucesso. O facto de termos neste momento um número muito reduzido de crianças em absentismo também acho que é sucesso. O existir muito pouca, ou seja, aquelas discussões que eram tão comuns no bairro e situações assim um bocado mais complicadas, neste momento são quase, eu diria, eu já não me lembro de ver sequer uma situação de discussão entre famílias. O nosso bairro era um bocado, existia ali uma segregação entre os de cima e dos de baixo ainda que as famílias fossem de etnia cigana, tanto em cima como em baixo, mas não comunicavam muito bem e o projeto começou a permitir que as crianças de cima e baixo pela primeira vez</i></p>	<p>As crianças que começaram a acompanhar estão todas a trabalhar</p> <p>Casarem apenas aos 18 anos</p> <p>Todas as crianças frequentarem o pré</p> <p>Reduzido número de absentismo escolar</p> <p>Deixar de haver a segregação do bairro,</p>

		<i>comunicassem, brincassem juntas e isso acabou por passar também para os pais. Neste momento acho que já não existe essa segregação, é um ganho dentro do próprio bairro. [...]</i>	não havia comunicação entre os moradores de cima e os de baixo
	<b>Caso(s) de insucesso</b>	<i>“[...] este sucesso é relativo porque nós temos sempre a querer mais do que aquilo que conseguimos atingir. Para mim o sucesso seria eu neste momento, as crianças que nós começamos a acompanhar na 5ª geração neste momento estarem na universidade. Sobre essa perspectiva não tenho nenhum caso de sucesso, percebes? São todos de insucesso. [...]</i>	Todos casos de insucesso dependendo das nossas expectativas

## A.5.4. SINOPSE TPE4

## Sinopse da entrevista – TPE4

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	<b>Criação do projeto</b>	“[...] entretanto quando fizemos a candidatura à 6ª geração conseguimos efetivamente que o projeto fosse aprovado [...] depois a candidatura à 7ª geração que foi basicamente um projeto de continuidade com alguns upgrades para a 7ª geração [...]”	Estão desde a 6ª geração
	<b>Missão e objetivos</b>	<p>“[...] o projeto assim de forma geral, o objetivo é um bocado o objetivo comum a todos os projetos que se candidatam ao Escolhas. Nós temos um grande número de crianças e jovens e famílias de etnia cigana no concelho [...] de forma geral o projeto pretende trabalhar sobre a temática de fundo que é a exclusão social. [...]”</p> <p>“[...] um dos objetivos do projeto é mesmo esse é fazer a ponte com os agrupamentos para conseguir ter aqui um encaminhamento mais efetivo das respostas educativas para essas crianças e jovens. [...]”</p>	<p>Objetivo central – exclusão social</p> <p>Um dos objetivos é fazer a ponte com os agrupamentos</p>
	<b>Palavras chave</b>	“[...] proximidade. Não sei, se calhar há, há muitas outras que se encaixariam, mas eu acho que o fundamental é isso. É o trabalho de proximidade que nós temos, a confiança que nós temos, o porta a porta. Isso é o fundamental. [...]”	<p>Proximidade</p> <p>Confiança</p>

	<p><b>Área de formação dos técnicos</b></p>	<p><i>“[...] eu sou de Criminologia, tirei Criminologia [...].”</i></p> <p><i>“[...] a criminologia não é um trabalho de CSI, como muitas vezes as pessoas pensam que é, não é. A criminologia baseia-se muito na questão da prevenção criminal, na prevenção da delinquência juvenil. E nesse sentido sim, tem tudo a ver com este projeto, [...] A parte da Criminologia ajuda-me em tudo o que é, no desenho, no diagnóstico, na parte mais ligada se calhar à resolução de conflitos, de mediação, à questão de se calhar me facilitar mais a questão de perceber e sinalizar alguns casos e encaminhar. [...]”</i></p> <p><i>“[...] sinceramente eu acho que a experiência é o mais importante, isso e as características individuais que também são fundamentais. Por exemplo, o perfil do próprio técnico não tem só a ver com a formação que fez, a formação universitária que fez. Acho que isso é o mais importante, é o perfil dos próprios técnicos. Há coisas que são fundamentais e a formação claro que ajuda, e as formações que fui fazendo desde que também estou a trabalhar nesta área. Mesmo o próprio Escolhas como tu sabes promove muitas formações nesta área. E depois a experiência que vais adquirindo, como é óbvio, é o mais importante como te digo. Mas o mais importante para mim, é mesmo o perfil e a experiência que vais adquirir ao longo do tempo também. [...]”</i></p>	<p>Criminologia</p> <p>A formação contribuiu, porque baseia-se na prevenção criminal, na prevenção da delinquência juvenil, e foi importante para o desenho e diagnóstico do projeto</p> <p>A experiência e o perfil dos técnicos é o mais importante</p> <p>Formações do Escolhas</p>
--	---	---	--

<p><b>Contexto de intervenção do projeto</b></p>	<p><b>Contexto de intervenção</b></p>	<p><i>“[...] nós estamos a trabalhar em 4 contextos de bairro social. [...] urbanização das Bétulas [...] o complexo habitacional da Cal, o bairro das Lameiras e um acampamento. Não é um bairro é um acampamento ilegal em Meães que já não é aqui bem no centro do concelho é mais na periferia. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Lameiras que é o mais conhecido, é o bairro maior. Não é um bairro exclusivamente de etnia cigana tem cerca de, no bairro deve ter cerca de, só para aí uns 30% é que são de etnia cigana. [...] É um bairro que tem uma associação que se chama a Associação das Lameiras, que é muito dinâmica e que promove ali no bairro todo um contexto favorável à inclusão social também. Essa associação de moradores inclui inclusivamente pessoas de etnia cigana e é essa associação que gere o bairro e funciona muito bem, [...].”</i></p> <p><i>“[...] o Bairro da Cal é um bairro que também tem associação de moradores, mas que não é tão dinâmica como a Associação de Moradores das Lameiras, é um bairro muito mais pequeno e que tem que cerca de, de etnia cigana é capaz de ter uns 60% mais ou menos. É um bairro mais pequeno, tem algumas problemáticas enraizadas, algumas relacionadas com a questão da própria cultura cigana, alguns problemas relacionados com a criminalidade, tráfico de droga, etc... [...]”</i></p> <p><i>“[...] Depois temos a Urbanização das Bétulas que é relativamente recente. Naquele sítio existia um acampamento há muito tempo, só de etnia cigana. Entretanto a câmara fez uma intervenção, concorreu a um projeto inovador Urbanístico e construiu um bairro social só para aquelas pessoas do acampamento. Então essas pessoas do acampamento passaram todas a residir nesse bairro. [...] é um bairro com muitos problemas, a comunidade não se adaptou ao local. E uma comunidade que até era muito unida enquanto acampamento, agora é uma comunidade com muitos conflitos, entre eles inclusivamente e tem muita criminalidade</i></p>	<p>Trabalham em quatro bairros sociais</p> <p>Nas Lameiras 30% da população é de etnia cigana</p> <p>Associação de moradores muito dinâmica e gere o bairro e promove a inclusão social</p> <p>No Cal - 60% a população é de etnia cigana</p> <p>Muita criminalidade e problemas relacionados com questões culturais</p> <p>Nas Bétulas – 100% a população é de etnia cigana</p> <p>Conflitos internos, muita criminalidade e a comunidade não se adaptou ao</p>
--	---------------------------------------	---	--

		<p><i>associada àquele bairro, desde tráfico de armas, tráfico de droga e roubos. Há muitas rusgas frequentemente lá, [...].”</i></p> <p><i>“[...] por fim, temos o acampamento, como te disse, que é um bocadinho mais na periferia, é um acampamento ilegal. O município já tentou algumas vezes reunir com os moradores para ver se era possível fazer lá alguma intervenção porque é um sítio que não tem saneamento, nem luz legal, nem água. [...] Só existe etnia cigana nesse acampamento e tem lá cerca de 17 agregados familiares que vivem em condições muito, muito precárias. [...] parece quase uma mini Síria, porque aquilo têm casas construídas com tijolos e tudo mais e em pedra, mas com muito poucas condições e assim. Mesmo o espaço exterior está degradado, é terra, é água por todo lado [...].”</i></p> <p><i>“[...] nós trabalhamos dentro dos próprios bairros. Tirando o acampamento de Meães que lá obviamente não há nenhuma sala, nem nenhum sítio específico para trabalhar. [...] Existe lá uma escola, uma EBI, uma escola primária muito perto, que é numa rua acima e em que nós trabalhávamos lá com essa população. [...].”</i></p>	<p>realojamento</p> <p>Meães – acampamento ilegal sem saneamento, água e luz legal</p> <p>17 agregados de etnia cigana</p> <p>Mini Siria</p> <p>Trabalham em salas nos próprios Bairros menos em Meães que trabalham numa escola</p>
	<p><b>Caraterização do Público-alvo</b></p>	<p><i>“[...] vários familiares dos nossos participantes estão presos e um cem número de jovens que não tem qualquer ocupação, não trabalha, não estuda e que se dedica ao crime essencialmente. E pronto, já para nem falar daquelas outras problemáticas todas ligadas à cultura cigana que não deve ser novidade nenhuma para ti, relacionadas com a questão do afastamento daquilo que é o contexto escolar, nomeadamente problemas relacionados com o absentismo, com o abandono precoce, com a gravidez precoce das raparigas de etnia e muitas outras problemáticas. [...].”</i></p> <p><i>“[...] Entre os bairros existem sempre muitos familiares, ou seja, são 4 bairros diferentes, mas</i></p>	<p>Muitos familiares presos, NEET e muito crime</p> <p>Afastamento da escola, absentismo, abandono precoce e gravidez precoce</p> <p>Ligações familiares entre os diferentes</p>

		<i>há sempre ligações familiares entre eles [...].”</i>	bairros
<b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b>	<b>Integração do público alvo no projeto</b>	<p><i>“[...] um trabalho de porta a porta, de proximidade, de chegar à porta bater, apresentar “sou o X, tenho um projeto, gostava de inscrever a sua criança para participar nesta ou naquela atividade?”. Começamos assim a ganhar alguma confiança, não foi assim logo de início, eles não vieram todos, não foi assim, foi aos pouquinhos e, entretanto, eles foram confiando. [...] ao longo do tempo fomos passando por cima disso e ao longo do tempo estabelecemos uma relação de confiança, um vínculo de confiança muito interessante com as famílias. Neste momento somos muito, eu considero que somos muito bem recebidos em todas as comunidades felizmente. [...]”</i></p> <p><i>“[...] O plano de atividades também ser enquadrado com aquilo que nós sabemos que eram os gostos deles e a forma como iríamos chegar a eles tinha que ser com as coisas que eles gostassem. E então também foi muito por aí e pronto e ao longo do tempo foi-se desenvolvendo aqui uma confiança. Os três primeiros anos do projeto foram mais difíceis, no terceiro ano já estávamos num bom nível e agora já é muito mais fácil. [...]”</i></p>	<p>Bater porta a porta, foi um processo lento, mas atualmente têm uma relação de confiança e proximidade</p> <p>Adaptaram o plano de atividades com o publico alvo</p> <p>Os primeiros 3 anos foram muito difíceis</p>
	<b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b>	<p><i>“[...] Nós temos como parceiros o município desde logo à partida e os agrupamentos de escolas, uma vez que nós trabalhamos muito com a questão escolar, [...] temos também a CPCJ que também é nossa parceira pelas razões óbvias de sinalizações e encaminhamento de situações e de jovens e temos a Associação das Lameiras também como parceira e penso que agora é tudo. [...] eu considero que existe até uma boa interação entre associações, entre agrupamentos, entre pronto, entre os vários parceiros considero que existe algum trabalho de articulação que é fundamental [...].”</i></p> <p><i>“[...] Rede de tutores e mentores, ou seja, nós técnicos somos como mentores e temos alguém, ou seja, dentro da nossa equipa há sempre um elemento, um mentor que está mais diretamente</i></p>	<p>Bom trabalho de parceria e articulação entre instituições</p> <p>Consórcio - Parcerias e fazer a ponte entre instituições, município, escolas e CPCJ, associações de moradores</p> <p>Mentores técnicos ligados a cada um dos bairros. Para facilitar a</p>

	<p><i>ligado a um bairro. Por exemplo, eu estou mais ligada ao acampamento de Meães, ou seja, sou a figura principal da equipa ligada ao acampamento e é comigo que estabelecem a maior parte das ligações. Outro técnico está mais referenciado nas Bétulas, outro mais na Cal e outro mais nas Lameiras, porque senão isto em termos de comunicação ia ser uma confusão, ou seja, acho que é importante eles terem uma figura principal de relação, embora nós trabalhamos em todos os bairros dependendo depois também das atividades.[...] depois existem tutores que [...] São jovens que podem ser da comunidade, ou não, mais velhos que nos acompanham sempre nas atividades e que facilitam um bocadinho também a dinâmica das próprias atividades e que também servem um bocadinho de referência para eles, umas referências positivas, [...] por exemplo, nós começamos na 6ª geração, ou seja, nós na 7ª geração já tínhamos como tutores participantes jovens que eram somente participantes na 6ª geração, ou seja, à medida que eles foram crescendo e se envolvendo no projeto depois tornaram-se tutores [...] quando vemos que são jovens que têm perfil [...] passam principalmente de participantes a tutores como outros voluntários [...]</i></p> <p><i>“[...] Nós tentamos estar sempre muito próximas dos nossos parceiros também e fazermos várias reuniões, não só as de consórcio, mas outras, outras mil [...]</i>”</p> <p><i>“[...] nós temos muitas atividades mesmo, algumas delas são marca do projeto, mas acima de tudo essas atividades são apenas coisas apelativas, porque no fundo o mais importante é este trabalho de porta a porta que nós temos de confiança, de proximidade, de resolver as coisas cara a cara, de dar resposta no momento, de comunicação direta. É um bocadinho por aí. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] nós acabamos por ser um projeto de intervenção, nós estamos em muitas reuniões de parceiros locais e pedem muitas vezes a nossa opinião e nós não somos uma associação, mas</i></p>	<p>comunicação, há uma figura de referência</p> <p>Rede de tutores que são ex. participantes e voluntários</p> <p>Tutores na 7ª geração que eram participantes na 6ª geração ou voluntários com determinado perfil</p> <p>Trabalho em rede (parcerias) reuniões</p> <p>Realizam atividades apelativas. Trabalho porta a porta, confiança e proximidade, comunicação direta</p> <p>São consultados pelos parceiros, acabam</p>
--	--	---

		<p><i>quase que representamos entre aspas a comunidade cigana aqui em Famalicão, ou seja, somos nós que defendemos os interesses deles nesse tipo de situações, neste tipo de reuniões políticas e somos sempre nós que damos um bocadinho a voz por eles e tentamos desta forma abrir um bocadinho a mente dessas pessoas que estão à frente às vezes de instituições, das pessoas que fazem as políticas, que fazem as regras. E realmente eu acho que nós somos, e também não só nós, porque nós também procuramos muitas vezes levar alguns jovens connosco para fazer esse trabalho, para terem voz junto destes órgãos políticos. [...] o município vai-se candidatar aos mediadores municipais e nós claro que fomos logo consultados para identificar dois elementos que fossem positivos e de etnia cigana, que fossem referências positivas para mediadores. Pronto já estamos a fazer, a planear esse projeto, a escrever esse projeto e temos felizmente dois, duas referências positivas nesse sentido. [...]"</i></p> <p><i>"[...] houve um seminário aqui em Famalicão que era sobre a etnia cigana e não convidaram elementos da etnia cigana para estarem nesse seminário e fui convidada para ser oradora. Então levei um jovem de etnia cigana, ninguém sabia, mas eu levei e po-lo a falar. Porque acho que é isso que falta um bocadinho, sabes? É um bocadinho auscultar, eles terem alguma representatividade. Não temos muitos elementos com essa capacidade infelizmente, mas o que temos estamos a tentar aproveitar-los. [...]"</i></p>	<p>por representar e serem a voz das comunidades ciganas</p> <p>Vão colaborar com o município no projeto mediadores municipais</p> <p>Participação em seminário. Convite a uma figura de referência dentro das comunidades</p>
	<p><b>Intervenção com a família</b></p>	<p><i>"[...] eles já sabem que nós não vamos para lhe fazer nada de mal, pelo contrário vamos lá para lhes dar coisas boas, para lhes proporcionar momentos, para lhes proporcionar mais condições, para envolver os filhos em coisas interessantes, que eles gostam, porque isso também foi importante. [...]"</i></p> <p><i>"[...] Eu considero que temos uma boa relação com praticamente todas as famílias, obviamente que já tivemos alguns pequenos problemas durante esse percurso todo, é normal,</i></p>	<p>Os pais valorizam a intervenção que é feita com eles e filhos</p> <p>Relação de confiança e direta com as</p>

		<p><i>mas no geral não temos qualquer problema, confiam em nós, temos uma relação direta de porta a porta. [...] É mesmo uma relação muito próxima e direta e de confiança. Fazemos algum trabalho com os pais, mas não é o objetivo principal do projeto. [...]</i></p> <p><i>“[...] diretamente trabalho de formação parental na 6ª geração não tínhamos nada e nós reparamos que estávamos um bocadinho a trabalhar com as crianças e jovens e depois sentíamos que eles iam para casa e depois em casa não havia continuidade naquilo que eles aprendiam connosco. E nós começamos informalmente cada vez a ter mais aproximação com esses familiares. Na 7ª geração nós criamos uma atividade diferente que era as nossas assembleias de pais, [...] para serem momentos em que juntávamos alguns familiares dos bairros, dentro dos bairros e que fazíamos uma espécie de reuniões informais onde refletíamos sobre algumas questões, nomeadamente estas questões relacionadas com o absentismo e o abandono escolar, estas questões relacionadas muito com a cultura com te falei à pouco, da gravidez, desse tipo de situações, dos conflitos que existiam no bairro, refletir um pouco sobre a dinâmica do próprio bairro. E, entretanto, começamos com essas assembleias precisamente para serem momentos de trabalho com os pais, familiares. Nós achávamos que ia ser muito difícil convencer as famílias a estarem nestas sessões, inicialmente não foi, ainda conseguimos alguma participação [...].”</i></p> <p><i>“[...] nós somos a ponte dessa comunicação. Às vezes ligam para nós “olha não consigo falar com a família do X, vais lá ao bairro? Se vais diz isto, ou faz isto”. É claro que sendo uma comunicação indireta há mais risco de falha, é normal. E nós fazemos o que podemos e sempre que nos pedem este tipo de situações nós fazemos e mesmo das famílias quando precisam de alguma coisa, por exemplo para resolver questões que são mais ligadas com a ação social ou coisas relacionadas com alimentação, ou coisas relacionadas com o RSI, esse tipo de coisas. Nós tentamos sempre fazer essa ponte de contacto, mas obviamente que não é a ideal. [...]</i></p>	<p>famílias</p> <p>Necessidade de trabalhar com os pais e criaram as assembleias de pais</p> <p>Discutiam em conjunto temas como absentismo, abandono precoce, gravidez, conflitos</p> <p>Tiveram mais participação do que o inicialmente previsto</p> <p>São a ponte entre as instituições e as famílias e apoiam as famílias em tudo - preenchimento de documentos, etc.</p>
--	--	--	--

	<p><b>Comunicação</b></p>	<p><i>“[...] A comunicação está presente em tudo, existe efetivamente. Da nossa parte como eu te disse é uma comunicação muito informal, muito próxima das comunidades, muito próxima das famílias e resulta. Acho que efetivamente a comunicação entre outras entidades, nomeadamente entre as entidades mais repressivas e estas comunidades não é afetiva não existe, ou a que existe falha. Porquê? Porque não é feita da forma que te estou a dizer, ou seja, eles não vão falar com as pessoas, não vão ao terreno, ou seja, convocam através de cartas, cartas que às vezes chegam, às vezes não chegam, eles também não ligam às cartas. Ou então tentam telefonar, mas eles estão sempre a mudar de telefone, de números, porque muitas vezes não tem saldo e aquelas coisas todas e não conseguem entrar em contacto e é uma confusão. Então o que fazem muitas vezes é que nós somos a ponte dessa comunicação. [...]”</i></p>	<p>Comunicação está presente em tudo</p> <p>Comunicação informal e próxima</p> <p>Comunicação entre as comunidades e outras entidades não existe ou falha (cartas, telefone)</p> <p>São a ponte nesta comunicação</p>
	<p><b>Tipo de intervenção</b></p>	<p><i>“[...] Nós queríamos que fosse mais preventiva e é para isso que nós trabalhamos, por isso é que nós começamos a trabalhar com as crianças desde que elas têm 6 anos, isto também porque não pode ser antes. O Escolhas, pronto sabes que exige que seja dos 6 anos embora eu acho que esse trabalho já podia ser feito numa idade antecipada. Mas efetivamente é a partir dos 6 e a partir dos 6 a maior parte das crianças desses contextos começa a estar connosco e nós efetivamente trabalhamos com eles para que seja um trabalho de prevenção. No entanto, tendo em conta que os problemas já estão enraizados nas famílias e o problema não pode ser olhado só de forma individual para o participante, para criança neste caso e por isso já não é só um trabalho de prevenção, entendes? Nunca é só um trabalho de prevenção. [...]”</i></p>	<p>Preventiva e remediativa</p> <p>Trabalham deste os 6 e ate faria sentido trabalhar</p> <p>Problemáticas já enraizadas por isso também é remediação</p>

	<p><b>Atuação perante uma situação de conflito</b></p>	<p><i>“[...] aconteceu ali qualquer coisa e o miúdo ficou muito chateado, porque eu lhe disse qualquer coisa, eu já não me lembro muito bem, ou porque disse para ele tirar qualquer coisa, não sei. E sei que ele disse qualquer coisa do género “vou dizer à minha mãe que me bateste”, qualquer coisa assim e na altura estavam os miúdos todos e mais uma técnica comigo. [...] Depois comecei a pensar se eu não tivesse feito aquilo, se eu não tivesse ido lá falar com o pai e mostrar a situação efetivamente como foi, porque isto é um exemplo de comunicação também e provavelmente o que é que ia acontecer? [...] é sempre assim que nós resolvemos as situações. Acontece alguma coisa em alguma atividade, algum problema com alguma criança, algum jovem e nós a primeira coisa que nós fazemos é quando chegamos ao bairro falar com a família e dizemos “olha ele hoje fez isto, está assim”, percebes? Fazemos sempre essa partilha direita na hora, [...].”</i></p>	<p>O miúdo foi contrariado e ameaçou dizer ao pai que a técnica lhe tinha batido</p> <p>Resolvem as situações com base no diálogo e no momento, não adiam</p>
	<p><b>Intervenção e relação com as Escolas</b></p>	<p><i>“[...] os agrupamentos de escolas, uma vez que nós trabalhamos muito com a questão escolar, alias um dos objetivos do projeto é mesmo esse é fazer a ponte com os agrupamentos para conseguir ter aqui um encaminhamento mais efetivo das respostas educativas para essas crianças e jovens. [...]”</i></p> <p><i>“[...]um dos objetivos do projeto é mesmo esse é fazer a ponte com os agrupamentos para conseguir ter aqui um encaminhamento mais efetivo das respostas educativas para essas crianças e jovens. [...]”</i></p>	<p>Fazer a ponte entre as escolas e as comunidades - Mediação</p> <p>Fazer a ponte com os agrupamentos</p>

<p><b>Obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p>“[...] houve uma queixa a essa escola, porque não era inclusiva, só tinha alunos de etnia cigana e, entretanto, fecharam essa escola. Isto foi há um ano e tal penso eu, mais ou menos há um ano, este ano letivo já não houve aulas nessa escola. Eles foram integrados noutras escolas, mas isso também acabou por ser um problema, porque o facto que eles terem sido integrados noutras escolas mais longe fez com que os pais deixassem de os levar à escola, ou por falta de meios ou por todas as outras questões que já sabes que são relacionados com a falta de valorização daquilo que é a escola para estas comunidades. [...]”</p> <p>“[...] Acho que o comprometimento, acho que às vezes há um bocadinho falta de comprometimento, era mais no início, por acaso sentíamos mais isso que havia alguma falta de comprometimento. Nós planeávamos muitas vezes grandes atividades, atividades que implicavam muita logística, muita coisa e às vezes havia participantes que falhavam à última da hora e nós ficávamos frustrados, mas sinto que ao longo do tempo isso foi acontecendo cada vez menos, ainda acontece, mas foi acontecendo cada vez menos. [...]”</p> <p>“[...] Olha criar esta noção de que a escola é muito importante, tem sido muito difícil, há uma desvalorização muito grande daquilo que é a escola, da expectativa que eles têm em relação à escola e isto tem sido difícil de trabalhar, [...]”</p> <p>“[...] A própria cultura, temos tido muita dificuldade nas nossas jovens, que começam ali a chegar aos 13, 14, 15 anos a ficar prometidas. Até são, são antes disso, mas que começam a casar e pronto o casamento de etnia cigana. E que automaticamente uma vez isso acontecendo deixam de participar nas atividades ou participam, mas de forma muito pouco frequente e também desistem logo da escola, deixam de ir e temos tido muita dificuldade com essas jovens dessa faixa etária porque são muito pressionadas pelas regras da própria cultura e isso tem sido muito difícil de trabalhar. E às vezes acontece de nós estarmos a achar que estamos ali a</p>	<p>Escola que fechou porque não era inclusiva, mas que o seu fecho levou ao absentismo</p> <p>Desvalorização da escola</p> <p>Falta de comprometimento</p> <p>Frustração</p> <p>Desvalorização da escola</p> <p>Questões culturais - casamento precoce</p> <p>Frustração</p>
--	--	---	--

		<p><i>chegar a um bom caminho com algumas e às vezes acontecem umas surpresas de repente e pronto, isso faz-nos ficar um bocadinho frustrados neste caso. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] A questão que muitas vezes eu sinto e isso é o que nós também tentamos trabalhar. Nós trabalhamos a inclusão social com eles, mas que há toda uma inclusão social que deve ser trabalhada não com eles, mas com a restante sociedade, neste caso comunidade, sociedade em geral, entendes? Não adianta, nós às vezes achamos que até estamos a conseguir abrir horizontes no trabalho que fazemos com eles e depois a restante comunidade não corresponde. Por exemplo, dou-te o exemplo de jovens que querem por exemplo trabalhar e que ninguém facilita isso. Vão à entrevista de emprego e são excluídos automaticamente porque são ciganos, por exemplo, já tivemos essas situações. [...].”</i></p> <p><i>“[...] Nas próprias escolas existe exclusão, as próprias respostas educativas muitas vezes são pouco inclusivas quando vemos aquelas turmas de PIEF. Não sei se vocês aí também têm, são constituídas por alunos de etnia cigana e isso não facilita nada, mas são as próprias escolas que fazem essas turmas, que fazem esses grupos isso dificulta tudo. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] Infelizmente os casos de insucesso são muito maiores do que os casos de sucesso, eu acho que todos os técnicos que vêm trabalhar para esta área e com este tipo de público tem que se habituar um bocadinho à frustração e a trabalhar com poucos resultados porque efetivamente são muito mais as desilusões do que aqueles jovens que conseguem realmente chegar aonde nós pretendemos que eles cheguem, [...].”</i></p> <p><i>“[...] foi um daqueles casos que eu estava a falar, ele deve ter ido para aí a oito entrevistas de emprego ou nove, em que saiu de lá a achar que tinha corrido muito bem e que supostamente</i></p>	<p>Preconceito e exclusão, por exemplo no emprego.</p> <p>Respostas educativas pouco inclusivas – PIEF - turmas só de ciganos</p> <p>Os casos de insucesso são muitos</p> <p>Os técnicos têm que saber lidar com a frustração e com poucos resultados</p>
--	--	--	---

		<p><i>até era o candidato mais indicado e foi excluído sem nenhuma razão aparente a não ser o facto de ser de etnia cigana. E embora ele nunca tivesse dito que era de etnia cigana, pronto visivelmente o aspeto, pronto, era difícil de enganar. [...]</i></p> <p><i>“[...] outras questões que nós também não entendemos, que é a parte das CPCJ. Porque é que não acontece nada a este tipo de situações? Porque é que não andam para a frente com esse tipo de processos? Aqui em Famalicão, pelo menos desde que eu estou a trabalhar aqui, durante estes anos todos nunca houve uma medida, a não ser uma medida de sensibilização normal aos pais de tentativa de mudança. Nunca houve, nunca aconteceu nada em nenhuma família, com nenhuma criança ou jovem. [...] Depois há aqui um descrédito. Um descrédito normal que acontece e é complicado lidar com isto. [...]”</i></p>	<p>Preconceito na integração laboral</p> <p>CPCJ não entendem a sua intervenção ou falta dela</p> <p>Há um descrédito na sua intervenção porque não atuam em casos de negligencia grave</p>
	<p><b>Pandemia Covid 19</b></p>	<p><i>“[...] esperamos sinceramente que seja aprovado, porque as problemáticas acentuaram-se muito nos últimos meses por causa, principalmente por causa da questão de covid [...].”</i></p> <p><i>“[...] entretanto começamos com essas assembleias precisamente para serem momentos de, de trabalho com os pais, pais, familiares e nós achávamos que ia ser muito difícil convencer as famílias a estarem nestas sessões, inicialmente não foi, ainda conseguimos alguma, alguma, alguma participação só que depois começou, isto foi, foi 1 ano, não é? Foi só o 1º ano e, entretanto, começou a existir esta questão do covid e deixamos de fazer essas dinâmicas. [...]”</i></p> <p><i>“[...] então agora desde que, que aconteceu a situação do covid está cada vez mais difícil e acho que agora vamos, estamos a tentar ao máximo arranjar soluções com os agrupamentos de escolas para estas comunidades que neste momento estão sem nenhuma resposta e uma boa resposta pelo menos, uma boa solução para, para esta situação que, não, não tem meios para</i></p>	<p>O covid veio a limitar as atividades, algumas deixaram de acontecer</p> <p>Muitas atividades deixaram de acontecer devido ao covid</p> <p>O covid veio piorar a relação da escola com as comunidades.</p>

		<p><i>isto, não é? [...]”</i></p> <p><i>“[...] Foi só o 1º ano e, entretanto, começou a existir esta questão do Covid e deixamos de fazer essas dinâmicas. [...] fazíamos antes de existir o covid bastantes dinâmicas que implicavam a interação entre bairros. Tínhamos vários, por exemplo, o desporto, as artes, fazíamos várias mobilidades entre bairros, várias competições, várias coisas que implicasse a interação entre os bairros. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Agora com a questão do covid é que veio piorar muita coisa que tínhamos conseguido e que agora tem piorado, nomeadamente o nível de participação, mas isso considero que é normal, embora eu acho que não sofreu assim tanto tendo em conta, por exemplo comparando com o nível de absentismo e abandono escolar que existe nestas comunidades agora. [...]”</i></p> <p><i>“[...] nós agora nesta situação fomos fundamentais para os agrupamentos de escolas, sem nós eles não conseguiam estabelecer metade das ligações, metade das redes de contacto, metade das soluções educativas, mesmo não sendo as melhores nem as ideais. Não conseguiam sem nós, sou te sincera. [...]”</i></p>	<p>Não há boas soluções</p> <p>Covid piorou a participação dos participantes no projeto e aumentou o absentismo escolar e abandono escolar.</p> <p>O Covid aumentou o absentismo escolar</p> <p>Se não fosse o projeto a escola não conseguia estabelecer ligação com as comunidades nem dar determinadas respostas</p>
--	--	--	---

<b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b>	<b>Mudanças com a intervenção</b>	<p><i>“[...] nós agora com estas paragens, nós deixamos de estar no terreno e quando voltarmos já parece que já estão diferentes, estás a perceber? Parece que já há mais problemas, já há mais conflitos, já os miúdos estão mais fechados em casa, já não tem dinâmica. É muita a diferença de quando nós estamos no terreno e de quando nós não estamos. Por isso eu acho que sim, que o projeto ia fazer mesmo muita diferença. Por exemplo, uma das coisas que nós avaliamos frequentemente com eles nas assembleias de jovens que são momentos maiores de avaliação, que nós fazemos com eles, sobre a importância do projeto para eles. Já fizemos algumas entrevistas nesse sentido, de procura de testemunhos, da diferença que fez no trajeto deles e na importância que o projeto teve no projeto de vida deles e de facto eles referem isso como uma coisa muito positiva e mesmo muito, muito especial. [...]”</i></p>	<p>Nas paragens normais entre gerações já parece que aumentam os problemas, os conflitos</p> <p>Nas assembleias de jovens eles avaliam de forma positiva a importância que o projeto tem no seu projeto de vida</p>
	<b>Caso(s) de sucesso</b>	<p><i>“[...] é um caso de sucesso, não só pelo sucesso profissional, mas também como pessoa. É uma referência para os jovens, ele é do bairro da Cal daquele bairro que eu te disse que não é nem tão bom, nem tão mal, mas ele está num contexto, tem um agregado familiar muito grande. Tem muitas crianças pequenas que estão na casa dele e ele vive num T2, salvo o erro, onde vivem, sei lá, para aí umas treze pessoas, quatorze, nem sei bem e muitas delas são crianças pequeninas. E nesse sentido ele apesar de ter um contexto familiar super desestruturado, historial de crime, pai preso, irmão preso, tráfico de droga, mãe vítima de violência doméstica, ou seja, um caso que tinha tudo para dar errado e que tanto como pessoa, como a nível de integração social e profissional é um caso de sucesso. [...]”</i></p>	<p>Um ex participante que apesar de todo o contexto onde nasceu e mora, trabalha e vai ser integrado no projeto dos mediadores municipais</p>

	<p><b>Caso(s) de insucesso</b></p>	<p><i>“[...] tinha 13 anos, penso eu. E de um momento para o outro apareceu-nos grávida e foi assim um choque, não estávamos mesmo nada à espera e foi complicado sabes porquê? Porque a partir do momento que essa jovem engravidou, foi uma, mas elas eram todas muito próximas umas das outras, vivem no mesmo sítio, andavam sempre juntas e a partir do momento que aconteceu a uma, não estão todas grávidas, mas estão várias, foi assim aos poucos. Depois houve mais uma que se prometeu, mais uma que casou e agora não estão todas ainda. Ainda tenho ali esperança numa ou duas, mas efetivamente foi aqui uma espécie de contaminação. Houve uma que engravidou e começou a partilhar isso com as outras, já saiu de casa, foi morar com o jovem, com o pai do filho e depois as outras começaram também e acabam todas por estar nesse trajeto e não era aquilo que nós queríamos porque o que é que acontece? Efetivamente ela engravidou e a partir desse momento deixou de frequentar a escola e ela é menor. [...]”</i></p>	<p>Uma jovem de 13 engravidou e acabou por influenciar o restante grupo da mesma idade.</p> <p>São casos de abandono escolar</p>
--	------------------------------------	---	--

## A.5.5. SINOPSE TPE5

Sinopse da entrevista – TPE5

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	<b>Criação do projeto</b>	“[...] projeto na 6ª, na 7ª geração [...].”	O projeto está há 4 anos no terreno
	<b>Missão e objetivos</b>	<p>“[...] O objetivo principal do projeto na 6ª, na 7ª geração passa um bocado também da integração também social. Depois o projeto tem vários objetivos, nós temos a parte da integração social como é óbvio, candidatamo-nos à parte das TIC porque nós notamos muito que existe muita falta de formação das TIC por parte dos pais principalmente e dos novos participantes. [...]”</p> <p>“[...] 7ª geração notamos que de facto deveríamos envolver aqui os pais de outra forma [...].”</p> <p>“[...] eu acho que até fazemos um trabalho de prevenção e de inclusão, contudo também temos que trabalhar a questão da comunidade em si. [...]”</p>	<p>Integração social</p> <p>Formação TIC</p> <p>Envolvimento dos pais</p> <p>Prevenção e inclusão</p>
	<b>Palavras chave</b>	“[...] Anima que significa dar alma, porque pelo menos nós enquanto equipa temos um quê de prevenção, de aproximação, de resolução. Podemos dizer de tudo, mas acredito que para além daquele trabalho que nós temos que fazer nós damos alma e eu sinto isso. [...]”	Dar alma

	<p><b>Área de formação dos técnicos</b></p>	<p>“[...] eu nunca acabei nenhuma licenciatura [risos]. Eu comecei, a minha área foi área social na altura. [...] achei interessante que era o curso de técnico de apoio psicossocial [...]”</p> <p>“[...] a experiência do terreno acho que é mais importante, [...] acho que é muito trabalho de terreno e ainda vou mais a fundo, não é qualquer pessoa, acho que é necessário ter perfil. O perfil ou é como um ator tenta-se ter, ou é natural e muitas vezes quando se tenta ter e se torna muito forçado pode ser prejudicial no nosso trabalho, porque nós trabalhamos com pessoas. Mas lá está eu sou a favor que o trabalho de terreno acaba por ser a nossa formação. [...] Primeiro acho que tem que ser uma pessoa que saiba se adaptar, digamos que seja uma pessoa adaptada, adaptar ao contexto, adaptar à linguagem, adaptar-se a tudo, que seja uma pessoa que saiba improvisar e que tenha uma grande capacidade de resposta rápida. [...] O projeto muitas vezes depara-se com situações de última hora e se nós não formos uma pessoa desenrascada e que não sabemos comunicar o nosso trabalho vai por água abaixo. Tem que ser sem dúvida um mediador, temos que ser mediadores nem que seja, por exemplo, com os restantes parceiros. É isso que é essencial, tem que ser um bom comunicador, um bom mediador e uma pessoa de resposta rápida. [...]”</p>	<p>12º ano técnico do curso de técnico de apoio psicossocial</p> <p>Considera a experiência no terreno e o perfil mais importante do que a formação</p> <p>Perfil do técnico - pessoa que se adapte a tudo e que saiba improvisar</p> <p>Mediador</p> <p>Bom comunicador</p>
<p><b>Contexto de intervenção do projeto</b></p>	<p><b>Contexto de intervenção</b></p>	<p>“[...] no bairro das Bétulas que é o que eu estou mais, [...]” É um bairro que tem muitos problemas, muito tráfico, a polícia está sempre lá, os miúdos muitas vezes partem os vidros dos carros [...]”</p> <p>“[...] O projeto não está só nos bairros, nós temos, por exemplo, nós estamos integrados nas escolas e depois temos a parte de teatro e da oficina de meditação, e a parte de espetáculos e assim, portanto nós temos imensos grupos. [...]”</p>	<p>Trabalha mais no bairro das Bétulas - muito tráfico e criminalidade</p> <p>O Projeto também trabalha nas escolas e na sede de projeto</p> <p>Bairro só de ciganos com muitos</p>

	<b>Caraterização do Público-alvo</b>	<i>comunidade, acaba por ser muito conflituoso [...]”</i>	conflitos dentro da comunidade
<b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b>	<b>Integração do público alvo no projeto</b>	<p><i>“[...] foi fazer o porta a porta, apresentar o projeto. Dar um bocado aquilo que os participantes queriam mediante as necessidades deles é aqui uma primeira abordagem que eu acho essencial, que é o quê? A apresentação, quem é que nós somos, depois “olhe precisa por acaso de alguma coisa?”. [...]”</i></p> <p><i>“[...] a minha relação já acaba por ser um bocado especial como eu costumo dizer. Porquê? Eu sou convidada para tu teres noção para casamentos, eu participo nas festas deles de vez em quando, eu bato à porta e já nem é preciso esperar que alguém dê autorização. [...] no bairro das Bétulas que é o que eu estou mais, basicamente estou lá todos os dias [...].”</i></p>	<p>Porta a porta, perceber as necessidades e estar disponível</p> <p>Relação de muita proximidade convidada para festas, casamentos</p>
	<b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b>	<p><i>“[...] adequar a vários contextos [...] a forma de nos estarmos e a nossa linguagem corporal, a forma como nós comunicarmos tem-se que se adaptar mediante, lá está as situações e os contextos que nós estamos. [...]”</i></p> <p><i>“[...] nós damos acesso a outras atividades de grande escala, por exemplo intercâmbio entre bairros, entre outro tipo de atividades mesmo do concelho, que acabam por cativar os nossos participantes. [...]”</i></p> <p><i>“[...] fazemos um trabalho de prevenção e de inclusão, contudo também temos que trabalhar a questão da comunidade em si. [...] era a questão de trabalhar, não só a comunidade específica da etnia cigana, mas sim toda a comunidade no geral, porque acho que não adianta nós</i></p>	<p>Adequar aos vários contextos, adequar a comunicação</p> <p>Proporcionar experiências únicas como forma de cativar</p> <p>Inclusão e prevenção</p>

		<p><i>fazemos um trabalho de prevenção no bairro sendo que à volta a mentalidade é ainda outra. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] trabalhar essa visão de fora, como eu ao bocado tava a dizer, a questão dos vizinhos e do meio ali envolvente... Ah de que propriamente a comunidade. Porque é assim eu vou ser muito franca, muitos deles excluem-se por escolha própria, é logo “aí eu sou cigano e, portanto, ninguém me vai dar emprego”, [...].”</i></p>	<p>Trabalhar com a sociedade majoritária os preconceitos e estereótipos</p> <p>Trabalhar a visão de fora, há também uma autoexclusão</p>
	<p><b>Intervenção com a família</b></p>	<p><i>“[...] 7ª geração notamos que de facto deveríamos envolver aqui os pais de outra forma e então houve aqui uma criação, por exemplo, da assembleia de pais que nós não tínhamos, uma parte de sensibilização. [...] fizemos uma atividade que se chama gabinete itinerante eu falo com eles e estou sempre no apoio da interpretação do correio, ou marcações para o apoio social, mesmo a nível de gestão doméstica, a parte dos tribunais e assim.[...] Mas muitas vezes eles tem uma questão já cultural enraizada entre eles, mas muitas vezes temos que fazer esse trabalho de prevenção e temos que começar pelos pais, porque não adianta trabalhar com os participantes e depois temos, neste caso os pais que são as pessoas exemplos deles muitas vezes a praticarem coisas contrárias. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] eu tenho vários casos, eu ajudo muita gente a ir a entrevistas, por exemplo de emprego, [...].”</i></p> <p><i>“[...] Eu sou a única técnica que mete os pés num determinado bairro [...] as escolas, porque nós temos alunos de vários agrupamentos, liga-me sempre a mim e sou eu o contacto com as famílias e neste caso a Segurança Social e a Comissão. Mesmo pela própria polícia muitas</i></p>	<p>Houve um maior envolvimento dos pais na 7ª geração, os pais são os exemplos dos filhos</p> <p>Criação da assembleia de pais</p> <p>Gabinete itinerante, apoio em tudo e momentos de sensibilização</p> <p>Apoio na integração no mercado de trabalho</p> <p>Mediação entre a comunidade e os serviços, escola, RSI, CPCJ, SS</p>

	<p><i>vezes, porque sou eu ali a figura neutra, dentro do bairro. [...] a parte burocrática, por exemplo de pedir apoio social, a questão da alimentação porque não tenho telemóvel, sou eu que faço. [...]</i>”</p>	<p>A técnica é vista como uma figura neutra</p> <p>Apoio na parte burocrática, pedir apoios</p>
<b>Comunicação</b>	<p><i>“[...] a comunicação está presente em tudo, se nós não formos bons comunicadores, não há trabalho. Seja com os miúdos e muitas vezes torna-se difícil a comunicação com os miúdos, eu digo isso porque muitas vezes levam-nos a problemas e eu já tive alguns [risos]. Sem a comunicação seja ela formal ou não formal. Formal mais por uma questão de parceiros que muitas vezes tem ser. Eu acho que é o essencial é a base de tudo. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] Eu se não fosse uma boa comunicadora a nível de contexto informal eu não conseguiria ter um trabalho de proximidade [...].”</i></p>	<p>Comunicação presente em tudo é a base</p> <p>Sem comunicação não há trabalho</p> <p>Formal com parceiros, informal com os participantes</p> <p>O trabalho de proximidade só é possível porque há uma boa comunicação</p>
<b>Tipo de intervenção</b>	<p><i>“[...] Eu digo que é as duas [risos]. Sim, porque lá está, temos aqueles casos que nós começamos logo desde o início ou a meio e acaba por ser também de prevenção, mas em muitos casos é remediar. Às vezes até o remediar depois num futuro até acaba por ser uma boa solução outras vezes é só mesmo para remediar, [...].”</i></p>	<p>Preventiva e Remediativa</p>
<b>Atuação perante uma situação de conflito</b>	<p><i>“[...] Fui ao bairro e fui logo agredida com um ferro, sim porque o miúdo não disse que era a estagiária, [...] No dia a seguir [...] fui ao espaço e o espaço estava completamente partido, destruíram-me tudo [...] fui proibida de pôr lá os pés [risos]. Mas isso teve a ver com a questão do presidente da câmara, mas para mim eu no dia a seguir até estava lá. Passados uns meses voltei para lá normalmente o porta a porta. Tinha lá uma nova família ou outra e agora dou-me super bem até com a pessoa que na altura me agrediu. Eu enfrentei o problema não me deixei ficar, há pessoas que já aconteceu cenas de ameaças idênticas e a solução é “vou-me</i></p>	<p>Jovem impulsivo que se chateou com a estagiária, família agrediu logo a técnica sem a deixar explicar</p> <p>Enfrentou o problema e o conflito foi resolvido passado algum tempo.</p>

		<i>retirar”. Eu acho que não é mostrar medo, são pessoas, portanto lá está outra vez a questão da comunicação. [...]</i>	Enfrentou o problema e comunicou
	<b>Neutralidade</b>	<i>“[...] mesmo pela própria polícia muitas vezes, porque lá está sou eu ali a figura neutra, dentro do bairro tudo o resto como é óbvio existe técnicos que se entrarem lá dentro eles já sabem que vai cortar por exemplo, ou vão e podem cortar qualquer tipo de rendimento e assim, eu felizmente não tenho essa imagem. [...]</i>	Vista com a figura neutra dentro da comunidade
	<b>Intervenção e relação com as Escolas</b>	<i>“[...] muito dos nossos participantes na parte escolar não iam ter resposta, digo isto porquê? [...] é que as escolas estão a dar os trabalhos de casa e nós estamos a ir entregar [...] porque nós temos imenso miúdos, principalmente dos bairros sociais em que os computadores não chegaram aí. [...]</i>  <i>“[...] as escolas, porque nós temos alunos de vários agrupamentos, liga-me sempre a mim e sou eu o contacto com as famílias [...]</i>	Em pandemia o canal de comunicação com os ciganos foi o projeto na entrega dos trabalhos de casa  Mediação entre a escola e as famílias

<p><b>Obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p><i>“[...] uma cigana que não se nota, porque há ciganas que a nível de aspeto, o cabelo e assim, pela fala dizem logo que são de etnia, mas ela por acaso, não, não se nota assim muito, mesmo pela fala. Ela própria treina a fala, para falar de forma diferente para conseguir arranjar emprego. Entretanto eu marquei uma entrevista, mas ela pediu por favor para dizer que não era cigana, porque senão à partida não a iam integrar e de facto aconteceu. Ela não disse que era cigana. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Falta de participação não temos a nível geral, agora existe algumas falhas de participação sim, em certas atividades, principalmente nos bairros sociais porque eles às vezes têm muita falta de compromisso. [...]”</i></p> <p><i>“[...] existem dias que são mesmo muito difíceis, mas às vezes tem a ver com uma parte cultural deles, ou porque morre alguém, ou até porque está a chover e nós não temos sala. Neste caso no Bairro das Bétulas nós temos que andar uns três minutinhos a pé e quando está a chover bem há muitos não lhes apetece ir. Na parte do apoio ao estudo aí já é um sacrifício, mas eu lá está transformo o apoio ao estudo numa parte engraçada para eles, mas há dias que não é fácil, que eu própria fico frustrada. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Eu tenho participantes que neste momento, eu perdi-os completamente. Começaram comigo com os seus 6, 7 anos estão nos seus 12 e 13 anos e já tive de fazer sinalização mesmo à própria polícia porque estão metidos em gangues. [...] mesmo na casa deles existe muito tráfico de armas, de droga [...] me custa saber que os miúdos crescem naquilo, como é óbvio depois não têm muitas perspetivas futuras, [...]”</i></p>	<p>Existe discriminação principalmente na integração no mercado de trabalho</p> <p>Falta de compromisso</p> <p>Nas participações por questões culturais - luto, casamentos</p> <p>Atividades que não gostam ou dão trabalho</p> <p>Frustração</p> <p>Criminalidade, entrada em gangues</p> <p>Crescem em ambientes de crime</p>
--	--	---	---

		<p><i>“[...] uma situação também à beira da estação de comboios em que era um acampamento ilegal. Depois a câmara é que lá está conseguiu uns edifícios e realojou toda a gente lá, mas houve aqui também um problema que era as pessoas que estavam habituadas a acampar não estavam preparadas para saber morar num apartamento mal. Houve algum estudo sociológico que disse que sim, que ia funcionar, mas não funciona porque foi integrado outras pessoas onde já havia conflitos entre eles e ainda hoje é assim. É um bairro em que eles dão-se por blocos e não todos em comunidade, acaba por ser muito conflituoso. [...]”</i></p> <p><i>“[...] E depois existe de facto aquelas pessoas que olham logo para os ciganos ali com uma barreira e nem sequer dão oportunidade e muitas vezes isto com as crianças veem uma criança cigana dizem logo que a criança vai roubar a pedido dos pais. Eu por acaso além de ver estas situações e ouvir as experiências das crianças custa-me imenso, muitas vezes perceber o preconceito que existe das outras pessoas relativamente à etnia cigana e ao contrário porque muitas vezes eles também têm preconceito com eles e com outras etnias. [...]”</i></p>	<p>O realojamento num bairro social não correu bem, não se adaptaram e há muitos conflitos</p> <p>Houve um estudo sociológico, mas não foi eficaz</p> <p>Muito preconceito da sociedade maioritária em relação aos ciganos, nomeadamente com as crianças</p> <p>Também há preconceito dos ciganos com outras etnias</p>
	<p><b>Pandemia Covid 19</b></p>	<p><i>[...] primeiro o nível de criminalidade em certos sítios ia aumentar. Nós já notamos essa diferença porque deixamos estar tão presentes em certos sítios e isso aconteceu. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Agora com esta situação do covid com a situação de participação dos bairros sociais nas atividades, mas isso tem a ver com a falta de acesso às TIC, porque nós continuamos a fazer muita coisa online e no ano passado eu ainda consegui fazer umas oficinas de dança. [...] a nível digital às vezes participam num desafio ou outro que nós pomos no insta, mas aí eu tenho que pedir ao irmão mais velho para emprestar o telemóvel, mas a nível de dança, do teatro e</i></p>	<p>Aumentou a criminalidade com o covid</p> <p>Falta de participação nas atividades devido ao acesso às TIC</p>

		<p><i>assim não consigo fazer online. [...]”</i></p> <p><i>“[...] participação também tamos a perder em certos bairros. Mas é o que eu digo é fazer o porta a porta novamente e conquistar outra vez. Não é preciso conquistar, mas reconquistar a questão dos pais, da participação, porque depois vai ser muito difícil. Eu acredito que vai ser muito difícil depois uma participação como era antes assim logo de início. Os pais por acaso a nível escolar isso vai ser difícil, para as atividades eu acredito que eles venham logo todos, os pais preferem mandar os miúdos “vais com ela que estás segura”, do que propriamente levá-los para a escola. Essa parte acho que vai ser bastante difícil, já agora o município está a dar esta oportunidade de os alunos irem para a escola, ter um computador lá e terem um apoio do professor e os pais estão completamente cheios de medo, uns usam isso como desculpa, mas há outros que se nota mesmo o medo do vírus, sim. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Eu acho sem dúvida a parte escolar, eu acho que esse é o nosso maior desafio, porque é assim nós conseguimos uma parte, diminuir a parte do absentismo escolar, da participação escolar e sinto que a esse nível, como é óbvio com a situação do covid que esse trabalho está-se a perder um bocadinho e mesmo a nível de participação. [...]”</i></p> <p><i>“[...] com isto do covid já não é permitido ir aos sítios sem marcação, muitos deles não têm contacto telemóvel e eu acredito que eu faço, o projeto faz imensa diferença e que cada técnico faz a sua diferença [...].”</i></p>	<p>Precisam de reconquistar novamente os pais</p> <p>Mas afetou mais a participação na escola que nas atividades do projeto</p> <p>Os alunos podem ir para a escola e usarem computadores da escola, mas o medo afasta-os (alguns como desculpa)</p> <p>O absentismo aumentou muito</p> <p>Apoio no acesso a serviços que com o Covid é só por marcação</p>
--	--	--	---

<p><b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><b>Mudanças com a intervenção</b></p>	<p><i>“[...] Muitas pessoas não se acreditam, mas eu enquanto passo a semana toda naquele bairro, ali à volta, não há problemas, não há muitos problemas. Há problemas à noite com os vizinhos. Eu deixo de estar, que é o caso, o número de queixas aumenta. Lá está não há ali nenhuma resposta, não há ninguém que pegue nos miúdos, porque os miúdos enquanto estão comigo, enquanto estão a levar na cabeça de mim ou a passar ensinamentos eles andam ali mais calmos, eu deixo de estar e muitas vezes as brincadeiras deles é atirar coisas para os carros, é a tentar, acham piada tentar assaltar o minimercado que lá existe e é isto. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Dos 10 anos que eu estou aqui existe mudanças, nem que seja pela parte da integração escolar, de vacinação, por exemplo de comportamento da comunidade, mas ainda existe muito trabalho a fazer sem dúvida. [...]”</i></p> <p><i>“[...] principalmente agora, nós já fazíamos a diferença, mas principalmente agora eu acho que nós acabamos por ser a salvação deles. [...]”</i></p> <p><i>“[...] A nível de criminalidade também os números desceram imenso de uns anos para os outros, mas lá está houve aqui um trabalho de anos e do município. E aí sim, houve grandes mudanças, mas como é óbvio ainda existe muito trabalho a fazer. [...]”</i></p>	<p>Quando não está presente aumentam os crimes e os conflitos</p> <p>As crianças ficam entregues a elas próprias</p> <p>Há mudanças na integração escolar, na vacinação, de comportamento</p> <p>São a salvação de muitos deles</p> <p>Criminalidade diminuiu</p>
	<p><b>Caso(s) de sucesso</b></p>	<p><i>“[...] a Ana que foi uma jovem que só se casou aos 19 anos. No início ela queria fugir acho que era com 13, 14, mas eu sei que tive uma grande influência nela e os pais também permitiram que eu tivesse essa influência. Entretanto ela até teve um problema em engravidar e ela sempre falou comigo. E considero sucesso sabes porquê? Porque ela a questão do planeamento, ela não queria ir à parte das consultas, ela fez tudo, a parte da gestão doméstica,</i></p>	<p>Jovem que ia casar aos 12 e acabou por se casar só aos 19 e fez todo um processo de planeamento familiar, vacinação, uma melhor gestão doméstica</p>

		<i>da vacina, do registo, essa parte toda que para mim é básica, mas para eles não é. [...]</i>	
	<b>Caso(s) de insucesso</b>	<i>“[...] por estas questões de influências das drogas e assim começou a entrar para a claque de futebol e de um ano para o outro acabei por o perder. O facto de ele também se dar com pessoas muito mais velhas, os primos e assim e este meio das drogas, das clakes. Desde que ele me entrou na claque eu deixei de ter mão nele, e ele vinha todos os dias, nós traçamos mesmo um plano para a semana, que eles às vezes até começavam a brincar comigo, “vai ser na próxima semana que vou pedir aquela menina em namoro” e eu “é isso, faz isso”. Desde os 6 até aos 12 anos, acabei por aos 12, 13, acabei por o perder. Ele vai lá, fala na mesma comigo e assim, mas já não faz as atividades porque é julgado pelos próprios primos e aquelas pessoas que ele considera tão importante para ele, as referências como eu costuma dizer. Eu era a pessoa de referência dele durante muito tempo, eu e os outros animadores, depois deixei-o de ser, passou a ser outro tipo de pessoas, com outro tipo de comportamentos e automaticamente isto influenciou. [...]</i>	Um jovem que se deixou desencaminhar por más influências e adotou as pessoas de referência erradas  Um plano de intervenção e de anos que acabou por se perder

## A.5.6. SINOPSE TPE6

## Sinopse da entrevista – TPE6

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	Criação do projeto	“[...] a 7ª geração, mas era a segunda geração. Digamos que no concelho de Barcelos tinha havido a 6ª geração e depois apostamos novamente em fazer uma candidatura. [...]”	Há 5 anos no terreno, criado na 6ª geração
	Missão e objetivos	<p>“[...] O objetivo era promover a inclusão de crianças jovens obviamente de famílias que estivessem em situação de vulnerabilidade social, sendo sempre muito focado, neste caso que era a nossa realidade, na comunidade cigana, nomeadamente na comunidade cigana de Barqueiros que é uma comunidade cigana que ainda vivem em acampamento, ou seja, em casas abarracadas e têm algumas necessidades. Não trabalhamos só com a comunidade cigana, mas sobretudo com a comunidade cigana. [...]”</p> <p>“[...] Era promover o sucesso escolar, era conseguir encaminhar e integrar em formação que neste caso seriam jovens e familiares, era também promover a corresponsabilização parental, era promover a participação cívica, promover o diálogo intercultural. Também promover aqui a diminuição de estereótipos sobretudo ligados à questão da etnia, [...] Esses eram os objetivos mais específicos do nosso projeto. [...]”</p>	<p>Promover a inclusão</p> <p>Promoção do sucesso escolar, integração em formação, corresponsabilização parental, participação cívica, diálogo intercultural e diminuição de estereótipos</p>
	Palavras chave	“[...] O projeto numa palavra chave, eu acho que é dinamismo e irreverência. Proximidade, acho que é proximidade e confiança acima de tudo, acho que sim. [...]”	Dinamismo e irreverência, proximidade e confiança
	Área de formação dos técnicos	“[...] sou licenciada em história, embora depois fizessem empreendedorismo social, economia social. Estamos a falar de pós-graduações mestrados e fiz a parte curricular do doutoramento, mas depois fiz tese em comunicação para o desenvolvimento. Tínhamos uma de criminologia, outra educadora de infância de formação base e depois tínhamos um com o 9º ano, o monitor.	Licenciada em história, pós-graduações e mestrados

	<p>[...]"</p> <p><i>"[...] eu acho que às vezes a formação não é tudo, ou seja, porque depois neste tipo de projetos tens que ter um determinado perfil e às vezes o facto de seres educadora social não quer dizer que à partida vais ter um perfil para trabalhar. Deverias porque acaba por ser uma formação, também muito trabalhar em contexto comunitário, mas não quer dizer que vais ter perfil. [...] um perfil. A polivalência porque tu não consegues fazer um projeto Escolhas só com trabalho de gabinete e relatórios, ou seja, tens que partir para o terreno e não é qualquer técnico que goste particularmente disso. Tens que ser dinâmico, acho que tens que ser irreverente no sentido em que tens que rasgar aqui algumas rotinas que alguns técnicos têm muito já assumidos de que trabalhamos das 9h às 5h. Não trabalhamos, nós trabalhávamos fins de semana, [...] o perfil, a personalidade é que conta num projeto Escolhas. Eu até podia ser de matemática ou de físico-químico ou sei lá, de engenharia civil, mas até ter muito jeito para lidar com pessoas e conseguir dinamizar uma série de atividades. Se calhar até poderíamos ter uma assistente social que depois não conseguisse de facto dinamizar nada, nem fazer nada, nem ser polivalente porque estava muito formatada para aquilo, ou seja, o que eu acho que em projetos Escolhas independentemente da formação académica é preciso ter perfil e é preciso ter personalidade para aquilo. Agora obviamente que depois de estares num projeto Escolhas o que eu sinto passados estes anos é que estou preparada para outros desafios [...] acho que a formação académica não é preponderante num projeto Escolhas. Obviamente se fores da área das ciências sociais e humanas supostamente estás mais vocacionada para aquilo, para lidar com pessoas, mas já vi tudo. Nós já tivemos estagiários também no projeto e não terminaram o estágio, porque não queriam, iam para o terreno e assustavam-se, porque não estavam para aquilo. Iam para o acampamento e chegavam lá porque estava tudo sujo e porque não estavam para aturar crianças mal educadas. nós às vezes na escola tivemos várias situações em que várias vezes eu fui ameaçada, já fui maltratada, temos que saber gerir e realmente não estavam preparados para aquilo. [...]"</i></p>	<p>A formação não é tudo, é muito importante o perfil</p> <p>Perfil - polivalência, dinâmico,</p> <p>O PE prepara-te para muitos desafios futuros</p> <p>Área social é importante, mas não preponderante</p> <p>Estagiários que desistiram</p>
--	--	--

<b>Contexto de intervenção do projeto</b>	<b>Contexto de intervenção</b>	<p><i>“[...] uma comunidade cigana que ainda vivem em acampamento, ou seja, em casas abarracadas e têm algumas necessidades. Não trabalhamos só com a comunidade cigana, mas sobretudo com a comunidade cigana. [...] a comunidade cigana daqui que vive em acampamentos em condições pouco dignas. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Nas escolas, no acampamento. Nós trabalhávamos nas escolas mesmo, tínhamos atividades nas escolas, nos acampamentos e tínhamos na nossa sede do projeto que era no Centro Social Abel Varzim onde tínhamos a parte de escritório, mas também tínhamos salas para dinamizar atividades. [...]”</i></p>	<p>Comunidade cigana que vive em acampamento e em condições pouco dignas</p> <p>Trabalho em contexto escolar, acampamento e sede do projeto</p>
	<b>Caraterização do Público-alvo</b>	<p><i>“[...] Temos muitas situações de absentismo escolar, temos muitas situações acompanhadas pela CPCJ, não só na comunidade cigana, mas também na sociedade maioritária. Na comunidade maioritária temos muitos, muitos problemas parentais no sentido de que há vários problemas familiares, famílias disruptivas, muito disfuncionais. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Na nossa comunidade 97% para aí são dependentes do rendimento social de inserção, depois temos alguns que fazem feiras, muito poucos e temos alguns que são integrados mesmo. Os que trabalham na nossa instituição, um trabalha numa empresa de tetos falsos, mas são muitos poucos, muito poucos tem contrato de trabalho, com contrato de trabalho são muito poucos. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Eles estão cá há muitos anos, eu já trabalho há muitos anos aqui na instituição e já houve mais preconceito em relação a esta comunidade. Eu acho sinceramente que eles já estão integrados aqui na comunidade. Eles estão bem aceites, já os conhecem, porque alguns ciganos já estão inseridos em trabalho, por exemplo, nós já temos dois ciganos a trabalhar na nossa instituição há algum tempo, um deles é motorista dos nossos transportes e traz bebês de manhã,</i></p>	<p>Muito absentismo, vários problemas, sinalização CPCJ, famílias disruptivas, problemas parentais</p> <p>97% da comunidade é dependente de RSI, muitos poucos têm contrato de trabalho, outras trabalham nas feiras</p> <p>Já houve mais preconceito, a comunidade já está integrada, alguns trabalham e isso ajuda</p>

		<p>[...].”</p> <p>“[...] há sempre pessoas que não olham com bons olhos para a comunidade, mas eu acho que já passou aquela altura, ou já passou aquela parte em tudo é culpa da comunidade, porque havia isto, foram os ciganos. Acho que não, eles estão perfeitamente inseridos na zona onde estão, se precisam disto, daquilo pedem aos vizinhos e eles não se importam, às vezes água, isto ou aquilo. Eles frequentam os cafés locais, frequentam tudo a nível local. Claro que, há ciganos e ciganos, como há não ciganos e não ciganos, [...].”</p>	<p>Continua a haver pessoas que não gostam da comunidade cigana, mas já diminuiu e estão melhor integrados</p>
<p><b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b></p>	<p><b>Integração do público alvo no projeto</b></p>	<p>“[...] Essa questão acabou por ser um bocadinho facilitada para nós, porquê? Quando começou o Projeto Escolhas cá tinha terminado essa equipa do Rendimento Social Inserção que faziam esse trabalho de acompanhamento desta prestação social. E quando terminou a comunidade já tinha uma relação muito próxima com a instituição em si, o Centro Social Abel Varzim e eu já trabalhava também no Centro Social Abel Varzim e já lidava com a comunidade cigana. Quando passo para o Programa Escolhas eles já têm uma relação de confiança comigo muito grande no dia a dia porque eu também estava com o banco alimentar antes de ir para o projeto. [...]”</p> <p>“[...] por causa do Rendimento Social de Inserção. E então havia esta relação já, ou seja, para nós não foi difícil porque já havia esta relação de proximidade e confiança e vamos mantendo também porque somos mesmo uma referência para eles, eles precisam de nós para quase tudo. Era uma relação que já estava de alguma forma estabelecida para nós e facilitou bastante e continua a facilitar porque os meninos estão na creche, estão no jardim de infância da instituição, porque nós temos apoio alimentar, ou seja, há ali uma série de serviços na própria instituição que é a entidade que é gestora e que faz com que nós técnicos independentemente de haver Escolhas, [...].”</p>	<p>Foi facilitada porque a equipa do RSI já estava no terreno há 10 anos</p> <p>Já havia uma relação com a instituição, alguns técnicos e a comunidade</p> <p>Já havia uma relação previamente estabelecida de confiança e proximidade</p> <p>As crianças integradas na cresce da instituição</p>

	<p><b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p>“[...] O nosso projeto focava-se muito na questão da mediação escolar e familiar. Nós tínhamos uma grande dinâmica em contextos de escola, nós estávamos em 4 escolas primárias e uma EB 2/3, para além disso obviamente tínhamos outro tipo de atividades, também apostávamos muito na formação, tínhamos aqui algumas parcerias. Era aqui uma intervenção um bocadinho tripartida no sentido que ao mesmo tempo trabalhávamos também a questão de integrar as crianças, nelas estarem bem na escola, [...]”</p> <p>“[...] Nós fazíamos mediação escolar, mediação familiar, sobretudo mediação social digamos assim se é que se pode assim chamar. Nós trabalhamos muito com outras entidades, no sentido de garantir o bem-estar das crianças e das famílias. Estamos a falar de outras entidades como a Câmara, como o Centro de Emprego, como a CPCJ, como a EMAT, várias as escolas, os agrupamentos, [...]”</p> <p>“[...] Eu acho que criamos oportunidades e transformamos a vida deles, no sentido em que sentem que tem ali alguma retaguarda e ficam ali com uma ótima relação connosco. [...]”</p> <p>“[...] nós criamos oportunidades. Os nossos participantes, sobretudo os diretos, são famílias com muitas dificuldades e nós temos proporcionado a algumas crianças e jovens a participação em coisas que nunca iriam participar se não fosse o projeto, em atividades que nunca participariam nem iriam se não fosse o projeto. [...]”</p>	<p>Mediação escolar e familiar</p> <p>Atividades em 4 escolas</p> <p>Mediação escolar e familiar, social</p> <p>Ponte com determinados serviços, parceiros</p> <p>Criar oportunidades e retaguarda familiar</p> <p>Criam oportunidades</p>
	<p><b>Intervenção com a família</b></p>	<p>“[...] Também garantíamos os encaminhamentos para a questão da alimentação, era sempre uma salvaguarda, o nosso projeto acabava por estar também ali um bocadinho na parte da cantina social, garantir que as famílias eram encaminhadas para o PEAC, garantir sempre que necessário o material escolar para os miúdos, ou seja, era basicamente esse tipo de tarefas, para além das atividades mais de cariz lúdico-pedagógico. [...] nós acabamos por</p>	<p>Mediação familiar e apoio entre as famílias e as diversas instituições</p> <p>São uma referência para as famílias</p>

		<p><i>curiosamente ser uma referência para essas famílias no sentido em que pediam ajuda para tudo, nem que fosse para preencher um documento. E pronto, ajudávamos nesse sentido, toda a gente que nos pedisse algum favor, nós fazíamos isso sem problema nenhum. [...]</i></p> <p><i>“[...] trabalhávamos também muito o contexto familiar e apostávamos também na questão da formação dos próprios pais, não só a formação parental, mas formação modular com as parcerias que íamos conseguindo, não só com o centro de emprego, mas com algumas entidades formadoras conseguimos fazer isso. [...]”</i></p> <p><i>“[...] apostamos também na mediação familiar, mas temos algumas atividades que o objetivo é envolver os pais. É sempre muito difícil envolvê-los, vamos tentando e há, por exemplo na comunidade cigana nós temos uma excelente relação com as famílias e elas é que querem que nós ajudemos em tudo porque como tem algumas dificuldades em resolver os problemas escolares e às vezes parentais e pedem sempre ajuda. [...]”</i></p>	<p>Dinamizavam atividades</p> <p>Aposta na formação dos pais, não só parental, mas modelar</p> <p>Objetivo envolver os pais</p> <p>Excelente relação com os pais</p>
	<p><b>Comunicação</b></p>	<p><i>“[...] A forma como comunicamos e nós enquanto equipa definimos formas de comunicação, ou seja, tentamos que nossa comunicação seja uma só, no sentido em que toda a equipa fala o mesmo, toda a equipa rema no mesmo sentido de forma a que o nosso público também não apanhe fragilidades. Definimos tudo muito bem em equipa, comunicamos no sentido em que quando comunicamos já todos estamos em sintonia [...] a mensagem é mesma por parte da equipa”. Tentamos de facto partilhar tudo, a partilha em equipe é fundamental para que a nossa comunicação externa com o nosso público alvo seja boa e acho que é isso que nós tentamos fazer. [...]”</i></p>	<p>A forma como a equipa comunica é igual, no mesmo sentido para não gerar mal entendidos</p> <p>Mensagem igual por parte de toda a equipa</p>

	<b>Tipo de intervenção</b>	<p>“[...] Olha nós tentamos que seja preventiva, agora muitas vezes também é remediativa, muitas vezes é muito SOS, ou seja, nós queríamos que não fosse muito isso, queríamos que fosse preventiva. Queríamos mudar, que houvesse mudança, algumas transformações naquilo que vamos fazendo, alguma transformação social na nossa intervenção, mudança de comportamento e às vezes isso não é possível. Tentamos que sim, mas muitas vezes os projetos Escolhas são SOS, são remediativos porque estão no terreno e são SOS para tudo. Agora nós tentamos enquanto equipa que a candidatura seja um projeto numa lógica mais preventiva, mas nem sempre é possível sobretudo porque temos muitas atividades, poucos técnicos, uma comunidade muito grande, vários sítios onde dinamizar atividades e às vezes é mesmo remediativa confesso. [...]”</p>	<p>Gostavam que fosse mais preventiva, mas acaba por ser mais remediativa e de SOS</p> <p>Gostavam que houvesse mudança social e transformação</p> <p>Muitas atividades, poucos técnicos</p>
	<b>Atuação perante uma situação de conflito</b>	<p>“[...] são várias, mas eu vou dar o exemplo de quando às vezes nós somos obrigados ou nos pedem encarecidamente que façamos um relatório, por exemplo, para a CPCJ. Eu vou falar por mim fazer uma sinalização e depois a própria família descobre quem fez a sinalização é complicado. Para mim, por exemplo, uma situação foi muito complicada porque nós temos uma boa relação com a família, mas esta situação teve que ser denunciada e depois eles tiveram acesso a quem denunciou e de facto fui muito mal tratada. Os pais apareceram na escola destratarem-me, mas geriu-se e perceberam que era para o bem da criança e para o bem deles. [...] Essas situações são muito complexas de gerir, mas vai-se ultrapassando. [...]”</p>	<p>Sinalizações para a CPCJ</p> <p>Dificuldade em gerir, mas vai-se gerindo através de diálogo</p>
	<b>Intervenção e relação com as Escolas</b>	<p>“[...] Nós tínhamos uma grande dinâmica em contextos de escola, nós estávamos em 4 escolas primárias e uma EB 2/3, [...] trabalhávamos também a questão de integrar as crianças, nelas estarem bem na escola, [...]”</p>	<p>Trabalhavam com as escolas a questão da integração e bem estar dos participantes</p>
<b>Obstáculos inerentes à prática da mediação</b>	<b>Dificuldades obstáculos desafios</b>	<p>“[...] Acho que sim, agora eu acho que às vezes há mais preconceito por parte de algumas entidades. Por exemplo eles residem em Barqueiros e a junta de freguesia neste momento, eu até percebo e não percebo, dizem que estão saturados porque estão sempre a ajudar. Eu sinto que pessoas com mais responsabilidade na comunidade por vezes tem atitudes até mais</p>	<p>Há preconceito por parte das instituições que demonstram alguma saturação nos anos de apoio</p>

<p><b>intercultural</b></p>		<p><i>preconceituosas do que propriamente dos pais da comunidade em geral. Algumas entidades com responsabilidades públicas às vezes é que nos surpreendem infelizmente, mas de resto estão perfeitamente inseridos e estão cá há muitos anos. [...]</i></p> <p><i>“[...] esta pressão cultural por trás sobretudo com as meninas. O casamento, o estar ligado a alguém ou arranjar um pretendente e a questão da não valorização da escola, porque a nossa comunidade não valoriza, pensam “para quê que vai fazer o 12ºano?” Não valorizam a escola, não veem a escola como algo que lhes pode dar um caminho para a vida deles, um futuro e isso é um obstáculo para nós porque se os pais não me incentivam os miúdos por mais que nós trabalhemos algumas questões não é fácil. Nós temos um miúdo que nos disse “eu não sei para quê que vocês querem que eu estude, eu depois vou receber o rendimento mínimo como o meu pai ou como a minha mãe”, ou seja, eu acho que também muito o facto de os pais estarem em casa de manhã, não saírem também para o trabalho, faz com que os miúdos não queiram ir para a escola de todo, querem ficar em casa com os pais e lá está, são coisas que são difíceis de mudar. E sim há obstáculos da própria cultura deles, do próprio modo de vida e prejudica em muito a nossa intervenção sobretudo quando estamos a falar de tentar aqui promover o sucesso escolar, reduzir o absentismo. É muito complicado sim, muito complicado. [...]</i></p> <p><i>“[...] A nossa zona de intervenção é muito grande, nós estamos em muitos sítios e em muitas escolas, e somos só dois técnicos e meio, é muito difícil. A questão dos recursos humanos eu foco sempre, é complicado [...] esta questão de poucos recursos humanos, pouca possibilidade para comprar material e orçamentos reduzidos é difícil, tem que se fazer milagres como pouco e é difícil. [...]</i></p>	<p>A questão cultural</p> <p>Casamento, não valorização da escola</p> <p>Estilo de vida dos pais</p> <p>Zona de intervenção muito grande, muitas escolas e poucos recursos humanos e financeiros</p>
-----------------------------	--	--	--

	<p><b>Pandemia Covid 19</b></p>	<p><i>“[...] questão do covid, que em 2020 veio aqui prejudicar as atividades de grupo, porque nós somos muito projeto de grupo, comunitários, fomos conseguindo também garantir que as crianças tivessem acesso a todas as tarefas escolares, nomeadamente a partir de março do ano passado. Acho que foi um projeto interessante só que há muita coisa ainda para fazer, sobretudo porque são projetos de 2 anos agora e neste último ano tivemos esta situação inesperada e obviamente que gostaríamos de continuar numa nova geração para ver se conseguimos aqui a trabalhar algumas questões. [...]”</i></p>	<p>Articulação com as escolas na entrega dos trabalhos de casa</p> <p>O covid acabou por prejudicar a intervenção</p>
--	---------------------------------	--	---

	<p><b>Mudanças com a intervenção</b></p>	<p><i>“[...] transformamos a vida deles sobretudo pelo acompanhamento que fazemos. Há crianças e jovens que estão connosco há muito tempo e eu acho que se não fossemos nós eles muitas vezes desistiam [...].”</i></p> <p><i>“[...] por exemplo, nós já temos dois ciganos a trabalhar na nossa instituição há algum tempo, um deles é motorista dos nossos transportes e traz bebês de manhã, traz sobretudo não ciganos para o Centro Social Abel Varzim, ou seja, ele está a meio tempo no projeto e meio tempo na [...] Nós também na instituição Centro Social Abel Varzim também quisemos dar um passo em frente e integrar também ciganos na nossa instituição de forma a também dar algum exemplo e depois ao longo do tempo já há alguns que trabalham aqui em algumas escolas. [...]”</i></p>	<p>Acompanham os participantes e sem eles provavelmente desistiam mais fácil</p> <p>Contribuíram para a sua integração profissional</p>
<p><b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><b>Caso(s) de sucesso</b></p>	<p><i>“[...] eu considero o nosso motorista um caso de sucesso, porquê? Também é muito da personalidade dele, ele sempre foi um cigano que brincava muito até com as situações de ser cigano, ou seja, ele não levava nada a mal, tudo o que lhe podiam dizer de menos bom ele transforma aquilo numa coisa boa. Ele é otimista, é bem disposto. [...] Ele foi sempre crescendo, fez o 9º ano, começou a trabalhar muito bem com os computadores, nós sempre o fomos ajudando. Agora tem um contrato de trabalho já há alguns anos com a instituição e é bem aceite, é uma pessoa de referência na comunidade e ele é um exemplo. Se há uma atividade qualquer na comunidade os pais convidam-no, a associação de pais, ou vai tocar, ou vai ajudar a montar o palco, ou seja, para mim é um caso de sucesso no sentido em que ele transformava o menos bom em coisas boas [...] ele próprio percebeu que não valia a pena andar aqui a vitimizar-se e que tinha mesmo que dar a volta e aí conseguiu, ele neste momento tem um contrato de trabalho é super bem disposto, está sempre pronto para ajudar e fez várias formações independentemente de ter só o 9º ano, participou em vários encontros nacionais, foi distinguido a nível nacional e já estamos a falar de um homem com 40 e tal anos, mas sempre com um espírito muito jovem. Eu acho que ele é um caso de sucesso e que continua a ser uma referência para todos, a nível local, regional e até nacional. [...]”</i></p>	<p>Um homem que se tornou um exemplo, uma referência na comunidade, local, regional e até nacional</p>

	<p><b>Caso(s) de insucesso</b></p>	<p><i>“[...] Um caso de insucesso, eu não sei se é insucesso ou é frustração. Foi uma cigana com muitas competências, ela fez o 9º ano connosco, nós acompanhamos nas novas oportunidades e ela sempre disse queria ser educadora de Infância. Nós estávamos a tentar ajudar para que ela fosse fazer o secundário, fez várias formações, teve integrada na 6ª geração e não a conseguimos integrar na 7ª, mas conseguimos integrá-la na instituição, mas depois de alguma forma ela cedeu à pressão cultural e com o casamento e com o facto de ser mãe nunca mais voltou a agarrar nenhum projeto. Tentamos que ela viesse a todo o custo para um projeto que tivemos também sem ser o Escolhas, um Fape, ou seja, investimos tanto, tanto na pessoa e sobretudo porque era mulher e queira tirar a carta de condução e nós até já a tínhamos inscrito na escola e de repente desiste de tudo. Desiste de tudo, estávamos a falar de alguém que falava muito bem, que lidava muito bem com as novas tecnologias e para nós foi até hoje uma frustração muito grande e sentimos que foi algum insucesso porque investimos tanto naquilo e depois terminou em nada. Está em casa, não trabalha, recebe o RSI e com tantas oportunidades de trabalho que ela tem, porque há um projeto e era mesmo bom porque ela sabe estar, sobretudo porque ela era muito bem vista na comunidade maioritária, ou seja, ela chegou a trabalhar com crianças, recebia de manhã as crianças na instituição, os pais adoravam-na. Olha são casos de insucesso no sentido em que não agarrou as oportunidades e foi um insucesso para ela e para nós também porque não conseguimos mudar, mudar aqui as coisas, ou seja, a forma de estar dela. [...]”</i></p>	<p>Uma jovem com um enorme potencial que acabou por desistir de tudo do seu crescimento pessoal e profissional para constituir família</p>
--	------------------------------------	--	--

## A.5.7. SINOPSE TPE7

## Sinopse da entrevista – TPE7

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	Criação do projeto	<p><i>“[...] teve a sua 1ª geração em Barcelos no ano de 2015 e 2016. Foi pensando em 2015 e implementado em 2016 com a 6ª geração de Programa Escolhas. [...] este projeto viria aqui a salvaguardar e dar continuidade a um trabalho que tinha sido feito durante 10 anos pela equipa do protocolo. Iniciamos então em 2016, em março de 2016 [...].”</i></p>	<p>Estão há 5 anos no terreno, 6ª e 7ª geração</p> <p>Continuidade de um trabalho de 10 anos da equipa do RSI</p>
	Missão e objetivos	<p><i>“[...] tinha 3 grandes áreas que era a escola, a família comunidade e depois as atividades extra escola, extracurriculares que era onde nós criávamos maior empatia, maior proximidade quer com os miúdos, quer com as famílias. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Os nossos objetivos eram mesmo a questão escolar, a diminuição do absentismo, do insucesso, do abandono para níveis muito residuais ou nulos e claramente o compromisso de envolver os encarregados de educação no percurso dos alunos e trabalhar a alfabetização dos adultos. [...]”</i></p>	<p>3 grandes áreas – escola, família e comunidade</p> <p>Atividades que criam empatia, proximidade, miúdos e família</p> <p>Objetivos - diminuição do absentismo, do insucesso, do abandono escolar, envolver os pais no percurso dos filhos e alfabetização</p>
	Palavras chave	<p><i>“[...] Desafiante e frustrante [risos]. É horrível sair de Escolhas e dizer isto, foi muito enriquecedor, desafiador, mas teve muita frustração e muita, muita resiliência. É preciso sermos pessoas bastante resilientes e acho que foi dessa resiliência que me cansei. [...]”</i></p>	<p>Desafiante, frustrante e resiliência</p>
	Área de formação dos	<p><i>“[...] Eu sou criminóloga, sou formada em criminologia [...].”</i></p>	<p>Criminologia</p>

	técnicos		
<b>Contexto de intervenção do projeto</b>	<b>Contexto de intervenção</b>	<p><i>“[...] foi sempre muito à base disto contexto escola, contexto comunidade e a capacitação deles. [...]”</i></p> <p><i>“[...] comunidade é caracterizada pelos chamados, maioritariamente por população cigana, mas os ciganos galegos. São 3 acampamentos, todos eles com características totalmente diferentes [...].”</i></p> <p><i>“[...] o acampamento da Lagoa Negra que tem cerca de 70 pessoas [...] é um acampamento, mas depois esse acampamento divide-se entre um mega acampamento e um micro acampamento [...] o acampamento da zona industrial e este acampamento tem uma particularidade que é um acampamento de circuito, de passagem, ou seja, temos lá duas ou três famílias que vivem lá há 10 anos, 15 anos, mas as outras vão passando. Passam ali três meses e desaparecem e entram outros, [...] tem uma média 35 pessoas e tamos a falar em contexto de barraca aqui, [...] em Lagoa Negra já são aquelas casas de tijolo [...] em formato ilha são mini casinhas em formato de ilha e não há barracas, é tudo em tijolo, em amianto, já tem água, já tem água pública. [...] Dos outros nenhum deles tem água, nem luz porque estão em terrenos que não lhes é permitida a instalação elétrica, nem a canalização. [...]”</i></p> <p><i>“[...] se nós formos a avaliar temos uma média de 210, 220 elementos da comunidade cigana nestes três acampamentos, mas é um número variável como te disse às vezes uma família desaparece e vão logo 12, mas a média anda pelas 200 pessoas. [...]”</i></p> <p><i>“[...] é o que eu te digo atividades em contexto acampamento mesmo, em contexto de</i></p>	<p>Contexto escola, comunidade e capacitação</p> <p>Ciganos galegos, 3 acampamentos distintos</p> <p>Só há um acampamento com casas em amianto, os outros dois são barracas sem luz e água legal</p> <p>Em média vivem 200 ciganos nos acampamentos</p> <p>Atividades no acampamento só durante</p>

		<p><i>acampamento, foi só mesmo durante a pandemia de resto nunca, nunca fazíamos essa intervenção em contexto acampamento, eles é que vinham ter connosco. [...]</i>”</p>	<p>a pandemia</p>
	<p><b>Caraterização do Público-alvo</b></p>	<p><i>“[...] um absentismo escolar por parte da comunidade cigana muito elevado e insucesso também, situações de casamentos e de abandono escolar e casamento não à luz da lei os dos 16 anos. [...]”</i></p> <p><i>“[...] temos lá duas ou três famílias que vivem lá há 10 anos, 15 anos, mas as outras vão passando. Passam ali três meses e desaparecem e entram outros, ou seja, temos sempre a sensação que vem fugidos de algum lado para ali para o meio do mato. Neste acampamento, eu só consigo trabalhar com três ou quatro famílias, mais nada, tudo que vem aí parar é difícil, ou seja, nós até só nos apercebemos que existe lá pessoas novas porque houve uma nova inscrição na escola, ou porque vais dar uma ronda aos acampamentos e percebes que há ali movimento,</i></p>	<p>Absentismo escolar, abandono escolar e casamentos precoces</p> <p>Num dos acampamentos a população tem alguns traços de nomadismo e há dificuldade e dificuldade de intervenção</p>

		<p><i>porque de outra forma não te procuram. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] Eu acho que mudou muito e o papel da mulher na comunidade tem um peso enorme, eu nem tinha noção, eu pensava que era o homem que era a base daquela comunidade, das famílias, mas não, é a mulher [risos] e cada vez mais tenho essa certeza que são as mulheres que fazem a diferença nos miúdos. [...] muitas tinham os maridos presos e isso contribuiu e ajudou a que durante este tempo a que as mulheres tivessem autonomia na educação [risos], [...] acho que sem dúvida elas têm um papel fundamental e ainda mais fundamental quando os maridos estão presos, sem dúvida. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] eles próprios auto excluem-se, ou seja, eles fazem as rotinas deles nos mesmos espaços que a restante comunidade, frequentam os mesmos cafés, frequentam os mesmos hipermercados, os mesmos serviços, mas não se envolvem nas atividades locais, é o mínimo dos mínimos. Claro que quando vão a um café ninguém é insultado, ninguém é desrespeitado, isso não acontece, há boa relação. [...].”</i></p> <p><i>“[...] Elas tinham a escolaridade, tinham o 3º e 4º ano completo ou feito, mas não sabiam nem ler, nem escrever o nome delas. [...]</i>”</p>	<p>As mulheres têm um papel muito importante e o facto de os maridos estarem presos também ajuda nessa autonomia</p> <p>Estão bem integrados, mas acabam por ser eles próprios a autoexcluírem-se</p> <p>Existe analfabetismo funcional</p>
<p><b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b></p>	<p><b>Integração do público alvo no projeto</b></p>	<p><i>“[...] Havia um elemento na equipa que já conhecia estas famílias porque já vinha da equipa do protocolo RSI, ou seja, foi muito positivo para um arranque do projeto. [...] E então quando o projeto veio aprovado pensamos entre equipa ter esse elemento, esse elo de ligação sempre presente no arranque das atividades. Agora a desconfiança, estás-me a fazer lembrar a forma como nós abordávamos os jovens, eu falo por mim, foi sempre pôr-me ao mesmo nível, se é que me faço entender, muito terra a terra, ajustar-me à idade e tentar perceber que naquela idade é normal eles não querem fazer nada, é normal [...] Foi esta relação de proximidade que eu fui</i></p>	<p>A equipa de RSI que esteve no terreno muitos anos facilitou o processo de integração dos participantes, um dos elementos da ex equipa manteve-se</p> <p>Os jovens foram mais desafiantes, colocaram-se ao seu nível e adaptaram-se</p>

		<p><i>criando principalmente com os adolescentes que foram a faixa etária bem mais desafiante no arranque da 7ª geração. Os miúdos, os pequeninos se uma referência mais velha fosse eles iam todos e dada a idade, a forma que nós nos aproximamos deles através do carinho, do colinho, do abraço acabavam por ser cativados e vinham quanto mais não seja para estarem à minha beira a pentear-me o cabelo. Agora os adolescentes foi realmente um desafio e inicialmente cativamos ali alguns estratégicos [...] Mas foi sem dúvida esse aproximar, esse ajustar-me e tentar manter uma postura de igualdade e de aproximação [...].”</i></p> <p><i>“[...] Aqui as redes sociais entre eles foram extremamente importantes para a divulgação e já não estavam sempre “e então? E as atividades? Posso ir? Podes, anda” [risos]. E lá em baixo foi um bocadinho por aí, por verem o exemplo dos outros e começarem eles a aproximarem-se de nós. [...]”</i></p> <p><i>“[...] A proximidade com os outros dois acampamentos aconteceram mesmo quando em maio eles tiveram que ficar fechados em isolamento profilático durante 28 dias. [...]”</i></p>	<p>se, atraíram alguns estratégicos</p> <p>Para os pequenos bastava uma figura de referência e carinho</p> <p>Postura de igualdade</p> <p>Redes sociais foram importantes para a divulgação das atividades e atração dos participantes</p> <p>A relação de proximidade com dois dos acampamentos só se conseguiu com a pandemia</p>
--	--	--	---

	<p><b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><i>“[...] a nossa estratégia junto dos miúdos foi uma certa coação inicial [fez aspas com as mãos] através das nossas atividades. Havia atividades extracurriculares e colónias de férias que funcionavam como coação positiva [fez aspas com as mãos] para os miúdos, ou seja, eles eram escolhidos e permeados pelo seu empenho, esforço e sucesso, [...] E os miúdos começaram a entender que realmente se se empenhassem eram recompensados e sentiam-se bem com essa recompensa e tinham acesso a atividades e experiências que nunca sem projeto o conseguiriam ter. [...]”</i></p> <p><i>“[...] o contacto até é mais semanal confesso, mas nunca sobre a ameaça “se não vieres à escola vou te cortar o RSI”, nunca sobre esta base, mas nós fazíamos questão que eles entendessem que isto era um trabalho em rede e que por trás do projeto havia uma série de instituições parceiras. [...] Nós por acaso tínhamos um consórcio extremamente rico e eram entidades que eles conheciam desde o IEFP, desde a GNR, da parte do RSI, a câmara Municipal, os agrupamentos, ou seja, eram todas entidades que eles lidavam diariamente ou semanalmente. Então eles percebiam que nós éramos um elo com estas entidades [...]”</i></p>	<p>Recompensa pelo esforço e empenho através da participação em certas atividades</p> <p>Trabalho em rede</p> <p>Consortio rico em parceiros que comunidades já lidavam e eram um elo de ligação entre eles</p>
--	---	--	---

	<p style="text-align: center;"><b>Intervenção com a família</b></p>	<p><i>“[...] um suporte externo a uma segurança social, a uma equipa protocolo de RSI, a uma escola, ou seja, somos as pessoas que eles quando têm ou preveem que vão ter algum problema procuram. E agora isto é interessante que eles preveem, eles já não nos procuram só quando o problema aparece [risos] [...].”</i></p> <p><i>“[...] este projeto também já veio trabalhar com as famílias e eu senti que eles quase que já nos vem pedir conselhos, quase que já nos veem pedir para solucionar o problema, já nos veem pedir conselhos e esta foi sem dúvida a parte que eu mais trago do Escolhas [...].”</i></p> <p><i>“[...] a formação, a capacitação através de formação externa no centro de emprego [...] o curso de costura para as senhoras da comunidade, começaram a ter um contacto com a costura e os homens passaram a ter formação na parte elétrica. Para além da integração deles no mercado de trabalho, pensou-se também na própria capacitação deles para melhorar as condições habitacionais nas suas casas. [...] Elas tinham a escolaridade, tinham o 3º e 4º ano completo ou feito, mas não sabiam nem ler, nem escrever o nome delas. E neste momento elas vão à escola e pelo menos o nome delas já assinam. O bilhete de identidade agora quando é renovado já não diz não sabe assinar, já assina e esta foi também uma das grandes atividades. [...].”</i></p> <p><i>“[...] lembro-me do atelier de cestaria em que familiares, neste caso da comunidade cigana foram eles os próprios dinamizadores da atividade e noutras atividades familiares dávamos matéria prima para a dinamização de atividades desde o barro, desde massa para fazer pizzas. [...].”</i></p> <p><i>“[...] Nós sem dúvida para baixar os níveis de absentismo, tivemos que corresponsabilizar os</i></p>	<p>São a ponte entre a comunidade e a sociedade maioritária, apoiam em tudo</p> <p>Recorrem muito ao projeto</p> <p>Capacitação e formações numa lógica de integração no mercado de trabalho</p> <p>Alfabetização, pequenos ganhos como saberem assinar</p> <p>Eles próprios a dinamizarem atividades</p>
--	---	---	---

		<p><i>país. No início do projeto aquilo que aconteceu foi reunirmos sempre com o Diretor de Turma na presença do pai e do aluno, ou seja, era uma reunião escola, projeto, pai e aluno para fazer um ponto de situação. E nesse ponto de situação depois o que é que era acordado? Nós fazíamos uma espécie de acordo, um protocolo, algum compromisso de honra que o miúdo e que o pai no fim assinavam, comprometiam-se a assumir aquela responsabilidade [...] assumirem um compromisso perante mim, perante a escola e perante o filho e o filho perante o pai, ou seja, que iriam mudar ou alterar determinados comportamentos. [...]”</i></p> <p><i>“[...] essa corresponsabilização parental foi sem dúvida um trabalho em parceria com a escola, com o consórcio, com entidades que os acompanhavam e depois nas próprias atividades que nós também dinamizávamos para eles [risos]. O facto de eles meterem os miúdos no autocarro e virem também eles para a escola primária aprender a ler e a escrever também ajudou com que eles valorizassem que é que é saber ler, o que é que é saber escrever e querem que os filhos aprendam a ler e a escrever. [...] muito importante principalmente para as mulheres ciganas saírem de casa, virem para a escola aprender a ler e escrever o nome delas, aprender a iniciação à costura e a ter acesso a uma máquina de costura. [...]”</i></p>	<p>Corresponsabilizaram os pais no processo educativo dos filhos através da mediação escola, família e aluno – acordo de compromisso</p> <p>Os pais terem ido estudar foi muito importante para aumentar a valorização escolar</p> <p>Os pais terem ido estudar contribuiu positivamente principalmente no caso das mulheres</p>
	<p><b>Comunicação</b></p>	<p><i>“[...] a comunicação era direta com os nossos participantes, com os familiares e que evoluiu bastante a própria comunicação no sentido em que, por exemplo, nós numa fase inicial todos os recados que tínhamos para dar fazíamos questão de ir lá, de explicar 20 mil vezes a mesma questão [...] na própria comunicação com os miúdos passamos a mandar informação escrita e simples, muito simples. [...] Eu da mesma pessoa sou capaz de num mês ter para aí 3 números diferentes e então o que é que nós decidimos? Há pessoas constantes na comunidade que vão mantendo sempre o mesmo contacto, então definimos sempre 4, 5 pessoas que têm o mesmo número há mais de 1 ano e são eles que dão eles os recados uns aos outros. [...].”</i></p>	<p>A comunicação melhorou</p> <p>Comunicação escrita e simples</p> <p>Difícil a comunicação interna devido à constante alteração de número de telemóvel</p> <p>Existem contactos de referência</p>

	<b>Tipo de intervenção</b>	“[...] Preventiva, mas nós temos as duas. Inicialmente confesso que por muito prevenção que nós quiséssemos implementar, primeiro tínhamos que realmente perceber as problemáticas que existiam e resolver os problemas que estavam no momento a acontecer e para te ser sincera eu acho que só começamos a trabalhar a prevenção na 7ª geração porque já tivemos 3 anos. [...]”	As duas, mas acaba por ser mais remediativa
	<b>Atuação perante uma situação de conflito</b>	“[...] Outro exemplo recentemente e que influenciou mesmo a escola foi um miúdo que era casado e meteu-se com uma miúda do próprio terreno e a família teve de fugir para Braga com vergonha. [...] A GNR mais uma vez teve aqui um papel fundamental através do diálogo, através da sensibilização, através desta prevenção e destas rondas mais constantes, quer na escola, quer no acampamento. As pessoas que estão nestas equipas reforço a sensibilidade delas para esta temática que também é elevada e é importante e nós por acaso trabalhamos sempre em parceria com a escola segura, nesta problemáticas de conflitos na escola, trabalhamos sempre muito bem com a escola segura. [...]”	Homem casado que se mete com uma jovem  O parceiro GNR foi fundamental para resolver o conflito através do diálogo, sensibilização e prevenção
	<b>Intervenção e relação com as Escolas</b>	“[...] nas escolas, somos facilitadores e elementos participativos da escola e às vezes até nos confundem e pensam que somos mesmo elementos da escola para ajudar e resolver questões da comunidade e na comunidade. [...]”  “[...] A escola por vezes tinha estes problemas em mãos e não tinha meios, nem forma de chegar à família ou de mediar ou de promover uma mudança no comportamento da comunidade. [...]”  “[...] se não existisse projeto acredita que os níveis de absentismos estavam provavelmente, isto é triste de dizer, mas estariam como os da 6ª geração, eu acho que ia ser a confusão total. As escolas iam estar completamente perdidas, sem conseguir contactar famílias, sem conseguir manter esses miúdos em ensino à distância [...].”	Os agrupamentos já veem o projeto como uma mais valia e reconhecem o seu papel  A Escola não conseguia nem tinha meios para mediar os problemas  Se não existisse o projeto os níveis de absentismo voltavam a aumentar muito com o ensino à distância - covid

<p><b>Obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p>“[...] de facto se nós até então tínhamos a noção de que as coisas não eram fáceis, quando fomos para o terreno então aí concluímos que as coisas eram quase impossíveis [risos]. Eu confesso-te que quando [risos] comecei a trabalhar eu pensava “como é que nós, nós nunca na vida vamos conseguir”. Tinha receio de não conseguirmos alcançar os nossos objetivos propostos, [...]”</p> <p>“[...] É frustrante, muito frustrante e depois esta história leva-me a pensar, eu olho muitas vezes para a idade delas, para a data de nascimento e penso “bem tu no próximo mês fazes 16 anos, o que é que te vai acontecer?” Ainda há dois dias, curiosamente naquele dia eu tive uma reunião e estamos a falar de uma menina precisamente da comunidade que vai fazer 16 anos no próximo mês [...] o Escolhas, ou o ACM, ou a quem de competência deveria fazer um pedido de revisão de lei ou o que quer que seja em relação a esta situação do casamento. Porque a maioridade está aos 18 anos, a emancipação pelo casamento está aos 16 anos e a obrigatoriedade escolar está até ao 12º ano, mas o que é certo é que elas com 16 anos casando-se emancipam-se e não são obrigadas a frequentar a escola até aos 18 anos, nem até ao 12º ano, ou seja, nós estamos aqui perante duas leis que em vez de se complementarem e estarem as duas no mesmo rumo, há uma lei que está a falhar. [...] mas é o que está a acontecer, eles aguentam as miúdas na escola até aos 16 anos, casam-nas e acabou. Não tens mais problemas com a escola, vai à tua vidinha, [...].”</p> <p>“[...] forma miserável como têm gerido estas questões da habitação. É desumano os problemas que temos graves, gravíssimos de viverem ainda pessoas nas condições em que vivem, em pleno século XXI de 2021. Não havia necessidade, se as políticas fossem realmente implementadas e quisessem fazer algo por estas minorias [...].”</p> <p>“[...] este projeto sempre foi associado aos ciganos e nós as três sempre fomos associadas</p>	<p>Início de intervenção muito difícil</p> <p>Frustração</p> <p>Questões culturais – casamento precoce</p> <p>Incongruências com a lei da emancipação pelo casamento e a escolaridade obrigatória</p> <p>Condições habitacionais</p>
--	--	---	--

		<p><i>pelas defensoras de todos os ciganos e a reivindicar direitos [risos]. [...] tentar desmistificar ideias erradas que as pessoas iam construindo acerca do que é o projeto e principalmente um projeto destes com dinheiros públicos porque toda a gente se sentia no direito de dizer “ah, isto é, à base dos nossos descontos e a trabalhar com eles à nossa custa”. Ouvimos coisas muito tristes, muito tristes mesmo e infelizmente temos cada vez mais noção da gravidade deste tipo de discurso que está a aumentar. [...]”</i></p> <p><i>[...] de uma forma geral o principal obstáculo é as questões culturais. [...]”</i></p> <p><i>“[...] se deixarem de ser apoiados ou acompanhados voltamos a ter comportamentos como há 15 anos tínhamos. E também é complicado para nós equipa sentir que durante anos capacitaste “vai para a escola” e incentivaste e de repente deixamos de existir e eles param. Isto também é frustrante, é muito frustrante tantos anos a bater pedra e ninguém se salvou ali no meio? Ninguém foi capaz de se aguentar sem o reforço positivo? E a força de vontade? [...]”</i></p>	<p>Estereótipos – o Projeto trabalha com ciganos</p> <p>Estereótipos e preconceito face ao projeto ser “financiado” pelo estado (impostos de todos)</p> <p>Questões culturais</p> <p>A dependência que ainda existe do projeto</p>
	<p><b>Pandemia Covid 19</b></p>	<p><i>“[...] depois meteu-se isto do covid, a formação parou e esta atividade cessou em março de 2020, ou seja, nunca mais se conseguiu fazer nada e os objetivos que estavam até ao final do ano não se conseguiu efetivamente fazer nada. [...]”</i></p> <p><i>“[...] houve um isolamento geral e muitas dúvidas, como é que nós mantemos aquelas pessoas ali durante tanto tempo? Como é que lhes fazemos garantir a alimentação, os bens de primeira necessidade e medicação. E se algum ficar doente qual procedimento? Posso-te dizer que isto foi uma tarefa extremamente desgastante para a equipa, foi um trabalho de articulação diário, hora a hora com as autoridades de segurança, com a autoridade de saúde local e sem dúvida com as juntas de freguesia e o município que teve sempre na retaguarda desta situação. Nós íamos lá diariamente, nós diariamente entregávamos garrações de água porque esta gente não</i></p>	<p>A pandemia não permitiu atingir alguns objetivos</p> <p>Durante o isolamento das comunidades houve um trabalho muito desgastante e de muita articulação</p>

		<p><i>tem água potável. Houve donativos de água, houve a distribuição alimentar do FEAC com a colaboração da GNR. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] não foi possível executar as atividades todas que pensamos e depois como tínhamos retaguarda de uma instituição que tinha um plano de contingência que tinha de cumprir, não permitiu aquela liberdade de poder trazer os miúdos para a instituição e integrá-los com os miúdos do ATL e fazer atividades em conjunto. Isso deixou de existir, ou seja, nós passamos a fazer as nossas atividades nos acampamentos e mesmo nos acampamentos nós não podíamos misturar os acampamentos. [...] Desinfetar material, máscaras, tudo com as regras que no momento estavam a vigorar e foi extremamente desgastante e não foi possível de todo alcançar as atividades que tínhamos pensado, as dinâmicas, envolver o número de participantes previsto, ou seja, houve uma quebra gigante em termos de participantes em atividades, porque não podíamos juntar 20 crianças. [...].”</i></p> <p><i>“[...] a altura da pandemia quando um dos acampamentos ficou em isolamento profilático isto veio para as notícias, infelizmente saiu no jornal o Minho a notícia da comunidade cigana infetada com o covid e o que é que aconteceu? [...] o facto de ser um acampamento que estava em isolamento, os outros desgraçados não puderam fazer a vida deles, ir ao mesmo sítio às compras, pagar a conta da água e da luz porque para a comunidade em geral eram os ciganos todos que estavam infetados [...] voltaram a sentir discriminação em local público e alguns partilharam isso [...].”</i></p>	<p>Não foi possível realizar muitas atividades previstas em candidatura e atingir certos números da candidatura</p> <p>Trabalho muito desgastante</p> <p>As comunidades ciganas voltaram a sentir discriminação durante o isolamento profilático</p>
--	--	---	--

<p><b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><b>Mudanças com a intervenção</b></p>	<p>“[...] houve sempre uma mudança na vida destas crianças e destas famílias. Eu tenho a certeza porque as que passaram por nós algo de bom levaram, pode não ser aquilo que nós muitas vezes estipulamos como objetivos, mas eu creio que nós Escolhas, nós técnicos deixamos ali qualquer coisa boa e que isso vai influenciar algo na vida deles quanto mais não seja incentivar os filhos no futuro para estudar, mesmo que eles não tenham conseguido ter essa força e muitas vezes nem é a força deles é a força da própria família. [...]”</p> <p>“[...] eu senti uma grande evolução e mesmo em parte as famílias, a forma como elas começaram a ver a escola, a forma como elas também nos começaram a ver. [...]”</p> <p>“[...] as relações afetivas que criei com a comunidade, com os miúdos, [...] eu acredito que os miúdos mesmo deixando a escola aos 16 anos tiveram um impacto positivo do Escolhas, das equipas, do projeto em si e sem dúvida que sinto nestes últimos 4 anos que o projeto fez sem dúvida uma diferença terrível nesta comunidade [...].”</p> <p>“[...] Eu não tenho dúvidas nenhuma que este projeto faz a diferença na vida dos jovens e da comunidade, nos jovens adultos e adultos. A primeira diferença é este papel escolar que pode ser valorizado por uns e desvalorizado por outros, mas que para mim é o aspeto onde mais impacto tem a intervenção deste projeto e a própria modificação de comportamento aos longo destes anos da própria comunidade, a forma como estes miúdos já vão para a escola, a forma como os alunos querem ir para a escola, a forma como os meninos estão na escola e a forma como os miúdos vêm da escola [...].”</p> <p>“[...] em termos de absentismo e algum sucesso escolar e o que é certo é que desde que o projeto iniciou a sua intervenção no terreno os níveis de absentismo e de insucesso é muito</p>	<p>Mudança positiva na vida dos participantes diretos. Incentivar os filhos a estudarem</p> <p>Mudança na forma de ver a escola</p> <p>Impacto positivo na vida dos jovens mesmo que casem aos 16 anos</p> <p>Modificação de comportamentos ao longo dos anos principalmente na forma como veem a escola</p> <p>Diminuição do absentismo e insucesso escolar</p>
--	--	---	--

		<i>residual, [...]”</i>	
	<b>Caso(s) de sucesso</b>	<p><i>“[...] Um caso que ainda está a ser de sucesso e que eu ainda não considero sucesso porque os objetivos ainda não foram totalmente alcançados é uma menina de 15 anos que é a primeira menina da comunidade cigana que estava 10º ano. Isto é histórico, [...] Porque é uma menina, filha de uma jovem, de uma mulher cigana viúva, com quatro filhos. Essa mulher também foi integrada no mercado de trabalho neste momento é auxiliar na IPSS e abraçou o projeto do FAPE, ou seja, isto na própria comunidade sendo viúva, com quatro filhos, com todas as lides que nós sabemos que elas têm, responsável pelos pais e ainda responsável por uma sobrinha. Esta senhora vai buscar forças não sei aonde para sair de casa todos os dias, ter um trabalho que ela quer, ela não quer estar em casa e ao mesmo tempo tem um conflito de valores e ideais que todos os dias quando regressa a casa leva da comunidade. A filha dela está no mundo totalmente desconhecido e a crítica da comunidade é uma coisa terrível. [...]”</i></p>	<p>Uma jovem que já está no 10º ano, a sua mãe é viúva e está integrada profissionalmente.</p> <p>Elas continuam a resistir à pressão cultural</p>
	<b>Caso(s) de insucesso</b>	<p><i>“[...] uma jovem que tinha tudo para dar certo, para ser um exemplo, mas por questões culturais casou, casou pela lei portuguesa, pela nossa lei como eles dizem e que aí custou. Custou ver a forma como a família fez as coisas e fez questão de nos mostrar. Acabou por ser um abandono escolar quando tinha sido trabalhada durante 2, 3 anos e que evoluiu muito, mas de um momento para o outro casou e nunca mais apareceu na escola. É frustrante, muito frustrante [...]”</i></p>	<p>Uma jovem com um enorme potencial que acabou por desistir de estudar para casar.</p>

## A.5.8. SINOPSE TPE8

## Sinopse da entrevista – TPE8

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	Criação do projeto	<p>“[...] foi pensado e implementado pela primeira vez no terreno em 2010[...] o projeto Geração Tecla tem vindo a ver todas as suas candidaturas aprovadas, ou seja, fez no ano passado, em 2020, 10 anos de existência a intervir junto com a comunidade de Santa Tecla que é uma comunidade maioritariamente de etnia cigana [...].”</p>	Há 10 anos no terreno a intervir maioritariamente com etnia cigana
	Missão e objetivos	<p>“[...] tendo sempre mais ou menos os mesmos objetivos que era trabalhar a questão do absentismo escolar, que nesta última geração, na 7ª geração, deixou de ser o foco, o foco passou a ser o sucesso escolar. [...]”</p> <p>“[...] questões de absentismo, trabalhar a valorização escolar, promover o sucesso escolar e também trabalhar aqui a desconstrução de estereótipos e quando falo da desconstrução de estereótipos é de parte a parte, da sociedade maioritária para com a comunidade cigana e da comunidade cigana para com a sociedade maioritária e estes têm sido assim os objetivos gerais desses 10 anos de intervenção, não tem havido muita alteração, vamos introduzindo, fomos introduzindo a corresponsabilização dos pais no processo educativo que acaba por estar ligado com a questão do absentismo e do sucesso escolar. [...]”</p>	Absentismo escolar e o sucesso escolar  Objetivos- absentismo, a valorização escolar, promover o sucesso escolar, desconstrução de estereótipos de parte a parte, corresponsabilização dos pais
	Palavras chave	<p>“[...] eu acho que é a empatia a palavra chave. Eu acho que é a capacidade que tu tens de te pôr no lugar do outro, de não partir do pressuposto de julgamento, trabalhar com base no não julgamento. Se calhar até são estas duas, não julgamento e</p>	Empatia e julgamento

		<i>empatia as palavras chaves do projeto. [...]</i>	
	<b>Área de formação dos técnicos</b>	<i>“[...] a minha formação é de psicologia, [...] eu digo-te que a nível do nosso trabalho, eu acredito que teve muito mais influência aquilo que eu aprendi com a comunidade, nestes 10 anos,[...] eu considero que foi muito mais importante nestes tempos de intervenção o conhecimento da comunidade, a capacidade que eu acho que tenho que é capacidade de empatia e de trabalhar sempre com base num discurso positivo e de criar aqui uma relação muito forte com a comunidade.[...] a facilidade de empatia, a capacidade que eu também acredito que tenho que é conseguir trabalhar alguma gestão de conflitos, trabalhar aqui alguns processos de mediação, ter um discurso bastante assertivo com os jovens e não nunca na base da punição, nem na base do “deixa andar”. É sempre a nível da assertividade. [...]</i>	Psicologia Mais influência o que aprendeu na intervenção e o conhecimento da comunidade Capacidade de empatia e criar relação e discurso positivo, gerir o conflito, mediadora, discurso assertivo
<b>Contexto de intervenção do projeto</b>	<b>Contexto de intervenção</b>	<i>“[...] trabalhava com o Bairro social de Santa Tecla [...].”  “[...] Nós trabalhamos com três escolas e fixamos um dia por semana para cada escola e nós íamos chamar os miúdos e depois trazíamo-los para o projeto para fazer os trabalhos de casa. [...]</i>	Bairro de Santa Tecla  Trabalham em 3 escolas e na sede do projeto

	<p><b>Caraterização do Público-alvo</b></p>	<p><i>“[...] que é uma comunidade maioritariamente de etnia cigana. [...]”</i></p> <p><i>“[...] no dia a dia é muito difícil nós conseguirmos chamar as famílias ao projeto [...] a relação ela está lá, a relação de confiança existe, o envolvimento com as famílias também existe, tudo isso existe. [...] questões culturais [...] esta questão do compromisso, [...] pegar nas famílias e ir trabalhar torna-se difícil. [...]”</i></p> <p><i>“[...] noutras pode estar relacionado com uma total desvalorização da escola e por isso também não interessa comunicar. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Existe machismo [...] sente-se muito isto e o homem nunca é responsabilizado por nada, nunca tem esta questão de compromisso, de cuidar, de trabalhar para. Tudo lhe aparece feito e também se alguma coisa corre mal a culpa nunca é dele é sempre de alguém que seja feminino e nota-se claramente isto nos homens. [...]”</i></p> <p><i>“[...] a nível de adultos, se falarmos de famílias estamos aqui a falar numa relação um tanto ou quanto hostil e até um pouco complicada, na verdade, mas se tivermos a falar de crianças e jovens principalmente crianças é tudo muito mais natural e muito mais aligeirado. Se já tivermos jovens no meio sente-se efetivamente o olhar de discriminação, sente-se uma postura de discriminação, é claro que sim. [...] Existe ainda muitos comportamentos de discriminação. E com os adultos é explosivo. [...]”</i></p>	<p>Comunidade maioritariamente cigana</p> <p>Falta de compromisso</p> <p>Desvalorização da escola</p> <p>Machismo, o homem nunca é responsabilizado, tudo aparece feito</p> <p>Relação hostil e complicada com a sociedade maioritária</p> <p>São muito discriminados</p>
--	---	---	---

<p><b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b></p>	<p><b>Integração do público alvo no projeto</b></p>	<p><i>“[...] um trabalho que também já tinha vindo a ser desenvolvido desde 2005 num projeto só de voluntariado que se chamava o Colorido Sábado [...] o Geração Tecla é um projeto de continuidade que já está há 10 anos no terreno e quando começou em 2010 a comunidade já nos conhecia. Óbvio que não numa lógica diária, óbvio que não numa lógica de compromisso, mas a comunidade acabava por já nos conhecer. [...]”</i></p> <p><i>“[...] eu acho efetivamente que essa questão do trabalho por pares, de trabalharmos com jovens universitários a nível de voluntariado e a própria equipa ser uma equipa jovem acabou por facilitar o processo chamar. [...]”</i></p> <p><i>“[...] A nossa relação com as famílias é uma relação espetacular, de muita confiança e sentes essa confiança sempre, mais ainda quando acontecem atividades que exigem passar dias fora, sente-se efetivamente esta confiança quando os pais dizem “eles vão porque são vocês” “se não fossem vocês não iam” e isso sente-se. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Depois o mante-los, eu considero que isso é que é o desafio, trabalhar aqui o compromisso, por exemplo, teres uma intervenção feita, uma atividade pensada que exija regularidade é o grande desafio que nós sentimos aqui no projeto, porque não é possível. Nós em 10 anos de intervenção ainda não conseguimos ter isto, este compromisso, esta permanência [...].”</i></p>	<p>Já havia desde 2005 uma atividade de voluntariado.</p> <p>A comunidade já os conhecia.</p> <p>Trabalho por pares, equipa jovem com voluntários foram um fator de atração</p> <p>Já existe uma relação de muita confiança</p> <p>Mante-los é o grande desafio devido à falta de compromisso</p>
---	---	---	---

	<p><b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><i>“[...] temos aqui presente as questões da mediação que tocam em estratégias que nós utilizamos para trabalhar o absentismo e para trabalhar a corresponsabilização, [...].”</i></p> <p><i>“[...] A nível de estratégias aplicadas nós trabalhamos muito através no âmbito da educação não formal. Temos uma base de trabalho nos voluntários que também é aqui uma forma de trabalharmos a desconstrução de estereótipos e temos, aliás, atividades que são só desenvolvidas por voluntários [...].”</i></p> <p><i>“[...] é importante quando trabalhas com estas comunidades trabalhares aqui o processo por pares. Tem que ser um trabalho de pares, eles têm que se identificar, tem que ser feito um trabalho por pares, senão eles não se identificam. Porque se vamos com comportamentos, com atitudes moralistas, com discursos moralistas acaba por não acontecer e eu acho efetivamente que essa questão do trabalho por pares, [...].”</i></p> <p><i>“[...] a questão da relação de confiança é importantíssima. Sempre que nós tínhamos alguma atividade que até exigisse mais compromisso, o que nós fazíamos era alguma coisa relacionada com o reconhecimento, com um prémio, com a valorização a nível do comportamento, a nível da sua assiduidade e depois existiria um reconhecimento no fim. Trabalhámos sempre nesse sentido e estas eram mais ou menos as estratégias que nós íamos utilizando [...].”</i></p> <p><i>“[...] na 7ª geração tivemos necessidade de readaptar uma atividade readaptar uma atividade, que era o apoio ao estudo, [...].”</i></p>	<p>Mediação para trabalhar o absentismo e corresponsabilização</p> <p>Educação não formal e voluntariado</p> <p>Trabalhar por pares para uma maior identificação</p> <p>Relação de confiança, reconhecimento, valorização.</p> <p>Readaptar atividades</p>
--	---	---	--

		<p><i>“[...] desenvolvemos o despertador ao domicílio porque no início da intervenção verificava-se muito a questão de que os miúdos não acordavam para ir à escola, não haviam hábitos nem rotinas de sono e embora agora não existam, há uns anos atrás nas comunidades ciganas havia muito a questão de que eles acordam quando o seu ritmo biológico dissesse que eles têm que acordar e nós devolvemos esta estratégia de ser o despertador daquelas famílias. [...]”</i></p> <p><i>“[...] na 7ª integramos como atividade de projeto que foi os jovens ativos onde pretendíamos trabalhar a capacitação para as competências cívicas e trabalhar também a desconstrução de estereótipos através de jovens da comunidade, trabalhar de dentro para fora. [...]”</i></p> <p><i>“[...] trabalhar ali uma interação com a sociedade maioritária, trabalhar um conjunto de comportamentos e de regras que tem que acontecer, e perceber como é que os nossos miúdos interagem com estas regras e com a sociedade maioritária e como é que a sociedade maioritária lida e reage com estes miúdos. [...]”</i></p>	<p>Estratégia de atividade, despertador ao domicílio</p> <p>Trabalhar competências cívicas e a desconstrução de estereótipos. Trabalhar de dentro para fora.</p> <p>Trabalhar a integração e interação dos participantes com a sociedade maioritária</p>
	<p><b>Intervenção com a família</b></p>	<p><i>“[...] fomos introduzindo a corresponsabilização dos pais no processo educativo que acaba por estar ligado com a questão do absentismo e do sucesso escolar. [...]”</i></p> <p><i>“[...] envolver as famílias é algo que é muito complicado, muito mesmo, muito complicado. Nós envolvemos sempre, principalmente a nível do processo escolar através das atividades que nós tínhamos de mediação, que era o gabinete de apoio às escolas e o acompanhamento às famílias. Nós envolvemos sempre familiares e</i></p>	<p>Corresponsabilização dos pais no processo educativo</p> <p>Atividades de mediação entre a escola e a família</p>

		<p><i>trabalhávamos sempre com eles estas questões escolares. Depois fomos sempre desenvolvendo outras atividades a nível, por exemplo, de trabalhar só com as mulheres, de trabalhar competências parentais. A nível de grandes atividades quando nós tínhamos uma festa de Natal, uma entrega de prémios de mérito escolar, nós íamos sempre chamando as famílias e tentando sempre envolve-las. [...]”</i></p>	<p>Acompanhamento às famílias Trabalhar só com mulheres e trabalhar competências parentais Envolvimento nas festas</p>
	<p><b>Comunicação</b></p>	<p><i>“[...] É extremamente importante, embora depois o que nós sentimos é que é muito importante, mas acaba por não existir e quando existe ela é não existe de forma eficaz. Não é de forma eficaz porque a escola não adapta, não tem a capacidade de adaptar o discurso à realidade destas famílias. [...] Por exemplo, para mim isto é claro e vou utilizar novamente esta questão da pandemia. Com esta questão da pandemia o agrupamento criou um e-mail institucional para cada aluno e no início deste ano letivo, no início de setembro, apesar de as escolas estarem a funcionar muitos professores continuaram a comunicar para os encarregados de educação através do e-mail. Para mais de 95% das nossas famílias isto é um meio que é inviável, eles até podem ter e-mail, mas que criaram numa formação qualquer e já não sabem como é se utiliza e até podem saber como é que se utiliza, mas lêem o que a professora escreveu e percebem zero. O sumo que tiram daquilo é zero. E os professores comunicavam connosco “o pai não responde”, “o pai quando responde, responde algo que não está enquadrado com aquilo que nós escrevemos”. Claro que não, porque tem que se trabalhar num padrão de comunicação muito relacionado com o padrão de comunicação que se fazia quando eu andava na escola e mesmo assim é um processo de comunicação muito difícil, porque estamos a falar de chamadas telefónicas e isso não existe porque se muda o telefone como quem muda de camisa. E a nível de recados na caderneta não existe aqui um processo de verificação regular da caderneta e é por isso que neste processo de comunicação o Geração Tecla é importantíssimo, porque sem o Geração Tecla esta comunicação não existe, percebes? A mensagem vai, mas não passa e em algumas situações, que são poucas, porque na maioria a</i></p>	<p>Comunicação é extremamente importante, mas não é eficaz e acaba por não existir</p> <p>A escola não adapta o discurso à realidade destas famílias</p> <p>Na pandemia o canal de comunicação com os pais foi o email, meio inviável</p> <p>Telefone, caderneta meios inviáveis e o GT torna-se muito importante por facilita permite essa</p>

	<p><i>informação não passa, mas quando passa também não existe interesse em falar com a escola. [...]</i></p> <p><i>“[...] Tradução, claramente. Sim e não só na escola é também relativamente a outros processos. Sei lá, requerimentos de respostas da Segurança Social, respostas para as Finanças, uma carta para a BragaHabit que é a empresa Municipal de Habitação e por todos os outros processos. Nós efetivamente digamos que somos aqui o meio tradutor, mas tradutor para ambos, não só para os ciganos, mas para as outras pessoas também, porque o que eu sinto é que muitas vezes nós estamos no nosso dia a dia, no nosso stress e já estamos padronizados. Por exemplo, nós vivemos na área das tecnologias, tudo é tecnológico e agora cada vez mais e eu não consigo perceber como é que uma pessoa não tem competências digitais, como é que não vai ao e-mail todos os dias, como é que não sabe responder. [...] é por esses pontos simples que sem Geração Tecla a comunicação não existe. [...]</i>”</p>	<p>comunicação</p> <p>Sem o GT a comunicação não existe</p> <p>Comunicação como tradução. São o tradutor para os dois lados</p> <p>Os participantes não têm competências digitais que facilitem a comunicação</p> <p>Sem o GT a comunicação não existe</p>
<b>Tipo de intervenção</b>	<p><i>“[...] Eu acho que é as duas. Acaba por ser preventiva e por ser também de um mal menor [risos] remediativa digamos. Está nos dois lados [...].”</i></p>	<p>Preventiva e Remediativa</p>
<b>Atuação perante uma situação de conflito</b>	<p><i>“[...] Nós tivemos um estagiário em 2019 da Católica que era um moço preto e na altura nós estipulamos uma regra clara, que era a de a partir das 5h30 quem não tem trabalhos de casa tinha que fazer escola virtual, nem que fosse 20, 30 minutos de escola virtual. E um dos miúdos chegou e disse que não ia fazer, que não queria fazer escola virtual e o que nós tínhamos dito é, “não queres fazer escola virtual não podes estar aqui, tens que sair”. [...] o miúdo foi para o bairro, foi embora e disse aos pais que o preto lhe tinha batido [risos]. [...] A mim nunca ninguém me tocou, chegaram-me a ameaçar que me atiravam com a cadeira e eu disse que sim, que me podiam atirar à vontade, que me podiam fazer tudo o que quisessem, mas que no moço</i></p>	<p>Conflito entre um estagiário e um participante</p> <p>A técnica procurou o diálogo com a família, nunca chegou a existir uma verdadeira conversa com a família, mas o conflito ficou resolvido</p>

		<p><i>ninguém tocava. Depois os ânimos lá diminuíram e eles acabaram por ir embora, [...] Eu depois tentei falar com a família até porque é uma família muito próxima e com quem nós temos uma relação muito boa e fui a casa falar com eles, mas chamei-os para virem ao projeto para falarem comigo, para termos uma conversa sobre o que é que aconteceu, mas na verdade nunca apareceram, pelo menos para terem aquela conversa. [...]"</i></p>	
	<p><b>Neutralidade</b></p>	<p><i>"[...] na verdade isto da neutralidade é efetivamente um dos princípios da instituição, mas eu acho sinceramente que se nós formos analisar no dia a dia, acaba por ser um conceito demasiado filosófico e abstrato, porque nós somos seres humanos e tu não consegues ser sempre uma pessoa neutra. Podes ter presente o conceito e querer aplicá-lo, mas sempre não consegues e não te vou dizer que fui sempre, houve alturas que eu tenho consciência que sim, mas houve outras alturas que eu tenho a consciência que não. Não é possível, é bom termos isso presente e trabalharmos tendo por base isto, mas termos sempre a consciência que nós como seres humanos que não conseguimos sempre fazer a neutralidade na plenitude do que está escrito enquanto conceito. [...]"</i></p>	<p>Devemos ter como base a neutralidade e devemos procura-la, mas na realidade como ser humano não consegues ser neutro</p>

	<p><b>Intervenção e relação com as Escolas</b></p>	<p><i>“[...] Olha de uma forma muito simples tudo o que diga respeito a ciganos é do Geração Tecla [Risos]. Muito simples, é isso que acontece, é o Geração Tecla para tudo e houve uma altura até que o Geração Tecla era um menino de recados. Tem limite de faltas, tem não sei quê, vamos dizer, mas acabámos por ir sentido uma mudança através da compreensão que a escola começou a ter da nossa intervenção e também uma mudança de alguns professores e também no envolvimento que esses professores foram tendo connosco. Engraçado, ou não, mas a grande valorização e a grande mudança da escola para com o Geração Tecla vem com esta pandemia. Quando as escolas encerram percebem que o único meio que têm para conseguir comunicar com a comunidade é o projeto e que se não fosse o projeto eles não comunicariam de forma nenhuma e surge aí a grande mudança de paradigma e que eu acredito que se vai manter durante estes anos. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Tudo o que se passa relativamente à escola, relativamente a avaliações, a planos de recuperação e até agora a entrega de computadores, tudo isso foi feito em estreita relação com a escola. E a escola, ela valoriza a intervenção do projeto, sempre valorizou embora não tenha sempre comunicado dessa forma, no entanto o que eu sinto é que os professores querem que a mudança aconteça já e agora. [...]”</i></p> <p><i>“[...] já houve alguns conflitos nas escolas, mas nada assim extremamente grave e acaba por ser solucionado com a reunião que nós estamos presentes. [...]”</i></p>	<p>Tudo que esteja relacionado com as comunidades é resolvido pelo GT</p> <p>Mediação escola – comunidades</p> <p>Pandemia melhorou a relação com a escola e o GT foi único canal de comunicação com as comunidades</p> <p>Estreita relação com a escola e o GT, o GT é a ponte entre a escola e as comunidades</p> <p>Professores valorizam, mas querem a mudança já</p> <p>Mediação de conflitos</p>
--	--	---	--

<p><b>Obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p><i>“[...] Nós em 10 anos de intervenção ainda não conseguimos ter isto, este compromisso, esta permanência em que tu consigas desenhar uma atividade que “ok, nós criamos este grupo e vamos pedir-lhes e envolvê-los de forma a que eles duas vezes por semana venham aqui participar connosco nesta atividade”. Isso ainda não acontece, eles veem o projeto como uma segunda casa, mas como uma segunda casa para trabalhar as amizades, para estar com os técnicos, para estar com os voluntários, uma segunda casa para estar com os computadores. Para desenvolver competências torna-se muito mais complicado trabalhar esta questão de compromisso e nós em 10 anos de projeto ainda não conseguimos fazer e aliás eu acho que também vai ser um grande desafio [...].”</i></p> <p><i>“[...] Os jovens ativos era uma atividade que exigia muito compromisso. A nível de formação, uma das componentes dos jovens ativos eram eles serem formadores de história cultura cigana e na verdade isto acabou por nunca acontecer e porquê? Por causa do compromisso, da regularidade acabou por nunca acontecer e eu considero que era uma atividade que tinha tudo para ser um grande sucesso e não foi por causa de questões relacionadas com os comportamentos destes jovens pois nunca lhes é exigida a questão do compromisso e da regularidade. [...].”</i></p> <p><i>“[...] eu sinto que a comunidade tem muitos homens que poderiam ser grandes referências e dar muitas, muitas cartas na, a nível nacional e não dão por tudo aquilo que está intrinsecamente a nível cultural. [...] E aqui neste caso em específico, claramente eu cheguei a um ponto em que eu percebi que um dos grandes problemas era ser coordenado por uma mulher e aliás numa das conversas que tivemos isso foi comunicado, em que eu questionei claramente se um dos entraves era ser coordenado por uma mulher e foi me respondido claramente que sim. [...].”</i></p>	<p>Falta de compromisso com o projeto com atividades que promovam competências</p> <p>Projeto como uma segunda casa, amizades</p> <p>Jovens ativos, uma atividade com grande potencial nunca aconteceu pela falta de compromisso e regularidade</p> <p>Questões culturais, o homem é protegido e não faz nada</p> <p>Problemas em coordenar o dinamizado comunitário por ser mulher</p>
--	--	---	---

		<p>“[...] a capacidade que o projeto tem para intervir em casos mais problemáticos, que na verdade é zero, acontece depois a um nível da CPCJ, mas nós enquanto projeto temos zero capacidade [...] Só que na verdade chegas a uma altura do teu trabalho em que tu queres mudanças imediatas e quando estamos a falar de mudanças culturais e comportamentais esquece, isso não acontece. [...]”</p> <p>“[...] nós não conseguimos entender porquê e que acaba por ser uma dificuldade, nomeadamente sinalizações para a CPCJ que demoram imenso tempo a ter intervenção. Casos que são passados para tribunal e que o tribunal ou não dá resposta, ou se dá resposta não deveria ser aquela resposta, porque estamos a agir com base na discriminação e no estereotipo, e isto depois vem acarretado à mensagem que tu passas à comunidade. E mesmo nível escolar nós temos miúdos que transitam, transitam e transitam. Não adquirem as competências escolares, mas continuam a transitar e há um efeito que tu causas na vida daquele ser humano, porque tu estás a carimbar aquele ser humano como uma pessoa incompetente para a vida, porque nunca vai ter competências. Até pode ter um certificado a dizer que tem o 9º ano e o 12º, mas se tu fores a testar na realidade não tem, tem para aí do 4º ano, a correr bem. E a mensagem que tu estás a passar aos outros miúdos é “não vale a pena me esforçar, porque eu vou passar de ano”. Houve um ano em que se criou uma turma PIEF e todos os miúdos queriam ir para o PIEF, e porquê? Porque o que andava a circular no bairro e que na verdade era o que acontecia, é que não tens que fazer nada, porque na verdade vais passar de ano [...] Isto são efetivamente as maiores dificuldades, porque se tu queres mostrar que para um comportamento existe uma consequência, mas na verdade essa consequência não existe só porque esta pessoa pertence a determinada etnia, tu não consegues fazer nada a partir daqui. [...]”</p>	<p>Falta de intervenção da CPCJ</p> <p>Mudanças culturais imediatas não acontece</p> <p>Falta de intervenção da CPCJ e tribunal e agem com base na discriminação e no estereotipo</p> <p>Transitarem sem competências adquiridas</p> <p>Turmas PIEF</p> <p>Não há consequências para eles o que não facilita a intervenção. Que mensagem é transmitida?</p>
--	--	--	---

		<p><i>“[...] Por parte da sociedade maioritária para mim que estou por fora e consigo analisar existem ainda muitos comportamentos de discriminação e não tem que ser verbalizado basta o olhar, a forma de reagir, que para mim é claro. [...] Existem a nível de adultos estereótipos muito enraizados de ambos os lados e ambos os lados não estão dispostos a quebrar e a estabelecer uma relação sem nada disto presente. [...]”</i></p>	<p>Muito estereótipos e discriminação entre as comunidades ciganas e a sociedade maioritária. Ambas as partes</p>
	<p><b>Pandemia Covid 19</b></p>	<p><i>“[...] infelizmente devido às circunstâncias que nós estamos a viver, às circunstâncias pandémicas vai voltar a ser o centro de intervenção agora na 8ª geração, porque efetivamente foi um retrocesso muito, muito grave. Na análise que nós fizemos de dados, de números, nós temos um diagnóstico muito parecido com o primeiro projeto de 2010. [...]”</i></p> <p><i>“[...] eu acho que também vai ser um grande desafio para a 8ª geração porque em 2020 nós tivemos uma pandemia, tivemos 4, já não me recordo, 4 ou 5 meses encerrados em que só tivemos abertos para fazer entregas de trabalhos ou os períodos de verão que até fomos tendo alguma participação, mas a partir do momento em que começam as aulas, a participação caiu drasticamente. Nós desenvolvemos imensas estratégias e nunca mais conseguimos ter os níveis de participação que tínhamos, também por todas as condicionantes que a pandemia nos obriga, pois nós não iríamos conseguir ter aqueles miúdos todos no nosso espaço. Na verdade, nós estamos agora a passar por outro momento de confinamento e é um momento em que o projeto está totalmente sem atividade o que nunca aconteceu durante estes 10 anos, nunca aconteceu e vai ser um novo desafio, ou seja, vai ter que se trabalhar outra vez aqui a relação de confiança, chama-los e voltar a trabalhar aqui a questão do compromisso e</i></p>	<p>A pandemia provou um grande retrocesso, os números estão parecidos ao primeiro diagnóstico em 2010</p> <p>Vai ser um grande desafio conseguirem voltar a ter os níveis de participação anteriores à pandemia</p> <p>No segundo confinamento e período de transição entre candidaturas (aguardar aprovação da 8 geração) estão pela primeira vez em 10 anos sem intervenção</p>

		<i>da regularidade nas participações [...]”</i>	
<b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b>	<b>Mudanças com a intervenção</b>	<p><i>“[...] A diferença que o projeto causa da comunidade e a mais valia é muita mesmo, porque nós trabalhamos questões e proporcionamos momentos que não existiriam se não fosse projeto o Geração Tecla. [...]”</i></p> <p><i>“[...] E nós somos, digamos que a resposta de maior proximidade, claramente. E faz, e tem um impacto na comunidade e um dos fatores que nos diferencia e que eu acho que acaba por diferenciar todos os projetos Escolhas é a capacidade de estabelecermos relação com a comunidade. É uma relação tão próxima e aqui mais a nível pessoal é muito emocional, e por isso também causa um desgaste emocional muito grande [...] Hoje em dia ouve-se muito falar “estão na linha da frente” e o Geração Tecla e todos os outros projetos Escolhas estão na linha da frente na intervenção com estas comunidades, porque somos nós enquanto projetos que pensamos e que proporcionamos momentos a estes miúdos, que trabalhamos com eles competências que deviam ser abarcadas por outras entidades e não são. E daí ser</i></p>	<p>Trabalham questões e proporcionam momentos</p> <p>Resposta de maior proximidade, capacidade de estabelecer relação, relação muito emocional</p> <p>Os técnicos do PE estão na linha da frente das comunidades ciganas</p> <p>Proporcionam momentos, trabalham competências</p> <p>Essencial porque estamos a falar de</p>

		<i>essencial a existência desses projetos e vai continuar a ser durante muitos anos porque estamos a falar de mudanças de mentalidades e de mudanças de comportamentos. [...]</i>	mudanças de mentalidades e mudanças de comportamento
	<b>Caso(s) de sucesso</b>	<i>“[...] a Vanessa é um grande caso sucesso, porque ela entra em 2013 no projeto como dinamizadora comunitária e foi das poucas dinamizadoras a nível nacional que transita de dinamizadora comunitária para monitora, depois para técnica do projeto e manteve-se assim até 2020. E para mim é efetivamente um caso de sucesso pelo progresso que ela fez, pela aquisição de competências, pela valorização que ela tem na comunidade e pelo reconhecimento que existe a nível nacional. Ela esteve presente em muitos movimentos ativistas relacionados com as comunidades ciganas e para mim é um caso de sucesso a nível de pessoas. [...]</i>	Jovem cigana que de dinamizadora passou a monitora e depois a técnica do projeto  Aquisição de competências, valorização e reconhecimento na comunidade e a nível nacional, participou em movimentos ativistas
	<b>Caso(s) de insucesso</b>	<i>“[...] a nível de insucesso tens o irmão que é um jovem com muitas competências, aliás se formos analisar as competências até é mais hábil do que a própria Vanessa, mas que não existe aqui nenhuma vontade, nenhum compromisso e que está também relacionado com uma postura muito machista. [...].”</i>	Homem com muitas competências, mas por questões culturais com o machismo

## A.5.9. SINOPSE TPE9

Sinopse da entrevista – TPE9

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	<b>Criação do projeto</b>	“[...] foi feito em 2018, o projeto foi aprovado em fevereiro 2019 e por dois anos incidiu a sua intervenção em duas comunidades ciganas com alguma pobreza extrema em Braga, [...]”	Iniciou em 2019
	<b>Missão e objetivos</b>	“[...] Os objetivos principais do projeto eram alguns, mas basicamente focavam todos no mesmo sentido, ou seja, os elevados números de absentismo e o abandono escolar nas crianças da comunidade cigana. [...] os objetivos eram trabalhar um pouco as crianças e as fragilidades por elas apresentadas e pelas famílias através das artes do desporto. [...]”  “[...] E isso era o trabalho essencial e principal do Incluir em Synergia trabalhar as questões escolares. [...]”	Absentismo e abandono escolar  Trabalhar as fragilidades das crianças e famílias através das artes e desporto  Trabalhar as questões escolares
	<b>Palavras chave</b>	“[...] Acho que posso ir por aí, foi um sucesso afetivo porque nos preenche e sentimos que preenchemos a vida de alguém, é um sucesso afetivo sem sombra de dúvidas. [...]”	Afeto
	<b>Área de formação dos técnicos</b>	“[...] Eu sou licenciada em educação social e toda a minha experiência profissional passou por trabalhar diretamente com as pessoas em intervenção no terreno e em contacto direto com os problemas em si. Efetivamente faz todo sentido para projetos como o Programa Escolhas terem pessoas da área de intervenção social e intervenção socioeducativa e principalmente que conheçam as comunidades e as pessoas com quem vão trabalhar. Claro que temos sempre que trabalhar com a rede social que está	Educação social  Trabalhar com pessoas e no terreno  Trabalhar em parceira é importante

		<i>à nossa volta porque não conseguimos trabalhar como ilhas, mas efetivamente a minha área de formação ajudou-me a lidar com alguns percalços que existiram e que apareceram no início do projeto e mesmo no final. [...]</i>	A formação contribuiu positivamente
<b>Contexto de intervenção do projeto</b>	<b>Contexto de intervenção</b>	<p><i>“[...] duas comunidades ciganas com alguma pobreza extrema em Braga, principalmente o Picoto e o Fujacal. [...]”</i></p> <p><i>“[...] O Fujacal não é um bairro social, é um bairro onde vivem famílias mais carenciadas. É uma zona de Braga que não é um bairro de habitação social, há uns anos atrás como havia naquela zona habitação a preços muito baixinhos as famílias ciganas foram-se aglomerando lá e efetivamente há uns anos o que é que começou a notar? Uma movimentação de outras comunidades nomeadamente as brasileiras e as africanas, mas famílias na mesma situação com baixos rendimentos. [...] o Picoto é uma zona de habitação social gerida pela BragaHabit e são todas famílias ciganas bastante pobres com condições de vida miseráveis e que vivem basicamente das feiras e do rendimento mínimo. O Picoto apesar de estar no centro da cidade está num socalco do centro da cidade e estão isolados, tem o Bairro Nogueira da Silva pertíssimo que são pequenas casas de famílias de classe média baixa, agora já mais para o baixa do para a média infelizmente, mas estão isolados, ali no socalco à volta só tem vegetação e o monte do Picoto. [...]”</i></p> <p><i>“[...] a sede do projeto num dos bairros, no bairro do Fujacal. [...] sempre com os miúdos, com as famílias era um trabalho no terreno, dentro do próprio bairro e com as escolas também. [...]”</i></p>	<p>Duas Comunidades que vivem com alguma pobreza extrema</p> <p>O Fujacal não é bairro social, mas vivem populações com baixos rendimentos</p> <p>Muitos movimentos migratórios - Brasileiros, Africanos</p> <p>Picoto bairro de habitação social, só vivem ciganos e em condições miseráveis é um gueto</p> <p>Estão isolados</p> <p>Intervenção no bairro com crianças, famílias e no bairro e nas escolas</p>

	<p><b>Caraterização do Público-alvo</b></p>	<p><i>“[...] A população cigana é diferente nos dois bairros, a população cigana do Fujacal apesar da pobreza vive melhor do que a população do Picoto [...]” No Picoto são mesmo ciganos pobres a todos os níveis, cultural, social, habitacional e nota-se muito principalmente nos hábitos de higiene. A população do Fujacal já tem mais cuidado com os filhos, com eles próprios e mesmo as casas apesar de não estarem muito bem tratadas estão sempre muito limpas. Já no Picoto é o oposto e de uma forma generalizada as crianças não são muito bem tratadas a todos os níveis e por exemplo, a população do Picoto não dá tanta importância à escola com a comunidade do Fujacal. [...] No Picoto apesar da centralidade não estão assim tão centrais e vivem ali muito guetizados a todos os níveis e oficialmente eles estão todos desempregados, vivem de rendimento mínimo e alguns estão nas férias, mas como neste momento não há férias. [...] A escolaridade da população é muito baixa, muito mesma, as mulheres a maior parte delas tirou o 4º ano e forçado [...] os mais velhinhos sabem ler e escrever, mas ficam por aí. [...] é uma população com muitas dificuldades e muitas limitações e alguns são de origem Galega. [...] Fujacal não tínhamos questões absentismo, porque eles efetivamente vão às aulas, mas a questão do insucesso aumentou de uma forma brutal [...] Depois temos aqui o fator discriminação, no Picoto existem alguns conflitos mesmo entre eles porque há lá famílias que vivem melhor que outras e as famílias mais pobres são um pouco criticadas e quando por exemplo existia alguma atividade diziam “não chamem o “não sei das quantas””, ou seja, havia aqui algum problema de relação e discriminação entre eles. [...]”</i></p> <p><i>“[...] um público alvo extremamente difícil de cativar e criar empatia e foi um processo difícil. [...]”</i></p>	<p>Duas comunidades ciganas diferentes em Braga</p> <p>Picoto é um gueto a população é pobre a todos os níveis, há mais desvalorização da escola, estão isolados, desempregados e a maioria depende do RSI ou a trabalhar em feiras, a escolaridade é muito baixa, com mais dificuldades e alguns de origem Galega</p> <p>No Fujacal não há absentismo, mas há muito insucesso</p> <p>Existe discriminação e conflitos entre eles</p> <p>Difícil de cativar e criar empatia</p>
--	---	--	---

<b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b>	<b>Integração do público alvo no projeto</b>	<p><i>[...] foi difícil. Nós no início conseguimos cativar alguns miúdos porque foi-lhes passada a mensagem que seríamos a continuidade do projeto que estava anteriormente no terreno e então eles vinham com a ideia que era a continuidade do Tetris [...].”</i></p> <p><i>[...] O Programa Escolhas tem a figura do dinamizador comunitário que neste caso foi uma jovem cigana que vivia no bairro do Picoto e foi ela o fio condutor para conseguirmos trazer mais jovens e cativar mais jovens e famílias para o projeto. A verdade é que por muito trabalho todo que tenhamos feito no terreno como equipa, se não fosse ela nós não conseguiríamos chegar tão rapidamente ao Picoto como chegamos. [...] O pai dela é uma figura conhecida e respeitada no Picoto, [...] nem ela sabe o quão importante foi para cativar os miúdos e agilizar o processo todo. [...].”</i></p>	<p>Passaram a mensagem que era a continuidade do outro projeto</p> <p>A dinamizadora comunitária teve um papel essencial para cativar/atrair os participantes para o projeto</p>
	<b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b>	<p><i>“[...] lidar com as situações através dos afetos, apelar aos afetos, porque a maior parte deles são crianças que têm os pais presos e isso tem alguma importância porque há ali grande ausência de afetos e de figura paternal que é muito importante nestas idades e fomos um bocadinho por aí para mediar os conflitos e foi resultando. [...].”</i></p> <p><i>“[...] as atividades no espaço que iam desde o futebol, à dança, artes marciais, atividades de expressão plásticas e apoio nos trabalhos de casa. [...] pequenas atividades onde tentávamos trabalhar a desconstrução de preconceitos, o empoderamento dos miúdos, das crianças e jovens, através de atividades de caráter lúdico, desportivo, música e visitas, era o motivar em synergia. [...].”</i></p>	<p>Lidar com as situações de conflitos através dos afetos</p> <p>Atividade ligadas às artes, desporto, expressão artística, desconstrução de estereótipos empoderamento</p>

	<p><b>Intervenção com a família</b></p>	<p><i>“[...] No trabalho com as famílias conseguimos que algumas mães, uma principalmente que não sabia ler nem escrever nos procurasse para ajudar nesse processo e fizemos essa ponte também. [...]”</i></p> <p><i>“[...] trabalhar o empowerment dessas jovens mulheres que são jovens apesar de já terem vidas como antigamente tinham as nossas avós, mas na realidade são jovens e tinham vontade de trabalhar, de estudar, de tirar a carta de condução e queriam fazer efetivamente alguma coisa. [...]”</i></p>	<p>Trabalho de capacitação das mães e ponte nesse processo</p> <p>Trabalhar com mulheres em busca do seu empowerment</p> <p>As mulheres queriam fazer a diferença</p>
	<p><b>Comunicação</b></p>	<p><i>“[...] É um ponto essencial, é o ponto essencial. Eu acho que nós sentimos alguma dificuldade no trabalho em rede, principalmente com a rede social de Braga, talvez um também um pouco pelas próprias características de trabalhar com a comunidade cigana que não é de todo fácil, mas a comunicação é o ponto chave. A comunicação e a empatia porque com comunicação sem empatia não se vai a lado nenhum, podes comunicar muito bem, mas se não conseguires que as pessoas sintam aquilo que estás a dizer é igual ao litro. [...] A comunicação tem que estar relacionada com a empatia senão não vamos a lado nenhum, mas é e foi um veículo muito importante. [...]”</i></p> <p><i>“[...] tínhamos que ter cuidado com as palavras que usávamos porque éramos muito facilmente mal interpretadas. [...]”</i></p>	<p>Ponto essencial, ponto chave</p> <p>Com empatia, sem empatia não se consegue comunicação</p> <p>Cuidado na forma como comunicamos</p>
	<p><b>Tipo de intervenção</b></p>	<p><i>“[...] Eu acho que foi uma intervenção emergente e urgente porque chegamos a um território em que percebemos que havia determinadas arestas e queríamos trabalhar com base na prevenção, nomeadamente na violência no namoro e comportamentos aditivos, mas depois já havia esses comportamentos a 100% no terreno e mesmo a desvalorização escolar e a desvalorização profissional. Por isso nós não podemos trabalhar a prevenção se aqueles comportamentos já existem e já estão mais do que</i></p>	<p>Intervenção emergente e urgente</p> <p>Preventiva e remediativa</p>

		<i>vincados naquelas pessoas. Então acabou por ser uma intervenção de urgência. Muitas vezes falamos disso é urgente, é urgente, temos que fazer isto, é uma intervenção de urgência. [...]”.</i>	Já havia problemas - desvalorização escolar e profissional
	<b>Atuação perante uma situação de conflito</b>	<i>“[...] os jovens da comunidade maioritária que viviam ali na zona circular do espaço do Synergia achavam que o campo de futebol era deles e não podia ser de mais ninguém. A polícia foi chamada uma data de vezes e houve ali alguns conflitos, mas sempre foram resolvidos tranquilamente e em diálogo [...]”</i>	Conflito entre jovens ciganos e da sociedade maioritária que se resolveram através do diálogo
	<b>Intervenção e relação com as Escolas</b>	<i>“[...] Na parte da mediação escolar tínhamos o gabinete de apoio à mediação que funcionava nas escolas e era uma ferramenta de apoio e de mediação com as escolas. O gabinete era um espaço na escola com grande recetividade por parte da escola e a função era criar uma ponte entre a escola e as famílias ciganas e migrantes e ajudar as famílias em todos os processos burocráticos porque não havia essa resposta no André Soares. [...]”</i>  <i>“[...] as nossas atividades passavam pelo acompanhamento das escolas. Tínhamos atividades de animação de recreios nas escolas, tínhamos uma atividade que era o Ativar-te que era uma atividade direcionada para o combate aos estereótipos contra a comunidade cigana e minorias étnicas, esta atividade também era dentro das escolas e trabalhávamos com diversas turmas primárias do Fujacal e o do André Soares. [...]”</i>  <i>“[...] Procurávamos também uma articulação com os professores numa tentativa de combater esta questão tão emergente associada aos ciganos o absentismo escolar e o não aproveitamento escolar. [...]”</i>	Mediação entre a escola e as comunidades ciganas Apoio nos processos burocráticos  Atividades na escola de animação de recreio e combate aos estereótipos  Articulação com os professores

<p><b>Obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p><i>“[...] As questões culturais dificultam a sua integração e inclusão social, porque há sempre muito o nós e os eles. As próprias tradições, a própria resistência à mudança [...] E depois há pequenos grupos que querem manter vivas as tradições e na realidade nós podemos manter as nossas tradições sem perder a nossa identidade, mas indo buscar um pouco às restantes comunidades e acho que eles aí não estão nada receptivos a essa transformação e vai ter que ser um trabalho que vai ter de ser feito porque o que eu sinto é que cada vez se estão a fechar nas próprias tradições. [...]”</i></p> <p><i>“[...] O que eu sinto é que cada vez mais existe uma participação ainda que com algum absentismo, no entanto a questão do insucesso é cada vez mais um problema, ou seja, eles já frequentam mais a escola, muito fruto do RSI, da CPCJ, da pressão das políticas e do próprio trabalho do projeto, no entanto não adquirem as competências necessárias. Por exemplo ali no Fujacal não tínhamos questões absentismo, porque eles efetivamente vão às aulas, mas a questão do insucesso aumentou de uma forma brutal e depois também temos aqui alguns problemas porque os miúdos vão passando e não adquirem competências. [...]”</i></p> <p><i>“[...] existe discriminação e uma linguagem e uma comunicação verbal agressiva porque são miúdos, pessoas que são completamente rotulados pela etnia que têm e estão segregados mesmo pela própria comunidade educativa. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Uma das fragilidades do Programa Escolhas é que temos objetivos efetivos para cumprir e nós tínhamos atividades fixas que tínhamos que cumprir, [...]”</i></p> <p><i>“[...] foi um projeto extremamente difícil por todas as condicionantes, por todas as</i></p>	<p>As questões culturais dificultam a integração</p> <p>Nós e eles</p> <p>Aumento do insucesso escolar, não adquirem competências</p> <p>Discriminação e a segregados pela comunidade educativa</p> <p>Objetivos e as atividades fixas do projeto</p> <p>Todo o projeto foi muito difícil e a</p>
--	--	---	---

		<p><i>dificuldades no terreno, mesmo nível do município e de rede social o apoio foi muito limitado o que também dificultou. Depois a equipa esteve sempre também em mudanças o que também não ajudou. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] Ainda há muito preconceito. Quando começamos ali no Fujacal éramos o projeto que trabalhava com os ciganos e nós tínhamos miúdos que não eram ciganos e mesmo com eles foi difícil quebrarmos algumas barreiras, mas depois começamos a fazer atividades. Para teres noção aquilo chegou ao ponto de os miúdos não ciganos e os ciganos no mesmo espaço estarem em mesas diferentes. [...] havia pais que quando estavam lá os miúdos ciganos iam buscar os miúdos e levavam-nos embora, ou seja, esse é um trabalho que ainda está muito verde. Temos ainda que desconstruir muitos preconceitos, mas foi difícil [suspiro]. [...]</i>”</p> <p><i>“[...] no início era muita desconfiança “que é que elas vêm para aqui fazer, que é que elas querem” e depois diziam “vai tirar-me o rendimento mínimo, você vai tirar o meu rendimento mínimo” [...]</i>”</p> <p><i>“[...] É uma pena estes projetos terem estes timings de término, porque depois faz-se aqui uma quebra, as equipas mudam, as pessoas vão embora, mas a verdade é que o público alvo, as pessoas continuam ali com o seu dia a dia, com as suas rotinas e perde-se estes laços de confiança. [...]</i>”</p>	<p>equipa sempre a mudar</p> <p>Preconceito dos pais dos jovens não ciganos em relação aos ciganos</p> <p>Desconfiança dos ciganos para com os técnicos dos projetos</p> <p>Serem projetos de dois anos que obriga as equipas estarem sempre a mudar</p>
--	--	---	--

	<p><b>Pandemia Covid 19</b></p>	<p>“[...] Posteriormente depois com a questão do primeiro confinamento alterou-se tudo um pouco, passamos a trabalhar exclusivamente nas instalações do Synergia, mas sempre com os miúdos, com as famílias [...]”</p> <p>“[...] trabalhar mais com as mulheres ciganas que era um projeto que o Synergia tinha, que era trabalhar com as mulheres ciganas e que infelizmente ficou em águas de bacalhau devido ao confinamento. Na altura já tínhamos um grupo interessante, mas depois elas começaram a ter algum medo de sair e ficaram reclusas em casa em todos aspetos. [...]”</p> <p>“[...] os números deixaram de fazer sentido e então o Programa Escolhas criou a atividade Vencer Covid em que basicamente pretendia-se que todos os projetos dessem resposta às necessidades do terreno e nessa altura tivemos que criar desafios online, fazer a ponte com as escolas nomeadamente na entrega dos trabalhos de casa, ações de sensibilização e entrega de Kits. Sei que houve projetos que como tiveram acampamentos fechados foram eles próprios a fazer a ligação com o mundo exterior digamos assim. Iam trabalhar para a comunidade e foram auxiliando as pessoas no terreno com a entrega da alimentação, medicamentos entre outras coisas, mas esse não foi o nosso caso. [...]”</p> <p>“[...] e acho que devido à pandemia as comunidades ciganas estão mais fechadas entre elas e tem havido muita resistência por parte da comunidade cigana principalmente na escola. [...]”</p>	<p>O confinamento limitou a intervenção</p> <p>Com a pandemia este projeto não se concretizou de trabalhar com mulheres ciganas o seu empowerment</p> <p>O Escolhas criou a Atividade Vencer Covid</p> <p>As comunidades estão mais fechadas devido à pandemia</p>
--	---------------------------------	---	--

<b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b>	<b>Mudanças com a intervenção</b>	<i>“[...] No Incluir em Synergia houve transformação, mas pouca porque foram apenas dois anos, não havia projeto no terreno antes, no entanto contribuímos um pouco para a saída daquelas crianças daquele gueto do Picoto e promover alguma autonomia neles, mas no geral acho que temos essa missão importante que era dar voz a essas comunidades. Enfim, contribuímos um pouco para a saída daquelas crianças do bairro, promovemos a sua autonomia e acredito que temos aqui uma missão muito importante porque nós todos estamos aqui, mas tivemos oportunidades mais ou menos equilibradas e deram-nos hipótese e fomos educados para lutar por aquilo que acreditamos e estas crianças não. [...]”</i>	Contribuíram para a saída do gueto Picoto Promoveram autonomia Deram voz às comunidades Dar oportunidades
	<b>Caso(s) de sucesso</b>	<i>“[...] A nossa dinamizadora comunitária para mim foi um caso de sucesso porque era uma jovem que vivia dentro da história e da cultura cigana, mas foi uma miúda que chegou ao Synergia com 18 anos e que a primeira coisa que ela disse foi que queria ser diferente das outras ciganas todas. [...] ela queria tudo, ela queria ser diferente, mas queria ter a família dela, queria ter filhos e queria poder escolher efetivamente, que é uma coisa que não lhes é dada. [...] hoje em dia ela tem uma vida completamente estruturada e pensa voltar a estudar, quer continuar a trabalhar e constituiu a família dela. Apesar de muito jovem constituiu a família dela e eu acho que ela foi um caso sucesso, ela conseguiu quebrar ali barreiras e quebrar tabus e falar sobre tudo aquilo que a preocupava e sobre os dilemas da vida dela. [...]”</i>	A dinamizadora comunitária foi um caso de sucesso  Ela tem uma vida estruturada e pensa voltar a estudar e trabalhar e têm a sua família
	<b>Caso(s) de insucesso</b>	<i>“[...] insucesso foi todo o projeto em si, muito honestamente. Foi um curto espaço de tempo para realizar o projeto, foi um começar de novo, uma entidade que se viu com um projeto difícil, a verdade é esta. Um projeto difícil, com números que quando chegámos ao terreno na verdade não existiam e tivemos que reformular tudo. Com um público alvo extremamente difícil de cativar e criar empatia e foi um processo difícil. Se tivéssemos que caracterizar como insucesso sei que é uma palavra muito forte, mas se calhar associava a todo o processo deste projeto porque foi difícil,</i>	O projeto em si

*foi extremamente difícil apesar de ter terminado relativamente bem, [...].”*

## A.5.10. SINOPSE TPE10

Sinopse da entrevista – TPE10

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	Criação do projeto	“[...] teve intervenção em dois bairros da cidade de Braga, o Bairro do Fujacal e o Complexo do Picoto. [...]”	Intervenção em dois bairros em Braga
	Missão e objetivos	“[...] o nosso trabalho centrou-se muito em trazer esta comunidade até nós. [...] mas aquele que foi o nosso objetivo principal foi muito tentar lutar pela emancipação desta comunidade e também tudo que estava relacionado com a sua progressão escolar e o incentivo à prática laboral. [...]”	Trazer a comunidade para o projeto Emancipação da comunidade, progressão escolar e incentivo à prática laboral
	Palavras chave	[...] aquilo que definiu o nosso projeto, eu acho que é a palavra relação, porque sem relação nós não conseguimos fazer nada e acho que foi mesmo essa relação que nos valeu em muitos momentos para conseguirmos a continuidade, para não desistirmos. Acredita que muitas quando não estávamos a atingir aquilo era preciso muitos elementos foram abaixo, mas acho que esta relação que nós tínhamos entre todos ajudou a manter o projeto até ao fim. [...]”	Relação
	Área de formação dos técnicos	“[...] a área da psicologia, na área clínica e da saúde. Eu quando integrei o projeto foi para integrar um gabinete de apoio à mediação escolar que existia no projeto e eu estava apenas responsável pelo atendimento psicológico. O projeto encaminhava-me algumas crianças, eu efetuava a avaliação e depois víamos se era necessária esta intervenção. [...]”	Psicologia clínica e da saúde  Atendimento psicológico, intervenção e avaliação
Contexto de intervenção do projeto	Contexto de intervenção	“[...] teve intervenção em dois bairros da cidade de Braga, o Bairro do Fujacal e o Complexo do Picoto. O Bairro do Fujacal é habitado por comunidade cigana e migrante e comunidade também local e o Complexo Habitacional do Picoto é composto por 100% por famílias da comunidade cigana. [...]”	Dois bairros em Braga Picoto e Fujacal

	<p><b>Caraterização do Público-alvo</b></p>	<p><i>“[...] o Bairro do Fujacal e o Complexo do Picoto. O Bairro do Fujacal é habitado por comunidade cigana e migrante e comunidade também local e o Complexo Habitacional do Picoto é composto por 100% por famílias da comunidade cigana. [...]”</i></p> <p><i>“[...] outras famílias no Fujacal que não eram de comunidade cigana e que inicialmente não estavam inseridas no projeto, mas que depois conseguimos integrá-las. Elas também não tinham muitos recursos [...]”</i></p> <p><i>“[...] Eles são mais dependentes do RSI, maioritariamente são dependentes de RSI. [...]”</i></p>	<p>Um bairro com apenas comunidade cigana outro com comunidade cigana e migrante</p> <p>A comunidade migrante que também não tinha recursos inicialmente não estava prevista no projeto</p> <p>Maioria dependente do RSI</p>
<p><b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b></p>	<p><b>Integração do público alvo no projeto</b></p>	<p><i>“[...] Eu posso dizer que tive mesmo que me dirigir ao bairro por diversas vezes, bater às portas, apresentar-me às famílias, apresentar aquilo que era o projeto, aquilo que nós queríamos devolver [...] apresentar as atividades explicar que era algo lúdico e divertido, mas também explicar que estávamos lá para apoiar e o facto de nós nos demonstrarmos disponíveis para apoiar as crianças, principalmente, foi logo uma área de interesse para os pais, porque principalmente ali no Picoto eles estavam sem suporte e eles precisavam mesmo muito, nomeadamente na área da psicologia [...] Depois também convidamos os próprios pais para virem as nossas às instalações para ver como é que era toda a dinâmica. E foi assim procuramos fazer atividades que os trouxessem para lá e tentamos também que fossem eles a promover uma atividade ou outra, nomeadamente de música [...]”.</i></p> <p><i>“[...] captar [...] A comunidade do Picoto foi muito difícil, só conseguimos fazê-lo já no decurso do segundo ano do projeto, [...]”</i></p> <p><i>“[...] tivemos muitos obstáculos para inicialmente entrar no Picoto, tentamos apoio com a</i></p>	<p>Dirigir-se ao Bairro, trabalho porta a porta</p> <p>Apresentar as atividades e a finalidade do projeto</p> <p>Tentar trazer os pais para o projeto, verem e participarem também</p> <p>No Picoto foi difícil a captação dos participantes</p>

		<p><i>câmara e alguns recursos para tentar entrar lá de forma mais efetiva, mas acabamos por ter que ser nós através daquele trabalho que eu disse de ir a pé, de pedir autorização, de bater às portas, de ir já com alguém da comunidade cigana com quem eles tinham confiança. Aqui alguns elementos da comunidade cigana foram muito importantes para nós, ao longo de todo este projeto. [...]</i></p> <p><i>“[...] agora temos jovens com relações criadas e laços fortificados entre eles. [...]”</i></p>	<p>Foram porta a porta com alguém de confiança da comunidade</p> <p>Atualmente há relação de proximidade</p>
	<p><b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><i>“[...] Na psicologia nós temos as nossas práticas de intervenção, eu sigo terapias específicas nomeadamente terapia cognitiva comportamental, terapia focada nas emoções, terapia cognitiva comportamental com crianças e jovens. [...]”</i></p> <p><i>“[...] O projeto encaminhava-me algumas crianças, eu efetuava a avaliação e depois víamos se era necessária esta intervenção. [...] tínhamos ali muitos problemas de comportamento, tínhamos muitos casos enurese e encoprese, tínhamos muitas dificuldades de aprendizagem, alguns casos de dislexia e outras dificuldades assim particulares. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Daquela que era a intervenção no projeto em si, aquelas técnicas que tiveram mais resultados foram mesmo as relacionadas com as artes, o desporto e a cultura e eram estas as estratégias que nós utilizávamos. [...] A principal mais valia deste projeto eu julgo que foi captar estas comunidades através das artes, do desporto, da dança e criamos aqui algumas parcerias muito interessantes que depois nos trouxeram toda a comunidade. [...]”</i></p> <p><i>“[...] tentar descer ao nível dele, tentar explicar passo a passo e sobretudo demonstrar o carinho que nós nutríamos por ele. O facto de mostrarmos que nós éramos amigos, que nos</i></p>	<p>Intervenção ao nível da psicologia, terapia cognitiva comportamental, terapia focada nas emoções, mais terapia cognitiva comportamental</p> <p>Efetuava avaliações psicológicas</p> <p>Atividades com as artes, desporto, dança e parcerias</p> <p>Tentar comunicar de forma igual e com</p>

		<i>importávamos com ele, de que eu queria mesmo muito que ele fizesse parte daquele grupo [...]”</i>	carinho e de forma empática
	<b>Intervenção com a família</b>	<p><i>“[...] A minha intervenção com as próprias famílias também foi muito importante, nomeadamente mais aqui esta questão da mediação embora não seja essa a minha área, mas também para tentar integrar todas as famílias no processo e tentar ver com elas que muitas destas dificuldades poderiam ser supridas com o envolvimento deles. Depois também acabei por facultar algumas sessões de grupo com estes pais, com algumas mulheres ciganas que também era outro objetivo do projeto [...]”</i></p> <p><i>“[...] muito neste âmbito da monitorização, mas também aqui na corresponsabilização dos pais. [...]”</i></p> <p><i>[...] chegamos a estar com pais da comunidade maioritária a tentar sensibilizar um pouco para aquilo que era o nosso trabalho e que aqui eles também tinham um papel fundamental [...]”</i></p>	<p>Intervenção com as famílias ao nível da mediação e da corresponsabilização dos pais</p> <p>Sessões de grupo com pais e mulheres adultos</p> <p>Corresponsabilização dos pais</p> <p>Sensibilizar para a desconstrução de estereótipos</p>
	<b>Comunicação</b>	<i>“[...] A comunicação é essencial [...]”</i>	Ponto essencial
	<b>Tipo de intervenção</b>	<i>“[...] Como grande parte deles eram crianças eu digo preventiva, mas claro que há aqui, havia muitos casos que não, que já era mesmo remediativa. É difícil dizer-lo, tínhamos ambas. [...] era mais de preventiva. Pretendia-se trabalhar com as crianças mais jovens para que não acontecesse aquilo que aconteceu às mais velhas, mas a realidade é que nós já intervimos junto de algumas com carácter remediativo e não preventivo, ou seja, teve um bocadinho das duas. [...]”</i>	Preventiva e remediativa

	<p><b>Atuação perante uma situação de conflito</b></p>	<p><i>“[...] as mães da comunidade cigana não conseguem ter um diálogo fluido e calmo, ou seja, se há algo que vá contra aquilo que é os princípios deles há logo ali um conflito direto e quando isso acontecia eu conseguia muito bem baixar o tom, tentar acalma-las, deixavas falar e no final falava eu. E aqui a nossa dinamizadora comunitária não consegue porque tem o mesmo modo de funcionamento. [...] foi um conflito direto com a nossa dinamizadora comunitária e com a outra técnica que também tinha alguma dificuldade em gerir estes momentos. [...] acabei por as serenar, tentar dialogar, tentar explicar e mostrar sempre a minha disponibilidade [...].”</i></p>	<p>Conflito com a dinamizadora comunitária e alguns elementos da comunidade devido à sua impulsividade</p> <p>Procurou-se dialogar, explicar, serenar e mostrar disponibilidade</p>
	<p><b>Intervenção e relação com as Escolas</b></p>	<p><i>“[...] o facto de nós conseguirmos ter também o nosso gabinete de mediação escolar, que foi inserido nesse agrupamento de escolas, foi muito importante. E o trabalho em rede também foi importante não só com a Diretora, mas também com as professoras, [...] foi muito importante este trabalho em rede com as escolas até porque nós realizávamos muitas atividades dentro da própria escola e elas sempre foram abertas a trabalhar connosco. Não tenho razão de queixa e por acaso estive em duas delas. [...]”</i></p> <p><i>“[...] foi muito importante esta ligação com a escola e com os pais e éramos aqui uma ponte, uma segurança para estas famílias neste período, para algumas delas mais do que a escola. [...]”</i></p>	<p>Gabinete de mediação escolar</p> <p>Trabalho em rede e muito importante</p> <p>Escola recetiva</p> <p>Mediação / ponte entre a escola e as famílias</p>

<p><b>Obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p><i>“[...] um grande desafio para nós tentar centrar a nossa intervenção naquele que era o objetivo principal, mas depois também dar resposta a outras necessidades que foram emergindo, mas o nosso trabalho centrou-se muito em trazer esta comunidade até nós. [...]. um projeto novo, ou seja, nós vamos para o terreno sem qualquer experiência, um pouco perdidos [...]”</i></p> <p><i>“[...] Nós vimos essa dificuldade logo na integração, ou seja, quando juntamos aqui os grupos, porque inicialmente nós já tínhamos a comunidade cigana, mas em reduzido número e depois no segundo ano do projeto tivemos ali uma afluência considerável de comunidade cigana e isso foi desregulatório. As crianças ciganas tinham outros comportamentos que eram estranhos ao grupo e tínhamos ali algumas crianças e pais não ciganos que tinham alguns comentários depreciativos e comportamentos inadequados. [...]”</i></p> <p><i>“[...] nosso projeto é composto por crianças muito pequeninas e então aqueles mais velhos é um desafio para os trazer [...].”</i></p> <p><i>“[...] Eu julgo que foi mesmo a própria candidatura que foi levada a cabo, porque eu recorde-me de os números serem irrealistas. E por exemplo os objetivos estavam muito centrados em medidas de empreendedorismo, mas na realidade nós só tínhamos crianças pequeninas no projeto. [...]”</i></p>	<p>Projeto novo, falta de experiência</p> <p>Dificuldade de integração, preconceito e estereotipo entre os jovens não ciganos e os pais dos jovens em relação aos ciganos</p> <p>Projeto que trabalha com ciganos</p> <p>Difícil trazer os jovens para os jovens para o projeto</p> <p>A candidatura que não estava adequada com a realidade do terreno.</p>
--	--	--	--

	<p><b>Pandemia Covid 19</b></p>	<p><i>“[...] em março, na primeira parte do confinamento onde nós fomos a ponte entre a escola e os meninos, porque eles não têm acesso a computadores e à internet. E mesmo agora nesta fase grande parte deles não têm [...] As professoras mandavam trabalhos, nós imprimíamos, muitas vezes íamos lá levar e depois íamos lá buscar e mandávamos às professoras, era muito assim. Os contactos telefónicos éramos nós que fazíamos, as professoras também não faziam muito esse tipo de contacto [...].”</i></p> <p><i>“[...] algumas mães da comunidade cigana [...] com a questão da pandemia muitas delas estavam a trabalhar “ao negro” e acabaram por ficar sem trabalho e sem direito a nada. [...].”</i></p> <p><i>“[...] a dificuldade de acesso a recursos digitais durante a fase do confinamento também se revelou um obstáculo, [...].”</i></p>	<p>Ponte entre a escola e as comunidades</p> <p>Não há acesso à internet e a meios digitais, levavam os trabalhos da escola para as comunidades e vice versa</p> <p>Aumentou as dificuldades das comunidades, por exemplo ao nível do emprego e rendimentos</p> <p>Dificuldade de acesso a recursos digitais durante o covid</p>
<p><b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p><b>Mudanças com a intervenção</b></p>	<p><i>“[...] eu julgo que principalmente as nossas crianças e jovens já tem mais interesse naquele que vai ser o futuro deles e já se começam a preparar melhor. Claro que o caminho ainda é longo e há aqui muita coisa a fazer, mas eu julgo que nós fomos aqui uma porta de abertura para clarificar aquilo que é o futuro e o caminho que eles têm que fazer para atingirem aquilo que eles querem. Mostramos que eles podem quebrar ali um padrão que se está a manter e que pode ser só benéfico para eles [...].”</i></p> <p><i>“[...] se não fosse muito do nosso trabalho muitas famílias iam estar desamparadas e muitos meninos iam-se perder no percurso, nomeadamente no Picoto. [...].”</i></p>	<p>Mais interesse no seu futuro e percurso de vida</p> <p>Quebrar o ciclo</p> <p>Famílias anteriormente estavam muito desamparadas</p>

	<p><b>Caso(s) de sucesso</b></p>	<p><i>“[...] era um menino que acho que nunca tinha participado em nenhum projeto. Ele estava sempre muito em casa, toda a gente o tratava como deficiente mental e que era muito difícil lidar com ele. [...] Ele borrava, ele partiu tudo à volta dele, ele cuspiu no chão, ele fazia coisas surreais e inimagináveis [...] O facto de mostrarmos que nós éramos amigos, que nos importávamos com ele, de que eu queria mesmo muito que ele fizesse parte daquele grupo [...] foi um ganho. Pronto se tiver de considerar assim um caso de sucesso é ele. [...]”</i></p>	<p>A integração no projeto de um menino com muitas problemáticas e totalmente excluído</p>
	<p><b>Caso(s) de insucesso</b></p>	<p><i>“[...] um jovem muito, muito desafiante e sabemos que agora na época do confinamento digamos que foi desencaminhado para integrar ali algumas práticas um pouco ilícitas, não digo de consumo, mas de passagem de material. [...] Ele é uma preocupação, não digo que seja um caso de insucesso, mas senti que de alguma forma acabamos por perde-lo no projeto e eu gostava muito de voltar a trazê-lo até nós, voltar a captar a atenção dele, [...]”</i></p>	<p>Jovem que acabou em caminhos desviantes e se afastou do projeto</p>

## A.5.11. SINOPSE TPE11

Sinopse da entrevista – TPE11

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	Criação do projeto	<p>“[...] 2ª geração do Programa Escolhas e eu já faço parte da equipa desde essa altura, portanto nunca tive outra experiência profissional. Terminei a minha licenciatura e ingressei o Programa Escolhas e fomos tento a sorte de fazer as candidaturas e de ser aprovado. Agora ainda estamos agora à espera desta aprovação, mas a nossa experiência nestes bairros já conta com alguns aninhos, desde 2005. [...]”</p>	<p>Candidaturas aprovadas desde a 2ª geração</p>
	Missão e objetivos	<p>“[...] o objetivo geral está relacionado com a integração, com a coesão social, com a integração mais eficaz deles, mas depois nos objetivos específicos nós costumamos candidatar-nos sempre à medida I e à medida III, [...] a medida I com a promoção do sucesso escolar e integração escolar e a medida III com as questões de participação cívica e cidadania. [...]”</p> <p>“[...] No geral os projetos tentaram sempre focar a sua bandeira na promoção do sucesso escolar e as atividades principalmente no período letivo procuravam promover o sucesso escolar, quer nas escolas, quer no nosso espaço. [...]”</p> <p>“[...] Eu acho que é essa a nossa missão, nós estarmos lá e mostrar-lhes que têm ali um espaço onde podem estar e que têm pessoas que podem confiar e transmitir-lhes este sentimento de pertença ao dizer “vocês estão aqui, vocês estão bem, é aqui que vocês devem estar, é aqui que vocês vão aprender, aqui no nosso espaço, na escola para um dia poderem ser aquilo que sonham ser”. [...]”</p>	<p>Objetivo geral - Integração social e coesão social</p> <p>Objetivos específicos - Medida 1 – educação, Medida 3- participação cívica</p> <p>Focam a promoção do sucesso escolar</p> <p>Estar lá, transmitir sentimento de pertença, confiança e segurança</p>

	<p><b>Palavras chave</b></p>	<p><i>“[...] em vez de ser uma palavra chave vou deixar uma frase chave que é eu sou porque tu és. É assim que muitas vezes terminam as nossas mensagens e emails. [...]”</i></p>	<p>Eu sou porque tu és</p>
	<p><b>Área de formação dos técnicos</b></p>	<p><i>“[...] Eu acredito que as duas coisas. A minha formação de base é ciências da educação, fiz a licenciatura em Coimbra. Claro que há coisas que se tivermos atentas nas cadeiras nos trazem sempre algumas ferramentas, quanto mais não seja ferramentas técnicas. Não quer dizer que nós não as tragamos para o terreno, mas de facto não é suficiente. [...]”</i></p>	<p>Ciências da educação</p> <p>Formação académica é importante, mas não é tudo</p>
<p><b>Contexto de intervenção do projeto</b></p>	<p><b>Contexto de intervenção</b></p>	<p><i>“[...] Nós estamos em dois espaços, o projeto tem dois espaços em duas freguesias, uma mais desde o início e no centro da cidade e outra noutra freguesia mais periférica. O Bairro da Atouguia é central, no centro de Guimarães, é um bairro comparativamente ao de Gondar muito maior, o número de edifícios é muito maior que o de Gondar. É um bairro que sofreu obras há relativamente pouco tempo, [...]” Existe algum preconceito sobre os habitantes do bairro, por exemplo, os clientes dos cafés e das mercearias dentro do bairro só são frequentados por habitantes do bairro e também existe alguma criminalidade, o que não ajuda, há tráfico de droga e consumo nos dois bairros [...]O Bairro de Gondar é um bairro muito periférico, é muito mais pequeno que o de Atouguia, só tem 5 blocos de entradas e está muito degradado, está muito danificado, eu acho que nunca sofreu obras no exterior e os espaços exteriores não são bem cuidados porque não estão ao cuidado do município e nota-se que não há tanto cuidado, há mais desapego. Depois é mais difícil para os habitantes do bairro se deslocarem porque em termos de serviços de transporte a oferta é pouca, principalmente para a população mais jovem que lhes dificulta a participação em alguns eventos porque não há horários que correspondam e depois há muita informação que não chega ao bairro, é muito distante. [...]”</i></p> <p><i>“[...] São duas realidades um pouco diferentes. O Bairro de Gondar que fica numa freguesia muito mais periférica é um bairro muito fechado, um bairro pequeno e distante do centro.</i></p>	<p>Intervenção em contexto de 2 bairros sociais Bairro da Atouguia, Bairro Gondar</p> <p>Bairro da Atouguia - Grande, teve obras de requalificação, só frequentado pelos habitantes, existe tráfico, consumos e criminalidade</p> <p>Bairro de Gondar - Periférico, mais pequeno, mais descuidado, mais isolado e com pouca rede de transporte para o centro, há tráfico e consumos</p> <p>Bairro Gondar mais fechado</p>

		<p>[...]"</p> <p><i>"[...] No bairro mais periférico a população de etnia cigana era mais reduzida agora já temos alguns moradores de etnia cigana e no outro bairro no centro da cidade a população de etnia cigana é bastante grande [...]."</i></p> <p><i>"[...] focávamos mais a nossa intervenção na população jovem, portanto dentro daquela faixa etária a partir dos 13 até aos 18 mais ou menos, mas de há duas ou três gerações tentamos focar mais nas crianças a partir dos 6 anos que era a idade mínima que o Programa Escolhas permite trabalhar. Não permite trabalhar com crianças mais pequenas, embora acho que fazia todo o sentido tentar iniciar a intervenção com crianças mais novinhas. [...]."</i></p>	<p>Mais população cigana no Bairro da Atouguia</p> <p>Focavam a intervenção na faixa etária dos 13 aos 18, mas nas últimas gerações tem optado por intervenção mais precoce e só não é mais porque o PE não permite.</p>
	<p><b>Caraterização do Público-alvo</b></p>	<p><i>"[...] Mas a comunidade cigana é semelhante nos dois bairros e apesar de as famílias ciganas em Gondar serem poucas e viverem lá há pouco tempo, porque eles não queriam ir para lá. [...] mas são famílias que já viveram nos dois bairros por isso acabam por ter as mesmas características. Em termos de escolaridade os adultos não têm escolaridade, alguns sabem ler e escrever mas pouco, são poucos os que trabalham e os que trabalham, trabalham em feiras, embora alguns não sejam feirantes acabam por vender entre eles, para outras pessoas da família porque não têm banca própria e não têm negócio próprio. Depois temos o outro tipo de cigano que são os ciganos beirões que fazem os cestos ou vendem os balões nas festas, [...] Depois os que não trabalham vivem dependentes de apoios, são todos beneficiários do RSI ou a maior parte. Juntos dos mais jovens já há menos absentismo, no entanto há muito insucesso, já frequentam a escola até mais tarde e há situações de jovens que gostam de ir à escola, mais visível nas meninas, mas os pais não dão essa valorização e acabam por não permitir a continuidade em muitos casos. [...] Juntos dos mais jovens já há menos absentismo, no entanto há muito insucesso, já frequentam a escola até mais tarde e há situações de jovens que gostam</i></p>	<p>A população cigana é semelhante nos dois bairros</p> <p>Não tem escolaridade, são poucos os que trabalham, alguns sai vendedores, mas não em feiras, existem os ciganos Beirões que vendem balões e cestos nas festas</p> <p>Maioritariamente da população tem RSI</p> <p>Há menos absentismo, mas há insucesso, as meninas gostam mais da escola. Há muita desvalorização da escola</p>

		<p><i>de ir à escola, mais visível nas meninas [...].”</i></p> <p><i>“[...] há pessoas que estão detidas e as que estão detidas é por causa do tráfico de drogas, ou roubos, ou agressões, mas entre a população dos bairros a relação é boa, um caso ou outro, mas já não tanto preconceito dentro dos habitantes do próprio bairro. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Bairro de Gondar [...] acabam por não sair também muito dali da freguesia e esta relação com a comunidade é muito pequena, muito estreita, muito limitada [...] No Bairro da Atouguia apesar de ser no centro o que nós sentimos é que os jovens também não saem dali, só saem se forem a alguma atividade connosco ou com a escola. Eles pouco conhecem e mesmo que tenham já autonomia para passear na cidade, para conhecer outros locais o que nós sentimos é que eles não saiam dali. Eles também só saem do bairro para ir para a escola e sai da escola e vão para o bairro e isto porque tem ali o grupo de amigos, é onde cresceram e é onde se sentem bem. Depois se algum jovem vai para o ensino secundário e consiga outras relações de amizade acabam por o conseguir tirar dali, mas temos poucos jovens nessa situação. [...] A maior parte dos pais das nossas crianças e jovens são beneficiários de RSI, ou desempregados. Alguns trabalham, mas fazem a vida ali muito dentro do próprio bairro. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Há muitos que nem sequer conhecem, ou que pouco que conhecem o centro de Guimarães. [...] Eles estão completamente deslocados daquilo que é as tradições da cidade e se lhes perguntarem de onde é que eles são eles dizem de Gondar que é a freguesia, não dizem que são de Guimarães e acabam por se distanciar dos outros miúdos. [...]”</i></p>	<p>Existe muitas pessoas detidas - tráfico, drogas, agressões, mas há menos preconceito dentro do bairro</p> <p>Na Atouguia a população acaba por se isolar dentro do bairro e com as pessoas do bairro</p> <p>Pais beneficiários do RSI</p> <p>No bairro de Gondar a população está muito isolada e distanciam-se dos outros participantes</p>
--	--	--	---

<b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b>	<b>Integração do público alvo no projeto</b>	<p>“[...] os nossos espaços quando eu ingressei em 2005 já existiam, portanto já eram espaços que eram ocupados por outra instituição que era a Sol do Ave, ou seja, foi havendo sempre pessoas ali nos bairros a oferecer algum tipo de atividade, oferecer algum tipo de programa. E quando mudou da Sol do Ave para a Fraternal, para candidatura ao Programa Escolhas alguns miúdos transitaram de um projeto para outro, de uma instituição para outra. Eles já lá estavam, portanto nós quando começamos, aqueles miúdos já conheciam os espaços, mudou o nome, mudaram algumas pessoas, mas os miúdos foram continuando e nós tínhamos imensos miúdos e nunca sentimos necessidade de captar. Não tivemos esse trabalho, [...] depois fomos conquistando outros miúdos, ou porque aquele miúdo, aquele jovem, aquela criança traz, ou porque é um vizinho que toma conhecimento e é encaminhado ou porque nas escolas eles conhecem-nos e fazem a inscrição, mas o público realmente já lá estava. [...]”</p> <p>“[...] no início mais do que agora era bastante difícil trazê-los para o nosso espaço, incluí-los nas nossas atividades e foi isso também que fomos tentando trabalhar no projeto, de geração para geração, tentar encontrar respostas nas escolas, dentro das escolas e não só que nos aproximassem às crianças e jovens desta etnia. [...]”</p> <p>“[...] eu acho que a relação é muito próxima, porque toda a equipa é composta por pessoas já de si muito afetuosas e é uma equipa muito dedicada ao trabalho. [...] somos muitos e torna-se muito fácil esta aproximação e pronto vamos estando disponíveis sempre para eles. [...] fomos criando essa relação de amizade com eles. [...]”</p>	<p>Já havia um trabalho antes do Programa Escolhas e por isso não houve a necessidade de captar os participantes</p> <p>Vão conquistando os participantes.</p> <p>No início era muito difícil trazer os jovens para o projeto e daí a aposta no trabalho das escolas</p> <p>Atualmente a relação é de muita proximidade, equipa muito afetuosa e disponível</p>
	<b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b>	<p>“[...] Dentro da medida I da promoção do sucesso escolar, além do apoio escolar propriamente dito, do apoio nos trabalhos de casa e na realização de trabalhos, fazemos algumas atividades de educação não formal e estas atividades de educação não formal são quase todas dinamizadas na escola e estão relacionados com o desenvolvimento de outras</p>	<p>Dinamização de atividades de educação não formal e de desenvolvimento de competências sociais e emocionais nas escolas (quase todas)</p>

		<p><i>competências, algumas mais académicas e outras mais transversais, mas que os podem ajudar ao longo de todo o seu percurso escolar e não só. [...] são dinamizadas durante o ano civil, ou seja, são dinamizadas mais tempo porque o período letivo é maior que o período não letivo, mas são basicamente essas. São atividades nas escolas de educação não formal, atividades que tem a ver com o desenvolvimento de competências TIC, o apoio ao estudo, algumas atividades de desenvolvimento de competências sociais, pessoais e emocionais nos jovens e atividades de voluntariado. Nos tempos letivos as atividades são lúdicas e pedagógicas algumas são completamente lúdicas, mas outras mais pedagógicas e que lhes permitam também desenvolver algumas destas competências. Também damos a conhecer o território, o concelho e fora do concelho porque muito deles não tem possibilidades de aceder a algumas coisas se não forem os projetos a leva-los. [...]</i></p> <p><i>“[...] a técnica com quem vais falar que é de serviço social faz a ponte com a Segurança Social e o IEFP e nós continuamos a dar esse apoio [...].”</i></p> <p><i>“[...] EBI daqui do bairro do centro onde a maior parte dos alunos era de etnia cigana. A escola identificou que havia muitos problemas de indisciplina e de absentismos escolar e aí sim acho que foi discriminação positiva porque criamos uma atividade que era um grupo musical e que foi mesmo a pensar nas crianças de etnia cigana que tem um grande interesse pela música e uma grande vocação. [...] a escola negociava com os miúdos, ou seja, esta atividade era da parte da tarde e eles só podiam participar se estivesse na escola durante o dia e os professores também negociaram com eles. Eles já fizeram espetáculos em Guimarães, já foram à RTP e isto realmente fez com que eles trabalhassem esta questão e outras como a concentração e a atenção porque eles têm que trabalhar imenso estas competências. [...]</i></p> <p><i>“[...] Nós temos jovens que estão no nosso projeto e que já estão no mercado de trabalho, mas</i></p>	<p>TIC</p> <p>Conhecer o território fora e dentro do concelho</p> <p>Nas escolas chegam às crianças de uma forma mais regular e a mais crianças</p> <p>Ponte com serviços como o IEFP e SS</p> <p>Atividade específica para combate ao absentismo escolar – grupo musical</p> <p>Trabalhavam várias competências</p> <p>Discriminação positiva</p> <p>Participantes que trabalham e que são voluntários, fazem parte da assembleia</p>
--	--	--	--

		<p><i>eles saem do trabalho e vão para o nosso espaço ainda. São voluntários naquele espaço, nós conseguimos integra-los em atividades de voluntariado, nas assembleias de jovens e de associativismo, [...]”</i></p> <p><i>“[...] esta pertença à escola, à comunidade que lhes vai permitir depois traçar este projeto de vida, porque se eles desde pequenos não se interessam pela escola que é à partida onde eles vão encontrar alguma coisa que gostem de fazer, ou se eles não estão bem no local onde moram e não procuram coisas positivas é fácil criar aqui alguns desvios. [...]”</i></p> <p><i>“[...] eu acho que grande parte do impacto que nós temos é realmente devido a esta relação de proximidade que nós conseguimos ter com alguns, porque a partir daí consegue-se fazer muita coisa e eu acho que se não houver esta relação de proximidade, de confiança e eles perceberem que nós estamos lá, não conseguimos fazer a diferença. [...]”</i></p> <p><i>“[...] eu acho que nos devemos colocar sempre em causa e procurar sempre obter mais conhecimento e é isto que esta equipa no geral tenta sempre fazer. Mesmo nas reuniões semanais de equipa tentamos sempre trazer alguma coisa para reflexão para irmos crescendo também. [...] portanto nós vamos procurando sempre qualquer formação que nos ajude nesta capacidade de comunicar com eles e de ganhar empatia e proximidade. [...]”</i></p> <p><i>“[...] A nossa relação com o consórcio era muito boa porque já eram parceiros de gerações anteriores e já conheciam o nosso trabalho e confiam no nosso trabalho, aliás a relação é de total confiança porque já nos conhecem há muitos anos. [...]”</i></p>	<p>de jovens</p> <p>Traçar um projeto de vida</p> <p>Relação de confiança é a base para fazer a diferença</p> <p>Colocar sempre em causa, procurar mais conhecimento e em equipa</p> <p>Procuram formação que melhore a comunicação, empatia e os aproxime</p> <p>Boa relação e de confiança com o consorcio</p>
--	--	---	--

	<p><b>Intervenção com a família</b></p>	<p>“[...] nós já tentamos que os pais tivessem um papel ou focarmo-nos mais nos pais, no desenvolvimento de competências parentais, mas nos nossos pais nós achamos que isso não resultou. [...] os pais são pouco participativos e foram pondo problemas nos horários ou na periodicidade das atividades e realmente quando iniciávamos com grupo de pais com 12 ou 14 elementos terminávamos as sessões com poucos pais. [...] os pais que têm poucas competências são aqueles que realmente não procuram ou não reconhecem que lhe faltam essas competências [...]. Nós temos atividades que preveem esta mediação, estes contactos, mas não temos nada específico só para pais. [...]”</p>	<p>Tentaram envolvimento dos pais, mas não resultou, pais pouco participativos</p> <p>Os pais que mais precisam de intervenção não reconhecem e participam</p> <p>Existe mediação e contatos com os pais, mas nada muito específico</p>
	<p><b>Comunicação</b></p>	<p>“[...] quando estamos com eles tentamos utilizar uma linguagem mais próxima deles, mas nós procuramos fazer muita formação que nos traga ganhos e eu acho que isso contribui muito. [...]”</p>	<p>Procuram aproximar a linguagem e apostam na formação</p>
	<p><b>Tipo de intervenção</b></p>	<p>“[...] Eu acredito que o início como estava mais focada nos jovens seria mais remediativa e fomos tentamos fazer mais preventiva na medida daquilo que era possível. Se fosse possível trabalhar com crianças mais novas trabalharíamos porque seria mais eficaz, mas existem as duas situações a preventiva e a remediativa. [...] Portanto em alguns casos é preventiva sim, mas também é remediativa. [...]”</p>	<p>Preventiva e remediativa</p> <p>Gostariam de trabalhar com jovens mais novos, mas não é possível</p>
	<p><b>Intervenção e relação com as Escolas</b></p>	<p>“[...] faz parte do consórcio deste projeto e dos outros anteriores três agrupamentos de escolas nós acabamos por desenvolver mais atividades com as crianças do 1º ciclo, portanto é essa a faixa etária, uma vez que nós não conseguimos intervir com crianças antes dos 6 anos. Isto não quer dizer que deixemos os outros de lado, claro que os incluímos, mas tentamos intervir mais nas crianças mais jovens e desenvolvemos várias atividades na escola porque acreditamos que assim chegamos a mais crianças e de uma forma mais regular. No nosso espaço a regularidade deles não é obrigatória, como sabes, mas nas escolas eles estão diariamente e, portanto, ao incluir as nossas atividades dentro do calendário escolar nós conseguimos essa regularidade e chegar a mais turmas. Há atividades que nós desenvolvemos em 9 turmas diferentes, noutras</p>	<p>Muito boa relação nos 3 agrupamentos de escola parceiros</p> <p>Trabalham ao nível do 1 ciclo</p> <p>Desenvolvem mais atividades na escola devido à regularidade e chegam a mais</p>

		<p><i>desenvolvemos com uma turma. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Há atividades, por exemplo, no 1º ciclo que nós desenvolvemos porque os professores identificam determinado problema naquela turma ou a escola diagnostica algum problema. Portanto já lá existe e nós tentamos dentro daquilo que nós conhecemos e daquilo que nos é possível, desenvolver alguma atividade que permita trabalhar determinadas situações. [...]”</i></p>	<p>meninos</p> <p>Os professores identificam necessidades e a equipa faz a intervenção de acordo com as necessidades da escola</p>
<p><b>Obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p><i>“[...] Juntos dos mais jovens já há menos absentismo, no entanto há muito insucesso, já frequentam a escola até mais tarde e há situações de jovens que gostam de ir à escola, mais visível nas meninas, mas os pais não dão essa valorização e acabam por não permitir a continuidade em muitos casos. As questões culturais interferem e continuam a interferir, mas está tudo interligado, como são beneficiários de RSI há uma maior pressão, há mais vigilância e eles sabem que se não cumprirem a escolaridade obrigatória que podem ser cortados os apoios e de facto eles estão mais tempo na escola, mas a partir do momento em que sentem que já não estão a ser obrigados a ir à escola acabam por desistir. Nas nossas meninas o que eu sinto é que existe esta tradição de ter que casar cedo e dedicar-se à família, nunca vi nenhum pai de etnia a ter outro projeto de vida para a sua filha ou a permitir que ela o tenha e de dizer “tu decides, tu é que sabes”. Em relação aos rapazes mais velhos eu vejo que eles seguem as pegadas dos pais, ou seja, a determinada altura começam a frequentar os cafés a beberem álcool muito cedo porque para eles beber álcool é um sinal que já são adultos e são mais aceites. O que eu sinto é que fora uma ou outra exceção há uma mudança, mas aquilo que efetivamente acontece é simplesmente serem travados na idade, ou seja, o que acontecia mais cedo acontece na mesma, mas mais tarde, mas já é uma mudança. A verdade é que eles ainda se agarram muito às tradições, por exemplo quando estão de luto não participam nas atividades e até os jovens deixam crescer a barba e fazem aqueles rituais todos porque se não cumprirem são apontados pela comunidade e pronto são muito agarrados às tradições. [...]”</i></p>	<p>As questões culturais muito enraizadas</p> <p>Há mais pressão devido ao RSI, mas devido à desvalorização da escola só frequentam a escola enquanto são obrigados</p> <p>Meninas deixam a escola mais cedo devido à tradição de casar cedo</p> <p>Os rapazes seguem as pisadas dos pais muito cedo - consumo de álcool e frequentar cafés</p> <p>Luto</p>

		<p><i>“[...] Um dos maiores obstáculos que felizmente já está ultrapassado há algum tempo foi realmente ganhar a confiança do agrupamento de escolas. Eu recordo-me que há alguns anos atrás a escola era um sistema muito fechado e havia alguns professores que não nos deixavam aproximar com facilidade, entendiam quase como um ataque à instituição escola, ou até a si próprio. Isso felizmente está completamente ultrapassado, [...]”</i></p> <p><i>“[...] Acho que outro problema e deve ser transversal a todos os Programas Escolhas é tudo aquilo que eles vivenciam fora do nosso espaço, porque no tempo que eles passam no nosso espaço, ou na escola connosco nas atividades eles acabam de alguma forma por estarem protegidos e esquecerem-se das vivências deles, em contexto familiar e dentro do bairro. [...]”</i></p> <p><i>“[...] No nosso bairro o que nós sentimos é que eles ainda têm estas tradições tão enraizadas, tão entranhadas e por mais que nós tentemos não temos realmente conseguido. O que nós notamos é que na geração mais jovem, principalmente nas meninas há esta vontade de ser diferente, de continuar os estudos, mas depois quando os pais impõem elas não conseguem dizer que não, não conseguem abandonar, é muito difícil. [...]”</i></p> <p><i>“[...] os restantes habitantes do concelho também se tentam distanciar do bairro, porque há um certo rótulo embora seja muito perto. [...] Eles estão mesmo pertinho, mas realmente a ideia que se tem é que neste bairro só residem pessoas de etnia cigana e o bairro também é muito fechado e não tem nada, não tem comércio. [...] os bairros são tão fechados. Só lá vai quem lá reside e eu penso que se criassem serviços em que as pessoas tivessem que ir ali se calhar não seria um local tão fechado. [...]”</i></p>	<p>Ganhar a confiança dos agrupamentos (está ultrapassado)</p> <p>Aquilo que os participantes vivenciam no seu dia a dia</p> <p>Questão cultural muito enraizada, não permite a mudança</p> <p>Estereótipos e preconceitos</p> <p>Bairro fechado e só é frequentado por quem lá habita, não há serviços</p>
--	--	---	---

<b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b>	<b>Mudanças com a intervenção</b>	<p><i>“[...] Nós temos um jovem que agora felizmente já está a trabalhar, mas andou ali muito tempo no espaço e não foi a mãe, nem tem outra pessoa da família que o foi acompanhando, nós é que tínhamos que lhe dar um empurrão e levá-lo às entrevistas e procurar emprego com ele. Às vezes basta isto, basta estarmos lá, basta estarmos atentos, mas para exigir tem que haver amor e amizade senão também não aceitam as nossas exigências, acho eu. [...]”</i></p> <p><i>“[...] eu acho que se eles mudam a forma como veem a escola, se eles mudam a forma que veem as relações de amizade, como veem a vida, como desenham o seu projeto de vida, eu acho que isso nós só conseguimos fazer depois de estabelecermos esta relação com eles. Aí sim conseguimos trabalhar outros aspetos e o que eles dizem é que às vezes chegam ao nosso espaço com muitas dificuldades, com falta de interesse, com alguma incerteza daquilo que são, ou daquilo que querem fazer e a presença deles e esta proximidade muitas vezes permite-nos dar-lhes alguma orientação que eles não têm dentro de casa. [...]”</i></p>	<p>Há amor, amizade e acompanhamento, quase parental, na vida deles</p> <p>Mudam a forma como veem a vida (escola, amizade, projetos de vida)</p> <p>Há uma mudança, são uma orientação para eles</p>
	<b>Caso(s) de sucesso</b>	<p><i>“[...] tivemos uma menina em quem nós depositávamos muitas esperanças, ela chegou ao ensino secundário sem retenções. Era uma menina que gostava muito da escola e que sonhava ser veterinária, só que esta menina foi criada com uma senhora que é a madrinha dela da nossa etnia, portanto enquanto ela esteve com a madrinha ela foi fazendo este percurso, mas no dia em que o pai dela saiu da prisão ele obrigou-a a casar e a sair da escola. [...]”</i></p>	<p>Uma menina que chegou ao secundário sem retenções, mas que quando o pai saiu da cadeia obrigou-a a sair da escola e casar</p>
	<b>Caso(s) de insucesso</b>	<p><i>“[...] É um agregado realmente muito difícil de trabalhar e que já tentamos várias estratégias e não conseguimos. É um agregado de etnia cigana, portanto é um casal com três filhos rapazes e os três passaram pelo nosso espaço, mas foi realmente sempre muito difícil trabalhar com eles. Este é o mais novo e ainda está no 4º ano, mas com os outros mais velhos os problemas eram os mesmos, o absentismo, a indisciplina, a agressividade e nós tentamos de várias formas, mas nós nunca conseguimos trabalhar com os pais. [...]”</i></p>	<p>Um agregado familiar que não permite a intervenção e os filhos estão em absentismo, são indisciplinados e agressivos</p>

## A.5.12. SINOPSE TPE12

## Sinopse da entrevista – TPE12

Categorias de Análise	Subcategorias	Excertos da Entrevista	Interpretação/Análise
Apresentação do projeto e do(s) técnico(s) do projeto	Missão e objetivos	<p>“[...] trabalha muito na área do sucesso escolar que é a nossa maior preocupação. [...]”</p> <p>“[...] continuamos a trabalhar esta questão escolar do insucesso [...] combater o absentismo. [...]”</p>	<p>Promoção do sucesso escolar</p> <p>Absentismo escolar e combate ao insucesso</p>
	Palavras chave	<p>“[...] Abrigo, talvez. Acho que apesar de todas as desconfianças e problemas que podem surgir somos sempre um. Há um problema e eles veem-nos procurar, há uma dificuldade menos grave e eles veem-nos procurar, acho que somos um refúgio, ou um auxílio quando há um problema. Acham que somos sempre a solução. [...]”</p>	<p>Abrigo, refugio</p>
	Área de formação dos técnicos	<p>“[...] fui para o Porto tirar ciências sociais com uma vertente mais especializada no serviço social. “[...] vou contextualizar um bocadinho esta minha entrada no Programa Escolhas. Eu moro aqui no bairro onde começou o Programa Escolhas e comecei a trabalhar no Programa Escolhas como dinamizadora comunitária, tive seis anos a dinamizadora comunitária [...] Entretanto em 2019 passei a técnica superior de serviço social, ou seja, já são muitos anos de Programa Escolhas [...]”</p>	<p>Serviço Social</p> <p>Mora e sempre morou no bairro, iniciou o projeto como dinamizadora, depois passou a dinamizadora e monitora CID e atualmente é técnica superior</p>
Contexto de intervenção do projeto	Contexto de intervenção do projeto	<p>“[...] o Porta 7 faz intervenção em dois bairros sociais cá do concelho de Guimarães que é o Bairro da Atouguia e o Bairro de Gondar [...]”</p> <p>“[...] Começamos a intervir cada vez mais em contexto escolar porque percebermos [...] que tínhamos bastantes conflitos e violência, [...]”</p>	<p>Intervenção em contexto de dois bairros sociais, um espaço em cada um deles</p> <p>Trabalho em contexto escolar</p>

	<p><b>Caraterização do Público-alvo</b></p>	<p>“[...] a etnia cigana tem muito esta dificuldade de confiar e principalmente confiar os filhos. [...]”</p> <p>“[...] integrar as pessoas da comunidade cigana, porque não são todos iguais e há muitos bons [...] percebo que exista este preconceito, não concordo, mas percebo. [...]”</p> <p>“[...] Nós sentimos que há uma grande dificuldade e todos os problemas nascem muito nesta questão da regulação emocional. Eles não conseguem regular aquilo que sentem e então a única forma que eles conhecem de reagir às situações é a agressividade [...].”</p>	<p>Desconfiados</p> <p>Muito preconceito</p> <p>Dificuldade na regulação emocional</p> <p>Muito agressivos</p>
<p><b>Intervenção social e práticas de mediação intercultural do(s) técnico(s) do projeto</b></p>	<p><b>Integração do público alvo no projeto</b></p>	<p>“[...] começamos a trabalhar esta comunidade e eu confesso que tenho alguma aproximação porque eu cresci cá, muitos já me conhecem e facilitam um bocado esta integração e esta intervenção com eles [...] Eu tinha pais a dizerem-me muitas vezes “ele só vai se tu fores” e isto porque eles já me conheciam, já havia aqui uma relação de confiança [...] é muito esta relação. Como eu cresci aqui e as pessoas conhecem-me acabam por confiar, [...] Depois de ter uma identidade criada, depois de haver esta relação de confiança torna-se muito mais fácil, claro. [...]”</p>	<p>Relação de confiança é a base de tudo</p> <p>O facto de ela ser do bairro ajudou nesta integração</p>
	<p><b>Práticas de intervenção social e mediação intercultural</b></p>	<p>“[...] Este trabalho assenta muito na educação não formal, ou seja, usamos muita a metodologia do Ubuntu, trabalhamos muito a questão da gestão emocional e da regulação emocional [...].”</p> <p>“[...] tentámos capacita-los com ferramentas para que consigam delinear o caminho deles, apoiamos neste caminho e tentamos capacita-los com algumas atividades estruturantes. Por exemplo o Ubuntu, esta questão da autovalorização, do autoconhecimento, da autoconfiança, trabalhar muito a relação com o outro, trabalhar muito esta parte emocional de gerir emoções.</p>	<p>Educação não formal, gestão emocional, regulação emocional</p> <p>Capacitação através de atividades estruturantes (autovalorização, autoconhecimento, autoconfiança,</p>

	<p><i>[...] tentamos com as nossas atividades, com as nossas intervenções no seio familiar, com esta intervenção muito dentro da escola, em ambiente e contexto escolar, trabalhar essas competências a nível emocional, social e pessoal para que consigam lidar com o outro sem ser de forma agressiva, ou aprenderem a lidar com situações de frustração. Muitas vezes quando não se consegue lidar com as emoções há situações de agressividade e pronto tentamos dar algumas ferramentas e capacita-los para que consigam efetivamente lidar com situações limite. [...]"</i></p> <p><i>"[...] trabalhamos muito à base de programas estruturados, que tem uma avaliação própria e depois temos atividades mais pontuais e de férias, porque nas férias nós também conseguimos realizar atividades em grupo e vamos fazendo algumas dinâmicas que trabalhem a relação entre grupo, a interajuda e a relação interpessoal. [...]"</i></p> <p><i>"[...] Dar ferramentas e estratégias para que cada um consiga construir o seu caminho de uma forma saudável e com sucesso. Tentar construir caminhos e tentar que eles apesar de viverem em territórios de exclusão social e de mais de vulnerabilidade consigam perceber que existe as mesmas oportunidades e dar oportunidades. Dar oportunidades porque elas existem, nós temos é que estar abertos a elas. [...] dar-lhes a entender que nós estamos sempre cá [...]."</i></p> <p><i>"[...] nós como trabalhamos em dois bairros tentamos sempre fazer uma atividade com os dois bairros, e que haja atividades em conjuntos, mas depende. [...] fazemos atividades com outras entidades, [...] a colónia de férias que é aquela atividade que vamos Torres Vedras, para Lisboa dez dias e eles conhecem pessoas de todos os sítios do país. [...] depois com o decorrer daqueles dez dias há uma mudança brutal e é bom ver isso, é bom passar estes momentos e perceber e criamos uma ligação com os miúdos, principalmente com os mais velhos que é mais difícil. E conseguimos perceber coisas que não conseguíamos perceber antes, porque eles estão</i></p>	<p>relação com o outro, gestão emocional)</p> <p>Atividades para promover competências a nível emocional, social e pessoal para que consigam lidar com o outro sem ser de forma agressiva, ou de lidar com situações de frustração</p> <p>Programa estruturados com avaliação</p> <p>Dar ferramentas, construir caminhos, dar oportunidades</p> <p>Promovem atividades entre os dois bairros e com instituições parceiras</p> <p>Atividades como a colónia de férias em que há uma mudança e que se potencia a</p>
--	---	--

		<p><i>fora da zona de conforto, fora dos olhares dos pais e então conseguimos perceber muita coisa. [...]”</i></p> <p><i>“[...] nós tentamos é criar atividades para combater o absentismo. Nós criamos um projeto que [...] a Cool Band, que é um projeto musical que já está na escola Nossa Senhora da Conceição há algum tempo e é muito virado para a comunidade cigana. Como eles gostam de música e de instrumentos só podem ir à Cool Band se forem às aulas e se houver bom comportamento e esta atividade funciona. Depois vamos tentando fazer algumas atividades com o objetivo de eles valorizarem a escola e queiram ir à escola. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Nós assumimos a nossa identidade no concelho e começamos a conseguir fazer algumas coisas que envolvesse a comunidade de etnia cigana [...].”</i></p>	<p>ligação e a relação com os jovens</p> <p>Criação da atividade com uma banda com o objetivo de reduzir o absentismo e aumentar a valorização escolar nas comunidades ciganas</p> <p>Envolvimento da comunidade cigana na comunidade maioritária</p>
	<p><b>Intervenção com a família</b></p>	<p><i>“[...] Depois de ter uma identidade criada, depois de haver esta relação de confiança torna-se muito mais fácil [...] Acho que se foi criando aqui uma estratégia, uma relação de confiança e depois aproveitamos estes contactos da parte deles, quando eles precisam, para falarmos de outras questões dos miúdos [...].”</i></p> <p><i>“[...] Depois eu também faço apoio ao gestor de habitação social que é o IRU e também há muito essa procura da parte dos familiares principalmente da etnia cigana por causa de questões de renda, revisões e pagamentos. [...]”</i></p>	<p>Relação de proximidade de confiança que se tornou facilitado</p> <p>Mediação as famílias e as diversas instituições e ligação com a empresa de gestão da habitação social</p> <p>Preenchimento de documentos, rendas, revisões, pagamentos</p>

	<b>Comunicação</b>	<p>“[...] é comunicar de igual para igual, as colegas têm uma ótima relação todas, mas o facto de eu pertencer à comunidade e de muitos me conhecerem e já ter criado outro tipo de relação facilita outras coisas, porque é me confessado outras coisas que se calhar não falam com outros técnicos e eu consigo avaliar outras situações e entender outras questões e situações. Portanto acho que a comunicação para mim é a base, porque se nós não conseguimos comunicar ou até comunicar da mesma forma que eles e sem ser muito autoritário do tipo [...].”</p>	<p>Comunicação é a base</p> <p>Comunicar de igual para igual e a mesma linguagem</p>
	<b>Tipo de intervenção</b>	<p>“[...] Preventiva, nós trabalhamos dos 6 aos 25 anos. Tentamos sempre trabalhar a prevenção dos comportamentos, mas efetivamente os comportamentos já existem e por isso também é remediativa. Faria sentido intervir antes dos 6 anos, mas nós não conseguimos intervir porque o Escolhas não nos deixa, mas a partir dos 6 começamos a trabalhar no centro e nas escolas para a prevenção de comportamentos de risco. [...]”</p>	<p>Mais preventiva, mas acaba por ser remediativa</p> <p>Gostariam de uma intervenção mais precoce</p>
	<b>Atuação perante uma situação de conflito</b>	<p>“[...] Confesso que na altura até fiquei com vontade de chorar porque não sabia o que havia de fazer e estava-se ali a criar uma bola num conflito que era uma coisa que já estava resolvida, mas o miúdo de etnia cigana não soube lidar com a sua emoção e passou logo para a agressão de uma coisa que já estava resolvida. Depois acabou por agredir também uma prima de etnia cigana e foi aqui misto de situações. [...] Por fim não houve atividade para ninguém e eu não sei com nenhum dos miúdos, foram dois meses para casa e depois conversamos, mas foi muito difícil. [...]”</p>	<p>Conflito entre dois participantes</p> <p>Resolveram através do diálogo com os jovens e pais</p> <p>Houve castigo como forma de responsabilizar</p>
	<b>Neutralidade</b>	<p>“[...] Eu tento ser um bocadinho mais neutra. [...] na minha leitura prefiro manter-me neutra às situações, analisar efetivamente, mas tentar ser um bocadinho mais neutra e ser sempre justa, tentar nunca ferir ninguém e ser sempre justa e com na base da equidade. [...]”</p>	<p>Procura ter uma postura neutra e justa e na base da equidade</p>

	<p><b>Intervenção e relação com as Escolas</b></p>	<p>“[...] eu como técnica de serviço social faço esta mediação escola família, ou seja, eu contacto a assistente social do agrupamento, ela diz o que se está a passar e eu entro em contato com a família e tentamos aqui resolver porque às vezes é difícil haver uma relação escola família e torna-se mais fácil quando há assim um mediador, um intermediário que simplifica se calhar um bocado as situações. Por exemplo, eu estive muito presente na fase das inscrições para as matrículas porque havia essa necessidade de fazer a matrícula e há muitas famílias que não tem transporte para ir ao agrupamento, ou têm dificuldade em preencher, ou não sabem que documentos levar. Então o pai ou a mãe iam ter comigo e eu fazia o preenchimento e encaminhava para a escola. [...]”</p> <p>“[...] uma escola onde uma grande parte das crianças é de comunidade cigana. E foi isso, como não havia atividades estruturadas para os miúdos havia muitos conflitos e foi assim que começamos a intervir nas escolas à hora de almoço e nos recreios [...] Estas atividades trabalhavam a questão das emoções, a questão emocional, os comportamentos, a indisciplina que eram os problemas que o agrupamento se queixava muito. [...]”</p>	<p>Mediação entre escola, família</p> <p>Apoio em diversas questões como matrículas preenchimento de papeis</p> <p>Começaram a intervir nas escolas para reduzir os conflitos nos recreios das escolas</p> <p>O agrupamento solicita apoio</p> <p>Trabalham a questão emocional, dos comportamentos, a indisciplina</p>
<p><b>Obstáculos inerentes à prática da mediação intercultural</b></p>	<p><b>Dificuldades obstáculos desafios</b></p>	<p>“[...] conheci muitos dinamizadores que tinham essa perspetiva de seguir estudos. Claro que às vezes para eles torna-se mais difícil porque eles formam a família muito cedo e têm essa ambição de formar família muito cedo, mas conheci muitos dinamizadores comunitários que gostariam de ter seguido os estudos. [...]”</p> <p>“[...] nesta área do emprego consigo perceber que eles efetivamente não estão integrados e que é muito difícil, porque existe efetivamente muito preconceito e eu percebo, é legítimo da parte das pessoas haver preconceito. É legítimo porque há um historial, há um estereótipo criado pela etnia cigana, ou seja, muitos exemplos e experiências que as pessoas tiveram e existe muito e confesso que isso dificulta muito o nosso trabalho. [...]”</p>	<p>Muitos dinamizadores que queriam seguir os estudos, mas as questões culturais muitas vezes acabam por não permitir</p> <p>Estereótipos e preconceito principalmente no mercado de trabalho</p>

<b>Impacto da intervenção social e mediação intercultural</b>	<b>Mudanças com a intervenção</b>	<p><i>“[...] percebemos efetivamente que o comportamento dos miúdos foi mudando de alguma forma com este acompanhamento e atividades estruturadas dentro do recinto escolar. [...]”</i></p> <p><i>“[...] Reduzimos efetivamente, temos muito menos absentismo, [...]”</i></p>	<p>O comportamento dos miúdos foi mudando</p> <p>Reduziram o absentismo</p>
	<b>Caso(s) de sucesso</b>	<p><i>“[...] temos uma miúda que atualmente trabalha na Fraterna conosco, ela vinha de um agregado familiar onde havia violência doméstica, alcoolismo e ela é homossexual, é lésbica. Era uma miúda cheia de problemas, revoltadíssima e a nível escolar foi muito difícil ela fazer o 12º ano [...] Ela neste momento trabalha no centro de terceira idade, tem uma paciência, é um doce e está integrada na Fraterna, [...].”</i></p>	<p>Uma jovem com um contexto difícil que acabou por estar integrada profissionalmente e estruturou a sua vida - Não é de etnia cigana</p>
	<b>Caso(s) de insucesso</b>	<p><i>“[...] E la sente muita responsabilidade e quer ajudar a mãe com as contas e se calhar é aquele caso que eu consigo identificar que as nossas expectativas eram que ela fosse para o ensino superior porque tinha tudo para dar certo e não foi, mas ainda vai a tempo [sorrisos]. [...]”</i></p>	<p>Uma jovem com um enorme potencial que acabou por desistir de estudar para apoiar a mãe – Não é de etnia cigana</p>

